

VERGÍLIO FERREIRA

**Estrela Polar**

Bertrand Editora

## **OBRAS DO AUTOR**

### **FICÇÃO**

O CAMINHO FICA LONGE (1943)  
ONDE TUDO FOI MORRENDO (1944)  
VAGÃO J. (1946)  
MUDANÇA (1949)  
A FACE SANGRENTA (1953)  
MANHÃ SUBMERSA (1953)  
APELO DA NOITE (1963)  
CÂNTICO FINAL (1960)  
APARIÇÃO (1959)  
ESTRELA POLAR (1962)  
ALEGRIA BREVE (1965)  
NÍTIDO NULO (1971)  
APENAS HOMENS (1972)  
RÁPIDA, A SOMBRA (1974)  
CONTOS (1976)  
SIGNO SINAL (1979)  
PARA SEMPRE (1983)  
UMA ESPLANADA SOBRE O MAR (1986)  
ATÉ AO FIM (1987)  
EM NOME DA TERRA (1990)

### **ENSAIO**

SOBRE O HUMORISMO DE EÇA DE QUEIRÓS (1943)  
DO MUNDO ORIGINAL (1957)  
CARTA AO FUTURO (1958)  
DA FENOMENOLOGIA A SARTRE (1963)  
INTERROGAÇÃO AO DESTINO, MALRAUX (1963)  
ESPAÇO DO INVISÍVEL I (1965)  
INVOCAÇÃO AO MEU CORPO (1969)  
ESPAÇO DO INVISÍVEL II (1976)  
ESPAÇO DO INVISÍVEL III (1977)  
UM ESCRITOR APRESENTA-SE (1981)  
(entrevistas, com montagem, prefácio  
e notas de Maria da Glória Padrão)  
ESPAÇO DO INVISÍVEL IV (1987)

### **DIÁRIO**

CONTA-CORRENTE I (1980)  
CONTA-CORRENTE II (1981)  
CONTA-CORRENTE III (1983)  
CONTA-CORRENTE IV (1986)  
CONTA-CORRENTE V (1987)  
PENSAR (1992)

VERGILIO FERREIRA

Estrela polar

4ª Edição

BERTRAND EDITORA

VENDA NOVA

© Bertrand Editora, Lda., Lisboa 1992

Fotocomposição e impressão: GRAFITEXTO

Depósito Legal n.º 53889/92

Acabou-se de imprimir-se em Julho de 1992

ISBN 972-25-0576-9

**Sósia: Sem dúvida, quando o olho e recordo o meu rosto que muitas vezes vi no espelho, a semelhança é flagrante. (...) Mas quando penso no caso, sou na verdade o mesmo que fui sempre.**  
**Plauto**

**As pessoas seriam diferentes uma das outras, ainda que se obtivesse uma coincidência perfeita e inteira entre os seus corpos e os totais conteúdos das suas consciências.**  
**Max Scheler**

**Nenhum optimismo (...) poderia fazer cessar o escândalo da pluralidade das consciências.**  
**Sartre**

**Toda a relação erótica é uma relação a três em que o absoluto é um dos *partenaires*.**  
**PIERRE EMMANUEL**

Pela terceira vez escrevo a minha mãe que já não aguento mais isto. Mas imprevistamente ela agora responde-me:

- Vem.

Responde-me por telegrama, ou seja, de uma forma categórica. Porque o não fizeste por carta? Discutias-me as razões para que eu te desse a réplica e acabássemos por estar de acordo dentro do meu parecer... Minha mãe não queria mais discussões. Junto os meus trastes nas malas, parto às três da manhã. É um comboio incómodo - mesmo indo ao cinema, fico com horas vazias. Vagueio assim pelo parque, à beira do rio, olhando a massa das águas com luzes trémulas, as árvores imóveis, suspensas da noite. Para lá da outra margem, nos campos obscuros, lâmpadas indecisas vigiam até longe a placidez nocturna. Passa ainda na estrada fronteira um ou outro carro. Passa e deixa a noite mais só.

Portanto, tudo estava terminado. E exactamente por isso, frente a uma vida inteira que nada tinha que ver com a minha vida passada, que não estava incluída nela, sentia-me confuso. Três vezes falhei um curso superior, mudei para outro, falhei ainda.

- Bastava queres - dizia-me minha mãe.

Sim, boa mulher. Mas há um limite do querer, que é o limite do que somos. Sabia as razões todas que sabias. Mas só como razões. O futuro, e um lar, e os filhos, e a posição social. Decerto. Seriam razões, se o fossem. A verdade é que nunca o são. Nem para os sonhos, nem para as alegrias, nem para os desastres. Nem sequer para o crime de que me acusaram e me trouxe a esta prisão donde te escrevo - donde escrevo à tua memória. Porque se as achasse para o crime, achava-as ainda para mim. Mora-me um destino no que me vai gerando; mas o destino sou eu que o aceito ou recuso. Terei sido homem antes do tempo? - eu mo pergunto à face do funcionário que me vende o bilhete, com sono, submisso ao seu destino de ter sono e vender bilhetes... Porque é possível que tudo venha daí. As ordens na infância são evidentes, como não saber-se pensar e haver alguém que sabe: Faz! E eu fazia, como tinha dores de estômago (lembras-te do cálice de aguardente que me davas pela manhã?).

Não me custa, porém, admitir que tudo isto seja mentira como a escuridão desta noite para o sol de amanhã. Quantas coisas, mãe morta, me explicaram, por exemplo, sobre mim, por eu ser filho único! Sim, aceito que haja razões. Mas como saber que o são? Uma parte obscura de mim já estava à sua espera. Como serem então "razões" se eu afinal as esperava? As razões são sempre póstumias ao que somos, como um ritual de mortos. Quando namorei a Adélia, de que te mostrei o retrato...

10

... Sufoco na carruagem, há sacos e cabazes, há uma massa de sono que escorre pelos corpos como um óleo, há um cheiro gordo que amolece tudo, me empasta as mãos e a boca. Quem sois vós? Onde se perde, se apaga, o fulgor único de serdes? Carne gorda, pesada, e eu só, vigiando ainda, iluminando ainda. Venho ao corredor, desço o vidro de uma janela. Um ar lavado escorre-me pela face, cerra-me os olhos numa profunda inspiração. Numa curva, um instante, olho o comboio açodado, que avança pela noite como uma urgência clandestina...

... Quando namorei a Adélia, de que te mostrei o retrato (e ao pai, que vivia ainda) e te contei tanta coisa infantil e amável, e que tu ouviste risonha, decerto agradecida por haver quem aprovasse a obra feita por ti, que era eu, por prometer à tua vida mais consequência do que era eu, quando a namorei e ela me deixou, o que se perturbou em mim não foi só o que... não foi só essa parte que se relacionava com ela. Tudo o mais se perturbou, tudo o mais: chumbi e não sofri bem porque chumbasse - tudo o que me interessasse para a vida foi uma náusea sem fim: toldava-me um apelo de não sei quê, e

o desastre amoroso foi-me assim um bom pretexto para me nausear de tudo. Tento reconhecer, agora que estou preso, o que me falhou ao meu sonho obscuro e me fez partir. Mas não é fácil. E, no entanto, passa-me a vida de outrora, nestes muros salitrosos, clara, porque indiferente, como a quem a perdeu ou nunca a teve.

- Faz favor, o seu bilhete.

Estou de pé no corredor, olho a noite pela janela. Longe, na confusão obscura da paisagem,

11

oscila-me aos olhos vãos um futuro que não sei. Súbito, um facto abrupto entala-me o divagar entre barreiras a prumo, engole-me em túneis longos, como uma brusca trovoadas que nos atordoam e só se espera que passe... E de novo o campo aberto, disperso à noite sem fim.

Portanto, estou só. E, no entanto, quanto sonho me habitou de me entender nos outros, de lhes dar as mãos em aliança, de ampliar a minha presença na sua presença fugitiva. Só não sei ajuizar, definitivamente, sobre o valor da solidão ou da comunidade. Tal como do suicídio. É covarde, é corajoso, o que frontalmente se mata? Assumir... Será mais corajoso assumir a covardia do que não assumir a coragem? Porque há o corajoso que se não assume, que o é só por covardia. Sei que vim para falar e ouvir. Só que o modo de o fazer, a voz a transmitir e a escutar se me mudaram. Ou não bem isso: tornaram-se mais exigentes, quiseram ressoar ao que em nós é já silêncio.

- Dá-me licença?

Nas estações solitárias, de longe em longe, há ainda um ou outro passageiro à espera. Avançam armados de cabazes como senha do seu direito. Eu aperto-me no corredor para que eles passem e a sua justiça. Melhor é sentar-me no lugar que deixei marcado: aqui de pé talvez não tenha razão. O compartimento é uma massa de corpos, abandonada aos balanços do comboio. Flácida, entorpece-se num magma de sono gorduroso. Oh, a comunicação é fácil nos limites da gordura: um corpo que escorregue para a esquerda ou para a direita, e ela derrete logo em abundância para um e outro lado...

12

Alguém apagou a luz. Balança-me o corpo inerte ao apelo de fadiga, o sono alastra-me nos membros como um óleo. Deus. Como estou cansado. Pela vidraça corrida passam faúlhas da máquina, acendem-me vagamente uma memória do que fica. E é como se com essa vaga memória, abandonado à força que me arrasta, tudo de mim fosse ficando também entre as faúlhas que passam, o eco a distância dos silvos da locomotiva, o anúncio obscuro de uma firmeza perdida nesta viagem absoluta pela noite...

II

E quando acordo estou já perto da estação de Penalva. É uma manhã dourada de outono, trémula e expectante. Olho-a pela janela nos campos que renascem, na alegria irradiante, como um sorriso no ar. Debruço-me para a linha, bebo o sol e a frescura matinal. Alguém ergue um braço do meio de uma eira. Acena um adeus para o longe, para a saudade de si, para este encontro fortuito num instante de iluminação.

Mas Penalva é já perto. Desço as malas da rede, alinhoo-as à entrada da carruagem. O comboio avança, enfim, para a gare com o seu largo ar de triunfo.

- Bom dia, senhor Adalberto. Conheces-me, pois, bom homem. Conheces-me pelo nome impessoal da lei (ou pelo que há de mais impessoal em mim?). Um nome exprime-nos como uma senha. Um nome. E imprevisivelmente alguma coisa de mim aí se estabelece, e é eu desde onde? Porque o meu "eu" verdadeiro, a minha fulguração não tem nome...

- Bom dia, senhor Damião.

15

É um homem alto e pesado como um muro. Vive há quarenta anos na camioneta, faz quatro vezes por dia o trajecto de ida e volta da cidade para a estação. Uma vez quis apostar que o faria de olhos vendados: ninguém lhe aceitou a aposta.

- Conheço a estrada como as minhas mãos! - garantia ele.

Conheces como? Se tas cortassem, as baralhassem com outras... As mãos são ainda tu - quem se conhece a si mesmo?

Colada ao monte como a uma protecção, a estrada desenvolve-se até ao alto. É uma luta cautelosa, de cedências, de recomeços. Mas nesta manobra tortuosa alguma coisa em mim vai progredindo com ela, se vai reconhecendo em pureza e ascensão. São poucos os passageiros que vão subindo comigo. Fito-os um instante, fascinado pela obsessão que há tanto me subjuga - desde o silêncio da infância, talvez, desde não sei quando: quem vós atrás desses olhos, desses corpos com gestos? Cai o sol lá em baixo, alastra pelos campos em redor. Desce com ele o meu olhar magoado, espraia-se depois com as vagas luminosas, abertas à dispersão do horizonte. Uma linha de serros azula-se mais ao longe, irmanada já ao céu.

Mas a escalada termina: dobrada a curva em ângulo recto, subimos a rampa da rua da Fonte. E é Penalva inteira, ó cidade escura, negra de inverno e velhice. Abre-se-me nesta rua espectral, com uma memória desolada de grandes ventos siderais, de olhos vagos de sombra, de frios e solidão desde o anúncio das eras. Subo a rua deserta com o meu olhar deserto, chego enfim à praça, onde o sol se

16

demora: o prédio em que habito dá para o largo precisamente. É um prédio insólito, absurdo, com sete andares. Eu moro exactamente no sétimo e a nossa livraria é no rés-do-chão. Um susto repentino, indizível alarme deste silêncio a toda a volta. Retardo-me na praça, junto à grade da estátua, onde há um banco em que me sento, com as malas ao pé. Olho o prédio até à altura do mirante no terraço. Aida, Aida. Repentinamente lembro-me. Eu esperara-a nessa noite, havia lua e um vaso no terraço com uma flor vermelha, ela costumava... Não! Foi só uma vez. Retém-te, domina-te. Decerto, contar é inventar: quem recorda o que aconteceu do princípio para o fim? A memória são fogachos na noite, dispersos, avulsos, tecendo a nossa constelação. Mas propriamente tu contas e não recordas. Conta! É pois um prédio inverosímil naquela cidade morta. Lembro-me bem de o ver surgir da terra como um punho cerrado: estável, monolítico. Moro no sétimo andar - ascensores, trincos, estalidos metálicos, aço, nervo, cimento armado numa geometria de aridez, rigorosa de ângulos, triturante, aço, parafusos, blocos, sinais luminosos, aço vibrante, rigoroso, ângulos, surgindo da terra como um punho cerrado. Construíram-no na praça, mesmo ao pé da Catedral, sobe mais alto um pouco do que ela. Para quê, não sei - e porque havias de sabê-lo agora, agora? A cidade de Penalva fica ao alto da montanha, houve quem a sonhasse para centro de turismo pelos nevões do inverno. O prédio não foi hotel, mas também não me lembro de que o tenham adaptado a habitações - minha mãe, porque não vens? Olho as janelas ao alto, olho a montra envidraçada da livraria. Talvez

17

que se tu viesses, se assomasses à loja, a uma janela... Sinto-me culpado de lhe ter traído o sonho - o sonho que me construía para a minha eterna menoridade. Assim me retardo um pouco nesta praça de silêncio. De súbito, uma voz vibra na manhã de sol. Vem da rua da Torre, ondeia pela praça. Fico um instante a ouvi-la, inquieto, tocado de sinal. Mas retomo enfim as malas, avanço para o prédio. Entro na livraria, onde o Faustino

me fala com inesperada gravidade. Pergunto por minha mãe, ele embaraça-se, como se constrangido de culpa:

- Suba, suba.

- Mas que há de novo?

- Hoje está melhor... Hoje está bastante melhor... Há uma rapariga na loja, mas quase nem reparo

que está do lado de dentro do balcão. Largo as malas, corro para o ascensor. Mas o ascensor não está - ficou precisamente parado no sétimo andar, como o indica o número do mostrador. Aguardo, sufocado, o velho Simões porteiro agita-se à sua mesa, engordurado de sono:

- Então, senhor Alberto, uma coisa destas... Ainda anteontem, estava ali à porta...

Não o ouço, não o ouço. O ascensor tarda e eu sinto-me vazio e intenso, como se fosse morrer. Quando aparece a cabina iluminada, corro as grades, subo interminavelmente ao longo dos cabos de aço. Desespera-me a lentidão com que vou deslizando, os nervos estalam-me à mecânica dos trincos, da luz crua da lâmpada. Patamares vazios como grandes olhos abertos, como estações abandonadas. O ascensor amortece, escorrega ainda nas calhas antes de parar enfim ao nível do último piso. E quando toco

18

a campainha, a mulher do Faustino inunda-me com os seus olhos de desgraça:

- Hoje está melhor, o médico disse que estava melhor.

Irrompo pela porta, deixo para trás a Jesuína, a mulher do Faustino, ela vem depois a arrastar a pobre perna coxa, desengonçada no quadril. E subitamente, quando apareço no quarto, estampa-se-me nos nervos uma imagem de violência, toda cortada de ângulos, como se se tivesse imobilizado no acto de uma blasfémia: a face de minha mãe, desarticulada, perdera a unidade que eu conhecia.

- Ah, és tu...

Mas conhecia-me ela na minha presença inteira, falava-me na linguagem diáfana de outrora. Eu, porém, não te reconhecia a voz que se te aleijava na boca, na máscara do horror com que me insultavas ou te insultavas a ti e à vida...

- Mas que foi isso? Como foi isso?

Ela tentou responder, mas só lhe ouvi um sussurro de palavras sopradas.

- Deu-lhe um ataque anteontem - explicou Jesuína, encostada à porta, chorando.

Minha mãe ouviu-a e fitou-me com um olhar longo de piedade. Piedade por quem, boa mulher? Por mim, por ti, pelo ar de confiança no sol brilhando à janela - talvez. Então senti-me submerso de uma solidão sem fim, subitamente perdido numa cidade deserta, subitamente desligado desse laço obscuro que me unia à terra e que eu ignorava e que eu esquecera como um bem guardado para um dia. Eu a relembro agora, a essa união nocturna, eco de uma presença de quem nos ficasse olhando, depois

19

que para além da curva não há já nada para olhar. Não me senti assim só, quando o meu pai morreu. Talvez por ser pequeno, talvez porque... E como senti-lo meu pai? Meu pobre "Ernestinho". Lembro-te. Ou apodera-se de mim, agora, bloqueado de grandes muros, uma voz de eternidade que me fala de onde e para onde. Mas nenhum filho tem pais!

Minha mãe cerra os olhos, tem os braços sobre a roupa. Tomo-lhe uma das mãos nas minhas, mão gretada, com as linhas escuras de um destino de fadiga, Jesuína baixou as gelosias, o sol brilha agora entre as reixas com uma agressividade de dentes... Detesto este prédio mecânico, de uma segura desumana, com trincos que se desprendem premindo botões, com acres ruídos de vidro e aço tilintado, com luzes ácidas, com uma frigidez polida e à superfície, onde o calor de um homem se não pode acumular. E talvez



porque Jesuína bateu uma porta lá dentro, desperto da minha submissão. Falar ao médico, perguntar ao médico - perguntar o quê?

- Teve uma congestão - diz-me ele quando o procuro. - Esperemos que regresse. Mas pode repetir-se.

- Morre?

- Pode morrer, pode ficar parálitica, pode restabelecer-se.

Mas dois dias depois morreu. A congestão repetiu-se no dia seguinte, minha mãe entrou em coma. Ouço-lhe ainda a respiração rascante, grossa de mucos, ouço-lha nas horas longas passadas no

20

quarto ao lado, Jesuína tinha a sua vida, fiquei só. Até que, pela tarde, a opressão abrandou. Não ouvindo o estertor, corri ao quarto: minha mãe respirava serenamente como quem repousa. Então abandonei-me também eu próprio a um sofá, creio que adormeci. Quando regressei ao quarto, minha mãe já não respirava.

- Não quero velórios, não quero ninguém. Façam favor de sair, façam favor...

Só Aida, a rapariga da livraria, demorou em mim os seus olhos, para que eu entendesse que ela me entendia. Jesuína ofendeu-se e puxou o marido pelo braço:

- Anda então embora, já que não somos cá precisos.

- Ouça, Jesuína, quero estar só com a minha mãe.

Esperei que saíssem todos até à última velha lúgubre que se apegava ainda a uma derradeira reza, fechei a porta enfim. Depois fui ao quarto de minha mãe, quedei-me à entrada, olhando. Vestia de preto, dormia sobre a cama com velas à cabeceira. E eu olhava-a sempre, fascinado, uma interrogação profunda no sangue. Vinha-me a inquietação desde o silêncio da noite, da incrível permanência de vida no seu rosto, tão calmo agora, tão mais forte que a esterilidade daquele prédio recente - prédio duro para a desumanidade perfeita. Apago as luzes, subo ao terraço, encosto-me ao parapeito com um cigarro

21

aceso. Uma noite límpida alastra pelo céu com luzes vivas de estrelas. Penalva adormece a meus pés sob uma vaga enorme de silêncio, um olhar cerra-se de horizonte a horizonte.

III

E eis que, ao regressar ao meu quarto, uma velha pergunta se me levanta por sobre o silêncio da casa, sobre a presença inquietante de minha mãe, ali no quarto contíguo, as nossas cabeças separadas pela parede estreita apenas, sobre aquilo que dela se desprende e erra ainda pelos corredores e me ameaça de uma palavra oblíqua e em voz baixa: que eco para o meu silêncio? para esta voz categórica, tão absurda, rasto dos deuses mortos, eu? Sou filho único - é isto uma explicação?

- És filho único, devias ter tido irmãos - quantas vezes o lamentaste, boa mulher.

Acaso a aliança também se aprende? Ouço, ouço este apelo invencível de uma união profunda à terra, à vida que subsiste, ao antes e ao depois. Sou filho único, será isso uma explicação... Isso e os meus nervos e as minhas tripas e as horas sem fim do meu quarto que dava para um muro. E o mais que não sei.

Uma porta bate lá dentro, ergo-me de salto, acendo as luzes. A porta bate outra vez: é no

23

andar ao lado. Mas venho para a janela olhar a praça: de vez em quando um vulto ilumina-a de segurança - mas que é uma explicação?

Que é uma explicação para aquilo que sou? para o que me sinto? para a força que me

irrompe desta certeza de ser? Explicar é estar de fora. Mas eu não estou de fora: estou dentro. A minha vida é só uma, não tem princípio nem fim, sou eu plasmado a tudo o que fui ou serei. A minha vida entendo-a na iluminação em que me sinto, me estou vivendo, me sou. E é possível por isso que a todo o meu passado eu o esteja coordenando sem saber, eu o esteja reinventando sem saber, como se ele fosse inimaginável fora de como o estou vendo. E a que propósito o afirmo, agora, aqui - não' aqui: lá? A noite arrefece-me à janela para a cidade morta, com uma vigília soturna das horas velhas da Sé. As estrelas brilham fixamente, minha mãe coordena-se ao silêncio imóvel - que estranha coisa a morte! Sofro. Fumo longamente, o cigarro desvanece-me aos grandes espaços vazios. Sou filho único, o meu quarto é o "quarto escuro". Chamavam-lhe assim na casa - mas havia uma janela. Só que dava para um muro. Tal como agora a prisão, revejo-o ligado ao meu destino. Ao alto da minha cela, há um postigo gradeado. Relembro para lá dele o espaço da plenitude que uma ave diz ao passar. Pela noite, as sentinelas,

24

de guarita em guarita, lançam um cerco farpado  
- "sentinela alerta", "alerta está", "passe palavra"  
- unem um cerco de olhos fitos, iluminam na sombra a evidência da minha reclusão. No muro em frente do quarto as horas passam num pesadume pardo de exercícios, de cadernos inchados de bolor.  
- Já estudaste, Betinho?  
Que escárnio de doçura, de fragrância inverosímil de um jardim com borboletas - ó infância estúpida numa maioria que te não esquece. Minha mãe não a esqueceu nunca: mas como seres tu mãe de um homem? Sou Adalberto, mulher. Hoje, aqui, na inexorável certeza de uma ficha de catálogo. Porque eu não fui apenas Adalberto: fui também Alberto ou Berto, Beto, Betinho, Betinha... Quem sou? Quem fui? Que súbita e imprevisível unidade me esperava em cada nome? Porque alguma coisa em mim se transfigurava com a mudança do nome. Luz de mim próprio só uma, mudada à cor do que a rodeia - ou não isso: quê então? Porque um nome, como o corpo, é eu também, sou ele e estou nele.  
Meu pai regressa-me a este silêncio prisional. Vem devagar com o seu todo de renúncia e dádiva, com o seu ar aberto de inocência. É alto, entroncado, mas não consigo bem lembrá-lo assim. Porque o não recorde estruturado em força: a sua bondade não me sugere mansidão, sugere-me apenas fraqueza. E é só isto, meu velho, ou sobretudo isto, que se me gravou de ti na memória. Não te vejo os olhos, a cor dos olhos - vejo- te apenas o olhar, que não tem cor. Tinhas cabelos

25

brancos, decerto, porque a bondade é antiga. E o teu riso tem ainda um dente de ouro - não sei porquê. Era um dente de ouro reluzente, fúlgido, agressivo, tão absurdo no teu sorriso, que devia ser cariado... Eras o "Ernestinho". E esta verdade degradante do teu nome, esta flagrante impossibilidade de seres Ernesto, senhor Ernesto, esta moleza infantil que o povo te sustentou até à velhice, este nome que tem atrás um sorriso para crianças, esta debilidade total e para sempre cola-se-me ao desejo de te ver para além disso, empasta-me as mãos de inconsistência viscosa, afoga-me a boca para te dizer a palavra oculta, a palavra de silêncio de dois homens que se reconhecem, a palavra de sangue que não encontro e sei que existe e fala de uma continuidade na terra e eu quero dizer com o sabor milenário que não tem em conta a tua presença física, a tua presença real, e vai para além de ti e do que tu eras e atinge o halo divino da sucessão das gerações e me liga fragilmente ao cosmos e à vida que se perpetua e floresce e eu te quero dizer num olhar longo e frontal e profundo: "meu pai"... Não, eu não venho de ti: sou eu só a face do universo. Acaso sinto a tua presença no que sou, no que me sinto? Sou

uno, indiviso, princípio absoluto de mim e para sempre. Sou de mim para outrem, não de outrem para mim. Se a biologia o não sabe, é que a biologia está de fora: mas eu não estou fora, estou dentro. E, no entanto, dizer-te “meu pai”, bom velho, restabelecer-me- ia as raízes que não sei, mas pressinto, falar- me-ia à memória de uma comunidade de sangue

26

que não há ou há apenas como um eco de todos os deuses mortos. Dizer-te “meu pai” não me revela, porque quem está em mim sou eu só: mas dá-me um aceno da terra...

Ah, e no entanto, esta simples ilusão de um elo de perenidade... Sei da história desse farmacêutico ou praticante de farmácia que ia lá a casa dar injeções a minha mãe. Mas toda a gente me achava parecido contigo, velho pai... Como se o teu destino de fraqueza o povo exigisse concluí- lo com a infâmia, a humilhação...

- Berto levanta-te! Berto vai estudar! Berto! Onde está este demónio, para onde foi este estupor?

Boa mulher. Escrevo sem pensar: “boa mulher”. É o sorriso da vida, o sorriso da minha força adulta que te vem render, o sorriso da minha maioridade para a minha infância que ficou em ti. Geniosa, vivacíssima, altas madrugadas de gelo com tamancos solitários pelas ruas, e tu varrendo, acendendo o lume, girando pela casa no prazer de te justificares, levando-me à cama esse estúpido cálice de aguardente para aquecer - a escola era longe, eu viajava pelas estrelas. Meu pai abria a loja cedo também, havia homens escuros saídos da noite que vinham beber o cálice da madrugada.

Mas eu de que falo? Estou só, a noite é longa. Passa de vez em quando um carro pelo silêncio, leva-me para longe a atenção erradia. Minha mãe dorme - minha mãe vela, paira obscuramente no cansaço da memória. E à imagem agressiva do seu rosto em contorção, através do qual eu mal

27

podia ouvi-la, conhecê-la, sucede agora uma presença imóvel e sem face. Porque de uma pessoa lembrada vê-se bem é o que se não vê: o seu ar, o halo que o transcende e aparece num sorriso, num olhar sem olhos, mesmo num tom de voz...

À janela para a noite, estou só - estou só no “quarto escuro”, na parede negra da frente as horas de sol e de chuva são as horas do mundo. Embatem nela as vozes de quem passa, de quem fala ao longe. São vozes abertas, subidas das leiras, ralhos, chamamentos, pragas, brados de sinos que vêm no vento, memórias claras da minha alegria morta. A escola é longe, há de permeio o cemitério, que tem ciprestes e três jazigos brancos, há o latoeiro à porta da oficina desde cedo, a ponte de perna alta com um turbilhão de águas em baixo, há no centro da escola os meus recreios no pátio. Só à noite nos juntamos em casa (levo o lanche para o almoço). Mas na realidade apenas nos reencontramos.

Tenho o meu mundo do “quarto escuro” onde há livros e cadernos e horas longas e difíceis, minha mãe tem o seu no governo da casa e o meu pai no da loja. Lembro-me de que certo dia, dorido de inverno, eu tive uma exigência excessiva:

- Quero umas calças compridas! Calções cortados nas entrepernas para uma urgência flagrante, e o frio cortando-me por aí; depois, calções fechados e a carne arrepiada de cieiro; agora, calças compridas. Meu pai olhou- me distraído e condescendente:

- Pois. Umas calças. Está frio. E já estás um homem.

28

Minha mãe bateu um punho radical, os olhos endureceram-lhe, a boca esquartejou-se-lhe de pragas para todo o lado, de modo a não ficar um espaço livre da sua cólera. Quando enfim se calou, meu pai propôs ainda, com uma calma fatigada, a sua razão:

- Está frio. E já está um homem.

Minha mãe estacou, surpresa e ofendida com a inconveniência de meu pai que a serenidade agravava. E então não teve remédio senão voltar ao princípio, segura de que é imbatível a razão que se repete, porque então ela é só força, mais razão do que a razão.

E ou por isto ou por aquilo, dias e dias assim. Que tinha ali que fazer? E ia para o “quarto escuro”.

Depois fomos para Penalva.

#### IV

Julgo então entender porque me chamou minha mãe: “vem”. Há quantos anos tinha ela congestões? Soubera com certeza de algum aviso obscuro, que aquela era a última. Meu pai ignorava tudo de uma livraria. Mas o meu tio André fizera- se naquilo, tinha uma grande livraria na cidade da Murtosa. E para os quatro irmãos sonhou um negócio igual. Assim os foi semeando com livrarias por diversas cidades onde pudessem ter êxito. Meu pai, porém, colado à aldeia, resistiu. Mas vindo para Penalva, por causa dos meus estudos, submeteu-se. Tio André abriu-lhe crédito, ilustrou-o em livros e papéis, orientou-o mesmo ao balcão durante dias, tendo-lhe por fim fornecido o Faustino, com longa prática na Murtosa. Era baixo este meu tio, compacto, toda energia disponível, com uma palavra pronta e amável para decidir um freguês. Mais velho do que os irmãos, saíra cedo da aldeia para a cidade e para a vida. Meu pai olhava-o com terror e admiração pela presteza com que abria um negócio através dessa coisa absurda que eram os livros e papéis. Assim

31

lhe não foi fácil reorganizar ele o seu mundo, substituindo os seus pontos de referência, pondo Camilo ou Eça onde estava arroz ou metros de riscado...

E eis-me agora a mim à frente do negócio. Na realidade, falar em “negócio” é excessivo. Acumular dinheiro para quê? Ora este “para quê” é já uma blasfêmia. Porque toda a actividade é um prazer dela própria. Não se junta dinheiro para viver melhor: junta-se dinheiro para se juntar dinheiro. Decerto, a vida melhora-se. Mas há um limite para essa melhoria, para além do qual se não passa, de acordo com a nossa dimensão. Entretanto junta-se ainda dinheiro. O impulso a uma acção é-lhe somente um impulso: a acção depois rola por si. A que limite invisível, ó políticos activos, fica já a vossa justiça?

Mas para mim o contacto com os livros era um prazer velho e humano, porque era uma razão humana de vida: o lucro que daí viesse era um acréscimo, não um fim. No entanto, nas minhas relações novas com os livros havia um desarranjo difícil de acertar. Porque um livro que eu comprasse era um livro resgatado, um objecto de preço. Ou não bem objecto: uma presença de mim, uma transfusão do que sou. Subterrâneas vozes em muralhas de silêncio erguidas à volta do meu quarto, eles eram o modo múltiplo de poder abrir-me à vida. Mas agora, ao balcão, um livro era realmente um objecto. Não era eu a resgatá-lo, a redimi-lo da degradação: eram os outros. Trocava o que não têm preço por moedas para a caixa. E inteirado sumariamente do negócio, entreguei a livraria aos cuidados do Faustino.

São três empregados com ele: o rapaz dos mandados, que passa a vida na rua, e a rapariga da caixa, da correspondência e da escolha da literatura estrangeira - Aida. Escrevo o teu nome e estremeço. Subitamente, a tua face... Há uns papéis a assinar, tu entregas-mos à minha secretária, e a tua mão como uma flor... Um anel com uma pérola e uns dedos longos e brancos, dedos puros. A mão pousa-se na secretária, os dedos erguem-se em curva lenta até ao bico das unhas. Uma intimidade cálida, como um segredo ilícito na nuca. Afloro as tuas linhas, afila-se-me um desejo subtil e paralisante -

reflexo de vibração num arrepio da pele... Mão de aroma. Ainda agora a aspiro, sinto-a ainda como um rangido ao longo da coluna... Tomo-a bruscamente na minha, a fronte pende-me sobre a mesa. Trituro-lhe os dedos uns nos outros - céus! Como o prazer pode ser insuportável! Aida não fala, não se move. Eu olho- lhe ainda a mão, fascinado, a pérola miúda no fino anel, a pulseira de elos de ouro no pulso frágil. E timidamente subo depois os olhos pelo seu corpo intenso, pelo seu ventre velado sob a saia cintada, pelos seios disparados entre os folhos da blusa. Vejo-lhe enfim a face séria e branca. Ela olha-me com piedade - ou não bem com piedade: com tolerância. Como se me perguntasse: "Está satisfeito? Posso pois retirar-me?" Mas o que ela me perguntou não foi bem isso.

- Está tudo em ordem, senhor Adalberto?

- Tudo em ordem.

33

Tomou os papéis e sorriu - sorriso breve como um vislumbre, fugidio aceno à harmonia. Era um sorriso que coroava a tolerância do seu olhar pelo meu acto excessivo, a trazia ao limiar de uma cumplicidade. Soerguera os cantos dos lábios, duas covinhas abriram-se na face em frescura. Senti-me perdoado, todo banhado de graça e um pouco de humilhação. Porque Aida era forte como quem já sabe tudo.

E durante dias mal lhe falei. Ignorava tudo de Aida, mas receava informar-me com o Faustino, muito mais com a mulher, a pobre Jesuína, que continuava a arrumar-me a casa: não queria denunciar-me, publicar o que eu próprio mal sabia. Assim, ia para o gabinete que era interior, no fundo da loja, ou atendia ao balcão ou quedava-me à porta, olhando a praça. E, sobretudo, saía para a cidade, à procura de nada, para esquecer, para lembrar.

Frágil, efémero, o outono ilumina a face dos prédios. São prédios antigos, de granito sombrio, pesado, de uma noite sem fim. Quantos séculos? Velha cidade - mais velha do que o tempo, surda aflição das origens, mais velha do que a vida... O sol doura-a de inocência, olho-a com uma angústia sem razão. Erro pelas ruas escuras, torcidas em suspeita, subo ao Castelo, raiado de horizontes. Vou até lá, sobretudo à hora do entardecer, a essa hora solene de augúrio. Para o vale, as sombras coalham uma humidade de raízes, o fumo sobe das casas humildes, recria em névoa, no vago espaço, a memória tenaz da presença do homem.

34

E eis que a pergunta obsidiante da velha solidão volta de novo e me afoga de pesadelo. Que haja terra e astros e ventos... Eu só, aqui à minha face. Fraternidade perdida, voz obscura e infatigável para ninguém... Pois para quê? Para quem esta voz tão forte de ser? Para que outra voz da comunidade me reinvente a harmonia com o mais, me responda lentamente, me seja um eco, participe de mim e seja eu para lá da morte e me justifique e me recupere, me seja vida depois de eu a não ser, me invente imortal na minha absoluta e inexorável finitude? Espírito das águas e da terra e dos sóis inumeráveis - o meu espírito sendo vós, eu reconhecido em vós, vós minha presença, meu secreto lume de ser, minha consciência de ser. Mas que escrevo? Que digo? Estes muros de silêncio ecoam-me a loucura. E todavia porque o pensei, o desejei, esse absurdo de uma comunicação, esse...

É uma hora majestosa, o sol desce para trás de uma montanha longínqua. Investe-a de apoteose, ergue sobre a morte um sinal de glória e de pacificação. Penalva fita-o com uma melancolia resignada, quase com ironia. Voltadas a poente, algumas vidraças ardem, num raiado fixo e duro. Sobre os telhados mais altos, abre o último clarão da tarde com a irrealidade de uma flor instantânea. Sento-me numa pedra, acendo um cigarro, voltado para o sol. Vejo-o agora através de uma nuvem, aberto em longas faixas, como num mistério de sagração. Cerro os olhos e esqueço...

Até que um dia lhe falei, oh, não - que dissemos nós? Havia palavras avulsas entre os dois, mas estávamos em silêncio. Tomei-te a mão devagar, saímos para a cidade, naquela ronda sem fim que tantas vezes havíamos de repetir. Vagueámos pelas ruas desertas, olhámos as estrelas ao alto.

- É tão duro estar só - disse eu.

E não me lembro de termos dito mais nada.

V

Màs porque vieste para aqui? - perguntei-lhe . um dia, enfim. - Tu não és desta cidade, deste silêncio.

Ela porém sorriu apenas o seu sorriso breve, de tolerância e cansaço:

- E és tu daqui?

Alonga-se sobre a cama, eu afundo-me num sofá, bebemos álcool. Das luzes da praça vem uma claridade difusa, a claridade que nos basta, e há uma estrela além dos vidros... É uma estrela isolada que se vê àquela hora sobre um ângulo da Sé e não faz parte decerto de nenhuma constelação.

Durante dias vigiei Aida no limite da sedução e da minha gravidade necessária. É longo o tempo em Penalva, Aida preenchia-me de uma forma total como uma razão final da vida. Recebo-a no escritório, onde medito. Traz papéis, consultas sobre livros a importar - quem é que lê em Penalva? Quem é pessoa nesta cidade abandonada e à espera ainda do que já esqueceu? - muros negros com uma eternidade sem homens nem deuses...

- Aida, poderei eu...

37

A mão. Subtil e rendida ali sobre a minha mesa. Tão entregue, com um mundo quente de gestos à sua volta, tão dada ao meu destino sem destino. Tomo-a violentamente, ela submete-se com todo o mundo que construiu. Aceita a minha ira, prende a minha mão também como se num naufrágio comum - e os teus olhos, Aida, o teu olhar tão compassivo:

- Que tens tu a dizer-me? - pergunta-me.

Mas não é fácil dizê-lo. Porque as verdades profundas, o apelo do sangue, só se explicam na linguagem da loucura. Ser eu em ti, que um filho nos fosse a nós, que alguém nos existisse, não apenas na memória, mas na força total de sermos - tudo isto é verdade e não tem sentido nenhum. Tudo isto é verdade, porque a solidão é tão estúpida... Alucina-me o absurdo como um labirinto: como ser eu nos outros? Ser irreduzível e múltiplo? Mas só assim a solidão deixaria de existir. Que me importa transmitir aos outros que dois e dois são quatro ou mesmo o que se passa no fundo de mim? O que eu queria era ser eles quando estão pensando que dois e dois são quatro. O que eu queria é que eles sentissem o que eu sinto e não o que eles sentem. O que eu queria é que eles fossem eu e eu eles, porque só assim é que a "comunicação" tem sentido. Decerto, tudo isto é absurdo - estou farto de o saber. Mas o mais absurdo é o mais humano...

Saio com ela pela tarde: há gente à nossa volta? Penalva não tem ninguém. Vamos de novo pelas ruas velhas, onde as lâmpadas são olhos súbitos no ar. Eu amava-a, mas porque a amava - pois que é o amor? - tentava aceder ao silêncio de si, ao

38

irreduzível de si, à totalidade do seu ser. Pelos dias, pelas noites, eu perguntava-me quem eras, interrogava-te sobre toda a tua vida, queria ser-te desde a origem. E, no entanto, que havia mais na vida do que o instante em que falávamos? Do que os instantes em que

já nada digo, nem tu? Porque eu ouço-a é neste calor amigo da minha mão no seu braço, dos nossos olhos vazios pela noite. Mas ela explicava o que era de explicar:

- Quatro anos no sanatório, minha mãe. E o meu pai perguntou: vale a pena nós aqui? E viemos para Penalva. Minha irmã é enfermeira.

- Tens pois uma irmã?

- É enfermeira. Andou pelos sanatórios, veio agora para este aqui.

Falava devagar, com palavras graves, como se nenhuma urgência houvesse entre elas:

- O médico declarou que minha mãe tinha de ficar aqui. Por enquanto. Meu pai alugou uma casa. Montou um negócio. Mas não se dá bem com o clima. Ele fez há tempos uma operação à garganta.

Mas o que era estranho é que também ela estivesse ali.

- Pois que tens tu aqui que fazer? Tens vinte e quatro anos? E és bela. E branca.

- Interrompi um curso superior. Quis trabalhar. Sabia línguas e é bom trabalhar. Não é bom ser livre? Todos temos uma entrevista marcada com a vida. É bom começá-la a tempo.

E aconteceu que um dia veio de visita aos pais. O Faustino, que era então seu vizinho, “e se ela ficasse?” – perguntou - “há lá trabalho na livraria”, e minha mãe concordou: ela sentia-se já doente ou

39

o meu pai era amigo do pai de Aida ou... Já não sei bem.

- Mas não aguento isto - disse Aida. - Creio que vou voltar.

- Para onde? Para quê?

- Para a vida. Para qualquer coisa que se não saiba. Aqui sabe-se tudo tão cedo.

- Fica - disse eu com ardor. - Estou eu agora. Fica.

E, no entanto, devia haver uma explicação para tudo isto, e eu não a sei. Devia haver uma explicação para o nosso encontro absoluto, para o apelo absurdo que me queima. Mas explicar que é que explica? Porque de todas as palavras que se dizem, de todas as razões que se esclarecem, de todo o encadeamento que se ordena, há um elemento ainda que se furta sempre e que é o de ser-se apenas humano... É-se homem e o homem é tão misterioso. Amava Aida desde sempre, o nosso encontro aconteceu na eternidade. Só assim eu entendo que não saiba contar bem como tudo começou. Porque os factos não são indício de nada e o verdadeiro indício está antes e depois de todos os indícios. Há a minha infância, há a morte de minha mãe, mas no que se passa em mim estou só eu. E é dessa solidão absoluta que o absurdo nasceu. Rapidamente ultrapassei os limites da plenitude de um encontro que se basta, de duas mãos que se prendem, de dois olhares que se fitam. Rapidamente me interroguei sobre quem estava atrás

40

desse olhar e dessas mãos e quis chegar até lá... É tão difícil explicar. É tão difícil e tão alto e tão fora da nossa medida, que estremeço de loucura e as minhas palavras se atropelam. Mas isto existe, como é possível que seja um erro? Há um além para lá de ti, da pessoa que vejo e está aqui e que é a pessoa que és. Trago em mim o apelo absoluto da identidade absoluta, a exigência da comunhão verdadeira. Porque eu sou de mais para mim - e tu. Jamais te saberei? Jamais tocarei com as minhas mãos a chama que arde em ti? Estamos cheios de prodígio, não é estúpido que o ignoremos? Para lá de todas as portas há uma porta ainda, e essa é que é a porta da nossa morada...

O inverno anunciava-se numa aragem de geadas. Era um ar limpo e nítido como a face de um espelho. Como a cidade era pequena, depressa a repetimos num círculo de prisão. Decerto por isso, quantas vezes subimos ao Castelo, que era apenas uma torre quadrangular, como se o horizonte longínquo nos abrisse ao excesso de nós. Decerto por isso, lembro-me de que uma vez, tão violenta foi a minha abundância, tão vertiginoso foi

o meu desvario, que um urro imenso, cego, animal, me arrancou todo para além de mim:

- Ai... da!

Um instante atónito, esperei que o universo se recompusesse em harmonia. Aida, porém, ficara imóvel, sorrindo, como se a harmonia de tudo se não tivesse perturbado. Tomei-lhe o braço, desci o cerro com ela, descemos a rua para a praça, subimos enfim a minha casa. Pelos vidros da janela entra a claridade da rua, uma claridade suspensa, como halo

41

da divindade da noite. E foi como se a noite nos submergisse, e eu e Aida estivéssemos sós na terra e o prodígio que habitava Aida estivesse enfim à minha mão... Conheço agora como nunca as linhas da tua beleza quente, os meus dedos ardem ao lume da tua pele, ó face pura, vislumbrante de uma alegria perdida, eu te achei, eu te vi. Frágil graça dos teus cabelos em volutas como a órbita de uma dança. Abri-los todos, despojá-los do que é aparente. Espalhá-los à tua volta, à volta do teu rosto, na procura do milagre que os sustenta, tocar em toda a sua nudez a divindade que és, destruí-la com os dentes da minha ira...

Cerro os olhos, enfim, tomo a mão de Aida, ela aperta a minha em silêncio. Alguma coisa então perdura ainda para além de todo o meu desespero. Apertamos as mãos, a vida é grande, há um homem e uma mulher sobre a terra.

Mas de súbito, alucinado, outra vez te interrogava - esse dia? outros dias? na minha interminável obsessão. Que tu fiques, te demores, que é que passa de um para outro nestas mãos que se demoram? quem és tu? que és tu? Eu pedia-lhe:

- Fala-me de ti. Não bem do que pensas, não bem dos teus gostos, dos teus sonhos. Mais abaixo disso, mais fundo do que isso. Vê se te conheces, vê se te vês. Eu cerro os olhos brutalmente para te ouvir...

Mas ela dizia apenas:

- Meu tonto...

Ah, se tu soubesses como é preciso que eu esteja em ti, que eu não morra, que eu não morra...

42

- Tolo. Mas tu não vais morrer... E que fosses? Nada te podia salvar...

Acendo a luz velada da mesa-de-cabeceira e Aida surge mais forte, cerra o espaço à sua volta, endurece de uma realidade que se fecha mais em si.

- Dás-me um cigarro?

Dou-lhe um cigarro, ela soergue-se e encosta-se à cabeceira da cama. Fumo também, alheado, um silêncio profundo submerge-nos. E é como se de novo uma porta derradeira se nos abrisse, num corredor longo e subterrâneo, travado ao fundo por um muro e esperássemos todavia que uma nova porta se nos abrisse ainda, a última, a última, a que jamais se pode abrir...

VI

Ora um dia aconteceu que por uma manhã de domingo dei um passeio pela Mata, que é no limiar da cidade. É uma mata solene, silenciosa de velhas árvores, dourada naquele dia ao último sol de outono. Ruas arenosas divagam através dela para os passos sem rumo. A uma extremidade há uma pérgula com um lago no meio, que o inverno endurece numa placa de gelo. E no mais denso do arvoredo, ao centro de uma pequena clareira, há um coreto em ruínas, onde me não lembro, aliás, de jamais ouvir uma banda tocar. Sento-me num banco de pedra, liso e frio, olho o coreto, escuto. Passa uma nuvem no céu para lá das árvores imóveis. Nas alamedas de areia não há sequer um rumor, o ar amarelece na luz filtrada entre os ramos, nas folhas secas do chão. Entre as árvores que o rodeiam,



erguidas a grande altura, fechando-o de sombra, o coreto parece mais solitário. Subitamente, porém, um aço de campainha vibra no silêncio da mata. É um som estridente que me frige os ouvidos, me arrepiando os dentes como uma lima. E todavia as bicicletas são vulgares em Penalva

45

- nunca soube porquê. Grande número de habitantes as usa como numa cidade holandesa. As horas de trabalho, das refeições, do fim do dia, Penalva coalha-se de gritos estridentes a que jamais me habituei. Assim estranho o que me agride agora. Tento orientar-me, descobrir donde avança aquele grito sobre mim. Mas antes de o localizar, uma bicicleta irrompe do arruamento da esquerda - do que dá para o fundo da rua da Fonte. Num intervalo de sol, os raios das rodas brilham, o ar inunda-se de uma cabeleira ao vento, de um branco ovante de blusa. Passa de súbito ao pé de mim num ranger de areia, e eu clamo em alegria:

- Aida!

Mas logo adiante a bicicleta resvala, Aida deve ter-se desequilibrado com o meu grito, embate de cabeça contra uma árvore. A bicicleta espalha-se, fica de rodas para o ar, girando ainda. Salto do banco, vou para Aida, alucinado: ela tem uma brecha na testa, donde o sangue lhe escorre para a face.

- Aida!

Entreabre os olhos, sorri em silêncio, como para me reanimar. Há uma fonte ali perto, vou molhar nela o lenço, lavo-lhe o sangue do rosto.

- Dói-te muito? Estás melhor?

Falo-lhe transtornado, todo entregue de ternura. Mas ela recostada na árvore, com as pernas já compostas como num piquenique campestre, de face subitamente séria, teve uma palavra horrorosa que ainda me arrepiou:

- Não sou Aida! Sou Alda!

Fala alto, quase em grito, para o silêncio em redor, como se eu a tivesse insultado. Interdito, violentamente

46

separado daquele corpo, daquela face branca, enodada de sangue, daquele todo quente e íntimo, onde o afecto se me instalava, pude apenas esboçar gestos, sem palavras certas para eles:

- Desculpe. Não sabia. De qualquer modo... Alda, porém, já serena, retomava a bicicleta, tentava serenar-me a mim:

- Somos muito parecidas. Toda a gente nos confunde.

Parecidas? Mas eram inteiramente iguais. E, todavia, em quê diferentes? Porque aquilo que me unira a ela enquanto ela era Aida, que mistério absurdo o transformou em mim, o destruiu? Quando Aida foi Alda, que é que mudou nela para que já a não reconhecesse? Quantas vezes o perguntei pela vida fora, o pergunto agora ainda, se acaso foi Aida que eu... (Mas porque abres esses teus olhos? Eu não te toco, eu não te toco. Ponho-te apenas as mãos no pescoço, mas no último instante... E eras tu? Quem eras tu? Porque tu eras tu só, e eu só a ti reconhecia, só Alda reconhecia, tão iguais e tão diferentes, onde a diferença? a igualdade?)

Sento-me de novo no banco, a campainha esvai-se ao longe. Sobre o largo do coreto desce de novo o silêncio das velhas árvores. Mas lentamente soergo-me da estupefacção. E de um salto ponho-me em pé, rompo pela rua deserta donde aparecera a bicicleta. Faustino deve estar em casa, ou ao menos Jesuína. Moram na rua da Fonte, mesmo à entrada da cidade. E a passo apertado desço ao extremo da Mata, vou dar a um largo de velhos castanheiros, já despídos, junto à estrada, onde acampam os ciganos pela feira de Junho. Mas bato à porta e ninguém

responde. Devem ter ido à missa - penso. Vou sem rumo pela estrada, pelo largo da Fonte, onde há um lavadouro, com cobertura de zinco, e um mirante para a estação lá ao fundo, para a terra árida, brilhando ao sol. Raiado ao espaço, um momento esqueço-me, inspiro profundamente, por instinto, pelo desejo obscuro de me irmanar à amplidão. E sinto-me bem, suspenso no ar imóvel, na luz maravilhada que floresce em silêncio por sobre toda a terra em volta. Subo de novo à estrada, bato a aldraba da casa de Faustino várias vezes com violência. Ninguém. Até que ao alto da rampa reconheço-o e à mulher, conduzindo cada um sua criança. Jesuína roda sobre si num movimento excêntrico, Faustino avança direito, lembram-me ambos à distância duas peças de máquina jogando desencontradas. Então ocorre-me ir ao seu encontro: melhor é que Jesuína me ignore a razão da visita. Apanho-os a meio da rampa, como num encontro de acaso.

- Faço horas - disse eu. - Está uma manhã bonita.

E ao convite da manhã, tendo eu descido com eles, uma vez chegados a casa, Faustino despegou-se do filho que lhe pertencia e seguimos ambos para a Mata.

- Faustino amigo - disse eu, logo que ficámos sós -, você conhece a irmã de Aida? Você sabe quem são? Quem são os pais? Que história é a delas?

Mas Faustino embaraça-se com o meu interrogatório - e eu sei agora porquê, amigo. Embora na altura mal tivesse tempo para o saber. Que absurda lenda a de um amor eterno. Porque o amor aparece como a verdade, e como ela se gasta, se destrói. Ou

48

não? Não sei, não sei. Será o amor um limite, será a verdade um limite, apenas a procura de um repouso que não há? Belo é o que se não sabe, o que se não conquistou, o que se não conheceu. Abrir um corpo e a pessoa que lá mora. E que só lá mora enquanto a procuramos? Depois o regresso e a simultânea e incrível redução da pessoa a um objecto, como este banco em que nos sentamos ou aquele mais longe ou como os bancos da praça, que têm menos mistério. E então a luta para reinventarmos o mistério, uma porta por abrir no amor e na verdade, porque há tanto espectador a atirar-nos acusações. Ou não bem isso - não sei: tu estavas casado há sete anos e Aida era toda uma frescura a desvendar, e Jesuína... Coitada da Jesuína.

Faustino corou. As mãos lutavam-lhe em frente uma da outra, para coordenarem um gesto:

- É que, sabe o senhor Adalberto, elas são gémeas.

- Gémeas?

- Mas há também quem diga que não, havia quem dissesse que não. Que gémeas eram a D. Aura que era mãe de Aida, e uma D. Alma que era mãe de Alda, e que não vivia ali e estava casada. Tento pôr ordem nas palavras de Faustino, que é um rapaz gordo, de bochecha corada, agora de pescoço corado também, sentado comigo num banco, falando para o chão, para entre as pernas curtas, as mãos de dedos abertos acompanhando a confusão do que diz. Aida e Alda são filhas gémeas do senhor Sousa e de D. Aura. O senhor Sousa tinha um negócio estranho na terra donde viera, Faustino fora vizinho ali em Penalva, moravam na rua do Inverno, a que

49

tem um arco que dá para a rua Direita. Era um negócio estranho, vendia tempo, velhice, vendia-os sob a forma inesperada de mãozinhas de longo cabo para coçar as costas, mãozinhas com adaptações de esponjas para o banho, cabeleiras postiças, olhos de vidro, manequins, e baralhadamente, velhos contadores, porcelanas antigas, terracotas de outros séculos, antigos objectos de culto, como turíbulos, navetas para o incenso e até casulas e sobrepelizes. Depois veio para Penalva, montou uma loja de bicicletas, vendia

bicicletas, consertava bicicletas. Aida e Alda são irmãs gémeas, filhas do senhor Sousa e de D. Aura. Mas há quem diga que não, que Alda é filha de uma irmã gémea de D. Aura, uma D. Alma, que teve aquela filha quando era solteira e que D. Aura, para dignificar a irmã, a recolhera como irmã gémea de Aida, por terem ambas nascido no mesmo dia. Mas também se diz que nem sequer a filha do senhor Sousa é filha do senhor Sousa.

- ... também se diz.

- Quem diz, amigo?

- Também se diz - Penalva é pequena, tudo se sabe, tudo se remexe.

O verdadeiro pai seria um empregado da casa que subiu a sócio e morreu. Não: o verdadeiro pai seria um irmão desse sócio. Todavia, esse irmão jurara um dia que o verdadeiro pai era um vizinho que morava em frente e que o senhor Sousa, aliás, conhecia muito bem, por ser casado com uma sua irmã, que não dera filhos. Mas como não tivera filhos da mulher, admitia-se facilmente que não era o pai da filha ou das filhas do senhor Sousa e de D. Aura, que era extraordinariamente parecida com

50

Aida e com Alda, ou, antes, estas é que eram parecidas com ela.

Confundido daquela história confusa, dei um berro para a Mata:

- Acabe com isso! São ou não são gémeas? Quem é o pai? De quem são filhas?

Ó dor das minhas raízes perdidas. Acaso és tu filho do Ernestinho e de D. Elvira? Tenho o “ar” de minha mãe, esta secura de pedra velha, esta face negra cortada à navalha, maligna, endurecida num ressentimento para sempre. Mas acaso a tua mãe está presente em ti? Acaso sabes se o teu pai era o teu pai? Não és filho de ninguém - quem é filho de alguém? Mas o apelo de uma raiz em que se acredite, eis que a esse mesmo ninguém nos responde. Aida ou Alda, ou uma ou outra, só nós somos testemunhas de nós neste princípio absoluto que nós somos, presença absurda, total, definitivamente suspensos sobre um mundo que nos ignora.

E aconteceu que nessa noite tive um sonho estranho. Nessa noite ou tempos depois. Mas que é a verdade? Em que fica inexacta esta história, se é inexacto o que digo? Que é ser “inexacto”?

E numa noite sonhei. Sobre um coxim de seda azul, uma mulher fita-me. Flutua em véus transparentes, oscila a fumo e a espuma. Subitamente reconheço-a e eu vou para ela e recordo-nos irmanados desde o tempo que me lembra, cantares de Salomão, eternidade ardente do deserto, cítara moura,

51

sangue mouro num claustro de verdura e águas trémulas, halo divino, Beatriz no céu da transfiguração. Mas, sem que eu desse conta, esta presença única de mim à sua face, esta evidência de nada mais, para além de nós, da nossa imobilidade, senão o rolar das gerações, multiplica-se-me para um lado e para o outro, como num reflexo de espelhos, em cem presenças iguais, em cem cópias de Aida. Eram cem mulheres, contei-as, cem exactamente iguais, e eu só em face delas. Se uma erguia o braço, esse braço desdobrava-se paralelamente pelo friso das mulheres, sincrónico, exacto. Se havia um sorriso, e houve logo um sorriso, espalhava-se a alegria em cem sorrisos iguais. Mas como diante de cópias de uma fotografia, eu percorri-as de uma a uma, apesar de as saber repetidas. A certa altura, um gesto único lançou aos pés de todas os véus de tule. Havia agora uma uniformidade maior, porque eu olhava esses corpos nus, e o que distingue um corpo de outro é sobretudo a face que o sabe. E, todavia, sem um instante de dúvida, como não sei dizer, avancei para uma delas, a primeira talvez que vi, e essa é que era a única. O seu próprio corpo falava-me uma linguagem distinta, inconfundível, que eu sabia dela, que tinha o aroma de ser ela, lhe pertencia na pele branca e lisa, lhe revelava a presença, era ela toda desde os olhos, desde a voz, tinha a indizível beleza, a

quente intimidade de todo o seu ser. Por isso eu a assolei da minha fúria, como o cantaram as outras, ondulando à nossa volta na memória de um coro antigo, ecoando-nos a harmonia do nosso encontro final...

## VII

Mas então, como te confundi? Tu, única. Porque confundi Alda contigo nessa manhã de domingo na Mata? Há uma verdade de seres, irreduzível, inconfundível: aceder a ela como? em que impossível limite da minha sufocação? Vou descendo no ascensor, Aida dissera-me:

- Às oito.

Não me agrada muito ir a sua casa, porque há um jantar a resolver e eu não estou preparado. Quem é o pai? A mãe? É preciso conversar e inventar esse limite de importância e futilidade em tudo o que disser. São seis horas, tenho duas horas de espera - como aceder aos outros? Cai a noite a toda a pressa, como é duro estar só... Passam as gentes sem pressa no cansaço ou desinteresse do fim do dia, alastra ainda uma luz pálida pelo céu. Teremos então de levar connosco tanta coisa acumulada e sem ninguém para a saber. Passam as gentes sem pressa, e eu vos busco, vos interrogo ao meu olhar inquieto. Fachos espectrais cruzando-se pela praça, fantasmas ignorados, eu vos vejo, vos procuro angustiado - ver-vos, tocar-vos, ó velha, quebrada pelos anos, dobrada

53

para o chão, cuspidas para o chão! Mas que é a idade, sentida dentro de ti? Irmano-me aos teus olhos, envelheceste, envelhecemos, gente que nasceu, que cresceu - a morte é pois real? E nós estamos tão novos, tão eternos como sempre! Velho de olhos gordos, de olhos inchados, parado na arcada onde param as camionetas, olhos sangrentos, face corroída das noites e madrugadas, mas os olhos são os mesmos, uma presença ao mundo não tem começo nem fim. Sou convosco e multiplico-me pelo fantástico de todos vós - no polícia sinaleiro parado à cruz das ruas na espera longa de quem o utilize, e que olha os prédios e é os prédios e não tem farda por dentro senão quando a olho de fora, criança que passas maravilhada, e és só o mundo em redor e que eu sinto já criando esse mundo, jovem moça, de riso como bandeira... Breve vos esquecerei solidificados em pedras, seres avulsos, manuseáveis, comprimidos contra vós como objectos vulgares. Assim acabarei por entender a vossa morte como não posso entender a minha...

Passa um vento liso, à face deste inverno, tão limpo, tão nu como uma pedra. É um vento filtrado em geadas, que se quebra como vidro às esquinas das ruas. Vejo-o, ouço-o, no meu deambular ocasional, enquanto "faço horas". Aida dissera-me:

- Às oito.

- Quem vai mais? - perguntei.

E ela disse-me que ia o Emílio. Alda no caso? - perguntava eu. Talvez. Mas a presença dele podia justificar-se de outro modo, porque ele era o médico da mãe...

54

- ... E o pai adivinha nele "afinidades políticas". Quer convencê-lo a falar na próxima sessão.

- Sim. E eu vou porquê?

- Mas tu vais porque eu estou lá, querido. Oh, não, não é um "pedido de casamento".

- Caso contigo hoje.

- Hoje. Será quando me "encontrares": não é o que pretendes? Estou longe ainda. Eu sei. Até às oito horas tenho ainda uma hora. Aida saíra às cinco, tinha de ir ajudar a mãe para o jantar. Já passaram as campainhas das bicicletas ao fim do dia - não falei ainda das bicicletas? -, a praça agitou-se um pouco com as camionetas da carreira, agora está

quase deserta. Debaixo das arcadas, velhos, vadios, olham o tempo, escarram para o passeio. É a hora suspensa como uma pedra que sobe, atinge o limite e hesita antes de descer... O ar frisa-se de gumes, a melancolia respira-se numa expectativa de nada, no imóvel instante sem passado nem futuro, numa vaga interrogação. Vagueio ainda pelas ruas, cruzo-me com o vento que me espera às esquinas. Desço pela rua Direita, que tem um nome de ironia, porque toda a cidade de Penalva tem o enviesado da suspeita e do augúrio. Casas velhas, de um granito de legenda, janelas de guilhotina, fechando na vertical a ameaça do medo. Passo à boca da rua do Inverno, que se encurva até à casa de Aida, que não vejo. Paredes bamboadas, cancerosas, as pedras esquadriam-se a filetes brancos de cal, as janelas convizinham com as janelas fronteiras num olhar mudo de uma longa resignação. Ergo a gola do sobretudo, enrolo ao alto o cachecol, a aragem gelada queima-me as narinas, rasga-me profundamente

55

a garganta. Mas uns metros andados para lá da rua Direita, a cidade acaba subitamente em espaço, como a toda a roda do monte. A fieira de luzes pálidas assinala o caminho e de repente cessa no vago da escuridão. E um eco estranho cava-se-me no ventre como numa queda abandonada. Subo agora uma rampa que se passa ao outro extremo da rua do Inverno (há uma dupla escadaria que lhe dá acesso, com dois florões de granito ao alto), vou pela rua da Misericórdia, com a torre ao cimo de um largo, passo o jardim, vou até a um mirante perto do Sanatório: um busto grosso de não sei quem vira-se para o longe sobre um plinto, olha comigo o horizonte. Para o Bairro do Cabo, num esporão do cerro, rebrilham as janelas de um agrupamento de casas. Sei que numa delas vive o Garcia, pintor, de quem logo me falaram quando cheguei, e que se demorava na capital. Garcia, aliás, fora meu colega no liceu. Ele e o Emílio - o único que não falhara dos três. E instintivamente olho os portões do Sanatório (onde Emílio trabalha), a larga rua e que mal diviso agora entre massas de arvoredos. Mas nesse instante dois faróis apontam de uma curva do parque, rodam para o portão, e aí se quedam à espera de que o abram. Assisto à manobra, os faróis avançam para mim, param bruscamente num ganido de travões:

- Berto!

Emílio destranca a porta, eu sento-me a seu lado.

- São quase horas de irmos - lembrei. Horas? E eu já jantara?

- Mas se vamos jantar lá...

- Eu não...

56

- Não foste convidado? - perguntei ainda e ele disse que

- Para o serão! E tu também. Para o serão. Haverá chazada, com certeza. Ou aguardente...

Duvido ainda. Pois se Aida me pedira, dissera "às oito"...

- Tenho a certeza.

Bom. Houve engano portanto. E onde ia eu jantar, a propósito?, pergunta-me depois Emílio.

- Levam-mo a casa - disse eu. - Aí de uma pensão. Tinha dito que não levassem hoje.

- Conheces o Jeremias? - perguntou ele de súbito. - Vem daí hoje ao Jeremias. Não é mau. E sempre se conversa um bocado.

A noite é límpida e fina como um grande cristal, abre-se pelo céu como uma flor de vidrilhos. O ar gélido, adstringente, os grandes espaços nocturnos dispersam-me a um cismar sem recordações.

Não falei ainda do Emílio, mas que direi de ti, amigo? Naturalmente reconstruo-te segundo a minha verdade. Sobretudo, destruo-te o que és, reduzo-te a uma coisa. Direi, por exemplo, que és pequeno - mas tu por dentro não tens tamanho nenhum. E afinal?

Conversar? Mas eu sei o que vais dizer. Há dias contei-te (baralho a história, decerto, confundo as datas, mas eu já disse: o passado é um labirinto e estamos nele, um passado não tem cronologia senão para os outros, os que lhe são estranhos. Mas o nosso passado somos nós integrados nele ou ele em nós. Não há nele antes e depois, mas o mais perto e o mais longe. E o mais perto e o mais longe não se lê no calendário, mas dentro de nós), há dias contei-te, sim, era a minha obsessão: que fica em ti,

57

depois de tudo? de te revelares todo? Porque há um mais ainda, que és tu. É desse mais que eu falo. Amor, amizade, e a comunidade do ar que se respira, e das ideias que se pensam e ficam, e dos sonhos, e da vida que perdura também. Mas há o mais que está só e que és tu...

Emílio então falou-me de si. Mas eu já conhecia a tua história desde o liceu. Simplesmente ela tinha então outro significado. (Mas acaso a realidade é a verdade? A realidade é um bazar sem preços nem etiquetas, a realidade é um monturo. E a verdade são os teus olhos, o calor das tuas mãos...)

- A minha mãe morreu, tinha eu cinco anos - começou Emílio.

Morrera da pneumónica - lembro-me de mo teres dito. Mas para quê exhibires assim esse ar desprendido, com quem já venceu tudo há muito tempo? Não venceste nada - só se vence o que se sabe que se vence, e a vida sabe quase tudo por nós.

- E o meu pai matou-se tinha eu dez anos. Então um tio tomou conta dele. Era um tio-avô? - a única pessoa da família que lhe restava. Andara pelo Brasil, tinha uns rendimentos, era solteiro. Grande, de um tamanho quase de gigante, com a bola do crânio integralmente calva, decerto envelhecera cedo, como homem forte que era. Porque Emílio nunca o conhecera mais novo.

- Ria um riso remansado e comprido, falava assim:

E dizia como falava. Tinha esse defeito de pronúncia em que todas as sílabas como que se molham de lh, mas ao canto da boca. Era “galholho”, como se diz na minha aldeia. Que mais? Reaprendia

58

com o sobrinho a verdade da juventude, colaborava com ele, portanto sem o “educar”.

- Mas sem me contrariar ajudava-me imenso.

Passeava com ele, estudava com ele aplicadamente, dizia dos exercícios que Emílio fazia nas aulas: “correu-nos bem, apanhamos um 13”; ou “não tivemos sorte desta vez”.

Com o progresso nos estudos, o bom homem ia ficando para trás. Mas ajudava ainda onde podia. Certa noite de Novembro, recapitulavam História (havia exercício no dia seguinte), o velho disse:

- Estou arrasado. Estuda tu sozinho. Acho que vou dormir um pouco.

Deitou a cabeça na mesa e dormiu realmente. Mas não voltou a acordar.

Deixamos o carro no jardim, frente ao grande edifício do quartel: o beco da estalagem do Jeremias, apertado, todo estalado de ossos, não consentia carros. Aliás, a noite fria incitava ao passeio.

- ... De modo que, pelo Natal, vi-me sozinho - disse Emílio. - E mudei-me para uma pensão.

Sei. No tempo de estudante era-te isso um sinal de que foras homem cedo. Assim te invejávamos e tu nos deslumbravas. Mas agora é diferente. Vou contigo, nesse Natal distante, pelas ruas desertas. Há luz nas casas em festa, as gentes recolhem-se a uma protecção indizível, descobrem uma obscura aliança com a vida. E eis que, a certa altura, a uma esquina de sombra, uma súbita mão prendeu-lhe o

59

casaco: um bêbedo solitário praguejava contra a sorte, contra um certo Domingos e uma certa Maria, numa escorrência de baba e de choro. Emílio tentou safar-se, o homem atirou-lhe a mão grossa ao casaco. Não teve outro remédio, conversaram os dois. Acompanharam-se.

- Acabei por levá-lo a casa, que era uma loja para os lados do Castelo - e nunca mais o vi ou reconheci.

Mas tinham-se reconhecido nessa noite. Um miúdo. E um bêbedo. Reconhecido o bastante - onde?

Onde? Em que parte de vós? A parte que de nós confraterniza na rua é a parte da rua. É da outra que eu falo. Acaso imaginas sequer que existe?

Metemos por um beco e de súbito a cidade acabou. Suspendia-se sobre o vale fechado ao longe em negrume, onde passa de vez em quando um comboio de crianças. As luzinhas estremecem na distância despovoada, vão em fila pela noite, numa irrealidade febril.

A estalagem do Jeremias é escura como uma furna de carvoeiro. Uma pálida lâmpada luz ao fundo como um pavio. Pesa-nos no crânio, afoga-nos os ouvidos uma surdez de caverna, uma vaga suspeita de bruxas, de espectros... Emílio bate as palmas, mas quem aparece, absurdamente, naquele ambiente de agoiro, é uma miúda de uns sete anos.

- O meu pai não está.

- Não está?

- Não está, não. Mas não deve demorar. Os senhores o que é que desejam?

60

Caem-lhe duas tranças com laços sobre o peito. Branca. Loura. Tem olhos azuis. E naquela gruta, resplandecia de uma inocência mais bela.

- Mas onde foi o teu pai? - insistiu Emílio, olhando para mim.

- Ora... Foi buscar a minha mãe.

- Fugiu outra vez...

A miúda sorriu, cerrando os olhos, encolhendo os ombros. Subimos então por uma escada estreita de madeira com um corrimão flexível, quase a despegar-se. Havia em cima uma salinha festiva com três mesas armadas num requinte de luxo: toalhas brancas, de uma alvura agressiva, copos de um vidro límpido, guardanapos encanudados, postos em pé sobre os pratos.

Pelas janelas de portas abertas víamos a noite em baixo, lá longe no grande vale, sentíamos-lhe o peso do antiquíssimo silêncio. E atraído ao seu apelo, à sua voz, pareceu-me que Emílio se ia esquecendo da alegria com que se me inventava exemplarmente em vitalidade harmoniosa:

- Vim aqui uma vez com o meu tio - disse. - Bom, eu tinha feito um mau exercício. E tive nota baixa. Voltei a casa sucumbido. Ele viu-me assim "em baixo" e animou-me: "trabalhámos quanto pudemos, não é? Não tivemos foi sorte. Acho que merecemos uma recompensa, apesar de tudo. Vamos daí jantar ao Jeremias". Ora ele sabia que eu não tinha pegado em livro. Quase nem comi. Doeu-me mais o "prémio" do que um castigo... Hás-de conhecer o Jeremias. Um castigo se calhar também une. Mas o velho tio era assim.

61

Bruscamente, porém, numa alucinação, vi flagrantemente como tudo aquilo era estúpido. Emílio recordava o tio, e o tio era para ele um ser vivo. Mas em nome do que é que dizemos sequer porque alguém foi isto ou aquilo?

- Quem é esse tio de que falas? - perguntei com ardor. - Onde está ele, que lhe quero falar? Que é que estiveste contando?

Porque eu posso dizer de A ou de B, ainda vivo, que foi doente, ou que praticou uma boa

acção: ele dura ainda, há uma permanência em nome da qual falamos. Mas em nome de que permanência estás tu falando de um morto? Quem foi César ou Napoleão ou o teu tio? Que significa dizermos que foram grandes ou honrados ou criminosos? O acto da sua vida cumpriu-se, a sua acção esgotou-se. É só memória dessa acção sem nada a que se atribua. Quem eles? Quem?

Ah, a absurda estupidez dizermos de alguém: “foi”. Porque esse alguém não é nada! Esse alguém não suporta que lhe atribuamos seja o que for, porque não há “alguém”. Como dizer dele “foi”? Ele quem? Não era bela fulana nem torpe fulano, porque o que sustentava tudo isso não é nada. Quem morreu nunca existiu! Que diferença há entre quem existiu e não existiu? Porque, na realidade, não existiram, tudo o que penso deles não se refere a ninguém, porque de nenhum sei que existiu, a ninguém posso atribuir este pensamento, este sentir. Imagino-os, a esses que foram, tal como imagino aqueles que hão-de nascer daqui a cem anos - e esses sei de certeza que não são nada. Quem é o teu tio? De quem estás falando

62

quando dizes “foi”? De que estamos conversando? É uma conversa de doidos. Porque não estamos calados?

Embaraçado, Emílio tentou ainda interromper-me. Depois abandonou-me, olhando-me apenas com espanto. E eu calei-me enfim, esgotei o copo de vinho branco e fiquei-me debruçado sobre a mesa e sobre mim... E quando finalmente houve um intervalo para as palavras

- Que é que tu pretendes? - perguntou-me, na sua voz travada - porque falava assim em descargas súbitas, com espaços de silêncio, como se gaguejasse um pouco.

E foi então a vez de eu o fitar na sua face magra, azulada em aço da barba dura e polida, no seu bigode retinto, nas duas entradas frontais que lhe davam um ar altaneiro.

- Que pretendes tu?

Irritava-me a pergunta, confundia-me e eu não soube responder. Porque à minha vida, como fazer-lhe perguntas? Ela é só uma interrogação - pergunta de nada, névoa que se não esclarece, suspensão difusa pelo alarme de tudo. Não tenho talvez uma questão a resolver: sou uma questão. Quero o impossível - sim, eu o sei. Mas só o impossível é que vale a pena...

- A vida é de mais para mim - disse eu mais claramente. - Reparti-la com alguém, ser participante dela para o passado e para o futuro. Mas o que nos é fundamental ninguém mais o saberá. Ninguém pode sentir por nós nem sequer uma dor de dentes. Se outro a sofre, é a dele. Só nós à nossa face. E para sempre.

63

Emílio bebeu também o seu copo de vinho branco, disse por fim:

- Hás-de ir um dia ao Sanatório. Ou pergunta à Alda. Um doente sabe que os outros existem.

Mas quando dissera eu que os outros não existiam?

- Um doente sabe que se pode não estar só. Assim eles suplicam...

- Suplicam como? Coitados... É a sua forma de sonharem o impossível.

Tal como eu. Somente eu sonhava sem ilusões, pela invencível necessidade de ir além de todos os limites, de atingir o máximo para lá de todos os máximos - de querer mais, mesmo depois de tudo.

Repentinamente, porém, um alarido mulheril, entrecortado de uma voz grossa, encheu toda a furna lá em baixo. Emílio decifrou decerto a desordem, porque deu um berro risonho para a escada, para longe:

- Jeremias! Tem juízo!

O vozeirão suspendeu-se, ouvia-se agora apenas o choro recolhido de uma mulher. Mas



logo a seguir a escada de madeira tremeu, às patadas, e um homem grande surgiu à entrada da porta:

- Então está aqui, senhor doutor?
- Tem juízo. Já tens idade para isso.

Era um tipo estranho. Digo bem “um tipo”. Olho um homem, uma mulher, e nem sempre me é possível tentar sequer abordar-lhe a pessoa por dentro. Porque há indivíduos que irresistivelmente reduzimos a “objectos”. São os indivíduos “característicos”, com tiques, com uma aparência de traços

64

nítidos. Compreendo a tentação da caricatura: a um olhar sem mistério, os homens são a caricatura do homem. Por isso o romance tem ignorado a outra zona. Ah, escrever um romance que se gerasse nesse ar rarefeito de nós próprios, no alarme da nossa própria pessoa, na zona incrível do sobressalto! Atingir não bem o que se é “por dentro”, a “psicologia”, o modo íntimo de se ser, mas a outra parte, a que está antes dessa, a pessoa viva, a pessoa absoluta. Um romance que ainda não há... Porque há só ainda romances de coisas- coisas vistas por fora ou coisas vistas por dentro. Um romance que se fixasse nessa iluminação viva de nós, nessa dimensão ofuscante do halo divino de nós...

Jeremias chegou à porta e abriu os largos braços explicativos por entre os folhos do capote alentejano. Um “tipo”. Tinha a máscara de Jeová - barbas brancas, cabelos de tempestade. Na sua voz irradiante, começou logo a contar uma complicada história familiar, atravessada de “traições”, de “direitos”, de “deveres”. De vez em quando avançava para nós. Com as imensas asas abertas, tentava anular-nos e à nossa possível réplica, dentro da sua onnipotência. Eu sentia-me impressionado, vagamente receoso de um excesso. Mas Emílio, habituado ao homem, conhecendo-lhe as margens daquela grandiosidade, seguro decerto do anedótico de tudo aquilo, fumava tranquilamente. Interpelou mesmo o homem para lhe pedir um cinzeiro, que ele, sem se interromper, procurou numa mesa ao lado.

- Tem a mania que a mulher o atraíçoa - explicou Emílio para mim.

65

- Mania! Pois se tenho a certeza, senhor doutor. E com quem, meu irmão? Com um magarefe que lhe vende carne podre no talho...

- Nessas mãos só tens calos de lhe bateres. E ouve uma coisa: por que diabo lhe bates tu? Explica aqui a este meu amigo.

- Sou um homem ofendido, senhor doutor.

- Ofendido! Bates-lhe por tudo e por nada. Precisas é só de um pretexto. Bates porque gostas. Explica porque gostas de malhar.

Então o homem abateu sobre uma cadeira o grande capote alentejano amontoado de pregas aos lados. Abriu os braços, declarou pesadamente:

- Sente-se um homem só, senhor doutor, meu irmão. Sente-se um homem para aqui muito só.

- Bom. E daí? Arreias na mulher, ficas mais acompanhado.

- Ela é uma infeliz, o senhor doutor tem razão. Ela é uma mulher doente.

Emílio olhava pela janela, batia distraído a cinza do cigarro:

- Tu queres lá agora saber se ela é doente. Arreias à mesma. Precisavas era de outro mês na cadeia.

- Pois é, senhor doutor, meu irmão. Bato-lhe à mesma. Bato na mulher, bato na criança, bato no cão.

- És um doido. Sentes-te só e bates. Quem bate afugenta.

Mas aqui o homem ergue-se de um salto, fitou-nos com surpresa e alarme, e eu receei

outra vez uma violência:

- Isso é que não, senhor doutor! Voltamos à conversa do costume. Então um filho é nosso se  
66

a gente lhe não bater? Uma mulher é nossa se não lhe arreamos? Um cão é nosso? Se não lhe batemos, são de quem eles querem.

Sentou-se de novo, abatido em meditação:

- Somos para aqui uma coisa morta, ficamos para aqui sozinhos. E Penalva é triste, oh, Penalva é uma terra triste.

E calou-se, subjugado pela tristeza que dizia. De súbito, porém, veio de baixo uma voz arisca, independente:

- Jeremias! Vem aqui atender este senhor!

- Vê? O senhor doutor julga que ela ficou arrasada? Se ela pudesse, coitada, também me arreava a mim. Ela sente-se também muito só...

Erguemo-nos por fim. Veio a miúda das tranças, risonha, tolerante, para fazer as contas. Fora, a noite resplandecia serenamente, pontuada de estrelas, como de flores de um ramo invisível. Não há vento, Penalva imobiliza-se desde toda a eternidade, o ar é leve como um êxtase.

## VIII

Mas como era ainda cedo para ir a casa de Aida, resolvemos “fazer horas” - e tomámos o carro não sabíamos para onde. Contornámos o jardim que fica em frente do quartel, metemos por uma pequena rua que vem dar a um largo palidamente iluminado por candeeiros vagabundos e onde alastra o soturno edifício da cadeia - da cadeia! Relembro-o! Toco no braço de Emílio, ele pára um pouco. Relembro-o nesta massa informe de tempo sobre mim, nesta muralha de silêncio, neste terror imóvel que se afunda por si adentro. A face da cadeia tem um ar cerrado de dentes na mole negra de granito travada toda de ferros.

- O Jeremias passou cá um mês. Meteu-se para aí com um estupor e, é claro, bateu-lhe.

Mas não a matou - não a matei! - ele queria só estar com ela, companheira da sua solidão

- que coisa estranha! - comunicar, ter alguém ao nosso lado, mas eu queria repelir-te como se repele um objecto, porque tu eras já talvez como um

69

objecto, e todavia... Acaso a morte é a comunhão mais perfeita? Porque tu obcecas-me nesta noite interminável e estás aqui sempre, e sei lá se escrevo para tentar ainda repelir-te. Mas não te matei, nem então, nem antes - mas de quando estou falando? Espero-te no terraço - a realidade sou eu aqui ou eu lá? - há um vaso de flores, Aida gosta de o virar para a lua, na realidade só uma vez o fez. Espero-te no jardim da minha casa de aldeia, ao pé da ponte e da farmácia - não: o farmacêutico morreu, mas eu sei, mãe morta, espectro entre espectros nesta cela de renúncia, eu sei o que se contava, bom Ernestinho, com um dente de ouro inverosímil... Sinto no bolso do casaco uma pistola nova, realmente um belo objecto, chato, plasmado, manuseável, funcional. Estou longe, na minha casa de aldeia, Aida vai entrar, ouço-a abrir a porta do jardim. Uma pistola é um objecto tranquilizador, muita gente o há-de ter dito, muita gente o há-de ter já pensado. Porque não somos nós que matamos com ela: é ela só que mata. Passamos-lhe uma procuração quando damos ao gatilho. Mas eu de que falo? Que conto? Pensas, relembras. A tua memória passa através dos factos como de uma fila de vidraças, ou de estações, ou de folhas de álbum. As vezes, porém, paras numa, e é como se toda a vida se fixasse aí. E giras em torno, numa obsessão. Somente às vezes também, em vez de te

fixares realmente, quando menos o julgas estás parado noutra folha, noutra janela, noutra paisagem. Aida abre a porta do jardim, é a minha casa de aldeia, numa tarde de Maio. Não: Aida, possivelmente não me fizera nada. Simplesmente - gastou-se-me.

70

Do largo da cadeia - Emílio acendeu um cigarro: “podemos seguir?” - vamos à rua do Marquês, subimos à da Misericórdia, do Comércio, saímos à praça, em cujo topo oscila em sombra a velha Sé. Subimos ainda a rua do Castelo, descemos uma rua íngreme que acaba, ao pé do Sanatório.

- Quando te casas? - pergunta Emílio. Pela estrada do Sanatório, que lhe fica à direita num bosque de grandes árvores. Paramos ao fundo e aí ficamos algum tempo, olhando ao longe, perdidos de horizontes.

- Porque perguntas quando me caso? - disse eu.

- Eu não sei bem o que pretendes - disse Emílio. - É sempre difícil entendermos o que não somos, não é assim que tu dizes? Bom. Mas se alguma coisa entendo, o que tu queres não é a resolução dos problemas; o que te seduz é que eles se não resolvam.

- Só os problemas insolúveis é que nos importam. Mas eles só são insolúveis para as nossas mãos. Resolvem-se sempre, mas onde não sabemos. Um dia damos conta e já não são problemas.

- Pois, pois. Tu dizes: há uma zona em nós inacessível. Aí o homem está só. Nenhum diálogo o atinge. Para salvar isso, para que isso se justifique, tem de haver alguém acima desse diálogo. Mas chegado aqui, tu paras. Tens o nome debaixo da língua para esse alguém. Um alguém que unifique todos os diálogos possíveis. Porque não és corajoso? Diz o nome e não há mais problemas.

Não acabará pois a obsessão do divino? Tanto rio desaguando no mesmo mar. Tanto problema

71

levando à mesma solução. Mas eu quero que os rios se resolvam uns nos outros, que o mundo seja nosso, que a terra seja do homem. A palavra que nos queima a boca é uma palavra humana. As questões dos homens resolvem-se entre homens.

Emílio põe o motor a trabalhar. Cortamos a direito pelas ruas principais, descemos uma pequena rampa antes da rua do Comércio, até perto da casa de Aida. O carro fica ao pé da fonte que está em baixo, junto à dupla escadaria que tem em cima dois florões de granito.

A casa pega com um arco da antiga muralha da cidade - arco duplo, com uma face em redondo e outra em quebrado gótico: a ogiva é que dá para a casa de Aida. É uma casa velha, negra, queimada dos invernos. Uma escadaria exterior sobe até debaixo de um alpendre que duas colunas sustentam. Traços brancos esquadriam as lajes das paredes. Uma janela encolhe-se a um canto, muda, de olhos longos de velhice. E ao alto, a toda a roda, ressoando vagamente - o vazio do céu. Emílio subia já a escadaria, eu quedei-me ainda um instante, como se esperasse uma palavra vinda do ar, do halo à volta...

Mas o que vem apenas e me desperta é uma pancada na porta: Emílio atira a aldraba contra o silêncio da casa. E pouco depois uma lâmpada acende-se no patamar, o portão roda em ferragens. Aida aparece instantânea, numa divinização de luz. Vou para ela, tenso e afogueado. E de súbito reparo que ela não está nos seus olhos. Quem está nos olhos é Aida. Emílio o soube logo, decerto, mais cedo do que eu, porque lhe sorriu todo também no olhar.

72

- Boa noite, Adalberto. Entrem.

Era um salão quase vazio com um canapé e cadeiras de palhinha. Havia uma pequena

mesa ao centro e suspensos absurdamente de uma parede, um rosário enorme, de bagas grossas, e três guiadores de bicicleta. Alda foi-nos conduzindo por um corredor estreito, de taipais, até a uma salinha que ficava ao fundo, com uma janela de portadas abertas e por onde se divisava a escuridão de um quintal. Na sala estava apenas uma senhora magra, sentada numa cadeira de baloiço, mãos dadas no regaço, um sorriso emparvecido na face. Alda apresentou-me, porque eu não conhecia D. Aura sequer de vista. No tempo frio nunca saía à rua, Aida mo dissera. Vivia ali com os pés numa botija ou à braseira - que lá estava, grande, coagulada de carvões acesos. Emílio todavia perguntou-lhe logo pela saúde. A senhora disse que ia bem - e riu. Falava sempre a rir, num riso estríduo, granuloso, como um cacarejo. Nunca mais eu esqueceria aquele riso. Ouço-o ainda agora, ouço-o, confrange-me como uma troça de louco, arrepiava-me, cresce-me nestas paredes de fortaleza, tilinta no ar - lembro-me. Há um cemitério marinho entre as muralhas de um castelo, no alto de um monte, em baixo a massa azul do mar, um sol bonito de alegria, três caixões entram em fila, tinham morrido num... O dia estava calmo, quem poderia supor? Era um barco de passeio, balançou-se ainda às vagas, uma vaga maior varreu-os todos para o mar. Os cadáveres apareceram nessa mesma tarde - ou no dia

73

seguinte? E tu vieste nadando, eu aguardava na praia. E chegaste com o ar miserável de todos os naufragos e caíste-me aos pés e disseste: “Adalberto, você...”. Três caixões em fila, era um cemitério marinho, aéreo e irreal, com um aceno a distância vindo na brisa do mar. Então, aquele riso, um riso granizado, salpicado de alfinetes, crescendo, estalando, vibrando no ar entre o aroma marítimo que passava, riso anónimo que não era dela, porque o caixão estava aberto... O padre espargia-lhe o rosto onde eu procurava ainda o seu riso agressivo de tolinha.

Alda abeira-se de mim, fala-me baixo:

- A Aida vem já. Teve ainda de sair. Coisas de casa.

Sentado à braseira, perguntei se podia fumar, D. Aura consentiu com o seu riso saltitado, que me pareceu agora amável.

- Mas sabe, senhor doutor, a pontada às vezes, ih! ih!

- Não tem importância - dizia Emílio, profissional. - Um golpe de frio...

- Ou um mau jeito ou um pouco de reumatismo - disse Alda.

Emílio admitiu o reumatismo - e tu entraste, céus, tão bela! A face rosada do frio, uma face de vida e alegria entre as lãs dos agasalhos. Tirou as luvas, veio apertar-nos as mãos, tinhas a tua gelada, e eu segurei-a na minha um momento. Foi ainda junto da mãe dizer qualquer coisa a meia voz. D. Aura ergueu para ela os olhos ingénuos. Reparei então melhor na velha senhora. Xaile pelas costas,

74

pantufas, uma saia que me pareceu excessivamente comprida e uma camisola preta abotoada até ao pescoço. Mas o que sobretudo me impressionava era o cabelo - um cabelo muito certo, muito frisado, dividido ao meio, e de um castanho extraordinariamente nítido. Como Faustino me dissera, parecia-se espantosamente com Aida e Alda, excepto no cabelo. Mas os traços organizavam-se de um modo inesperado, formavam um todo inquietante, sem qualquer semelhança com elas. Aida veio enfim sentar-se-me ao pé. Trazia um vestido de lã grossa que lhe avolumava as formas. Um cálido vapor desprendia-se dela, da sua intimidade, uma alvura macia arredondava-se à memória das minhas mãos, ao sabor da minha boca. Ela adivinhara o ataque da sua presença à estrutura dos meus nervos. E então banhou-me todo do seu olhar, terna, tolerante, compassiva. Alda falava com Emílio, D. Aura, sorrindo vagamente, entretinha-se alheada a torcer as franjas do xaile. Eu via Alda e pensava: “Tu não és bela. E não tens

profundeza, estás toda à superfície”. Porque nada para ela arrancava em mim desde as raízes; e as minhas vísceras, o poço do meu abismo desconheciam-no. Ela existia-me inteira aos meus pobres gestos mecânicos, às palavras de sentido exacto, recortado em cada sílaba... Mas em dada altura reparei que Emilio nos fitava. Alda falava-lhe, ele mal a ouvia. Até que cruzou os olhos com os meus e os desviou bruscamente, voltando-se para Alda, falando-lhe, sorrindo-lhe.

- Aida - disse eu bruscamente -, conheces o Jeremias?

- Alda falou-me. O Emilio contou-lhe.

75

- Conheci-o hoje.

- Sim.

- Sabes que ele bate na mulher?

Ela sorriu para lá do que eu dizia, e tomou a minha mão e apertou-a em silêncio. E nesse silêncio absoluto uma onda de alegria embateu-me na vida toda, como se a paz me visitasse e ficasse para sempre. E eu pensava então que o máximo de felicidade estaria ainda e sempre em aceitar. Mas quantos se resignam a cerrar os olhos e os ouvidos? O apelo do absoluto é-lhes invencível como estar vivendo. “Porque teimas em subir o Himalaia?” - perguntaram um dia a um alpinista. “Porque o Himalaia está ali...”

- Fala um pouco com a mãe - disse-me Aida ou quem por ti?

agora que te lembro e não és tu, e és talvez só a imagem feliz que procuro - tu, perfeita de juventude, de fertilidade, no teu sorriso imóvel, na tua frescura tenra. Porque nem sempre te vejo assim e o teu olhar é então sério, silencioso, como uma ira antiquíssima.

- Como se vai dando a senhora Dona Aura com este frio?

E ela disse uma qualquer coisa de tolinha:

- Se me dou mal com o frio, é que a culpa é minha, ih! ih!

Passo-me para ela, para o seu ar composto, para o seu todo regrado de busto direito, mãos quietas, cabelo perfeitamente arrumado, olhos pequeninos. Mas dentro dela não há compostura, olhos pequenos. Que te é o mundo, velha estranha?

- O Adalberto agora fica para sempre?

76

Vozinha fina como uma pena no ar. Eu disse:

- Possivelmente para sempre.

- Morre-se bem aqui.

Louca? Há um cume de duas vertentes - a do homem comum e a do louco. É donde se vê bem a vida...

Subitamente, passos grossos atroam o corredor, e um homem brusco apareceu no esquadriado da porta. Era quase calvo, tinha uma cor esverdinhada de azeite rançoso e estalava todo, compacto de força. Estava de perfil para mim, voltava-me a face esquerda. E uma voz absurda, rascante, ressoou não sei donde:

- Boa noite!

Fiquei parvo, arrepiado, olhei aos lados, de olhar inquieto: donde vinha aquela voz? Devo ter manifestado a minha perturbação, porque houve um instante de silêncio em que me agrediram os olhares de todos. Mas é que aquela voz não exprimia um ser humano e não vinha donde a gente a esperasse. Era uma voz lateral ou subterrânea, tinha um toque estrangulado como de um coaxar de rã. Voz rouca, de um bicho grosseiro, feita de lata e de ferrugem. Mas a voz raspada de novo se fez ouvir:

- Desculpe. Não me apresentei: João Martins de Sousa.

Era comigo. Mas soube-o apenas porque o homem me estendia a mão. A voz, porém, não vinha dele, como se fosse a de um ventríloquo: vinha de trás, do chão, de um animal oculto e já podre.

- Adalberto Nogueira.  
- Já o conhecia. Já o tinha visto.  
77

Só agora reparei bem: quando falava, o homem encostava à garganta um tubo parecido com o das lâmpadas de algibeira. E então lembrei-me: Aida contara-me realmente que o pai fora operado à garganta, suponho que à laringe. Voltou-se para a filha:

- Aida. Esse chá. Tenho agora uma reunião. Que extraordinária surpresa, a de um homem descolado da sua voz. Os gestos da mão livre, a mímica do rosto eram dele; mas a voz vinha de fora, e eu tentava ajustar-lha, sem todavia o conseguir. Então Emílio, por deferência, perguntou:

- Reunião política? Do seu partido?

- Há outro partido? Conhece acaso outro partido? - disse logo o senhor Sousa inflamado. E imediatamente começou a fazer a apologia do seu partido, o "único", a dizer dos outros que eram apenas "quadrilhas". Mas o que era estranho é que o ardor do homem se não comunicava às palavras. Porque a voz continuava neutra, emperrada, quase uniforme, mantinha o tom rascante de uma voz de batráquio ou de um velho relógio.

Mas Aida vinha aí, seguida duma criadita, armar a mesa para o chá. Brevemente interrompido, Sousa recomeçou.

Todavia a voz do homem como que troçava dele, porque ficava ainda para trás da sua inflamação, continuando neutra, velha, sem préstimo. Mas a certa altura deu-se um incidente inesperado. Em plena inflamação, numa manobra precipitada, escorregou-lhe da mão o aparelho, que ficou suspenso de um cordão preto. Os lábios, porém, continuaram a mover-se convulsionados, mas o som que vinha deles era um som confuso, quase só como a respiração de 78

Um afogado. Olhei o homem, aterrado, como a um bicho monstruoso. Aida empalidecera. Mas o senhor Sousa apanhou de novo o aparelho e continuou a grasnar. Eu, porém, já não o entendi. Uma vozinha flutuou então por sobre o nosso silêncio:

- Quando foi da República, ih, ih, o meu pai dizia que o bacalhau havia de ser quase de graça...

- Senhora Dona Aura, o bacalhau não foi quase de graça, mas muita coisa se ganhou - disse Emílio.

O senhor Sousa ergueu a mão esquerda. Eu parei de mastigar.

- Houve entre eles gente honesta - disse ele.

Mas não se exaltou. Monárquicos e republicanos confundiam-se-lhe no passado. Dir-se-ia mesmo detestar menos os reis e a fidalguia do que os tontos "utopistas" de agora. Emílio ponderou que decerto mais forte que a vontade dos partidos era a vontade do homem. Um homem não cabia num partido.

- Mas inventa-os e submete-se-lhes - disse alguém. - Como as crianças, pinta a máscara e tem-lhe medo. Porquê?

- Um terror apazigua - disse-me Aida. - Não é por isso que o inventamos? Que os inventas tu?

- É claro - disse Emílio -, um homem é maior do que uma doutrina. O desastre vem de querermos metê-lo todo dentro dela.

Porque uma grandeza não precisava de um partido, de uma moldura, para se pôr na parede e ver se ficava bem. Era fácil, no entanto, ver que doutrina falava ao futuro e que doutrina falava ao que morreria.

O senhor Sousa então pôs o aparelho, admitindo que a observação era "honestá". Simplesmente, havia

79

doutrinas e doutrinas. Na sua cabia tudo. Excepto o banditismo, a pulhice, a traição. Sousa tomava o chá com o aparelho pousado na mesa. Ergueu-o precipitadamente, fitou-me de olho sanguinolento:

- Não lhe parece, senhor Adalberto?

Falava à minha pessoa formal, "senhor Adalberto". Mas eu não o entendia. Procurava nele a pessoa a quem respondesse e não a achava.

- Não lhe parece, senhor Adalberto? Falei para o ar, para ninguém:

- Talvez. Mas que é um crime? Precipitadamente, o senhor Sousa pôs o tubo na garganta, falou na sua voz estrangulada:

- Um crime? Não sabe então o que é um crime? Um crime é tudo o que merece um tiro. O homem, porém, olhava o relógio, erguia-se à pressa:

- Desculpem. Tenho uma reunião. Boa noite. A reunião era, creio, no meu prédio. Eram lá, suponho, todas as reuniões - as do Sousa e dos adversários. Deviam sentir-se lá bem, era um prédio lúcido e frio. Reuniam-se em assembleia no grande salão de festas ou em casa deste e daquele.

A sala regressou a uma harmonia nova. Era uma harmonia de presenças, confrontadas na voz e no olhar. A própria D. Aura participava disso. O ar equívoco de tolinha não destoava totalmente, era uma espécie de margem de nós próprios. Tinha um vago de neblina à nossa volta, sabia-se que estava ali, mas esquecia-se.

- Você não foi do partido do pai? - perguntou-me Alda por fim.

80

Chegou portanto a hora do julgamento. Mas imprevistamente Aida cruzou a pergunta da irmã:

- Você não foi também, Emílio? Ele sorriu, de olhos baixos:

- Eu nunca fui nada...

- Oh, é a maneira cómoda de ser tudo - disse Alda.

- Tudo, não - e enrubesceu.

Bom. Tinha pois de esclarecer. Ele via as limitações das doutrinas, por mais sedutoras que fossem - não a verdade absoluta de nenhuma delas. Em todo o caso: não sabíamos porventura para onde se inclinava? Não era um céptico - era talvez só sensato.

- Mas porque mudou você? - teimou Alda para mim.

E eu, que tantas vezes mo perguntara, não sabia responder. Era mesmo com raiva que desejava sabê-lo.

E eis pois que é necessária aqui uma longa explicação. Em política os homens repartem-se por uma esquerda, por uma direita e por um centro. Afora os que estão de fora. Aliás, os que estão de fora têm uma função importantíssima - constituem as massas da facção no Poder. Cada sector, porém, de esquerda, direita e centro subdivide-se ainda noutros tantos sectores, porque o homem é difícil e a vida ainda mais. Assim uma direita tem a sua direita, a sua esquerda e o seu centro; e a esquerda e o centro também. Deve haver ainda outras subdivisões, mas a minha vista já não é boa. O lugar de cada um destes sectores foi variando com o tempo, porque o homem sonha muito ou a vida por ele. Houve mesmo tempos em que não houve sector

81

nenhum, que era quando se não sonhava nada. Mas é-se de um sector ou outro sem se saber bem porquê. Ou antes: sabe-se porquê, mas não se sabe porque é que esse "porquê" é de facto um "porquê". Eu, por exemplo, fui da direita para a esquerda, e agora sou do centro, se sou de alguma coisa. Sei muito bem porque mudei, mas não sei porque é que a razão de mudar foi realmente uma razão. Porque para outros não foi e por isso não mudaram. Uma razão é uma razão quando se sente que o é. Mas não se sabe porque se sente. Aliás, a distinção de uma direita e esquerda é em muitos casos difícil.

Por exemplo, na defesa da ordem ou da liberdade. Também tenho ideias sobre a questão, mas são muito obscuras. Na realidade não as entendo. Esquerdas e direitas querem ordem. Mas para se defender a ordem, tem de haver desordem, porque não tem sentido que se apregoe a necessidade de uma coisa que já há. E então promovem a desordem para promoverem a ordem. Fomentam a revolta para que não haja mais razões de revolta. Isto é confuso, mas as razões humanas nunca são claras. Se se quiser esclarecer, por exemplo, o que pensam uns e outros da hierarquia, da Arte, de mil outras questões, ver-se-á que uns e outros divergem totalmente e são totalmente iguais. Divergem tanto, que se guerreiam de morte e são tão parecidos que se não distinguem. Assim, uns são pela hierarquia, embora a digam organizada em função dos mais aptos; os outros odeiam a hierarquia, embora julguem absurdo não aproveitar os mais aptos que devem ser justamente distinguidos por isso, para haver sempre mais aptos. Quanto à Arte, uns defendem a liberdade artística, combatendo

82

portanto os que atacam essa liberdade; os outros atacam esse ataque, defendendo portanto a liberdade artística, impedindo portanto a liberdade de atacar a liberdade que defendem.

Mas justamente o problema da liberdade foi o que sempre mais me preocupou. Tento pôr ordem nas minhas ideias, mas não é fácil. Fui da esquerda e mesmo da sua direita (porque a direita da esquerda é a mais esquerda, como a direita da direita, a mais direita). Fui-o porque ela era a favor da liberdade humana e se parecia que era contra a liberdade humana, era só por defender a liberdade humana. Hoje sou contra a defesa da liberdade humana, porque sou a favor da liberdade humana. Esquerdas e direitas dizem-me que se eu sou contra a defesa da liberdade humana, por ser a favor da liberdade humana, sou realmente contra a liberdade humana e estou por isso fazendo o jogo de uns ou de outros, consoante aqueles que me acusam. Ah, por favor, não me peçam explicações - sou homem, não sou político. Defendo a liberdade porque sou pela liberdade e por isso não devo defender a liberdade, porque para defender a liberdade teria de atacar a liberdade, o que me obrigaria então a defendê-la por ser a favor dela - merda! Sou pela liberdade, sou contra a opressão, e isto é simples, é humano, é evidente - disse! E não me chateiem mais.

- Mas porque mudou você? - teimou Alda para mim.

Sei lá porque mudei. Há um instante em que se vê que a verdade é "isto" e o erro é "aquilo". Não há "razões" - as razões alimentam-se-nos no

83

sangue, que é onde estão as verdades. E tanto mais categóricas quanto menos demonstráveis.

As verdades mais importantes para a vida são as mais evidentes e as menos "necessárias", Alda. Quer dizer: as que não têm justificação. As verdades absolutas não têm razões nenhuma:

- Como quer você que eu explique?

E não adianta nada sorris, amiga. Que fazer? Sinto a perfeição do que digo, na eternidade desta noite. Dois e dois são quatro e a recta é a mais curta distância entre dois pontos. Mas que dois e dois sejam cinco - e eu não perderei o sono. Nem uma fibra em mim estremece. Mas que tu me digas que Deus existe ou não existe, que este partido é a justiça ou o crime, que esta mulher é ou não a mais bela mulher do mundo - e todo eu estremecerei até às raízes da vida. Porque a verdade ou o erro disso é radical, indiscutível. Saberás tu que uma recta é uma curva, que os três ângulos internos de um triângulo não somam dois rectos, que a geometria é uma convenção? Durmo perfeitamente descansado. Mas tenho insónias, amiga, se as outras verdades, que são



eu, forem postas em causa. Quem nos cria essa verdade? Que a define? A verdade é amor...

- ... a verdade é amor, Alda. Aparece e desaparece, quando? como? Não sei.

É-nos dona das vísceras, dos ossos, do sangue. Mas o sangue altera-se, os ossos transformam-se. A verdade cresce, vive e morre. Dói-me muito que ela não dure. Dói-me saber que ela não dura. O partido do teu pai foi-me uma evidência - porque me deixou de sê-lo? Tenho muitas razões para isso, mas não tenho nenhuma.

84

- Quando se casa?

Quem falou? Há um silêncio de olhares cruzados e inquietos. Pelos vidros da janela o clarão da lâmpada ilumina palidamente o quintal. Adiantado à luz, um talo de couve abre-se perto da vidraça. Fito-o a olhos tristes de inverno.

- E não pensa ter filhos?

- Ó mãe, que pergunta - disse Aida. - Pois já se vê que havemos de ter filhos, muitos filhos...

D. Aura, alheada, torcia interminavelmente as franjas do xaile. Alda então propôs um jogo de cartas. E jogou-se o King. D. Aura assistia à manobra das cartas, à disposição dos jogadores, com o seu eterno olhar distante e risonho. A certa altura, porém, Alda levantou um problema de “batota” com a irmã. Duvidava das cartas expostas no seu monte de vazas ou de quaisquer outras que já não recordo. E quis ver. Aida arrebatou as cartas, recusando-se a isso. Emílio garantia que houvera “trafulhice”, para acirrar. Alda ergueu-se, Aida fugiu-lhe, e gerou-se entre as duas uma pugna já a sério, com correrias à volta da mesa, incitamentos de Emílio, risos idiotas da mãe. E eis que a certa altura as duas irmãs se encontraram com D. Aura entre ambas, utilizada a boa velha como defesa mútua. Então Alda atirou precipitadamente a mão às cartas de Aida, a mão raspou com violência na cabeça de D. Aura, que possivelmente se moveu - e foi uma surpresa absurda em todos nós, que ficámos imobilizados, em silêncio, como num instantâneo fotográfico: com o golpe, Alda arrastara a cabeleira da mãe, que era postiça, e D. Aura, sem se mover, com o seu sorriso indiferente, apareceu- nos de súbito, ali diante de todos, transfigurada na

85

sua cabeça pequenina e redonda, toda calva, arre-piante, batida da luz pálida da lâmpada, investida da qualidade de tolinha que eu pouco a pouco fora esquecendo nela.

Separo-me de Emílio logo à porta, ouço o carro arrancar pela rampa, vou sozinho pela rua do Inverno. Não me apetece dormir, apetece-me andar. Cidade deserta. Cidade morta. Na solidão súbita em redor, gravado de silêncio, eis que se me levanta o que os dias submergiram. É a hora do aviso, dos sinais obscuros de mim. Ouço-os. Vou pela rua estreita, traçada em curva lenta, os meus passos ecoam em vozes adormecidas. Portas fechadas, casas recolhidas, longas fileiras de janelas cegas. Rodo com a curva, um gato salta-me dos pés, deixa atrás de si um rasto de suspeita. Olho ao alto entre os telhados o corredor de estrelas, vou por ele até ao aceno que está mais longe. Que se disse ao serão? Quem estava lá? Quem era? Ah, que a morte te abra a grandeza da vida, ta ensine. Agora o penso ainda, agora o sinto, no pavor nocturno da cidade sideral. Sem a compressão diurna, eis que sobe em mim de novo esta... Como um grito de pânico. Como quem no deserto encontra um tesouro - dá-lo a alguém, transmiti-lo a alguém, urrar desde o ventre a sua justificação: do deserto ninguém responde. Para quê isto que me sufoca? Esta coisa excessiva, esta coisa? Entregaram- ma, achei-a aqui, tenho-a nas minhas mãos ardentes - a quem a dou? Quem ma recebe? Porque eu

86

sei que ninguém me deu e que a ninguém a posso dar. Mas ela está aqui, arre, nasceu comigo, é brutalmente prodigiosa e é absurdo que se desaproveite, que não tenha préstimo, que seja para deitar fora. E, todavia, para nada mais me nasceu. Vou pela rua Direita, há uma janela manuelina que me fita a olhos mortos desde há séculos. Ao cimo da praça a mole da Sé conglomera-se de negrume - quem vem comigo? Céu enorme, céu excessivo... Merda! Para que quero eu isto? Para que me nasceu isto?

Paro a meio da praça junto da estátua, olho ao lado a rua da Torre. Há uma voz que ali canta nas manhãs de sol, não sei de quem, agora a rua é plácida como a noite - para que quero eu isto? Jogo sozinho na noite longa. Quantos jogaram antes de mim? Revejo esta cidade há cem anos, há quinhentos. Imagino-a na sua vida estável de então, com sonhos, ódios, ambições. Quem os soube, os guardou, lhes deu uma justificação? Eis que chega a minha vez, e aqui estou aturdido de mim, sondando na noite o eco milenário da minha voz. E é como se eu fosse o último homem sobre a terra, fulminado da certeza de que ninguém mais me sobrevive. Porque cada homem é sempre o primeiro e o último. Ser vivo é saber-se vivo. Sei das palavras trocadas com quem tem palavras para trocar. Mas eu quero mais: a minha presença em alguém, a minha duração em alguém... Estamos todos cheios do nosso dom. Mas não se é rico numa ilha solitária. Eis que me cubro de esplendor e procuro um olhar que me crie na minha opulência, para que eu seja verdadeiramente opulento: o meu olhar esvazia-se pelas vagas de areia... Então olho-me na minha estúpida

87

grandeza, sinto-me coberto de escárnio. Porque uma sorte de miséria, um esgar de andrajos seria ainda uma homenagem à minha condição - a homenagem de quem risse ou de quem simplesmente olhasse com desprezo. Mas em mim não há miséria: a miséria é ser-me inútil a riqueza. Porque eu estou cheio, arre! estou cheio a transbordar do que me mora, céus, terra, gentes do passado e do futuro, arre! estou cheio para quê? para quê? Não me dêem as consolações da córnea estupidez, da confusão da loucura! Estou são! estou cheio de saúde! trampa para as consolações, sei-as todas de cor, ó políticos, ó Sousas dos "partidos", palhaços, humanistas, bonecos de pau, sei-as todas de cor. Mas o meu problema é outro, a minha procura é outra - e não me venhais vós, homens piedosos, com o vosso ídolo de caruncho, conheço-o, conheço-o, foi criado no terror e na abdicação, e eu não abduco e eu não tenho medo, estou aqui para aguentar tudo, e a minha inteligência é lúcida, é lúcida, é lúcida! Nem me digais outra vez "para que serve"? - sei lá, para que serve! - marimbando-me para a pergunta! Para que serve haver tantas estrelas, podendo haver só metade ou metade da metade? para que serve haver moscas? para que serve termos cinco dedos em cada pé? Há cinco dedos, há moscas, estrelas de sobra - há isso e acabou-se. Que eu marre contra o muro da minha prisão, bem sei que o não abalo, e todavia foi o que fiz, é o que fareis se estiverdes presos - bater murros inúteis contra as muralhas que vos cercam, murros inúteis que são úteis só porque tendes de os bater. Para os infernos todos vós que me massacrais com a vossa normalidade

88

estúpida, porque eu sou normal, mas não sou estúpido - está frio...

Está frio ou eu o sinto num arrepiamento profundo dos meus nervos, acolho-me instintivamente a um portal. Mas a minha testa arde, uma goma de suor escorre-me pelo pescoço. Saio do umbral, vou à doida pela cidade, apetece-me andar, apetece-me correr, canso-me, rebento de estafa nesta minha alucinação. Quem dobrou subitamente a esquina? Vejo um rumor de saias negras, ao alto uma pequenina cabeça calva, dobra furtiva a esquina, fica um rasto estrídulo de riso de vidro, ih! ih!, corro para lá, ao longe, noutra esquina, uma lâmpada pálida ilumina outra vez a cabecinha calva, o riso dobra a esquina, vou atrás da

minha troça, rua da Torre, da Misericórdia, rua do Marquês, a prisão, estrada do Sanatório, rampa para o Castelo, rua Direita, Praça, rua da Torre, rua do Inverno - onde estou? que digo? que se passou? Não foi então, foi depois, escrevo aos tropeções, é verdade isto? impõe-se-me brutalmente, não o pensei, não o premeditei, é verdade, é exacto porque o vejo - sento-me no portal da Sé. Apetece-me um cálice de rum, o Jeremias está fechado, deve ter fechado há muito. Ao lado o meu prédio sobe como um murro até aos céus. Acendo um cigarro, repouso profundamente. Um olhar de desgraça expande-se pelas estrelas longínquas, as raízes de mim irradiam até aos quatro cantos do universo, procurando-lhes o sangue, quedo-me suspenso, os ouvidos guincham-me de atenção - porque é impossível que não venha aquela palavra que espero, a palavra serena, húmida de ternura, verdadeira como a verdade da terra, a verdade de eu estar aqui, aquela palavra

89

que de ti esperei, Ernestinho, ou que eu quis reconhecer, em que eu quis acreditar, desde longe, desde um outrora sem tempo, e que não veio ou não ouvi ou me foi inverosímil como será sempre inverosímil nesta solidão absoluta, neste vazio de eternidade: meu filho...

IX

E desde então, entre mim e Aida recomeçou, mais intenso, uma espécie de jogo de compreensão, de aprofundamento do nosso encontro. Amava-te eu? - quantas vezes mo pergunto. Decerto amava-te, porque amar é reconhecer nos outros um ser misterioso, e não um objecto - tu eras uma vibração à tua volta, não a estreita presença de um corpo. Aqueles que não amamos nem odiamos são nítidos como uma pedra. Sentir neles uma pessoa é começar a amá-los ou a odiá-los. Só amamos ou odiamos quem é vivo para nós. ("Nunca amaste ninguém...") O meu dia começa com esperá-la à janela do meu sétimo andar. Ela irrompe na praça um pouco antes das nove, vem da rua Direita. Frágil e viva, olho-a na luminosidade breve do inverno. Vejo-a, minúscula, cruzar a praça, que do alto do prédio me parece mais vasta na sua superfície nua e limpa, com a Sé a um topo, ao meio a estátua, quase graciosa na sua brevidade, faces escuras de casas aos lados, a arcada ao fundo. Aida corta o largo em diagonal, vem na minha direcção. É belo vê-la brilhar ao sol, mas não me alegro com isso. Sei de

91

mais? - o meu amor não floresce em confiança que ignora. Rompe de mim como um arranque de vísceras - será isto amor? - e todavia confrange-me de ridículo dizer a palavra "amor". Olho Aida e fico triste. Cabelos em luz, a boina alegre ao alto, o casaco cintado, flectindo-a em vivacidade - que me é a tua graça a este apelo sangrento de uma velha condenação? Entra na livraria, já não a vejo. A praça ficou mais deserta com as suas casas taciturnas. Contorno toda a cidade a olhos errantes, sigo a linha das ruas até ao Cabo, até ao vasto espaço em redor, até ao horizonte distante que se apaga no céu. Na rua da Torre, em frente, velhas mulheres acendem braseiras, uma memória de inverno sobe com o seu fumo até aos beirais dos telhados.

Tomo o ascensor, desço ao rés-do-chão - trincos, niquelados, a lâmpada crua da cabina - paro ainda no terceiro andar: ao lado direito há caixotes com plantas, gosto às vezes de as ver, tínhamos uma no terraço, Aida uma noite voltou-a para a lua.

- Bom dia, Aida. Bom dia, Faustino.

É estranho que eu fale da livraria, da cidade, como de um mundo desabitado. Mas é na realidade assim que me aparece. E, todavia, a livraria enche-se muitas vezes - ao sábado, por exemplo. Tenho livros, papéis, brinquedos de criança. Aida fica ao meio,

entre as secções dos livros e brinquedos. Tem a caixa e a correspondência. Eu ajudo ao balcão, faço contas no gabinete interior, donde vejo Aida de lado, quase de costas, e um trecho da praça pela vidraça das montras. Faustino anda azedo, fala-me atravessado, entrouxa-se cada vez mais no seu corpo roliço. Sobretudo, quando Aida e eu, em dias de

92

pouco movimento, saímos para a cidade, para as estradas desertas, para a Mata, regressamos tarde. Eu submetia-me, aliás, e cada vez mais, à minha obsessão: ter e ser tido. Sentir-me na vida protegido por um olhar.

- A minha mãe gostou de ti. Mas o meu pai... - dissera-me Aida no dia seguinte ao do serão.

A minha próxima família. Mas a minha família és tu, se o fores - tu que eu estou vendo do fundo do meu gabinete, direita, grave, redigindo cartas na mesa ou olhando a praça deserta. Como é extraordinária a tua face! Um breve toque e brilhas de alegria. E com um breve nada ficas tão séria!

- Pensaste em mim ontem? Não, não: anteontem?

- Sim.

- Às sete horas da manhã, precisamente às sete horas da manhã?

- Sim. De manhã. Mas não sei se eram sete horas...

- Eu digo às sete. Tem de ser às sete!

- Pensei em ti quando acordei. Talvez fossem sete horas.

- E que pensaste? Que pensaste?

- Pensei em ti. Lembrei-me: "se ele aqui estivesse..."

- Mas não é isso, não é isso,

é pensar como eu em ti, sentindo o corpo a despertar lentamente, esforçando-me por descobrir o teu quarto, a tua irmã ao lado, a janela que dá para o quintal, a revelação do dia e da vida que recomeça. E é sentir que tu me sentes sentindo-te. É tão duro estar só...

93

- Faustino - disse eu - um dia você fica com a livraria. Um dia a gente vai-se embora.

- Os dois? Os dois?

Mas assim mesmo, com esse alarme, Faustino pareceu-me iluminar-se.

- Fico aqui sozinho, o senhor Adalberto sai, a menina Aida também...

Saíamos. Saíamos para a cidade, para a Mata, para o Castelo, ao apelo obscuro da nossa angústia, rodávamos em torno de nós, em torno da cidade como à roda dos muros de uma prisão. Não me perguntes o que quero de ti, oh, não perguntes, porque não sei. Às vezes, depois das horas do meu quarto, no silêncio final, quando havia ainda uma porta por abrir, quantas vezes eu te perguntava:

- Quem nos está fitando? perante quem somos? Tu à minha face, eu à tua: mas perante quem? Quem nos une?

Sabia bem que a comunhão perfeita era um mito da nossa pobre solidão. E que se ela se estendesse à humanidade, seria ainda uma solidão de biliões. Porque só se está unido perante o que nos transcende. Mas nada estava acima de nós...

- Eu digo "pão", "vinho", "amor", "trampa". Mas quem me diz: "está bem, eu ouvi. Dorme..."? Quem me diz?

Mas Aida tinha uma verdade fácil, nascida talvez da resignação:

- Amamo-nos. Que mais queremos para a vida? Passa um vento leve e branco pela pégula da

Mata, passa no vidro do lago que o sol de inverno não funde. Sentamo-nos a olhá-lo ou passeamos de mãos dadas pelas áleas silenciosas entre as longas

94

sombras dos pinheiros, ou subimos à Sé a ver o horizonte, que é mais vasto que o do meu prédio, porque é visto de mais longe, dos cinco séculos da Sé. Aida falava, e o que dizia vibrava em mim, no rumor afogado do meu silêncio, na fímbria aérea do silêncio em redor. Coisas do pai, da mãe, da livraria. Outras vezes falava-me do vento, de um raio súbito de sol coado pelos pinheiros ou de como vira de casa a nossa estrela.

- Dize - pedia-lhe eu,

porque a sua voz era a dádiva maior que tinha para me dar - frágil defesa contra um medo sem nome, contra o pavor de uma vida excessiva. Ressoam-nos òs passos na areia, as sombras coalham nos recantos húmidos. Vibra solitária, entre fetos e líquenes, alguma água de grutas, e para a copa alta dos pinheiros ecoa uma memória longínqua. Aperto na minha mão os dedos da mão de Aida, os nossos olhos sobem além da rama das árvores, levados no estranho impulso desta hora ascensional.

Até que de novo me assalta um atropelo de vísceras, um maligno estertor de condenado. E falo atabalhoadamente, falo para Aida, para o vento que passa, falo-lhe da sua beleza, da sua fascinação, do lugar oculto do nosso encontro impossível, mais longe que a sua carne, mais belo que a sua beleza. Não, não eram palavras de um cretino apaixonado, sei lá bem se eu estava apaixonado, eu que rejeito desde as tripas essa imbecilidade - era outra coisa, era a maravilha de eu descobrir um tu verdadeiro, era a descoberta de um acesso à plenitude, mas em ti não havia a plenitude senão na surdez que nos abatia como um murro, e eu queria a outra, a que

95

buscava depois e só achava não na alegria, mas apenas no eco da tua magoada resignação.

Então ergui-me e estendi-lhe a mão devagar, com um só dedo adiantado, como se lhe transmitisse a vida. E disse-lhe:

- Levanta-te!

E ela levantou-se trémula, cerrados ambos na nossa aflição. Levo Aida comigo, agora não penso em nada. Sinto apenas o aroma do seu corpo e um desejo violento de o destruir, de passar além... Assim, quando entramos no ascensor, enquanto vamos subindo, um em face do outro, comprometidos, inquietos da longa espera, os nossos olhos evitam-se, sangrentos de crime, de suplício ou banham-se mutuamente de amargura. A cabina desliza nas calhas de aço, os estalidos metálicos trituram-me os nervos, patamares sucessivos vão ficando para baixo, para a terra que abandonamos: nós sós com a nossa ascensão.

- Entra.

E ela entrou, deu um passo rápido para dentro, como se se pusesse a salvo de algum perigo. Conduzo-a em silêncio para o meu quarto, que ela conhece, mas para onde não vai logo, como se hesitasse ainda e esperasse de mim um último incitamento, um último gesto de naturalidade que tudo legalizasse. O vento sibila pelas frinchas, trago para o quarto todos os radiadores eléctricos, quero um ambiente de estufa, selado de intimidade: Aida sentara-se numa cadeira, ainda à espera, ainda. Ergo-a devagar, travado de dentes em todo o corpo. Ela protesta em voz baixa porque lhe tiro o casaco e o deito para o chão.

96

- Despojar-te. Despojarmo-nos,

e só o chão era lugar de um despojo. Tem os olhos cerrados de angústia. E os teus cabelos, Aida, e os meus dedos trémulos. Sigo neles as linhas da tua perfeição. E os teus olhos sempre sofreadores. Mas as tuas mãos - sinto-as - há também os despojos de mim, que violência a do bulício fino dos teus dedos, precisos, certos, nos gestos indistintos da alegria que se procura e do sacrifício que se procura. Mar de leite, o pescoço desce

numa vaga de alvura. Tu defendes ainda, num movimento rápido, a tua revelação, mas eis que surges enfim, liberta, subitamente orgulhosa de ti, da divindade do teu corpo. Ergo bruscamente os meus olhos para os teus: tu sorris...

... Não, não são os teus seios frescos e brancos, a alvura das tuas ancas de graça, a tontura do teu íntimo calor. É para além disso o que isso diviniza, é o teu deus, a tua chama oculta. Espírito indizível, forma vã do meu apelo vão. Grita comigo, o paraíso é longe, a paz é longe. Um choro derrancado escorre-me por dentro como um ranho, o silêncio submerge-nos por fim. Nada mais há agora do que olhar e ter pena...

X

E de facto, pela primeira vez, sinto que o Paraíso Perdido é verdade, não bem pela vergonha de dois corpos em miséria, mas pela piedade disso. O apelo à comunhão fala antes ou depois da violência. Porque na violência a comunhão é uma comunhão da morte. Quando tudo se esgotava, quando o cansaço alastrava sobre nós, era a altura de um sorriso se abrir, de renascermos através dele, de uma palavra nova se erguer por entre a nossa solidão. Mas pela primeira vez a palavra não vem.

- Nada dizes, já nada dizes. Cansaste-te. Aborreceste-te.

Possivelmente a nossa tentativa esgotava-se, possivelmente passaram-se largos meses até ao momento em que estou. Mas não me lembro. Porque uma vida mal chega para decidir de uma vida, e era da minha vida inteira que eu estava decidindo. Mas o cansaço aconteceu, um indizível desencanto. Aconteceu algures, num ponto do passado, agora à distância de todo esse passado. Há um instante na minha memória, em que todo o mistério de Aida se desvanece. Estremece de alvura todo o seu corpo

99

na sombra, mas é apenas um corpo. Instantâneo, limitado, avulso. Flagrantemente, não é o corpo de ninguém, é o corpo de uma coisa. Está ali, massa inerte, e eu nada tenho que lhe dizer. Há alguém lá dentro, mas não o reconheço, não vibra, não vem à superfície, não está ali comigo. Há alguém lá dentro, mas tão longe, tão a perder de vista, que quase a poderia matar em indiferença, como a um vulto distante e desconhecido.

- Nada dizes, já nada dizes...

Mas ela soergue-se e fala-me à boca. Fito-a intensamente até me doerem os olhos. E, pouco a pouco, de novo cresce até mim o raiado do seu olhar, ilumina-se na sombra a invisibilidade que está lá. É uma luz grande, estremece a toda a volta. Fito-a ainda, cego de abismo. Tenebrosa e lúcida, opaca como a luz de um sol, rígida de presença. Olho-a fascinado, olho-a sempre e uma interrogação velha sobe de novo no meu pavor:

- Quem és tu?

Devo ter gritado alto, porque eu próprio estremeço com se alguém tivesse falado por mim, o alguém mais fundo que eu, a divindade horrorosa que me habita. Devo ter gritado alto, porque Aida me apertou a mão violentamente, me gravou de desespero assassino com as suas unhas agudas até ao sangue da nossa angústia. E apavorada também ou surda de ódio talvez, perguntou-me devagar:

- Que queres tu de mim?

100

Eis que ouço de novo a tua pergunta, no meu tenebroso silêncio, e lhe não sei responder. Ardor do meu sangue condenado - para quê esta febre inútil, esta violência que me sufoca, apelo invencível de desastre e de morte? Tão difícil responder-te, tão estúpido explicar-te. E no entanto, vem o grito de horror da solidão, desde o fundo dos séculos, e o desespero vão de a vencer. Nações, povos, comunidades de raças, de culturas, de classes, e a família, e um partido político, e um grupo de futebol... Mas nós estamos sós.

Não bem no que dizemos e nós ouvimos, nem mesmo no que pensamos ou no que sentimos, porque o sabemos ou imaginamos ao sentir. Não nisso nem no mais que quiseses: tu pensando, sentindo, tu. E eu... Aqui à frente um do outro, o mistério de nós vem até à nossa superfície, mutuamente nos vendo, mas há este muro alto entre os dois. Se um Deus existisse - tu o dizes, mo lembras, Emílio o exige de mim. Jamais te saberia, ainda assim. Porque ninguém pode ser em vez de nós - nem Deus. E esse é o limite radical da nossa solidão. Ainda que fosse possível sabermos tudo de alguém e alguém tudo de nós, seria ainda impossível que nós fôssemos esse alguém e esse alguém nos fosse a nós. E só neste absurdo a solidão não seria. Mas que Deus ao menos existisse - e haveria decerto o lago em que mergulhásemos e a água que nos dissesse todo o nosso corpo, o nosso ser. Eis que os filósofos do terror inconfessado te inventam o lago que não há, to inventam sob tanta ficção.

101

Mas o que há é só o teu deserto. É o deserto que circunda o que veio em ti e está contigo, essa tua incandescência, o prodígio da tua riqueza, esse esplendor tão como um escárnio. Não o que inventaste, criaste, não o que deixarás aos que ficarem, não isso, mas o que tu és, porque tudo o mais é o anúncio, reflexo, superfície do que és - isso, tu... Abrem-se-me os olhos de espanto e necessidade: tu, imóvel, aí, e uma necessidade igual em mim, chamando, clamando. Que ao menos uma testemunha final se erguesse para o saber. Mas a única testemunha é o silêncio da terra.

Fico sozinho em casa, o moço da pensão não deve demorar. Traz-me o comer de longe, de uma baiúca ignorada que Jesuína me arranjou. Mas já me cansa aquele cheiro enxundioso, os tachos de alumínio enfiados uns nos outros, argolados na pega por onde o garoto os suspende. Devo mudar para o Jeremias. Mas o garoto encanta-me. É um moço vivo, com um fato largo de esmola, boina de pala descaída - a imagem da audácia e da inocência. Sabe a história da vida antes de a vida lha ter contado. Como todos os filhos da sorte. Já o investiguei desde o seu nascimento, ele abriu-se-me sem interesse pelo que me dizia. Ignora o pai, a mãe fugiu, come e dorme na pensão.

Mas batem à porta - deve ser ele. Recebo as latas do jantar, disponho as louças na mesa. Rumores ao longe, rumores na rua. Ouço-os.

102

XI

Eeis que, pouco a pouco, uma pequena comédia se estabelece na livraria. Sou eu, Faustino, Jesuína, Aida-Alda e Emílio. O inverno vai longo - ó Penalva do inverno longo, dos nevoeiros siderais, da memória antiquíssima. Não veio ainda a neve, a neve não me aparece ainda ao frémito com que relembro - portanto não veio ainda. Entretece-se-me o passado neste episódio que narro aos fios de um sol de seda. Placas de gelo espelham-se-me à evidência da lembrança, sopra um vento geométrico, nítido e árido. Entrecruza-se-me, em esquema, um jogo de planos, um facetado de esterilidade, à memória lisa do sol na praça, dos golpes de frio dividindo-me a face, crestando-me as mãos ardidadas de cieiro.

Faustino é nédio, todo em pressão a luzir, tem o giro rápido dos baixotes roliços. Traz perfume no cabelo desde há tempo, barba escanhoada, mãos brancas - o todo em nitidez de esfera. Quando estou na livraria, segue-me de olhar mortiço, com azedume e tenacidade. Creio que a sua ambição é já antiga e que refinou com o que sabe de mim e de Aida. Mas Jesuína, bons deuses - revejo-a -, gira em torno de si, como fixa a um eixo excêntrico...

103

Manhãs vivas de sol brilhando nas vidraças, tardes mortas de horas suspensas. Faustino gira ao balcão, tem perguntas a fazer constantemente a Aida, ela sabe que as perguntas são por cima do que dizem, traz papéis de livros que se encomendaram e não vieram.

- Essas questões são comigo - digo-lhe eu,

mas ele esquece e recomeça. Ou usa os olhos como mensageiros, arrastando-os pelo chão com o seu ressentimento, e Aida fita-o de frente, com dois olhos em presença. Jesuína sabe também dos impulsos transversais do marido, e vem à loja no seu meneio que tem o ar de ameaça quando desce de arrumar as minhas coisas, e vem à loja quando sobe, a ver se ele ainda lá está, colocado, como deve, em conveniência. Faustino está. Faz pacotes de livros em gestos bruscos e precisos, desembrulha pacotes, abre gavetas para atender um freguês, põe os punhos no balcão, em disponibilidade, quando nada há que fazer.

Emílio vem pela tarde, logo após o almoço, vem às vezes, noto que vem agora com mais frequência. Passa um olhar distraído pela mesa das revistas, sobe os degraus que separam as secções da livraria, vai até à mesa de Aida, cumprimenta, tem duas palavras que me parecem afoqueadas, tosse, fica ainda ali um pouco à procura de mais palavras que nem sempre há. Porque eu observo-o às vezes do meu gabinete e não vou logo ao seu encontro como outras vezes faço. Acontece-me, aliás, encontrá-lo já na livraria quando regresso do almoço. Faz-me então uma festa que me parece excessiva. Olho Aida, ela está muito séria e sorri-me com um sorriso

104

que é anterior a estar ali, que é da nossa cumplicidade antiga. Emílio parece fingir não dar por nada e insiste nos risos, na conversa, como para me desviar a atenção. Que raio pretende ele de Aida? Já quando foi do serão eu reparara nos seus olhares insólitos, intrusos, postos ali ao pé de nós, a assistirem à nossa conversa, minha e de Aida - afastados, esquecidos da conversa dele com Aida. Aliás, que o liga a ele e a Aida? Entendem-se, convivem diariamente. Lançaram à sua volta um véu ambíguo, que esconde e deixa ver, e são médico e enfermeira, e são noivos e são amantes clandestinos. E obscuramente começo a admitir que o mistério dela se lhe gastou e o está descobrindo agora em Aida - onde se me está perdendo. E não gosto. Decerto o devo ter mostrado, porque um dia dei conta de que Emílio há uma semana ou talvez mais não punha os pés na livraria.

Ora uma vez aconteceu um facto bem inesperado. Desci de casa pela manhã, entrei na livraria, dei os bons-dias a Faustino, que mos retribuiu baixando os olhos e um pouco a cabeça, teso ao balcão, com os punhos no tampo. Passei por Aida, pus a mão sobre uma dela, apertei-lha e disse:

- Querida

(ou talvez dissesse:

- Darling.

para esconder numa língua estranha, o subtil ridículo do meu afecto). Ela disse-me:

- Bom dia.

Dou ainda dois passos para o gabinete, estaco de súbito, fito-a como um raio. Ela olha-me também

105

e sorri abertamente. É um sorriso claro, quase alegre, desembaraçado, sem desvãos subterrâneos. Quedo-me intrigado, pergunto:

- Alguma novidade?

- Nada. Tínhamos encomendado seis exemplares da Crítica da Razão Pura e mandaram doze da Crítica da Razão Prática.

Fito-a ainda um instante, desorientado, vou para o gabinete. Olho obliquamente a face de



Aida, e para lá dela a praça cheia de sol. E pouco a pouco sobe em mim uma memória esquecida de uma Aida nova, não violada ainda, fresca, toda irradiante na face, quando a vi pela primeira vez. Mas ao contrário de então, em que isso era legítimo e belo, a frescura de agora, o ar aberto de agora, inocente de tudo quanto entre nós se passara, esquecido de quanto entre nós acontecera, violentava-me como um escárnio, um desprezo - o desprezo de quem esquece, põe de lado e recomeça outra vez. Decerto Aida tivera amuos, como era próprio da sua fraqueza e da minha força. Mas um amuo aceita a importância de nós e uma alegria despreocupada esquece-a e insulta-a. Venho à mesa das revistas à procura de motivo para vir à mesa das revistas: Aida, indiferente, trabalha com a máquina de escrever. De súbito ela diz-me:

- Adalberto!

e foi um sentimento estranho, de orgulho e de vexame, reconhecer-me inesperadamente investido da minha qualidade de homem, no meu nome legal de pessoa inviolável e neutra, aceite na sua importância inteira - e saber ao mesmo tempo que Aida não devia conhecer-me aí, mas no nome que é ainda

106

o meu nome de homem - e já no entanto da nossa intimidade: Berto. No à-vontade, porém, com que Aida me olhava e aguardava, senti inesperadamente que não havia ofensa e somente cordialidade. Então de súbito, inquieto, iluminado, fui para ela e só soube dizer estupidamente:

- Mas... quem é você? Você é a outra!

Ela ergueu-se sem me responder. Desceu os degraus e foi ter com Faustino, que me ouvira sem se perturbar, e entregou-lhe uns papéis com contas que ambos examinaram, conversando em voz baixa. Mas quando recolhi ao gabinete, um calor brando, sinto-o, como um vapor, sobe, renasce na palavra que dissera a Alda ("Querida"), no aperto da minha mão sobre a dela. É um prazer absurdo, existe. Aflora-me os nervos, vem-se centrando no centro de mim. Relembro agora fisicamente o contacto da mão na mão e um gosto fino, intrínseco de delicadeza, penetra-me ainda com o fio das unhas de Alda, frisa-me ainda a carne. Saio do gabinete, ela está já à sua mesa de trabalho. Não me olha, não a olho. Vou a uma prateleira de um recanto, chamo o Faustino, entretenho com ele um esclarecimento de livros que ali estavam e se mudaram. Depois digo:

- Que palhaçada é esta? Instintivamente, ele olha em volta à procura da palhaçada, encolhe os ombros sem entender.

- Não se faça tolo, Faustino. Você sabe que hoje não foi Aida que veio!

- Pois não. Julguei que soubesse. Mas já de outras vezes não tem vindo. Já de outras vezes tem vindo a irmã.

- De outras vezes? Depois que aqui estou?

107

- Pois. Quero dizer: não sei. Talvez antes, no tempo da sua mãe. Mas já tem vindo. E outras vezes vai a menina Aida ao Sanatório.

- Ao Sanatório? Ao Sanatório, como? Faustino olha-me embaraçado,

- Vê que elas trabalharam ambas numa livraria ou casa comercial rola a história no seu pobre olho de bezerro

- e trabalharam ambas como enfermeiras. E depois elas sabem tudo uma da outra. A menina Aida estava doente e a irmã estava de folga. Havia aí umas coisas de urgência e ela veio substituir a irmã.

- Você disse que elas sabem tudo uma da outra?

- Quero dizer: estas coisas da loja e do Sanatório. Quando eu morava na rua do Inverno ela disse-me. São muito amigas uma da outra. Se não são gémeas é como se fossem. Se não são gémeas ou mesmo irmãs.

Acendo um cigarro, olho a praça sem a ver, Faustino fita-me de olho vesgo, à espera de mais interrogatório. E eu adianto ainda uma pergunta:

- E ouça uma coisa, Faustino: você distingue- as bem às duas?

Ele porém deu de ombros, um breve momo na boca. Era decerto uma questão idiota em que por isso não tinha pensado. Dou-lhe uma palmada amiga no ombro, recolho ao gabinete. Aida cruza-me à passagem com os seus olhos brilhantes - são os olhos de Aida, infantis e lindos, ingênuos e ferozes,

ah, os teus olhos! Erguem-se-me aqui nesta noite de pedra, de frialdade de gruta - que extraordinária

108

presença a de um olhar, mesmo de longe, mesmo na ausência. Brusca inquietação de todo o nosso ser, à devassa, à placagem de um olhar fito, apontado sobre nós. Um olhar aterra, um olhar é grande como um deus. Por isso me aflige ainda agora aqui o teu, o dos mortos, se de vez em quando me esqueço de que estão mortos e não estão anulados ao seu nível da terra e se erguem e se voltam para mim. Mas eu de que estou falando? De quem?

Alda vem ao meu gabinete, traz papéis para eu assinar. Pousa a mão na secretária - mão de aroma. Uma pérola pálida num anel fino. Os dedos erguem uma curva lenta até ao fio das unhas, uma cálida placidez abre um halo à sua volta. Tímida ternura na fímbria dos meus nervos. No seu pulso frágil brilham os elos de ouro de uma pulseira. Assino os papéis, mas os meus olhos prendem-se ainda fascinados àquela mão, um desejo cego de lhe triturar os dedos cresce-me no sangue, nas articulações... Mas a ferros prendo-me a mim, calo-me a dor e a violência. Os dedos dela movem-se, os papéis são tirados da minha frente. Alguma coisa porém aconteceu decerto para ela e para mim nesta falha de movimentos encadeados, nesta pausa na sequência dos gestos. Subo os olhos pelo corpo de Alda, pelo seu ventre selado, pelos seus seios ternos, armados entre folhos, pela alvura do colo. Vejo-lhe enfim a face fresca e grave. Ela olha-me com pena, ou talvez com tolerância:

- Tudo em ordem, Adalberto?

- Tudo em ordem.

- Bem.

Afasta-se, ouço o rumor breve do seu corpo claro, insinuado em flor... Olho obliquamente a fina

109

curva da anca, uma memória aguda de estrelas na ponta dos meus dedos...

E saio para o sol, para a praça deserta. Quando passo por Alda, vejo Faustino, em baixo, falando para ela, atarantado de papéis - que é que te perturba? Tímido e sôfrego como diante de Aida - amas pois um corpo apenas, amigo. Com o mínimo necessário do que o não é. Saio para a praça, há no meio uma estátua de um rei ou de um herói a cavalo. Avança um braço estendido, segura um rolo na mão, traz decerto uma mensagem à cidade. Mas não chega a entregar-lha - estão ambos imobilizados no silêncio. É a hora do trabalho? - as lojas estão abertas, mas ninguém passa nas ruas. Olho a estátua, suspenso de um cigarro. É belo o sol sobre ela, um raio ilumina a mensagem ignorada. Passa uma ave no céu, passa por cima da Sé, perde-se ao longe, para lá da cidade. Porque se me perde quanta vez esta voz que escuto agora? - estou só. E tão cheio! Tão vivo de verdade profunda! É uma verdade de ser, de nudez final. É uma verdade de origens. Estremece nas pedras da catedral, nestas pedras de memória, na fímbria de um incerto aviso no ar. Meus olhos límpidos, meus olhos. E outra vez, tenaz e absurdo, do mais fundo de mim, este apelo de dádiva, de comunhão, outra vez. Onde o espaço totalizado que me sonho? de olhares longos, de mãos que se demoram. Uma fresta que

se abra em vós, homens da minha hora, ao ardor da minha procura - quem sois? Mas não o quero perguntar, agora não - cedo a esta hora suspensa, brilhante e inocente, olho esta cidade estranha sem um ruído na manhã.

110

Inesperadamente, porém, alguém cantou no ar imóvel. É a voz que já ouvi e mal ouvi, porque só agora a ouço desde o sem-fim. Vem ali de uma rua ao lado que passa ao fundo por baixo de uma torre. É bela e triste. Os dentes cerram-se-me de angústia, os olhos velam-se-me de ternura. O sol lava os telhados da rua estreita e deserta, brilha em baixo nas pedras húmidas e negras. Olho um instante o seu facho irisado, essa nuvem luminosa, como o halo de uma anunciação. E uma alegria intocável, humana e mais forte que os homens, do que as suas razões para isso, do que toda a previsão para o ser, tão velha como o homem e mais antiga do que ele, uma alegria pura de ser, tão viva e tão natural como tudo o que é, sobe de mim e inunda-me de deslumbramento. Acaso a morte existe assim, à face da vida, para quem à vida reconhece neste instante infinito, nesta presença absoluta à beleza que me transcende? Canto na manhã original com esta voz ignorada sobre uma cidade desértica como a aparição do espírito da terra. Um instante esqueço que o milagre o crio eu nesta carne precívél. Como se à grandeza e à iluminação só justificá-las pudessem a grandeza que não sou e o fulgor que não sou, e vivessem por si, e fossem os deuses que matámos e o regaço que já não há para o que é de mais em nós - esta vida excessiva, esta morte excessiva... Olho o prédio de sete andares, a massa negra da Sé: uma voz canta entre eles. Subitamente, porém,

- Berto!

e eu estremeço e volto-me. Sinto sobre o ombro um calor de fraternidade: Garcia, o pintor. Um pouco estonteado, ponho-me a verificá-lo no corpo esguio,

111

estriado de magreza, na face óssea, na senha da sua distinção - a barbicha rala de tísico. Reconheço-o aí, mas reconheço-o sobretudo nesta mão que se demora no meu ombro, como um olhar que nos não fita e está ao pé de nós.

- É belo ouvi-la, não é?

- Quem "ela"? - pergunto.

- A Irene - diz-me Garcia em voz baixa e olhos incendiados. - Um nome bonito, não é?

Eu não sabia quem era a Irene, mas também não perguntei. Era a voz da evidência e a evidência não se interroga.

- Tu queres conhecê-la, Berto?

Não me chames "Berto", não me chames - ah, Berto sou eu, desde quando? - tempos da juventude, que vem fazer a juventude? quando foi a juventude? Agora não - Berto, Adalberto, Betinho, sou Beta - não tenho nome, apenas sou... Que eu me quede no limiar deste instante que me dura, desta breve sagração.

- Queres conhecê-la?

- Sim. Um dia.

Mas eu falei e ouvi-me - e quase me assustei. Já mal ouvimos a voz que cantava, mal ouvimos o seu eco dourado ao sol.

A voz calou-se por fim, o seu eco desvaneceu- se no silêncio da praça, na cidade aérea, no obscuro horizonte da minha memória obscura. Algum tempo ficámos ainda suspensos sobre nós, sobre a última vibração daquela voz matinal. Como se esperássemos que ela se erguesse de novo ou que o seu sentido se nos esclarecesse enfim, desde a sua fascinação e o seu absurdo. Até que finalmente Garcia reagiu:

112

- Vou almoçar. Agora como no Jeremias. Tu onde é que comes? Não estás no Jeremias?

- Não estou no Jeremias.

- Vem comer para o Jeremias. Está-se lá bem. Tem uma filha, a Clarinda. Não conheces a Clarinda?

XII

foi assim que eu passei a comer em casa do Jeremias. Entra-se na taberna, escura como uma gruta, sobe-se à esquerda a escadinha de madeira com um corrimão, penetra-se na salinha inesperadamente limpa. Durante dias não vejo o Garcia, que no entanto vem ali comer. Quanto a Emílio, soube depois que tomava muitas vezes as refeições no Sanatório. Dispo o sobretudo orvalhado de nevoeiro; sento-me nessa noite à mesa ao pé da janela, uma janela estreita, de cortinas claras e pobres. O inverno caíra enfim a todo o peso sobre Penalva. Vem de longe, do vasto horizonte, batido a grandes vagas de chuva e de ventos, plácido e lóbrego de brumas. E uma súbita memória a espaço frisa-se-me em grito na solidão em que escrevo. Grito de nada, puro gosto de esvaziar-me, de clamar ao silêncio o excesso que se acumulou, a violência do limite, este máximo, esta saturação, como na dor que é de mais ou na alegria que é de mais. Ah, nunca te apeteceu gritar sem razão ou chorar sem razão? - só porque alguma coisa é de mais e tu não sabes e te sufoca. Eis-me atravessando a pequena cidade, a uma hora sideral, vou para o Jeremias, agora como aí. Passam as ondas

115

de névoa no halo dos candeeiros, suspendem as casas obscuras de silêncio e de memória. Breves vultos de transeuntes vêm crescendo da neblina, endurecem de realidade, desvanecem-se em espuma. Entro enfim no refúgio da pensão do Jeremias, e é como se reconquistasse a verdade de uma manhã. Subo a escadinha estreita que oscila em precipício, sento-me à mesa ao fundo, junto à janela de cortinados claros. Serve-me a Clarinda, a pequena do Jeremias, com duas tranças de graça e que sorri. Sorri e é bela como a promessa de nada - falta-lhe um dente na frente...

- O que fizeste tu ao dente, Clarinda?

- Oh... Caiu-me.

- E não o deitaste para trás das costas?

- Para quê?

- Para te nascer outro. Se não, ficas ratada. A noite coalha no horizonte, coalha na vida toda. Olho-a longamente pela janela sem portas, Clarinda é perfeita como a ternura. Pergunto o que há para comer, ela informa-me logo, enquadrada em seriedade. Desdobro o guardanapo, o vinho canta-me para o copo. Há uma paz sem mistério na salinha recolhida, sinto-a. Como eu só. Jeremias serve refeições ao domicílio, a salinha enche-se apenas em certos dias excepcionais, feiras, domingos, talvez. Subitamente, Garcia entra na sala. Entra e senta-se à minha mesa com um dedo já no ar, para demonstrar não sei quê. Garcia... Era um tipo estranho. Desarticulado nas reacções, grave às vezes de vozes sibilinas, palhaço outras vezes, desengonçado em gestos que se não acertam às palavras, que são só gestos sem palavras ou que saltam para os lados

116

quase independentes, como se ele os não lançasse, como se ele os observasse tal como eu, que estava de fora.

Mas repentinamente outra imagem me assalta, a salinha de inverno esfuma-se-me na memória. Falo do Garcia e bruscamente vejo-o naquela noite extraordinária, a janela ainda acesa da sua casa do Cabo. Eu esperava Aida no terraço e de repente um carro cresceu desde a rua do Comércio. Um outro carro cresce ainda desde a rua do Castelo, encontram-se a um ângulo da praça num ganido de freios. Salto ao ascensor, o ascensor

desliza vagaroso ao longo dos cabos de aço, átrios iluminados como esperas para sempre, com os números em série de cada andar que passa, dois estalidos que me trincam, corro as grades enfim, deixo as grades abertas, o porteiro agita-se no seu monturo de sono. Irrompo pela praça em linha recta, os dois motoristas altercam como dois cães, mas sem projectos de se morderem.

- Há uma pessoa ferida! Tem de se levar ao hospital!

O carro que trouxera Aida podia andar afinal, o motorista senta-se ao volante, atira fora os últimos insultos, dá meia volta, desce ao Hospital da Misericórdia, mas...

... mas eu mal te toquei, Aida! Porque abres esses teus olhos que ainda vejo, que me arrepiam? No último instante lembrei-me: matar um ser humano! Quantas vezes falámos nisso, ou eu o pensei e to não disse - ou to disse em certa tarde na Mata, ou não eras tu?

117

Estradas de lua numa cidade de outrora. O milagre estava em ti, mas tu abriste os olhos num grande terror e deitaste fora a língua toda e a enfermeira viu e eu ergui-me - e estavas morta. Vou com a minha perdição, este nada absoluto à minha volta, esta ausência total de uma comunicação com a vida, esta estranheza da terra aos meus olhos saqueados. Luar opalescente, lembro-me! Há uma beleza plácida, eu olho-a e tenho vontade de chorar.

E no entanto levo um rumo. Ou o rumo esclarece-se nos gestos independentes do meu corpo. Passo a um bairro extremo da cidade, com lâmpadas vagas às esquinas, viragens bruscas de sombra na quietude irrespirável da lua. Lentamente o meu corpo vem ter comigo, renasce à minha volta em membros pesados, em articulações rangentes. E nas mãos anquilosadas incha-me de novo o pescoço de Aida. Sinto-lhe a pele às minhas garras, sinto-a deslizar sob os meus dedos, como um plasma viscoso, há por baixo durezas de cartilagens, sela-se-me a boca em segura. Entro numa taberna funda como uma gruta. Uma luz bruxuleia no negrume como um pavio. Bato uma placa no zinco do balcão, Jeremias emerge da distância confusa e encarvoadada. É um homem grande, hierático, todo aberto de barbas e cabelos brancos:

- O calicezinho da vida, meu irmão?

- Rum.

Ele procura-me uma garrafa, prepara-me um cálice com devoção. Atiro-o às goelas, a cabeça verga-me, estendo o cálice vazio para nova dose, bebo- o agora devagar, alheado e ardente. Um polícia entra circunvagando o olhar. Estremeço diante da minha condenação. Mas o homem esquece-me e tira

118

de um bolso oculto por baixo dos capotes, como alforges, um frasco abaulado que poisa sobre o zinco.

- A lanterninha para a noite, meu irmão? Estais então hoje de vigília? Penalva é escura, as noites não têm fim...

O polícia não responde, atento à contagem do dinheiro, o profeta enche-lhe o frasco de aguardente, eu saio para a noite. Daquele limite da cidade vejo em baixo, confusamente, à luz da lua, as grandes massas de nuvens que se vão acumulando para a madrugada. Todo o bairro dorme placidamente, um frémito ergue-me a face para o espaço lunar. Como aos cães. Garcia mora ali, mas é impossível que esteja ainda a pé. A casa é a última do bairro, o atelier dá para o vale que se abre em baixo em terras despovoadas, onde um comboio passa com um grito. Dou uma volta pelo quintal abandonado, rodeado de um muro baixo que se esboroa em pedras soltas - olho ao alto: o atelier tem luz ainda. Bato à porta, Garcia corre a janela de guilhotina.

- Sou eu!

Puxa o cordel do trinco, subo uma escada estreita, corroída de sombras húmidas. O

atelier é uma vasta sala com grandes pranchas de madeira por soalho.

- Entra. Senta-te. Tens aí um cálice e uma garrafa.

Mas eu tenho é o meu destino a confessar:

- Garcia! Matei-a!

Ele porém nem me fita, e eu julgo que me não ouve. Magríssimo, estriado de ossos, barba tísica na face, avança e recua, de paleta e pincel na mão, diante de uma tela enorme. Calo-me a um canto,

119

afundado em mim. E Garcia, sem me fitar, todo atento ao trabalho, tem enfim uma palavra:

- Mataste-a, hem? Sempre te decidiste. Então olha-me este quadro.

E sorria, enlevado, mostrando os seus pobres dentes, todos cá fora e em desordem. Decerto ele não acreditava na minha notícia. Mas não o admiti então. E assim, fechado no seu mundo, apeteceu-me esbofeteá-lo para que reparasse no meu - para que me não insultasse. Ou talvez que ao meu anúncio da morte e do desespero ele me sentisse irmanado a si, num raiar de limites, de excesso, de iluminação...

Garcia entra na sala, senta-se à minha mesa, traz já um dedo no ar, para demonstrar não sei quê. Na realidade, não nos víamos há muito. Mas ele praticava a sério a redução da vida ao presente ou ao menos uma sublimação marcante do instante que vivia, e por isso não estranhei que nos falássemos sem preâmbulos, como se sempre convivêssemos, quando nessa manhã de sol ouvimos Irene cantar. Ou talvez (admito-o hoje) esse canto fosse bastante, no seu halo de transfiguração, para dois homens se encontrarem sem palavras. Quem era Garcia? - mal o sei. Vivía há anos em Penalva - era de uma terra ali próxima - ia às vezes à capital por razões da sua arte (exposições, encontros com amigos), e se tinha pais não os sentia - como, aliás, é previsível em quem os tem: a saúde sabe-se na doença, "determinar" é "negar" (omnis detenninatio... juventude de outrora, bom velho professor de quando?).

120

Trazia um dedo no ar para demonstrar não sei bem quê, e demonstrou-o copiosamente com perguntas e respostas, com travagens súbitas e suspensões de silêncio para me dar a ilusão de que a objecção proposta o aniquilava, arrancando depois bruscamente com uma resposta triunfante que arrumava o problema. De vez em quando, nas suspensões, fazia-me consultas retóricas:

- Não é verdade?

E eu calava-me, porque a pergunta era formal, sem objectivo, e não para eu responder, como as tesouradas supérfluas que o barbeiro dá no ar quando nos corta o cabelo... Assim, eu olhava apenas Garcia no seu sorriso ambíguo entre a troça e a deferência, com os dentes todos apinhados cá fora. Outras vezes abandonava a objecção para demonstrar-me com isso que não tinha importância alguma, seguia voluvelmente uma outra ideia qualquer:

- Quando te casas, Clarinda?

- Oh...

- Porque ela pensa em casar-se - continuava para mim. - É com o filho do sapateiro, um lãzudo com um focinho de bezerro.

- Anda lá... Eu nem gosto dele nem nada...

- Pois não, não gostas. Vem-me cá dizer essa a mim. Mas com quem tu hás-de casar é comigo. Vou pedir-te ao Jeremias.

Mas logo depois, sem transição, ficava sério, já não ouvia a resposta da garota, fitando absorto uma irrealdade no ar.

De súbito, porém, disse-me:

- E tudo isto porquê?

- Que "isto"?

121

- Por tua causa, apenas. Mas ele vem aí.

- Quem "ele"?

- Porque o teu problema é um problema de caca. É ou não resolúvel esse problema metafísico? Ah!

E ficou de boca aberta, triunfando, escarminho, com a explosão dos dentes todos. E sem que eu o interpelasse, porque seria em vão a tentativa,

- Emílio acredita nos vasos comunicantes - continuou. - Precisa de que lhe despejem algum lixo para dentro. Tu finges não acreditar. Acreditas ou não acreditas?

E só então percebi. Mas quando falara eu contigo sobre "o meu problema"? Não me lembrava. Decerto Garcia o soubera por Emílio, que o soubera de mim, ou de Aida, ou de Alda. Ou eu falara realmente em qualquer ponto desta história que omiti. O meu problema, porém, não era bem esse.

- É mais reles - declarou logo Garcia. - Tens medo de viajar sozinho. Mesmo agarrado às saias da "mamã"...

- ... Não tenho "mamã".

- ... mesmo agarrado às fraldas da amada, tens medo do papão. A tua amada, a propósito, foi visitar a Irene. Mas que é realmente a amada para ti senão uma mamã? Não tenho medo de nada, eu!

Mas Emílio chegava justamente, sentava-se-nos à mesa. Não jantava (jantara já), tomava apenas um cálice. Mas só o disse depois: trazia uma objecção urgente, plantou-a logo ali com um alvoroço irreprimível, apesar da sua serenidade habitual. Garcia porém triunfava facilmente:

- É uma objecção imbecil.

122

Mas seria mesmo? Conheço-me nas tuas razões - já as expus a Emílio, se bem me lembro - e todavia estranho-as agora. Porque afirmas a irreduzibilidade de uma vida, recusando-lhe um compromisso com o futuro, com o depois da morte, com todo o depois... E eu que sei a evidência do nada que cerca a vida, no "depois" como no "antes", eu que sei a impossibilidade de superar essa evidência, de povoar esse deserto, sei também como é impossível calar a voz que o recusa e insiste ainda, e esbraceja ainda, como um naufrago na noite. Tu dizias:

- O mundo morre realmente quando eu morrer. Não é uma metáfora: é a positiva verdade, hem? Morre mesmo.

E Emílio declarava que, portanto, se precisasses de fazer testamento, tu não farias nunca testamento.

- Mas exactamente porque o mundo não existe depois de eu morrer é que faço testamento enquanto vivo. Bom, não faço, já se vê. Mas se fizesse, fazia. Se o mundo existisse depois de eu morrer, podia fazer testamento depois de morto, porque ainda ia muito a tempo.

- Sabes portanto que o mundo existe quando estiveres morto.

- Sei-o enquanto estiver vivo, sei-o agora. Por isso é que fazia agora testamento. Só se admite que o mundo existe depois de morrermos, precisamente porque estamos vivos, porque nos estamos sentindo vivos para depois de mortos. Para que o mundo exista, é preciso que eu esteja vivo. Por isso é que faço testamento enquanto vivo, ou seja enquanto o mundo existe. Tudo isto é uma discussão parva. Tu dizes: depois de morto, o mundo continua a existir. Está

123

bem: se morreres antes de mim, hei-de-to perguntar então, a ver o que é que dizes.

- Pois claro que não diria nada. Mas tu saberias então que o mundo existe - disse Emílio.

- E sabê-lo-ias tu já morto? Porque é de ti que estou falando, não de mim. Mas, se morrer antes de ti, pergunta-mo tu a mim. Se eu me levantar do caixão, ah! Mas não levanto... É mesmo estúpido dizer "eu não me levanto". "Eu" quem? De que se estaria falando então? Não haveria "quem", haveria só um morto, um bocado de carne podre.

Já mal os ouço - as próprias razões entretêm- nos, como crianças brincando sobre um precipício.

- Portanto - dizia ainda Emílio - se te casares e a tua mulher te atraiçoar e tu o não souberes, ela não te atraiçoar.

- E a ti? Se ela realmente te atraiçoar, embora o não saibas, vais mesmo tomar providências porque ela realmente te atraiçoar...

- Como? Se o não sei!...

- Mas se o não sabes, como é que dizes que te atraiçoar? Isto é uma conversa de parvos! Calou-se um momento, ergueu os ombros:

- Mas que fazer? O espírito humano é estreito, não podemos exigir-lhe muito, não podemos abusar dele. Só lá cabe, e mal, uma coisa de cada vez. Vê tu que o homem não consegue sequer coçar-se com eficiência em dois sítios ao mesmo tempo. Não tem espírito para atender logo assim as duas questões. Como hás-de tu entender o que eu digo?

### XIII

Mas quando regresso à rua, tudo se me confunde. Emílio saíra para um doente, despedi-me de Garcia à porta da baiúca - ele ia para casa. Mas a sua discussão vinha à minha memória com o som último da surpresa, do terror. E, todavia, nada do que Garcia dissera se me inventou. Ah, a verdade só é perfeita nos instantes de fulgor. O frio enrola-me sobre mim, caminho à deriva pelas ruas e praças desertas.

Cruzo a massa do jardim, afogada em nevoeiro. De onde em onde, entre a espuma nevoenta, vagos olhos abrem uma pálida vigilância no halo dos candeeiros, num cismar vão e sem fim. Meto à estrada do Sanatório, paro no miradouro, junto ao busto de não sei quem, suspendo-me para o vale afundado na noite. Uma aragem aberta, aguada de névoa, dispersa-me ao horizonte que não vejo. Para a direita, desenrola-se em vagas a mata do Sanatório que sigo de olhar errante até aos pavilhões imóveis no fundo da alameda, vagamente iluminada pelas janelas etéreas, que sigo ainda até à Mata da cidade que a continua e se anuncia ao longe na massa

125

esponjosa do escuro. Mas de súbito, como se para me furtar ao que me dissolvia na bruma, rompo pela ladeira que daí sobe ao Castelo - e o meu corpo recordado recupera-me ao meu limite, nos pés doridos, no frio que me rasga profundamente a garganta. Perto do alto, abrando a marcha e a noite cresce ainda à minha volta. Desço, enfim, para o lado da praça, a rua do Castelo, soturna e estreita, bloqueada pela mole da Sé.

E eis que, bruscamente, no fumo do nevoeiro, um vulto aparece, vindo da rua da Torre. Acelero o passo: um volume de mulher cresce nos véus da névoa, oblíquo a horas dúbias, como a velha imagem da perdição. Ponho-me a seguir a mulher, a noite fascina-me - a noite agora dividida e a solidão dividida num encontro casual. Sigo-a como quem só quer segui-la. Os pés endurecem na dureza das pedras, o chão cerra os dentes de firmeza. Distingo na mulher um casaco grosso cintado, que de súbito, à lembrança, se me abre em refúgio quente. O nevoeiro nocturno desvanece a cidade, suspende- nos, irreais, a mim e à mulher, eu só, ela só, na vaga oscilação do mundo. Acelero o passo ainda e o



volume da mulher incha-me no oco do ventre, na humidade da boca. Sinto na ponta dos dedos as linhas do seu corpo, um vapor de intimidade entumesce-me nas veias. Mas não me aproximo mais. Não conheço a mulher, ela ignora-me também, ouve decerto como eu os nossos passos no silêncio, ecoando pela praça, sente-se bem como eu nesta procura de nada, numa cidade morta. Mas subitamente sei-a: houve um jeito de sacudir a cabeça - que estranho! Um gesto, um jeito, perfeito índice de um

126

todo único. E um jogo de sensações, de estímulos, cruzam-me, desorientam-me. Uma retracção de desencanto, de logro, confrange-me de vergonha ou de lástima ou de náusea. Sabia enfim quem era, e foi como se o nevoeiro se apagasse à sua volta e toda ela me aparecesse em matéria revelada, concreta, evidente como um bocado de fisiologia... Depois é que houve a piedade - piedade por ti, por mim, que estava só e amedrontado de solidão. Retardo os passos para que Aida me não descubra, e quando ela vira para a rua do Inverno deve enfim ter pensado que o alguém que a seguia a não seguia. Portanto, ela viera de casa da Irene, como Garcia dissera. Mas vinha tarde - que horas seriam? Olho as horas à luz de um candeeiro, o relógio da Sé repete-as pelo silêncio das brumas. E assim que calculei que Aida se afastara o bastante, viro eu próprio à rua do Inverno, onde ela desaparecera já na curva ou no fundo do nevoeiro. Aperto o passo de novo para a alcançar junto à casa. E de facto contornada a curva, Aida avoluma-se de novo entre a névoa, no halo de uma lâmpada sob o arco. Ouviu decerto o tropear dos meus passos, mas não se voltou, talvez para não criar uma cumplicidade com um noctívago desconhecido. E foi só quando galguei atrás dela a escadaria para o alpendre que ela se voltou, já com a chave na porta - querida!

- Querida!

Que é de novo verdade em mim neste ataque súbito que se me apodera das vísceras? Mas uma humidade fria na boca, uma viscosidade fria - estou só afinal com a minha violência. Mãos de carne morta apertando as minhas com raiva, transfunde-se

127

com fúria à minha boca outra boca que me apetece cuspir.

Repentinamente, porém, quando enfim me desprendo, uma voz surda, rouca de cólera e cansaço, clamou para o silêncio:

- Infame! Sou Alda!

Estaco brusco, empedrado a frio - Alda imobilizara-se um instante, como num desafio, desapareceu logo depois, batendo a porta. Fico ali longo tempo estonteado, perdido na grande noite.

Mas quando, enfim, desço a escadaria, absurdamente e lentamente toda a presença de Alda se recompõe no meu corpo. Vagamente as suas mãos são outras nas minhas mãos, são outras as covas do seu calor, outro o esponjoso da sua boca na minha. Extraordinariamente, é uma presença nova que se me recupera no corpo, a presença perturbante, não legítima, na baba do beijo, um todo, uma pessoa diferente, e assim um beijo novo, diferente, e uma memória dele tão virgem! Dentro do seu sabor póstumo, enquanto ia andando pela rua deserta, eu descobria estranhamente e retroactivamente um sabor de antes, de antes da carne objectivada, do corpo sabido, eu sentia que me começava de mais longe, e de mais longe ainda, no halo de uma mulher por transpor, na misteriosa radiação que vem do seu mistério íntimo e chega até fora dos seus limites, ao seu ar, que chega até fora do seu vestuário, que só depois da vibração é que é vestuário e tem durezas de cintas e de espartilhos e de presilhas por baixo. Tudo novo agora, tudo fresco, tudo por decifrar. Alguém íntegro, brilhante e oculto, como uma virgindade anunciada, habitava um corpo que tocara

128

o meu, e agora, à sua memória recente, restaurava nele a plena disponibilidade da sua seiva, do seu ser...

Um morno de estufa sufoca-me, engorda-me nos membros, ao calor de alcova dos seus seios delicados, das linhas de lume das suas ancas. Nada há nela de conhecido, de sabido, tudo fulgura em revelação. O meu sentir reflui da presença do seu corpo para a evidência que o ilumina, ela, ela, a pessoa de Aida inteira que lhe agrupa em unidade o desespero das mãos, a violência gomosa da sua fertilidade, que a enche toda, a exprime toda - que a é.

Coalha-me a bruma nos membros, tolho-me do frio, da cegueira que me cerca nas filas das casas mudas, na aguada longa da névoa. E de súbito, flagrantemente, sinto Aida a meu lado, destruída e chorosa. Uma voz de acusação cresce nas coisas que emergem da neblina e vêm até mim e mergulham de novo nas vagas de cinza...

Bato a rua do Inverno, saio à rua Direita, vou com ela até à praça. Desaparecido em espuma, o prédio esboça-se-me nas janelas iluminadas, vagas fosforescências que bóiam na massa da água. Lembro-me de um dia - quando? onde? - eu ia por um descampado, os faróis do carro embateram num rebanho que atravessava a estrada, iluminaram no ar olhos fantásticos que pairavam sem corpo, que se passavam uns pelos outros, luzes irreais, bolhas acesas, olhos, olhos, numa revoada de febre - entro em casa? Um sono que me afunde, me refugie da noite. Mas não tenho sono e Garcia chama-me a uma lembrança brusca do que ele dissera, ou não

129

disso, talvez - a um desejo brusco de uma presença amiga que me neutralize tudo o que me perturba e me não deixa ver, reflectir. Uma hesitação porém me retarda - e vagueio ainda à deriva até me decidir. Nada, no entanto, decido até quando lhe paro à porta.

#### XIV

Mas quando ia a bater à porta de Garcia, uma voz ergueu-se subindo pela noite. Era uma voz quente e solene, nascida da terra, mais antiga do que a terra. Não entendia as palavras, mas entendia a majestade das suas curvas vagorosas que vergavam ao seu triunfo a resistência das coisas. E de súbito reconheci-a: vinha das horas da praça, do silêncio da rua ao lado, à luz trémula do sol sobre as pedras ainda húmidas da noite. Encostei-me à porta, escutei. E foi como se todo o meu cansaço, o arrepio da minha crise, o apelo a um encontro de necessidade e plenitude, o anúncio de uma verdade final, se realizasse sem violência, quase mesmo sem surpresa, como quem sem dar por isso repara que já está vendo... Mas a voz calou-se e a noite inchou dentro da noite.

Desentorpeço-me do frio, uma gralhada de vozes desperta-me. Melhor regressar, Garcia deve logo deitar-se, é tarde já, as visitas demoram-se com certeza. Mas hesito ainda: decerto o pintor vai acompanhar Irene, eu vou com eles também. Inesperadamente porém a porta abre-se, e refugio-me para o

131

quintal: entre as vozes distingo nitidamente uma voz que julgo de Aida.

- Boa noite.

- Boa noite.

Garcia portanto ficava. Espreito à esquina da casa, mas já não distingo as mulheres. O clarão de uma lâmpada de algibeira vai oscilando pelo nevoeiro fora, desaparece enfim adiante numa quebra do terreno. Mas antes de desaparecerem eu gritei

- Aida!

num impulso sem razão. Ou talvez não gritasse e erguesse apenas o braço com o grito

que não veio ou tive um ataque de tosse (lembro-me de ter tossido) ou falei alto para mim, porque Garcia me ouviu, correndo ao alto da janela:

- Quem é?

ou provavelmente chamei-o. Disse quem era, ele puxou o cordel do trinco e subi. Entrei no atelier, pranchado a tábuas largas que bamboavam, Garcia nem me olhou. Há a um canto uma cadeira de braços, de assento oblíquo, à “aviadora”, aí me sento com um cinzeiro ao lado. Garcia pinta uma tela enorme, olha-a de perto como se a farejasse, recua para medir o efeito, retoma bruscamente a paleta e o pincel. Depois, iluminado de uma ideia, poisa-os de novo, vai a um armário, tira um cálice e um frasco, põe-nos numa mesa ao pé de mim. Bebo e escuto - escuto a noite, o rumor das minhas vozes surdas como o fervor esparso do mar...

... do mar! Ouço-o desde o alto do cerro abrupto, coroado de ameias, ressoa longe em todo o espaço

132

em redor. Brilha um sol de Setembro, trémulo, doce. La vie est vaste, étant ivre d'absence. Relembro, donde? Midi là-haut, midi sans mouvement. Três caixões alinham-se no cemitério marinho, sopra uma leve brisa de sal. Alda chora a meu lado, eu olho para lá de tudo com os meus pobres olhos vasados. O barco voltara-se, gente apinha-se na praia, no limite do seu grito. Mas alguém emerge, enfim, ao longe, da espuma, nada a vigor por entre a fúria das ondas - és tu? és tu ainda! - aguardo estático, coalhado em pedra. E ela surge finalmente à borda da areia, espumosa de salsugem, batida em torvelinho, com o rosto escoado de esgotamento e desastre. Tacteia o chão, ergue-se titubeante: o vestido escorre-lhe ao longo do corpo em pregas de água. Corro para ela ou não para ela - para o que traz, para o que diz, ela atira-me ao pescoço os braços molhados

- Ó Adalberto, você...

e escorrega por mim abaixo até a um despojo de trapos no chão. Depois, no dia seguinte, o mar deu à praia os cadáveres que ficaram, só o do barqueiro não. Depositou-os na praia, já alinhados, já ordenados, foi só metê-los nos caixões, subir com eles o cerro a pique até ao cemitério no alto, um cemitério ingénuo, pequeno e pobre, rareado de ervas na terra estéril, semeado aos ventos entre as ameias de um castelo...

... Sentado na cadeira flutua-me a cidade a uma memória de água revolvida em massa pelas praças e ruas, rondando ao alto o castelo, que é uma torre quadrangular. Há uma braseira no meio do atelier,

133

arrasto-a para o pé de mim, disperso-me ao silêncio da noite, revolvendo as cinzas que arrefecem, rapando a lata do fundo da braseira à procura ainda de carvões acesos.

- Mas agora dir-me-ás tu - rompeu inesperadamente Garcia - se o tipo aceita que a morte é realmente o fim de tudo, para que diabo pinta ele? Ah!

E ficou com todo o seu riso cá fora, gozando a objecção, deixando-a durar um pouco, para reforçar o prazer de a liquidar logo a seguir.

- Pinto para mim, hem? Pinto para mim. À merda todos os que acreditam na imortalidade. Deixa-me sentar um pouco para me rir.

E sentou-se de facto mas subitamente alheado, puxando na abstracção os pêlos raquíticos da barba. Tinha a sua explicação, hem? tinha os seus raciocínios para um pouco de cavaqueira, ah! barda-merda toda a explicação metafísica, oh, pois, a vitória sobre o destino, e a verdade divina da arte - pessegada! Pintava porque era bom pintar - mas agora dirás tu: e a morte?

- Tu pegas numa folha de papel. E eu pergunto: qual é o limite do papel? O papel não tem limite. Quando a folha acaba, nada tem que ver já com a folha. Acaba a folha - é outra

coisa. Porque é que estamos ainda falando da folha? A folha nem está na mesa. A folha é só ela. Não tem limite. Cada coisa é só ela própria.

Havia a cretinice dos palhaços, dos vadios, dos castrados, dos pílios, que complicavam tudo, que só chateavam. O Emílio, por exemplo, era um parvo. E eu, com essa história por exemplo da “comunhão” - mas já lá vamos (mas eu já te falara no caso?)

134

- Pinto porque é bom pintar, como comer e o contrário. A minha ambição suprema era que depois de morto eu fosse verdadeiramente nada. Mas preciso de viver e vendo quadros, e- os quadros ficam, e há-de haver cretinos que hão-de olhar para eles. Bom, se fosse só isso, se só olhassem para os quadros, que é o que interessa... Mas não. Hão-de dizer que os quadros eram de um tal Garcia que era um tipo que tinha os dentes de fora e hão-de ter ali o retrato para o provarem.

- Mas depois de morreres, o mundo não existe.

- Ora aí está: que vale a gente explicar-se? O homem é de sua essência muito burro. É assim, coitado. Tu estás a falar com um morto?

- Estou a falar com um vivo para depois de morto.

- Ah! Então sê inteligente, Bertinho.

- Não me chames Bertinho.

No entanto, acreditava em tudo o que Garcia dissera. Sabia que a morte de um homem era a morte do universo - não O dissera eu a Emílio? Mas justamente por isso não podia resignar-me, não podia admiti-lo.

Garcia carregava o cachimbo em silêncio, chegou-lhe enfim um fósforo e esfumagou largamente. Numa mesa coalhada de caixas, de tubos de tinta, de papéis sujos, achou um cálice, que encheu de aguardente e bebeu-o de uma só vez, franzindo a boca à queimadura do álcool.

- Tu dirás - adiantou ainda - que posso ser o que sou, porque tenho meios para isso. É uma estupidez. Qualquer tipo pode ser independente. Basta

135

querer sê-lo. Mas não: querem glória e posteridade e amigos e fazer filhos. O meu pai tinha uma estalagem na rua da Fonte para os forasteiros que vinham com carroças. Arrendei aquilo e aluguei esta casa. Cheirava lá muito a cavalo e a mijo de cavalo. E a propósito de fazer filhos: a Aida esteve aí...

- Vi-a sair.

- ... e disse que, disse à Irene e a Irene disse-me a mim. Vocês já não se gramam? E este frio bruto que está, hem? A braseira já não tem lume. Tenho brasas nesse saco.

E ele próprio refez a braseira, dispondo à roda uma camada de carvão, que recobriu, do centro para fora, com as últimas brasas. Tomei um cartão que manobrei como abano, e em breve o centro da braseira se encarniçava de fogo.

- Não se trata bem de “grammar” ou não “grammar” - disse eu.

- Trata-se de uma “comunhão” e essa comunhão não chega: é preciso uma terceira testemunha. A Irene disse-me, coitada da Irene: uma terceira testemunha, eh!

Virou-se para mim, de dedo esguiado no ar e assim esteve um momento, em silêncio, para preparar bem as palavras ou a minha atenção:

- Já pensaste que o celebrado “triângulo amoroso” é afinal isso mesmo? O homem é um verme. Prefere que o esborrachem, a aguentar nada sozinho. Porque não aguenta nada. Nem sequer esta coisa simples que é a fornicção.

- Tu és parvo! - irritei-me eu. - És parvo e por isso armas em parvo, para parecer que só armas.

136

- Eu? Parvo?

- Para parecer que só armas. Mas não armas: és.

- Explique-se imediatamente ou venha comigo lá fora para repetir a facécia. O tipo! Com que então, eu, parvo, hem? Só porque não sou imbecil! Pois que é essa palhaçada de “terceiros” senão imbecilidade e baixeza? Ménage à trois. Não é capaz de fazer amor sozinho. É de mais para ele. É necessário que alguém o ajude a ter prazer. Se vivesse numa ilha deserta, não comia nem descomia. Pois para quê, se não havia ninguém que o soubesse? Mas a ele não lhe basta um terceiro qualquer! Exige logo ali a divindade, a onisciência. Mas olha-me este quadro...

Eu tentava seguir-lhe o raciocínio enviesado, preparava uma resposta, uma reacção violenta - era mesmo louco? Imaginei um instante que o esbofeteava: tinha a certeza de que não reagiria ou me ofereceria aguardente ou rebentaria em gargalhada. Imaginei-o mesmo enrodilhado no chão: admiti que mesmo assim ele apanharia os bocados de si próprio e continuaria falando ou mudaria de assunto - que de qualquer modo me desprezaria ou se desprezaria a si e ao facto bruto de eu o ter enrodilhado no chão. Agora falava-me do quadro. Erguera-se, voltara para mim a grande tela, sentara-se de novo. Como ficava longe da braseira (vestia um camisolão preto de gola até às orelhas), estendia a perna esquerda para o estrado - e eu sentia que era nele uma posição correcta essa estranha posição desarticulada, que lhe figurava a perna como que partida, presa por um cordel ao corpo magro, de face escaveirada, com barba tísica, de braços como ripas, com dedos aracnídeos. E antes que eu acertasse a minha reacção

137

às mutações bruscas de Garcia, pôs-se a explicar-me a tela, agora bem à vista. Uma alegria aguda, uma espécie de ironia, vibrava-lhe nos dentes, todos expostos à luz, nos gestos sibilinos, gestos absurdos porque era como se se desencontrassem das palavras ou isso me parecia talvez porque os gestos se atrasavam, se demoravam, e eram assim baixos, se as palavras eram altas, perpendiculares, se as palavras eram oblíquas, gestos ácidos pelo afilado dos membros, gestos metálicos e totais, porque começavam nos olhos e radiavam até aos dedos, grandes de excitação, de uma pesquisa sádica, até ao modo de dobrar e desdobrar as pernas, de as cruzar, de as tornar independentes, atirando cada uma para seu lado. Agora quedava-se extático, ainda com um gesto desaproveitado no ar: atirara a mão ao ar com os dedos divergentes, espetados como estacas, mas desistiu das palavras para os explicar. Desconcertado, olhei o quadro também. Era um plaino cinzento, talvez areia do mar, uma fina linha azul na horizontal. E aos dois lados, em oposição, leques amarelos (ou rosados) sugerindo-me reflexos de água.

- A Irene não gostou - disse-me ele. - Não gostou. Achou monótono. Talvez tenha razão. Também achou que o quadro era comprido de mais. “Andar tanto para quê”? - perguntou-me. Porque já vês: temos aqui apenas um acorde final. E o resto da música? Bom: há aqui e aqui, nesta oposição, um diálogo breve, talvez, de dois violinos. Mas é o fim, e o pior é que este fim não resume tudo o mais. Há fins que são sínteses. Este talvez o não seja. E depois, a gente chega ao começo do quadro e

138

abre os braços como quem respira. Mas o horizonte é longe de mais. Anda-se muito até lá. Virou-se bruscamente para mim:

- Desculpa. Julguei que estava a falar com Irene. Tu não és cego.

- Eu não sou cego? Cego como?

- Não és cego, tens olhos, podes ver. Estou- te a falar em espaço e som. Irene é cega, como sabes.

- Cega? Irene? Cega como?

- Sei lá como! De nascença! Cega mesmo. Ninguém te disse isso?

Calei-me. Era impossível que ninguém mo tivesse dito. Mas na realidade não me lembrava. E um vazio total, uma desorganização súbita, calou-me como um murro. Cega? A amante dele? Desde nascença? E que era o amor para eles - para ti? Que estava eu ali a fazer? Um atropelo de ideias estrídulas gritam - que é que? como é que? e a minha obstinação, porque uma vida é fantástica, como é que? há-de haver um meio, é impossível que isto não signifique nada - é cega, diz-me Garcia. Tomo a garrafa para encher de novo o cálice - está quase vazia.

- Não faz mal - interveio Garcia, vendo-me olhar o fundo da garrafa. - Tenho mais ali.

E com efeito ergueu-se para o armário. Porém, diante da tela, ficou-se ainda:

- Mas não há arte só para os olhos. Ou para os ouvidos. Imagina que tinhas só ouvidos, hem? Ouvias uma música, e que é do verde dos prados, do pôr do sol e do mais? Mas a música existia e tu apreciava-la. Os cegos apreciam-na. Ouvias uma música

139

e o verde dos prados podia ir ter contigo de outra maneira. Uma cor não são só os olhos que a vêem. A Irene diz-me: tu és feio. E não há dúvida, não sou bem um Apolo.

Trouxe a garrafa, encheu primeiro o copo dele, passou-ma depois.

- Mas tu, tu - perguntei - como gostas dela?

- Há-de conhecê-la. Extraordinária. Prefere Hartung a Rafael. Ela diz: “um choque eléctrico na coluna até aos dedos”. É Hartung. Ou diz: “Debussy mais infinitesimal, às revoadas” - o que é um bocado chato. Mas acabou-se: é Monet, um certo Monet. Ou diz ainda: “um sabor ácido e doce”. E é... Já me não lembra quem é. Talvez Gauguin. Extraordinária. Põe todo o corpo que lhe resta a trabalhar. E governa-se muito bem. Tenho a certeza que se pudesse um dia ver, reconhecia um azul, um vermelho. Imaginas tu a beleza que ela descobre nos rumores nocturnos? Na distribuição dos corredores e salas de uma casa, com os seus espaços cheios e vazios? Ando a tentá-la a escrever um romance. Estás a ver: um romance apanhado pelos quatro sentidos que lhe restam. Mas nela o tacto é fantástico. Mesmo o cheiro. O cheiro é um sentido nobre. Nós é que não sabemos, hem? O cheiro. Estupendo.

Calou-se, atirou a cabeça para trás, cerrou os olhos:

- Às vezes passeio aqui na sala e ela diz-me: “Porque andas de cabeça baixa”? Tu, por exemplo, chegas, ela não te conhece; mas pega-te nas mãos e diz-te como é que te penteias e se franzes o olho.

140

- Mas, tu, tu, como a amas? Que é ela para ti, para ti, se acaso o amor te é um apelo a uma

aliança, a um mais que tu, a uma presença na terra habitada?

E ele contou naturalmente, quase com gosto. Irene não tinha as pálpebras cosidas ou coladas ao globo ocular ou sumidas dentro das órbitas. Só ao fim de certo tempo se reparava mesmo que os olhos não tinham muito brilho. Vivia com a mãe, ou uma tia, já velha e resignada, tinham um seguro de vida que o pai lhes deixara. Garcia conhecera- a num serão amigo qualquer, interessara-se por ela. E ela interessara-se por ele, absolutamente alheia ao seu desastre de cega, porque organizara o seu mundo em que a vista era um excesso, um luxo indispensável. Falou um dia na cegueira, mas só talvez por protocolo. O orgulho de nós próprios confunde- se-nos com a vida - morre quando morremos. Aliás, falou na cegueira para se valorizar. Garcia propusera-lhe casamento - ela recusara, ofendida, aludira à sua miséria: detestava a piedade, ou parecia-o, justamente para o repelir? Falara no seu desastre, Garcia aceitou essa base de entendimento.

- E é estupendo, hem? É perfeito. Amamos sem metafísica. A princípio era perturbante. Tu estás a ver: ela olha-me, a gente quando fala intensamente com alguém, olha para lá

dos olhos e fala para dentro. A Irene olha para ti e parece que te vê, parecia que o via. Tinha, por exemplo, um sorriso na face, porque estava encantada, - e de repente eu lembrava-me: “ela não me vê”. Mas parecia absurdo que não me visse realmente, porque adivinhara as coisas mais subtis. E eu

141

então tirava a prova. Por exemplo: fazia-lhe uma careta medonha, deitava-lhe a língua de fora: ela continuava a sorrir...

Havia uma muralha entre ambos, hem? o sorriso não era para ele. Irene tomava-lhe as mãos ou falava-lhe, mas havia uma parte deles que não falava.

Atirou o cálice à goela, bafou quase com tosse o lume que o queimou, torcendo-se num arrepio

- e calou-se. Eu, porém, pelo hábito da minha obsessão, sinto-me a pessoa de Garcia, ponho-me a vivê-la, a sê-la. Irene é alta, alta e loura, branca - Garcia o disse ainda, ou de outra vez, quando?

- agora que a recordo, através do que ele contou, revejo-a assim. É alta e branca, mas sem majestade. Um íntimo receio amortalha-a em timidez, apaga-lhe as formas esplendorosas. Vou para ela, ela fita-me, viro a cara para o lado - ela continua a sorrir-me e a fitar-me onde já não estou... Tomo-a nos braços, um vapor de sangue incha-me nos membros e procuro ardentemente nos seus olhos a passagem para ela do que me está acontecendo e desejo transmitir-lhe, e desejo que ela saiba e receba e me diga que recebe: tudo se passa do lado de cá do nosso encontro. Então falo-lhe e ela responde-me “querido”, “sim”... Mas a união que nos reconhece é como a das pancadas no muro de uma prisão. Garcia pareceu ouvir-me:

- Faz do amor o que ele é: um pequeno vício solitário para dois lados. Porque é que se estima um cão senão porque não fala no limite do poder falar?

E que era tudo na vida, afinal? Bom, a arte. Talvez. Mas que era a arte senão um prazer onanista? Saber que os outros gozam também, em que é isso

142

uma união? Um entendimento? Imaginasse eu uma mulher nua num tablado e uma multidão de espectadores, curvados, metidos para dentro, secretos, doentios, a masturbarem-se.

- Sim, a arte é decerto só de nós para nós como tudo na vida. Mas é ela assim tão reles para ti?

Ele não sabia se era “reles”, dispensava ficheiros de moralista. Dizia só que a “comunhão” na arte era um vigário. Amava a solidão absoluta, porque amava a vida exactamente como ela era. Não a chorava, não cantava o fado. Também ninguém chorava por não ter asas para voar ou por não ter rabo para sacudir a mosca no verão.

- ... E um rabo, vê tu, faz muita falta. Mas não o tenho, que é que lhe hei-de fazer? De resto o amor, no instante exacto...

... que era senão uma cegueira de pedra, a totalização na morte? A pessoa da amada, e o seu espírito, até mesmo a beleza do seu corpo, que era tudo isso no instante supremo, no instante preciso, exactamente no momento que fala à máxima união? Estamos sós connosco mesmos, perdidos na nossa loucura, no termo da nossa busca, do nosso ardor. Por isso nos sentimos logrados ao vermos que alguém mais está ali, o nosso juiz, diante do qual nos temos de justificar. Por isso nos sentimos apiedados por nós, e o nosso mais profundo desejo é fugir.

- Mas diante de Irene não penso em fugir. Ela não me vê, eu estou à vontade, e ela também. Cada um de nós, hem? está do seu lado. Ela do lado de lá, eu do lado de cá. Olho para ela e sei que está longe. Demoro os olhos nos dela, é como se olhasse

143

uma parede. Tu porque julgas que se faz amor às escuras? Há os que querem luz. São os devassos. Eu não sou devasso. Sou um tipo normal.

E vaidoso da sua normalidade, deu um retoque à barba raquítica... Mas tinha ainda uma pequena observação a fazer: mesmo após a violência, a apoteose da solidão, se um homem e uma mulher não fogem, que é que dizem? Nada. Alguém lhe afirmara, talvez eu, que a comunhão começa aí. Extraordinário: uma comunhão de estar ao pé. Abriu em leque as duas mãos:

- Já reparaste quando é que dois tipos são mesmo amigos? Quando se sentam um ao pé do outro sem já dizerem nada...

Mas eu mal o ouvia. Tinha uma pergunta desde há pouco, pergunta para ele e sobre mim, talvez:

- Portanto, qualquer mulher te serve.

- Sei lá! Agora serve-me esta. Mas pode alçar quando quiser, que me não faz diferença nenhuma. De modo que nada tenho a contar-te, amigo. Vinha para isso, para contar - a ti ou a mim próprio? Porque contar-me a mim próprio era pôr-me de fora, objectivar-me, desprender-me de mim. Ergo-me a custo da cadeira de pau onde me sinto pregado para a noite. Mas Garcia talvez "jogasse", se inventasse ou pretendesse inventar o que não era: acaso o que somos profundamente se exprime em palavras, em consciência? Sobretudo se desejamos sê-lo? Acaso o que somos verdadeiramente nos não é uma surpresa quando os outros no-lo revelam? Quem conhece os seus tiques, os seus estribilhos? Imagina que eu te digo: um teu estribilho é o "hem" ou o "ah". O que se vê está diante dos nossos olhos; mas

144

o que nós somos são-no os nossos olhos também... Garcia talvez fingisse, porque ao verme de pé:

- Mas tu que querias? E que horas são? Não tenho relógio, detesto o relógio.

- É uma hora. É tarde já, e a noite esmaga. Inverno longo. Chego instintivamente à janela, olho a massa insondável do silêncio.

- Mas que é que me querias?

- Nada, nada.

Um catre ali - apetecia-me ficar. Com a braseira por companhia, revolvendo as cinzas. O vento ressoa no telhado ou ressoa o espaço do vale fundo, em frente, e que não vejo, e que é ao meu olhar uma súbita mão na garganta.

- Mas o que tem piada é que ela ainda gosta de ti - disse Garcia inesperadamente.

- Quem?

- Mas já a não gramas então... Gostas mais da outra... Lá... lá, lá, ri... lá, lá...

Retomara os pincéis e cantava. Cantava a degradação da música de Irene, numa voz de sífilis e de aguardente. Desci a escada, bati a porta. O nevoeiro enrolou-me nas suas vagas, foi-me arrastando para longe. A voz de Garcia ia ficando para trás, solitária, perdida na noite com o seu frémido de loucura, como a luz da janela suspensa na névoa e que nela se apagou enfim como uma memória que se desvanece.

XV

Eeis que no dia seguinte - ou um ano depois? Porque, quanto tempo de relógio durou aquilo que narro? O meu amor por Aida e o cansaço disso não podiam ter durado dois ou três meses apenas, como creio ter já dito. Se o que somos, profundamente, explode em revelação, o que o fez germinar não se realizou tão depressa. Sei por exemplo que no meio da minha história há uma imagem numa praia e o corpo de Aida, glorioso de sol. Vejo-a em pé e de perfil, sacudindo os cabelos, os olhos cerrados a um prazer de haustos



longos. Ora ela não morreu nesse verão. Nesse verão ela é só um corpo fértil ao sol. Relembro perfeitamente a beleza do seu corpo e, portanto, ele existia para mim, belo, evidente de alegria. Um ano pelo menos deve pois haver de permeio - onde? em que ponto exacto desta história? E acaso tem isso interesse? Uma história vivida não tem tempo de calendário - tem-no só no que se viveu. Amei Aida, aborreci-a. E é só disto que falo. Podia inventar uma exactidão, dizendo, por exemplo, que “meses se passaram”. Mas uma história que se vive não cabe em três palavras. Em

147

três palavras caberá a que não existiu. Mas se não existiu, como existir? Quero dizer: como recordá-la? Revivê-la? Há um ano de permeio, um ano ao menos. Só lhe não sei o lugar. Se o beijo de Alda me durou na boca, se a senti misteriosa com um aceno à sua intimidade, se Garcia me perguntou se eu já não “gramava” Aida... Complexa, tão enredada, uma vida humana. E no entanto um pequeno episódio pode resumi-la toda. Reverte-te a ti próprio, pensa: de súbito, sem te mentires, confrontado em flagrante com o teu passado, que foste tu? que te resume? que facto te lembra sem esforço? Imagina que te pedem a tua biografia: quase não tens nada para contar... Amores, sonhos, combates - lembra-te depressa: que te ficou? Há uma leve vaga de chuva, um adeus na madrugada, um insulto inesperado e violento a uma esquina de um passeio - que mais? que mais? Mas essa mesma hora, esse adeus, esse insulto, se o quisesses contar...

Cai o inverno a todo o peso sobre Penalva, relembro-o. Vagas de vento e de chuva, de horizonte a horizonte, nevoeiros assombrados, noites de eternidade. De súbito, há um instante de neve em que ela me aparece, vinda da rua Direita, cortando a praça em diagonal - Aida? Todas as manhãs a espero à minha janela fechada: os vidros embaciam-se com o meu longo esperar. Não fui a sua casa, rondei-a pelas tardes, na esperança de me decidir. Violentava-me, forçava o meu cansaço a reconhecê-la ainda. Porque era bela como sempre. Mas eu já só o sabia sem o saber, sem o ver.

Há um instante de neve e uma alegria sobe ao meu olhar fatigado. Sobe e sorri no meu sorriso de

148

nada, aéreo e frágil como um aceno. Veio a neve de noite para que a manhã fosse perfeita. Tem a idade do signo, a distância do augúrio. Sob a festa de brancura há o ressoar dos milénios nas pedras cancerosas, nas ruas trôpegas, nos meus olhos esvaídos. Casas de outrora, pedra coalhada da Sé, praça do silêncio. Homens accidentais que são isto e o quem isto ignora, efémeros, corroídos do tempo, eu, aqui, ocasional espectador, gravado de condenação - um momento fugidio sagrados de beleza, de uma graça que não é, que se suspende e está onde é aqui só presságio da sua evidência serena. Impossível por isso que neste instante de harmonia ela não viesse - ela? a sua imagem? a imagem do que estou em mim esperando? Vem da rua Direita, corta o largo, fina, flexível como uma pura vibração. Corro abaixo, apressado, no receio de a perder. Ela está já sentada à sua mesa, com a disponibilidade activa de quem vai começar. Há oito dias já talvez que não aparecia e Faustino, esférico e vivo, redobra os giros à sua volta com cartas, facturas, com simples perguntas sem papéis. Eu disse

- Bom dia.

e ela respondeu de olhar cintilante

- Bom dia.

Mas ela quem? Não o quero saber, não o quero perguntar - espero que isso se me revele. Faustino, porém, dispensa sabê-lo: ela é aquela presença corpórea, limitada no seu corpo fresco. Quando Aida faltou, interrogou-me com a timidez e a hostilidade de quem não tem o direito de ser hostil e perguntar:

- Aida está doente - respondi, para dizer que eu não estava fora da situação.

- E a irmã? Podia vir a irmã.
- Se pudesse. Se quisesse.

Mas no dia seguinte contrariou-me:

- Ela não está doente. Sei-o de certeza.
- Ignoro se está doente, meu amigo. Dei-lhe licença para estar doente. Se está ou não, não é comigo, não quero saber disso.

Mas era possível que fosse Alda, e um instante admiti-o, porque o sorriso dela era um sorriso virgem, não havia fadiga a pisá-lo, o cansaço de dentro que exprimisse o meu cansaço. Teria contado tudo à irmã? Um facto me corroborou a suspeita de que Aida não viera: Emílio desaparecera e não veio nesse dia, nem nos dias seguintes. Aida teria ido ao Sanatório e Emílio conhece uma e outra. Mas conheces como? Em que atenção humana ao que delas se exprime no que fazem, no que dizem, e eu não sei? Haverá uma verdade humana, simples, fácil, para lá da minha loucura ou para aquém? Durante esses dias, pois, não a tratei pelo nome, como ela a mim, evitava, como ela, o uso de expressões que pusessem em questão um tratamento de "tu". E dizia:

- Que há hoje de novo? Ou:
- Já se desfez o equívoco das Críticas? E ela respondia:
- Venderam-se todas as Críticas-, as da Razão Pura e Prática. Não foi preciso portanto desfazer o equívoco.

Assim um dia propus-lhe:

- Se saíssemos um pouco?

A neve durava ainda, porque gelara em grandes placas de vidro ou em grandes crateras que os transeuntes

escavavam enquanto a neve estava fofa. Aida-Alda lançara um olhar de arrumação aos papéis da secretária, vestira o amplo casaco de lã que lhe centrava o seu calor de intimidade e, com um ar de aventura de quem não teme um risco, saíra comigo para o último sol da tarde. Não sei, porém, que é que entre nós se criou e me insinuou a certeza (que eu não pensara que o era) de que era Alda e não Aida que caminhava a meu lado. As palavras que dizíamos recriavam-se em novidade, em apelo a uma descoberta, abriam em torno dela o halo de uma mulher por desvendar. Era possível, porém, que Aida se retomasse a si própria desde a hora em que pela primeira vez a conheci. Mas como sabê-lo? Ela era realmente a outra, porque era então a que eu via. É possível que as minhas hesitações, o trato neutral de quem começa, a incitasse a imitar-se a irmã que não era. De qualquer modo, eu descobria-a como se a descobrisse, ela era portanto tão nova como se nova fosse.

Vagueámos pela cidade, a princípio com o meu receio de que a outra, que esta não era, nos surgisse pela frente e denunciasse o meu engano ou a minha confirmação. E a cada passo, a cada esquina de rua, eu esperava a aparição de uma flagrante justiça num rosto de amargura, mas altivo ou sereno, e que seria Aida fulminando-me de desprezo; ou um rosto jovial ou comprometido de um pecado secreto (o meu, compartilhado) ou um rosto soberano de quem viu a humilhação, a arredou com um pé, e seria Alda chasqueando do meu ludíbrio. Porque eu aceitava assim o equívoco da companhia de Aida numa conversa dúbia de quem tenta uma oportunidade e não

recomeçou onde a lealdade o exigia - a trituração, a mastigação de uma fadiga, de um esgotamento ou desencanto final. Mas durante os vários dias que saía com Aida-Alda (que seria sempre só uma ou duas que se revezavam) jamais o encontro com uma delas,

da outra, me veio destruir a hesitação. No cerco estreito da cidade repetíamos os passos de sempre e repetíamos a Mata com as suas veredas solitárias, altas árvores na imobilidade do silêncio, vestidas agora de uma memória quente de infância, repetíamos os horizontes do Castelo desdobrados agora à quietude branca da neve, repetíamos a Sé com uma gárgula obscena apontada à Espanha, a estrada do Sanatório com as janelas acesas ao anoitecer, a rua da Fonte, o jardim tolhido de gelo, a mole espessa da prisão. De que falávamos? Recordo algumas questões, algumas frases, decerto só aquelas que se impregnam de sentido nesta história que conto. Revejo-nos numa tarde, no alto do Castelo, encolhidos contra as pedras a ver o dia morrer. E atirado ao meu cansaço eu dizia:

- Penalva é triste.

E tu disseste que eu decerto a via assim, que eu gostava disso mesmo, cultivava a melancolia, a tristeza asfixiante, como um masoquista - e eu sorri. Sorri porque havia o teu sorriso a envolver-me, a alegria de seres, a verdade axiomática da tua beleza. Subitamente porém lembrei-me de que em tempos tivera o mesmo comentário para Aida e ela tivera exactamente o mesmo comentário para mim. Subitamente, lembrei-me de que exactamente a mesma frase nascera dela em encanto e mais tarde em irritação - a irritação que era minha e o encanto que

152

era meu. E admiti então que era absolutamente verdade que fosse Aida a falar-me, a dizer-me a mesma frase, porque essa frase era diferente. Era diferente como não a voz, nem o corpo nem a boca, mas aquilo que era dela nessa boca e nessa voz, e portanto também a voz e a boca. Diferente como aquilo que te habitava, quando tu dizias “eu”...

Mas quem “eu”? É uma evidência sem género, sem sexo - acaso já o pensaste? Que estranho!

Como um “tu”! Porque, repara: um “tu” comparticipa ainda de um “eu”, está ainda perto dele. Um homem diz “eu”, diz “eu” uma mulher - e a ambos dizemos “tu”. Porque ao dizermo-lo abordamos a iluminação onde não há sexo, nem género, nem idade, nem “psicologia”: o sexo vem depois, quando se chega à rua. “Eu sou alto” ou “eu sou bela” - sim. Mas “eu” sou “eu” apenas, “tu” és “tu” apenas. Só o “ele” tem género, porque o “ele” está longe, é já do mundo das coisas...

Quem “eu”?

E violentamente explode-me à memória o episódio do gravador. Foi mesmo nessa noite? - é agora que se me levanta, me salta à emoção.

Tenho um gravador, ficara do meu pai - comprara-o para o vender? a livraria tem uma secção de brinquedos para crianças e de brinquedos para homens, como máquinas fotográficas, jogos de toda a

153

espécie. Há neve no horizonte, porque ela é agora urgente. Armo o aparelho e a música nasce, alastra pelo céu. É um velho coral russo, espriado à estepe, espriado à longa noite. E lentamente minha mãe povoa-me a lembrança, vem nos coros da desgraça que me crescem à infinitude. Ouço-os, alucinam-me. De vez em quando, a música distrai-se em folclore colorido. Mas logo depois recomeça, raiada à distância sem fim. Por vezes é uma voz solitária que se ergue, vinda à frente da desgraça. Mas logo as outras a seguem, a cobrem de noite e de terror. Agora crescem como uma praga, agora afundam-se num choro de resignação. E então, pouco a pouco, entre as vagas da música, minha mãe - porquê? - relembro-a. Tem a face pagueada de uma dureza agressiva, de uma ira sumida, calada até aos ossos. Sofri. Batia-me quantas vezes sem me dizer palavra. Seca, destra, estriada de cólera - que tinha feito eu? - tu vieste em linha recta e a golpes frios martirizaste-me a carne até à roxidão, até ao sangue - e retiraste-te depois. O silêncio

pregou-me, um cubo fixo, eu estalando de estupefacção e terror, preso daquele ataque súbito, daquela ira compacta, presente, petrificada. Passado o ataque, partiste e eu berrei, enfim, rebentando a dor que me sufocava. Já só eu me ouvi, mas o meu choro foi-me bom, companhia de olhos ternos, e pude finalmente adormecer.

Mas ela está viva e apaziguada, nestes coros do deserto. E a carne que me sofre à lembrança do castigo reconhece-a confusamente num apelo de raízes. Solidão profunda, solidão antiga, solitário olhar entre as vagas da areia: velha união do carrasco e da vítima, mesmo essa, mesmo essa, meu pobre Jeremias...

154

Minha mãe vagueia com o seu azorrague pelas sombras desta noite e é boa como a segurança, as noites da aldeia não têm fim - coro majestoso, a resistência do que é fluidifica-se, segue as linhas de sombra de uma beleza angustiante onde a Terra e os homens se reconhecem em resignação. Música sufocante, estranha verdade de uma alegria tão funda.

Subitamente porém passos dentro da casa - ouço-os, arrastam-se, as portas batem, entretecem a evidência dos ruídos familiares. Crescem, agora, pelo corredor, mais nítidos, mais fortes, cada vez mais fortes, o coro calou-se para que se ouvissem bem, e neste silêncio suspenso batem-me à porta com o nó dos dedos:

- Berto!

- Mãe!

- Estás aí?

- Estou, estou.

Respondo por instinto. Mas logo depois salto bruscamente do sofá, abro, alucinado, a porta do corredor: só o silêncio e a noite... Fecho a porta embrutecido, todo empedrado de alarme. Que se passou? Mas o coro, ignorando-me, alheio a tudo, recomeça longamente a sua música de sombra. Caio sobre o gravador, abato-o com um murro. E toda a casa emudece de novo, agora com um silêncio estranho, inquietante, como no instante primeiro de quem sacode um pesadelo. Alguma coisa se afugentou e fica à espera, e fica à escuta. Tenho medo de me mover. Alguém me chamou realmente? Mas eu respondi. Uma intriga obscura paira ainda no ar, lava-me ainda nos nervos. Absurdamente, agora que estou verdadeiramente acordado, aguardo ainda que uma

155

palavra ecoe na casa deserta. Mas não há sequer um rumor de vento. Assim mesmo, porém, as coisas fixam-se-me, os muros estalam-me no instante-limite em que vão falar. Ouço, ouço. Que estranho! Tento reagir, abro enfim a janela para a praça. O gravador, sobre a mesa, queda-se obtuso, fechado do seu segredo.

E repentinamente lembrei-me: eu gravara os coros russos - há quantos anos? -, minha mãe batera à porta e eu abri sem dizer nada, todo retesado em silêncio. Olho o gravador, interrogo-o: ele permanece cerrado, sem me responder. Tenho medo de lhe tocar. Há alguém dentro dele aguardando a minha audácia, a minha temeridade. Avanço enfim para ele, hesito ainda - um gesto que eu faça ameaça-me de explosão. Que estupidez! Acaso perdura em mim o que supunha morto para sempre? Que é o medo? De que tenho eu medo? Porque minha mãe morreu, hem? Morreu. Sei-o desde as vísceras, de um saber feito de ossos, de carne. E, todavia, que presença esparsa me apavora? presença absurda, violentamente realizada numa voz que era a dela, que a exprimia a ela, no seu corpo, no seu ar. Avanço para o gravador, atiro a mão à frente. Imagina que o rebentaste quando lhe assentaste o murro. O gravador está morto, a voz é morta e o que a vivia. Que é que tens? "Só se tem medo do medo". A noite cava-se até onde o dia é inverosímil. Eu só. E, sem que quase o tentasse, aperto a tecla do gravador - o gravador trabalha. Faço girar a bobina até ao ponto da voz, e é como se, dominando a máquina, dominasse o que

nela havia. O coro irrompe de novo, eu aguardo - é agora! O coro cala-se,  
156

o silêncio estala-me o peito, alguém me chama, alguém me vai chamar, uma vida absurda vai erguer-se de além da vida. Mas o silêncio alonga-se, os coros recomeçam - ninguém falou. Fico tolhido de frio, tento rancorosamente reagrupar-me todo a mim. Era ali que a voz estava! Desorientado, rodo a bobina para a frente, para trás, suo, desisto. Imóvel de novo, o aparelho fita-me na sua obstinação. Mas de súbito outra vez:

- Berto! Estás aí?

O aparelho trabalha, não o parei, a tecla afinal está premida. Não respondo, os coros recomeçam ainda. Então caio sobre o gravador, calo-o de vez, faço retroceder a bobina, ligo-o de novo, quero ouvir a voz, dominá-la, dominar-me: "Berto! Estás aí?". Volto atrás, insisto: "Berto! Estás aí?" "Berto! Estás aí?" E de cada vez respondo: "Estou!" "estou!". Desligo enfim o aparelho, afundo-me no sofá, o corpo todo lavado de suor. Acendo um cigarro, disperso-me no fumo...

## XVI

Durante dias não vi Aida nem a irmã. Nenhuma delas voltou à livraria, e eu senti na sua ausência uma ruptura das duas. Aida sabia já do meu interesse por Alda, ambas tinham por certo conversado e assentado no dever de me isolarem. Mas, por hábito ou esperança secreta, levantei-me a tempo de aguardar uma à janela. A neve viera de noite, como todas as grandes surpresas. Limpei os vidros e esperei. Uma figura breve iria romper do lado oposto da praça, povoando a cidade, o silêncio branco. Mas a praça permanece deserta, só com o polícia imóvel no cruzamento das ruas. E uma meia hora depois desço à livraria. Faustino imobiliza-se ao balcão, a face redonda e roxa de frio.

- Porque tem você esta porta aberta? E acenda os radiadores.

Sem fazer comentários, acende os radiadores. Depois volta ao balcão e perfila-se em imobilidade com os punhos pousados sobre o tampo.

- Há quantos dias a menina Aida não vem?

- Há oito. Ela ou a irmã.

Mas fala sem se mover. É evidente que está profundamente irritado com a vida que lhe não dá

atenção. A vida sou eu, Aida-Alda, a mulher, os filhos. Tenho um dia de conversar com ele a sério

- mas como? Porque é impossível conversar sobre um facto que não poderei admitir oficialmente como acontecido. Nem ele. Vou ao meu gabinete, percorro sumariamente os papéis arrumados na secretária

- papéis meus, papéis de Aida que transitaram para ali: facturas, correspondência, balanços. Faustino depositou-os ali para que eu os visse. Quer acusar-me de algum modo da ausência das irmãs. Acendo o meu radiador, acendo um cigarro. Com o fumo sobem memórias vagas, mais nítidas, mais fugidias, corporizando-se, desvanecendo-se, ondulando umas nas outras. Entorpece-me uma tristeza de nada. É o silêncio da cidade, o enfeite da neve que lhe dá um ar de louca, a imobilidade de Faustino, que não vejo. E uma súbita pena toma-me todo. Ver Aida, procurá-la, trazê-la ao perdão. Sobretudo, recuperá-la na sua pureza primeira, na virgindade do sentir. Gastei-a - e porquê? Porque se nos gasta a beleza? uma música? um quadro? Uma música que é a mesma, um quadro que é o mesmo? O milagre mora lá e já o não vemos

- porquê? Mas às vezes acontece que o milagre revive: os olhos, os ouvidos, recuperam a disponibilidade primitiva, a nudez primitiva - e tudo reaparece ainda. Levanto-me para sair, visto o sobretudo, enrolo o cachecol. Mas Faustino trava-me, por sadismo:

- Vieram dois volumes repetidos da Enciclopédia Britânica.

- Sim. Logo se trata disso.

- E há uma encomenda da Philosophia Kabbalistica et Pantheismus e o cliente já reclamou.

160

- Mas não se podia mandar vir em dois dias, não é assim?

- Mas o texto integral das objecções de Gassendi já foi pedido há um mês. O cliente quer uma resposta.

- De acordo, de acordo. Se for preciso, eu próprio me encarrego de tudo.

Saio enfim para a praça, um céu de cinza imobiliza o tempo em expectativa, em longa ausência. A estátua do largo estende a sua mensagem inútil, a Sé escura enfeita-se de irrisão. Caminho sem ideias ou suspenso apenas de uma pequena ideia fugitiva que não quero examinar para a não perder. Sob as solas grossas das botas a neve range. Ouço-a ranger. O sinaleiro ergue o braço para uma bicicleta solitária, pelo puro gosto ou necessidade de erguer o braço. Baixa-o antes de a bicicleta passar, cansado da lentidão do ciclista. Os velhos do alpendre escarram para o chão, aguardando o sol de amanhã. Acelero o passo, acossado de frio ou da urgência de chegar antes que o meu propósito se me revele precipitado. Vou pela rua Direita, de portas fechadas de um lado e de outro, braseiras em fila a acenderem-se para a manhã. Ao alto, nas janelas, vultos breves atrás dos vidros. Agora, porém, volto à rua do Inverno, abrando a marcha, afundado em mim, perguntando-me “quê” ou “para quê”, perguntando-me a primeira palavra a dizer, a palavra nua, sintética, que concentre tudo o mais que disser ou fizer. Uma velha espreita ao postigo da porta - face humana numa rua antiga, corroída de sombra. Passo enfim o arco da muralha - a casa de Aida pega com o arco, a um canto do lado direito. Sobre o alpendre de granito, a neve brilha

161

no silêncio. Nos degraus desgastados há água da neve pisada e derretida. Bato à porta timidamente - não ouço ninguém, como na rua, como no largo em baixo, como no vasto horizonte que se me abre adiante. E como se pela quase certeza de que não estava realmente ninguém, bato à vontade, com mais força. Ouço as pancadas lá para dentro de casa: ninguém ainda. De súbito, mas não a seguir às pancadas, em desconexão portanto com elas, pareceu-me ouvir uma gargalhada estrídula como de quem passasse de uma sala a outra, em fugida, atravessando um corredor. Havia uma janela que dava para os degraus da entrada, mas um pouco desviada do patamar. Com esforço, firmando a ponta de um pé no último degrau, dependuro-me do peitoril, espreito: é a sala de entrada, vazia, com o grande rosário na parede e os três guiadores de bicicleta. Olho ainda longamente, suspenso do peitoril, até me doerem os dedos, anquilosados do gelo e do esforço. Desprendo-me enfim, bato ainda duas pancadas na porta para remate. Nada. Desço os degraus encostado ao corrimão, evitando as covas de água do centro: um riso granizado vibra de novo, inesperadamente, para o interior da casa. Então, em vez de regressar pelas mesmas ruas, lembrei-me de descer ao largo que fica mesmo em baixo da dupla escadaria com florões de granito, virar à direita, subir a rampa para a rua do Comércio: o pai de Aida tinha ali a loja de bicicletas. Era uma loja de duas portas. Entro pela primeira - ninguém. O tecto coalha-se de bicicletas, suspensas como estalactites. Contra a parede, em grades de madeira, outras bicicletas alinham-se em pé, como num grande parque de estacionamento. Nos muros - cartazes,

162

folhas de revistas. Uma porta fechada devia dar para as oficinas. Ao fundo, do lado esquerdo - uma vedação de vidro fosco, com uma porta e um guichet fechados também. Subitamente ressoou uma voz metálica, enferrujada:

- Deseja alguma coisa?

Olho para todo o lado, descubro enfim o senhor Sousa antes de lhe achar a voz. Estava atrás de mim, deve ter vindo da rua ou de uma porta ao fundo, mas do lado direito. Veste um fato-macaco, segura numa das mãos, coberta de óleo, uma chave de parafusos e na outra o aparelho, que mantém ainda encostado à garganta. Hesito em responder não à voz, mas à face - uma face colérica, esverdeada de azeite. Ouso enfim uma resposta:

- Procuo Aida. Fui lá a casa e ninguém respondeu. Aida nunca mais apareceu na livraria.

- A minha filha... Que pretende o senhor da minha filha? O senhor não sabe o que é dignidade!

Voz de relógio velho, impessoal, monocórdica, plana como um bater de horas. Voz de batráquio. Era-me impossível reagir logo, humanamente, à ofensa do rude homem, ali postado à minha frente com o tubo encostado à garganta e gesticulando com a chave de parafusos. Porque me esquecera daquela voz e não podia ligá-la imediatamente a um ser humano, mas a um bicho que me falasse de sob os pés.

- O senhor não tem dignidade - continuava o homem horrorosamente. - A minha filha não volta à livraria.

- Mas, senhor Sousa, eu...

- Nunca tive ilusões. Desde que o senhor lá foi a casa.

163

- Há um equívoco tremendo e eu...

- Não há equívoco nenhum. Conheço-o muito bem. Vi logo.

Abria os olhos em cólera, arremessava bruscamente a chave de parafusos. Mas a voz mantinha-se quase inalterável, vibrante e ranhosa, exterior ao homem, rouca, quase estrangulada. Que responder? Não me entendia com o homem nem com a sua voz de ventríloquo. Responder-lhe não era responder-lhe, porque me parecia que ele me falava de outro lado ou com algo de permeio, como um cego ou um surdo.

Mas neste mesmo instante, pela porta do meio da parede rompeu um homem acorado sobre uma bicicleta minúscula, pedalando freneticamente. Era talvez uma bicicleta de circo e o homem experimentava-a. Girava em volta do largo salão, contornava-nos depois em voltas rápidas, agachado sobre a máquina pequeníssima, como um escaravelho, rompeu enfim de novo pela porta dentro para as oficinas. Eu seguia-lhe os movimentos, quase distraído da conversa. Mas pude finalmente declarar:

- Desculpe, que lhe lembre, meu caro senhor, que das minhas relações com a sua filha, só ela e eu podemos decidir.

E saí. Subi a rampa, escorregando na neve, que endurecera. Ao alto, no ângulo das ruas da Misericórdia e do Comércio, o polícia sinaleiro, vestido de borracha, quedava-se estático, como um espantalho. Mas toda a cidade, deserta e transfigurada, se me transmigra e dissipa num instante inverosímil de seda e cristal, intacta à mão humana, pura e irrealizável como uma vibração longínqua. Não me apetece

164

regressar à livraria e vagueio pelas ruas abandonadas. Vou pela rua da Misericórdia, do Marquês, passo ao largo da Prisão, ao jardim, volto pela estrada do Sanatório à rua da Misericórdia, subo à rua da Torre. Mas aí abrando a marcha, porque ouço Irene cantar. Quando conhecerei Irene? "É um nome bonito, não é?" Desejo-o e temo-o: será ela mais que a sua voz? Mas o que Garcia contou excita-me a conhecê-la. Imagina que ela se apaixonava por ti... Agora canta. Canta desde o limite da aparição da neve.

No entanto, tenho de regressar à livraria - os meus pés sabem-no antes de mim: papéis a arrumar, ideias a esquecer. Quando, porém, entro, Faustino não está parado onde o deixei. Empoleira-se no escadote, tira livros ou papéis de uma estante alta. Mas logo compreendi: - Aida está à sua secretária, aplicada às contas e facturas que se lhe

amontoam diante. É Aida, com certeza, não porque o Faustino se agite, mas porque ao pé dela alguém está lendo e comentando intervalarmente uma revista que folheia: embora a revista, olhada debaixo dos três degraus, lhe tape o rosto, sei que é Emílio. Aliás, fitando Aida, e antes de fitar Emílio, sei que é ela, porque tem a face pisada.

- Bom dia, Aida. Bom dia, Emílio.

Emílio tem para mim um comentário conciliador - se aquilo eram horas para um homem de negócios. Eu bato-lhe, sem responder, uma palmada fraterna no ombro e entro no gabinete. Aida vem logo a seguir com papéis para eu assinar. Vejo-lhe a mão pousada na minha mesa. É uma mão não de mistério, de fascinação, de calor íntimo, de fragilidade, apelando para a destruição - mas antes mão de

165

cansaço, falando estranhamente de trabalho de fim de dia, de piedade. E é com piedade, por ela e por mim, que a tomo na minha, a aperto abandonada sem nada para dar. Ergo os olhos com o domínio de quem está dominando: Aida tem uma face branca, não da brancura da alegria jovem, mas da brancura pálida da mulher pela manhã, antes de se arranjar, depois de uma noite de insônia. Ergo-me bruscamente e tomo-lhe o rosto e beijo-lhe a boca. Inútil, inútil: frio e cuspo, e só a presença de um corpo, só a realidade de um corpo.

- Não te enganaste? Não terias beijado Aida?

- Oh, tu bem sabes que foi um equívoco, tu bem sabes...

- Ela é mais nova do que eu, ela é mais bela do que eu.

- Por favor, Aida, por favor. Não vês como tento? Porque não és compreensiva? Porque não ajudas? Porquê?

Mas ela reuniu os papéis e saiu, grave, solene, sem me responder. Tomei os livros de contas e marrei contra as filas dos algarismos até me guincharem os ouvidos. Sim, possivelmente não gostava já de ti, e só eu não queria acreditar. É injusto, é absurdo que isso seja assim. Tento ainda, procuro-te de novo. Há o pretexto de uma soma errada: se este algarismo das dezenas é o que eu estou lendo. Saio do gabinete, vou ter contigo outra vez.

Mas, ao contrário do que eu esperava, Aida acolheu-me alegremente:

- Mas evidentemente que é um quatro. Como havia de ser um sete? Os sete corto-os sempre. O meu pai é que os escreve sem os cortar.

166

Estranho-lhe o tom vivo de alegria, o movimento de alegria que lhe excita todo o corpo. Olho-lhe a face e o olhar - tem alegria aí também, no rosto, nos olhos faiscantes. Pergunto desnordeado:

- Quem és tu?

Faustino gira como uma lançadeira, vem dizer que Pantheismus se escreve com th, depois vem pedir que Aida registre na conta do cliente da Enciclopédia a falta do volume que faltava, porque viera outro em duplicado. Mas Emílio tinha saído. Aida não responde à minha pergunta e aplica-se ao trabalho de face risonha, falando e rindo com Faustino, que ri também e empalidece e se ruboriza e se agita ao longo do balcão. Saio para a praça, vagueio de novo pela cidade. Mas quando regresso, uma hora depois, Emílio está de novo junto da secretária de Aida, lendo uma revista, trocando com Aida breves comentários. De baixo, não lhe vejo o rosto, porque a revista o tapa todo, talvez porque ele não vê bem e necessita de pôr a cara sobre as letras. Mas é ele pelo tamanho e pelo sobretudo, que é de um tecido acinzentado à distância, na realidade branco e preto, em espinha. Bato-lhe uma palmada no ombro, ele tem uma palavra aliciadora:

- Um homem de negócios deve estar à frente dos seus negócios.

Olho Aida, ela tem a face pálida de uma noite de insônia, em todo o caso atraente quando



um dia a vi assim, por me lembrar a intimidade da alcova, agora um pouco repelente por me lembrar a miséria da alcova. Se ela pensa que pode rir-se de mim, engana-se. Entro no meu gabinete sem lhe dizer palavra, e aplico-me de novo, com raiva, à verificação

167

das contas. Há várias fichas atrasadas dos clientes de conta aberta, Aida deixara-as atrasar, Faustino acumulara papéis com indicação das dívidas para lançamentos. Mas após alguns minutos de esforço, desisto: conferi a cópia de três papéis e achei dois erros. Visto de novo o sobretudo e saio para a neve. Quando porém passo junto da secretária de Aida uma voz harmoniosa e quente trava-me:

- Um homem de negócios deve estar à frente dos seus negócios.

Estremeço fortemente, olho Aida em pânico: tu outra vez? Aida outra vez, face viva, as duas covinhas do riso, os olhos embebidos em violência íntima, em apelo íntimo - Emílio não estava. Mas só dei conta disso quando o encontrei à boca da rua da Torre ouvindo Irene cantar. Eu próprio abrandei o passo, porque a voz vinha de longe.

- É ela.

- Ela quem? - pergunto, alheado.

- A Irene.

- Bem sei.

Calámo-nos ambos, suspensos dos sinais que se anunciavam para lá da cidade, no horizonte adivinhado, ali ao pé, na estátua vestida de neve, na Sé obtusa, enfeitada de irrisão ou de uma graça inverosímil. Calámo-nos, porque tudo o mais era em excesso e inútil - a desorientada procura, o cansaço, a aridez e a insónia, as verdades que explicam, e o medo. Uma voz canta na pura alegria de ser. Vem de mais longe que a vida. Aí estamos. Aí a ouvimos.

## XVII

Que escreví? Que contei? Estou cansado... Clarinda está doente, soube-o nessa tarde com neve, com Emílio a meu lado a caminho da pensão. Ou noutra tarde, noutro inverno, noutro ano. Clarinda está doente, que mais importa? Está doente, vai morrer - não! como podes tu morrer? Como se pode morrer? Como pode morrer tudo o que é vivo e só em vida é verdade? - meu filho...

E repentinamente, uma outra imagem me assalta, me inunda a memória - quando foi? Nós estávamos em casa, era uma tarde de verão, havia um calor grande no ar. Eu subira da livraria cansado, minha mulher esperava-me. Não, não queria tomar nada, só uma bebida fresca talvez. Minha mulher estava a mais, mas nada era de mais ao pé do filho que dormia no quarto ao fundo do corredor. E de repente, no silêncio afogado de calor, minha mulher ouviu, eu ouvi, no silêncio abafado, compacto, extenuante - um tiro! Suspendemo-nos fulminados, saltamos sobre nós, mudos, enlouquecidos, correndo

169

pelo corredor aos tropeções - mas antes de chegarmos ao quarto ouvimo-lo gritar... Imagina que não gritava! Imagina que não gritava - de que serve? E algum tempo depois, foi em Setembro... Um vento de desolação sopra lá fora, ouço-o através das grades da minha cela, as folhas mortas das árvores devem arrastar-se pelo chão até a um recanto onde apodreçam em paz. Não cai neve aqui nunca - o inverno é um outono prolongado. Mas lá o inverno tinha a sua hora e vinha sempre e chegava sempre. Depois esquecia-se e ficava...

Emílio caminhava a meu lado em silêncio e a cidade mergulhava na noite. A neve rangia sob os nossos pés, juntava-se nas biqueiras das botas, saltava-nos para a dobra das calças, onde se acumulava e derretia. Repentinamente, passos açodados e uma voz aflita

“Sr. Doutor, Sr. Doutor”. A voz vinha de trás e voltámo-nos: um garoto, de face roxa, alcançou-nos enfim:

- Senhor Doutor! O tio Jeremias disse que fizesse o favor de lá chegar depressa.

Procurara decerto Emílio na livraria - quem era o garoto? O “lázudo” de que falara Garcia? E quem estaria doente? Emílio ouviu-me a pergunta que não fiz:

- Alguma coisa da mulher.

Acelerámos o passo, o garoto multiplicava-se a nosso lado. A cidade regressara à sua solidão, deserta no silêncio da neve, longínqua, irreal. Quando chegámos à pensão, Jeremias, que nos esperava à porta, abriu as enormes asas do capote e lançou-se sobre

170

Emílio, sepultando-o nelas, arrastando-o para o interior escuro da gruta. Eu subi à salinha, onde Garcia acabava de jantar. Encostei-me à janelinha de cortinados campestres, perdidos no horizonte pálido da neve.

- Que tem a mulher do Jeremias? - perguntei sem me voltar.

Garcia descascava castanhas cozidas:

- Mas não penses que essa pessegada da “solidão” e da “comunhão”...

- Que tem a mulher do Jeremias?

- Não é a mulher: é a filha. Voltei-me abruptamente:

- A filha? Mas que tem a filha?

- Mas não penses que essa pessegada me comove. Um tipo vem e diz: Deus morreu, mas faz falta. Ai faz? Então invente-o, essa é boa. Outro tipo vem e diz: o homem está só, mas como resignar-se? Como? Se não se resigna, meta-se numa terceira de comboio que leva sempre muita gente. Agora tu dirás: mas eu, Garcia, pinto. Logo, acredito nos outros. Logo, falo com os outros. E daí? Também as pedras falam. Mas não admito que filho da mãe nenhum me venha lembrar o que lhe digo. O pai de uma filha bonita não gosta que o genro lhe venha dizer o que goza com ela. Que goze o que puder, mas que esteja calado. Agora a filha do Jeremias não sei o que tem. Febre. Dores de cabeça.

Mas justamente o Jeremias chegava daí a pouco. Um signo de fatalidade marcava-o fundamente. Trazia a gola do capote erguida com um ar de vigília nocturna, os cabelos e as barbas espalhados à volta. Vinha atender-me, e vinha queixar-se, se pudesse. Garcia deu-lhe uma oportunidade:

171

- Então a pequena, Jeremias?

O profeta abateu sobre um banco, os folhos do capote amontoaram-se-lhe em redor. Não sabia da pequena, o Dr. Emílio estava lá com ela. Mas doía-lhe ali, no fundo do cavername, meu irmão, uma coisa, uma coisa...

- Põe essa coisa cá para fora - convidou Garcia, sem o fitar, atento à castanha que descascava.

E ele pôs:

- Aqui há três dias, já os senhores tinham jantado, estava a cair um nevão, eu tinha ido à cadeia ver o meu irmão carcereiro que está doente.

- Hás-de dizer ao teu irmão carcereiro - interrompeu Garcia - que me deixe o ofício em testamento quando morrer.

Mas Jeremias não lhe deu atenção. Caíra a todo o peso sobre a sua negra história. E contava na sua voz de trovão: quando chegara a casa, a mulher tinha saído. Jeremias, de grandes asas abertas, os olhos cerrados de amargura, declarava que compreendera logo.

- A história do carnicheiro - adiantou Garcia, carregando o cachimbo.

Jeremias ergueu os ombros num vasto desalento: de que valia falar? Não, não era o carnicheiro: era o sapateiro.

- O pai do lázudo que anda atrás da Clarinda? Era outro. E essa história do lázudo... Bem.

Mas como ia contando...

- Isso tudo é uma vigarice - cortou Garcia. - Toda a gente sabe que a tua mulher é uma pérola. Tu queres é um pretexto para malhares. Porque raio

172

é que não malhas sem mais desculpas? Mas tu queres é arrear sem que a gente te insulte.

Jeremias suspendeu-se de olhos cerrados e o gesto interrompido, até que Garcia largasse a inconveniência. Pacientemente, recomeçou:

- E vai então saí à procura dela. Quando voltei, já ela estava. E um homem que é que há-de fazer? Perdi a cabeça e enfim dei-lhe bastante. Ela que não, que tinha ido à comadre, meu irmão. Já conheço a calêndia. A comadre, é claro, diz com ela. E dei-lhe, pois está visto que lhe dei. Então a pobre criança agarrou-se a mim...

E aqui não pôde mais. Soluçava aos arrancos: "fui eu que a desgracei, fui eu que a pus naquele estado, a minha filhinha, a minha filhinha". Garcia segurava o cachimbo com uma das mãos, com a outra dava palmadas no ombro de Jeremias para o acalmar:

- Está bem, está bem. Agora não adiantas nada. Gostas de arrear, acabou-se.

- Está bem que doutras vezes, senhor Garcia, meu irmão, que doutras vezes... É uma coisa, não sei, é uma coisa cá de dentro, uma obrigação. Mas dessa vez!

- Vê tu - explicava Garcia para mim - aqui o nosso Jeremias também tem a sua teoria, também tem a sua tese. Diz ele: "Bato-lhe porque me sinto "só"."

- Às vezes, senhor Garcia, às vezes é verdade. Mas dessa vez!

- Simplesmente, não se aguenta. Quer que a gente lhe dê razão.

- Não quero que me dêem razão, não é por isso, senhor Garcia. É que ela não me ouve, não me

173

liga nenhuma. Anda lá a roer a sua vida, não me liga importância. E eu sou um homem, sou um desgraçado, também preciso de uma côdea, de um bocado de amizade. Não é só aos cães, senhor Garcia, meu irmão. E então bato-lhe, mas sabe Deus o que me custa. Depois ficamos mais amigos.

- Portanto é o que eu digo: essa história do carnicheiro e do sapateiro é uma aldrabice.

- Mas não é aldrabice, senhor Garcia, pode crer que não é. A minha pobre filhinha...

Mas Emílio chegava. Tirou o sobretudo, esfregou as mãos, sentou-se à mesa:

- Que há hoje para comer?

Jeremias ergueu-se poderosamente, debruçava-se para Emílio, com o vasto carão suspenso de expectativa.

- Mas a minha filhinha, senhor Doutor?

- Já disse à tua mulher. Traz lá o jantar que depois falamos.

Garcia saíra antes de nós, eu jantei com Emílio. E saí depois com ele.

- Nada a fazer - dizia ele - nada a fazer. Há um remédio novo, dizem que é bom. Estou agora a experimentá-lo no Sanatório. Mas onde o dinheiro?

- Arranja-se - clamei inesperadamente com uma força que não era minha porque era maior do que eu. - Quanto será preciso?

Emílio abrandou o passo para calcular. Recobrou a marcha, deu de ombros:

174

- Contos de réis.

Mas absurdamente apossara-se de mim um poder de montanhas. Intimei Emílio a mandar vir o medicamento. Tinha a livraria a empenhar, sendo preciso. Ele encarou-me à luz de um candeeiro, apertando a boca sob o seu bigode retinto, considerando-me entre um sorriso e um espanto: o medicamento ia ser requisitado. Com a maior urgência.

E imediatamente iniciei o peditório.

Mas há então um elo de ti para a vida? Por onde passa? Quem to legitima? Raciocina-o agora, discute-o agora. Não sei, não sei... Clarinda estava doente, que mais era preciso? Estava doente e tinha duas tranças. Tudo era mais forte do que saber porquê. Mas havia os que sabiam, os que discutiam, os que tinham o mundo coordenado num código, no livro do Deve e Haver. Sabiam tudo, esses, para que o mundo trabalhasse em perfeição. Só não sabiam que Clarinda tinha duas tranças...

Por onde começar? Primeiro naturalmente pelos grandes senhores, para quem o fazer bem é um direito. Declarei a Emílio o meu programa, ele não achou "mal". Mas foi-me avisando de que o Jeremias se dera ao luxo, em tempos, de ter "ideias políticas". O Sousa, por exemplo, gostara dele. Agora não o podia ver. Quanto aos Pintos e Vieiras, nem falar. Que eu contasse com isso.

Não contei.

Estabeleço o meu plano, levo-os a todos de enfiada. Quase todos moram nos subúrbios, fora do tempo da cidade, fora de todo o tempo. As casas são do presente como o prédio, de um presente sem memória. Devem ser vizinhos da indústria que não

175

consigo lembrar agora senão no esquema de aço que traça na cidade. Que indústria? Não sei. Bato à porta de uma vivenda que fica além do Sanatório, bato ao portão. Há um grande pátio deserto, de lajes brancas com ervas nas juntas. Devem ter varrido a neve, porque o pátio está limpo. Cresce nas sombras um silêncio de ruína. Sigo-o, suspenso, pelos eucaliptos altos e afilados, imóveis na imobilidade da tarde. Mas o prédio, de cimento, numa nitidez de faces e arestas, tem uma flagrância instantânea como um riso sem som. Aguardo longamente, mas ninguém vem. Aperto de novo o botão da campainha que ressoa vagamente lá para longe. Até que uma mulher apareceu a um dos lados da casa. De saias compridas, uma touca branca de cambraia, atravessa o pátio por entre os eucaliptos como uma emanação do silêncio em redor. Abriu o portão, esperou que eu entrasse e, tendo-o fechado de novo, pôs-se a andar à minha frente sem uma palavra. Ouvia-lhe o rumor breve dos folhos, o raspar leve dos sapatos nas lajes. Entrei em casa atrás dela, atravessei ainda um corredor até a uma sala vazia.

- Quem é o senhor?

- Adalberto, da livraria Ernesto. Queria falar com...

Mas ela não me ouviu, porque saiu imediatamente quando comecei a responder. Vim ao corredor, disse ainda:

- Queria falar com o senhor Pinto.

Nem abrandou o passo, um pouco curvada, deslizando pelo soalho, como se uma aragem a levasse. Regressei à sala nua, de paredes limpas, grande tapete preto e um sofá corrido ao longo de um dos

176

lados. Havia um calor de estufa. As pancadas lentas de um relógio de pêndulo, não sei onde, povoavam de espectros o silêncio. E pela longa vidraça, para o vazio a toda a volta, o olhar suspendia-se-me na infinitude cinzenta do céu da tarde. Subitamente, sem que eu o ouvisse, um homem apareceu-me no esquadriado da porta. Trazia chinelas, decerto, e um grande roupão azul cintado por um cordão de borlas. Tinha uma cara branca e esvaziada, orelhas flácidas de grandes pavilhões, um queixo avançado e um peito como uma pá. Fechava mal a boca e via-se-lhe um dente comprido.

- Senhor Pinto, venho aqui... Senhor Pinto, a filha do Jeremias, aquele homem de barbas que...

Um rosto estranho, com contracções que lhe chegavam às orelhas, vem sobre mim vagaroso, cresce no silêncio com um riso de escárnio ou de cólera, um dente amarelo

desnuda-se até às gengivas, vejo esse rosto sobre a minha face dilatando-se como um urro, os olhos em espasmo, abertos, expandidos a todo o espaço, e enfim um bafo podre sobre a minha boca:

- N... n... ão!

O rosto do homem recua vivamente, implanta-se de novo ao alto do roupão azul. E imediatamente todo ele roda sobre si, regressa ao corredor. Venho à porta, vejo-o alto, vergado, afastando-se ao longo da passadeira, fico a vê-lo desaparecer por uma porta ao fundo. Mas um trinco estalou atrás de mim: a velha criada de há pouco aguardava ao lado da porta aberta da rua. Saí para o pátio, ela veio atrás de mim, progrediu logo rapidamente em passos multiplicados até pôr-se-me adiante, e foi-me

177

conduzindo depois entre os eucaliptos afilados e altíssimos, de folhagem imóvel na tarde gélida e silenciosa, foi-me conduzindo pelas lajes nuas com relva nos interstícios até ao portão de madeira da entrada. E tomei então pelo caminho até à estrada do Sanatório. Uma aragem limpa soprava da neve, enregelava-me a face.

A casa do Vieira era do lado oposto da estrada. Contornava-se a mata do Sanatório, descia-se um pouco para além da mata da cidade. Mas custou-me chegar lá, porque a neve pisada abria poças de água que me repassava as botas. A tarde escurecia, havia já luzes acesas na casa do Vieira. Bato à porta principal, mas fazem-me entrar por uma outra. É um criado de farda que me conduz. A casa enche-se de gritaria de crianças vibrando no silêncio da neve. Entro para uma espécie de estufa, com telhados de vidro, onde todavia não há plantas. Depois subo por uma escada de ferro em caracol até a uma longa marquise cujas vidraças se apoiam na cobertura da estufa. Doem-me os ouvidos dos gritos, mas não vejo criança alguma, não ouço sequer correrias.

- Desejo falar com o senhor Vieira - declaro ao criado.

Ele puxa um papel para tomar notas. Mas, receando uma negativa, hesito sobre um pedido de caras:

- Não poderei falar com ele?

- O senhor Vieira está muito ocupado. Mas posso transmitir-lhe o que o senhor quer.

Não posso afinal hesitar e transmito o meu pedido:

- A filha do Jeremias adoeceu. Precisava de um remédio que...

178

O homem tomava notas. Depois desapareceu. Mas devia decerto estar instruído ou resolvera por si próprio da resposta que devia dar-me, porque sem tempo para ir lá dentro, regressava daí a pouco:

- Não!

Tomei o chapéu, o homem dispôs-se a acompanhar-me. Os gritos vibravam em toda a vidraçaria.

A tarde findava com um rasto fugaz de claridade no poente. No caminho que levava à mata não havia lâmpadas - e afundei-me nas poças de água. Mas na própria mata só uma ou outra luzinha frouxa, no alto dos postes, marcava de longe em longe os túneis de sombra. Pelo chão virgem, a neve brilha palidamente como um olhar mudo.

Nessa mesma noite, porém, iniciei uma nova ronda. Desejava começar pelo senhor Sousa. Mas além do mais, o senhor Sousa odiava-me. Falar a Aida? A Alda? Como? Procurei Emílio, ele comprometeu-se a falar ao senhor Sousa, "mas sem esperanças, já te disse, porque ele não pode ouvir sequer falar no Jeremias". Entretanto, por palpite, eu próprio procurei os que me pareciam da série dele. Faces lóbregas, faces coléricas, bocas cosidas de um ódio maior que o ódio de um homem, risos secos, casquinadas altas como matracas, dedos espetados, bocas de nojo no acto de um escarro, dentes encarniçados, olhos inchados com estrias de raios - a noite reuniu-me enfim à sua verdade humilde. Não

me admirei por isso do relato de Emílio. Sousa fora explícito, tinha palavras para os gestos, porque ele era a palavra para os que só tinham boca e os

179

excrementos da boca. A coisa aliás era simples: Jeremias era um “traidor” à Causa do Sousa. Havia uma história longa em que essa traição se explicava miu-damente, se ia despedando pouco a pouco do homem, o esquecia, enfim, atrás e se apresentava ela só à sua frente. Canta, Irene...

## XVIII

E enquanto Irene canta, na minha memória de pedra há um comício político, dois comícios?, é no primeiro andar do meu prédio, na Sociedade Recreativa, o salão destinava-se, creio, ao Clube dos Esquiadores. Vêm os dois grupos, um de cima, da rua do Comércio, outro de baixo, da rua da Fonte, odeiam-se de morte. Eu assisto no intervalo subtilíssimo entre esse ódio e o amor que está logo à frente. Eu e a lua, há um frio lunar. O grupo que vem de cima, relembro-o, revejo-o, um bicho monstruoso, certo, esquadrado, bate o silêncio com grandes tacadas de pau. Mas justamente, é esse que vem de baixo. Uma massa escura, contra as paredes das casas, atroam a noite, ouço-os respirar, embatem-me contra as paredes do crânio, centopeia gigante. Às vezes as pancadas não são sincrônicas, dão um raspado de dentes, a lua treme. A rua da Fonte continua em linha recta a rua do Comércio, é assim uma só rua com dois nomes, como há dois nomes às vezes para o mesmo destino. De modo que, quando olho os que vêm de baixo, estou vendo os que vêm de cima desde o pequeno intervalo que é meu e de nenhum

181

dos dois. A única diferença é que de baixo é a subir. Mas possivelmente os de baixo são mais fortes porque chegam ambos ao largo ao mesmo tempo - baixos, entroncados, ou talvez que isso me pareça, porque vejo de cima os que vêm de baixo e os outros ao contrário. Quando chegam ao largo, que é a praça onde um cavaleiro com uma mensagem e a Sé e Irene às vezes pelas manhãs, já mal a ouço, e a grande lua imóvel agora, e eu, quando chegam ao largo, traçam um ângulo recto, fundidos num só grupo. E imediatamente toda uma fieira de janelas se ilumina no primeiro andar. Uma luz ácida reverbera nas paredes brancas e nuas do salão, olho a porta. Brancas e nuas como uma régua - disse bem? Como uma régua. Curioso - agora me lembro

- a recta natural é uma curva, a luz propaga-se em linha recta que é a curva da sua propagação - três homens sobem ao tablado. Instalam-se à mesa e imediatamente o presidente que instalado ficou de pé, saca de um bolso um tubo escuro, semelhante a uma lâmpada de algibeira, encosta-o à garganta

- Companheiros!

- Eh! Eh!

tipo baixo, quase todo calvo, de uma cor esverdeada de azeite rançoso, “vigorosa campanha”, “desmascarar os traidores”

- ...salvar a liberdade do povo

- Bravo! Bravo!

- ... os oportunistas!

tipo magro, estriado a osso e nervo, tinha a cara branca e esvaziada, orelhas flácidas de grandes pavilhões

- ... desmascarar os traidores

182

- Eh! Eh!

um queixo avançado e o peito como uma pá

- ...defender a liberdade do povo!

E a certa altura pareceu-me que o indivíduo da presidência já não falava. Pareceu-me mesmo que se entretinha em breves comentários com os da mesa, enquanto a assembleia trabalhava por si, um rosto de escárnio ou de cólera, com um dente amarelado que se desnudava até às gengivas, com uma lâmpada encostada à garganta

- Eh! Eh! Bravo! Bravo!

Foi quando então inesperadamente e estupidamente berrei:

- Aguaceiros para a tarde, subida de temperatura!

- Eh! Eh!

Devo ter emparelhado com algum berro da presidência ou com o jacto já lançado da assembleia, porque ninguém me fitou, tomei-lhe o gosto, clamei ainda

- Vento do quadrante norte!

- Bravo! Bravo!

- Merda! - berrei de novo

e aqui, confesso, houve uma pequena hesitação, não muito grande realmente, e eles responderam

- Eh! Eh!

porque não é fácil, suponho, a um entusiasmo, mudar logo de direcção.

Depois houve um intervalo.

E como há um intervalo, vou fumar um cigarro - canta ainda, Irene! Fumo um cigarro e é bela a tarde que passa no azul ao alto, mesmo quadriculado

183

pelas grades da prisão. Fumo um cigarro - que penso? fumo apenas, é bom. Recomeçada porém a sessão, volto para ouvir Emílio porque Emílio - não o disse? - vai falar - quando falaste? em que tempo estúpido de reinvenção do homem morto? Certamente por isso - seria outro comício ou ainda o mesmo, recomeçado em calma, no espaço neutral aberto pelo cigarro do intervalo, ou talvez porque cansado, se era ainda o tipo da lâmpada de algibeira, porque não era decerto o outro, o do dente amarelo, ou talvez porque

- A justiça - começou o sujeito, com alguma pompa e em voz pausada, gramatical - a justiça não se ensina nem se prega. Mas há infelizmente necessidade de recordá-la em voz alta.

- Bravo! Bravo!

Emílio demorava-se - algum doente à última hora? Esperávamos todos por ele, é por ti que eu espero? decerto apenas por mim, pelo que. quero dizer, que é o que quero que me digas - Emílio chegou por fim, a assembleia já quente. Subiu então ao tablado, sentou-se, bebeu o pequeno gole de água da afinação da oratória. Tirou finalmente do bolso um papelinho do tamanho de uma mortalha de cigarro e disse:

- Meus senhores! A justiça não se ensina nem se prega. Mas há infelizmente, de vez em quando, necessidade de recordá-la, não é assim?

- Não apoiado! - gritou um homem escuro duas filas à frente da minha, olhando aos lados em desafio prévio a quantos não concordassem com ele.

Houve um momento de embaraço, Emílio aguardou. Mas como o homem se calara, Emílio voltou à sua:

184

- Dizia eu pois que a justiça não se ensina nem se prega. Mas há infelizmente, de vez em quando, necessidade de recordá-la, não é assim?

- Não apoiado! - e desta vez o homem ergueu-se, rebolou-se por entre os da sua fila e subiu ao palco.
- Não apoiado porquê? - berrei eu por solidariedade ou foi Emílio que perguntou?
- Eu digo “não apoiado”, porque o doutor disse que a justiça não se ensina nem se prega. E eu digo que a justiça não se ensina nem se prega...a!
- Bravo! Bravo!
- Mas há mais, há muito mais - clamava de novo o homem curto, largado ao seu arranque. - Ouviu-se aqui, e todos vós sois testemunhas, que o doutor disse “mas há infelizmente, de vez em quando, necessidade de recordá-la, não é assim?”. Ora não é isto! Não é isto! O que eu digo é que “mas há infelizmente necessidade de recordá-la”.
- “Em voz alta!”. Ele esqueceu-se de dizer “em voz alta” - clamaram da assistência.

## XIX

Mas o dinheiro apareceu, Clarinda. Havia uma ronda que eu ainda não fizera. Era uma ronda que passava pelas velhas ruas, onde os homens não sabiam mais que a humilde verdade de serem homens. Códigos para o saberem ser, leis que o ensinam e autorizem a ser justos - quem fala? donde? -: a verdade é uma rua velha, crestada dos invernos, e um olhar breve de piedade. “Odeio a esmola” - disse-me um ancião vasculhando, de mãos trémulas, a bolsa da sua miséria. E eu disse ou pensei: “odeio a esmola como uma lata de lixo para cães, como o escarro que vem de cima, como tudo o que vem de cima. Mas um código também vem de cima”. Virá um dia em que se odiará o escarro da esmola e se amará o código da justiça: e virá depois um dia em que se odiará o escarro da justiça e se amará a simples evidência de que a divindade está no homem, e não num código. E só então o homem será verdade: nos pulmões em que já o é, porque o ar é sem parágrafos e sem alíneas, e nas tripas e no estômago em que ainda não. Virá um dia, quando?

187

Vou ver-te ao Sanatório, Clarinda, por uma estrada horizontal: não me canso para lá nem para cá, os passos levam-me e trazem-me. Verdade humana, tão fácil! Tão estranha! Pela alameda da entrada o silêncio cresce com as grandes árvores, coaguladas ainda de neve, ergue-se desde os meus pés, abre em ângulo para o céu, num vasto emparedamento que me foge ao alto para o sem-fim. Ergo os olhos instintivamente para a orla das árvores, donde a neve goteja. Um sol fúlgido estilhaça-se em brancura. E nesta reinvenção da graça instantânea, do trémulo vislumbre de uma alegria no ar, de um estar só e não temer - retardo um pouco os meus passos para que o milagre perdure. Ao fundo da alameda há um largo donde partem veredas para o bosque, onde um ou outro chalet brilha ao sol da tarde. São vivendas largas, de telhados de lousa, estranhamente solitárias na radiação da neve, sem ninguém que assome a uma janela ou passe brevemente no arruamento. Mas o silêncio germina em toda a mata em redor. Sigo a álea que leva aos pavilhões: o de Clarinda é o quarto. Atinjo-o depois de subir uma breve rampa com neve amontoada nas margens. Pequenos caminhos, artificialmente rústicos, irradiam para o bosque, lançados sobre riachos em pontes de cimento com guardas de troncos fingidos, em cimento também. Aberto ao sol por duas grandes varandas que vão de extremo a extremo, todo o vasto pavilhão se trespassa da mudez que ressuma da terra. Subo a larga escadaria deserta, ao alto da qual já o horizonte se bebe a plena inspiração. À entrada há uma mesa, sem

188

dúvida do porteiro. Mas não há porteiro. Hesito entre o tocar, o quebrar o silêncio, e o ficar



ainda olhando. Volto-me para o vale que se despenha da serra, se espraia ao longe em vagas de neve, toldado à distância por uma ténue neblina. Mas uma voz concreta, oblíqua, trava-me o alheamento:

- Que deseja?

Digo o que desejo, mas Clarinda “não pode ter visitas”, o médico proibira. Peço que me anuncie a Emílio, o homem desaparece. Reparo nele já de costas: tem uma farda cor de tijolo, agaloada de importância como os militares e os caixões. Regressa afinal logo depois, antes de sair dali de todo, antes de o horizonte me reabsorver - terá falado pelo telefone? Abre-me a porta de vidro, segurando-a para eu passar. Todo o interior do edifício tem o ar esterilizado de uma evidência inútil, de uma indiferença de plástico. Subo num ascensor envidraçado até ao terceiro andar, Emílio aguarda-me numa varanda de repouso - precisamente numa varanda vazia. Alonga-se numa cama de rede, articulada em cadeira, de pés ao sol:

- Tens aí essa. Estende-te também.

- Vinha ver a miúda - disse eu.

- Fala baixo. Por causa dos doentes.

- Mas pode-se ver a pequena?

- Claro que pode. Daqui a uma hora, hora e meia. Está-se aguentando muito bem. Se não houver recaída, a coisa arranja-se, a coisa vai. Trouxe-a para aqui, porque estás a ver, aquilo lá em casa...

- Foi uma boa ideia - disse eu, estendendo-me também à dormência do sol. - Foi uma bela ideia. Mas então, tens a pequena salva?

189

- Bom. Estás a ver - respondeu-me soerguendo-se, apoiando-se no cotovelo. - Nada se pode garantir. Só ao fim de uns meses. Claro, claro: os começos não são maus.

Falava desatento ao horizonte infinito, todo instantâneo a si como a sua bata branca. Mas eu ouvi- o desde a distância do meu olhar. Porque a vasta extensão de neve, do céu de esmalte, do silêncio filtrado e mais vasto do que a terra, lhe ressoava o que dizia, a nitidez do que dizia, até aos sinais da grandeza que me abismava.

- Mas vê tu - acrescentou Emílio com aqueles seus risos, largados em corrida, travados bruscamente, intervalados no que dizia por baixo do bigode preto, como para desautorizar o que eu dissesse ou havia dito, ou a importância de si, que vinha de ser ele a dizer-mo, desautorizar a gravidade do que na vida devia ser sempre menos grave. - Mas vê tu: ainda há pouco eu o pensava: se a miúda se salvasse, estás a ver?, tinhas-te salvo tu, não é verdade? Tinhas-te salvo tu, porque os outros afinal sempre existem.

- A Alda está aqui? - perguntei abruptamente, absurdamente, estupidamente.

Emílio pôs-se sério, lutando evidentemente contra a força que lhe apagava o sorriso:

- Está, está. Está aí para dentro.

- Mas tens a certeza de que é ela?

- Se tenho a certeza? Eh! eh! Então não havia de ter a certeza?

- Não a confundes nunca com a irmã? Emílio corou um pouco ou isso me pareceu por vê-lo um pouco perturbado. Conseguiu todavia

190

recompôr-se, ou assim o julguei, talvez por se ter recostado de novo:

- Bom, bom. Tu sabes que a irmã é mais bonita... Fitei-o para entender tudo, mas ele olhava o céu. Acendi um cigarro (“pode-se fumar?” - “mas com certeza”).

- Quando poderemos ver a miúda?

- Portanto, os outros existem.

- Quando é que o neguei? Mas a questão não é essa, a questão não é essa, poderás enfim entender-me?

Conhecer os outros, senti-los da minha fraternidade, irmãos da minha resignação nesta viagem em que nos couberam por companheiros. Mas há mais, há muito mais! Também conheço os cães e os estimo e eles me estimam.

- Mas tu sabes que há alguma coisa de... de definitivo, de pleno, nesta coisa simples de vires ver a miúda - disse-me Emílio, no seu típico gaguejar de quando a seriedade o empolgava. - Tu sabes que é bom teres... teres vindo. Sabes que há um pouco de paz aí. Então alguma coisa está certa e é bastante.

Sentou-se na cama, atirara as pernas para fora, debruçava-se agora sobre mim.

- Meu bom Emílio. É duro estar só...

- Ninguém está só...

- É duro estar só. Sempre vais falar ao comício? Está-se lá em companhia.

- Não são precisas piadas. Sim, vou falar ao comício. E não penses que... Não penses que lá pelo facto de te entreteres a inventar os teus problemas...

191

- Não penso nada.

E foi como se lhe tivesse dado um ataque, ou isso o ameaçasse, porque ficou parado, com um sorriso de escárnio a meio, afastado para o canto da boca, com alguns dentes brancos a verem-se. Depois, enfim, recomeçou:

- Não penses que...

Mas que havia eu de pensar? Ele falava, eu olhava em frente. Via em baixo as copas das árvores carregadas ainda de neve, caminhando ainda um pouco, armadas de brancura, de festa imemorial, refulgindo ao sol nítido, perdendo-se logo adiante numa vaga de espaço, esbatidas ao longe enfim em planura e neblina. Conversávamos num instante que se separara do tempo, não bem num presente amorfo, artificial, mas no ápice infinito de quem parou de respirar. Eu tentava capturar essa infinitesimal vibração, abrindo caminho entre o peso das palavras, reconstruindo em expressão a impressão - tinir argentino, lucidez, fúlgido, timbre - mas que havia eu de pensar de ti, amigo? - filtrar a evidência de um raio de sol na neve e o estar aqui pairando, ofuscado de luz...

- A solidão vence-se com os outros, concreta-mente, inequivocamente - disse Emílio de súbito. - É uma evidência, elementar. Aliás, a solidão não existe, é uma invenção gratuita, é uma coisa abstracta. O que há é o "grupo". E só assim, de resto, se é eficaz.

- Certo tipo disse mais ou menos que "não importa a acção eficaz; importa é a acção fecunda".

192

- Pois, pois. Mas se não regares a árvore, ela morre.

- Como morre se a regares de mais. Quando vamos ver a miúda?

- De qualquer modo é preciso regá-la. E a miúda ainda é cedo.

O que ele temia é que eu o julgasse um fraco, receoso da solidão - que naturalmente "não existia". Receava que eu lhe dissesse:

- Tens medo de te sentires só, de teres opiniões só, de dormires sem a segurança de quem te guarde a casa. À falta de outro serve mesmo o apoio correligionário de uma massa correligionária (porque nós conversáramos, quando?, talvez depois do serão em casa de Aida, ou mesmo lá, sobre a "comunhão política", quase tão da superfície como a de um clube de futebol). Tens medo de dizer "eu" e de ninguém te ouvir.

E ele defendia-se da minha acusação antes de eu o acusar - para que já o não acusasse:

- É muito cómodo defender a justiça sem mexer um dedo.

- Tu disseste uma vez que um homem não cabia num código. E eu pensei: "é verdade".

- Pois é. Mas há uma parte que cabe.

- Porque é que disseste que Aida é mais bonita que a irmã?

- Tu queres ir já ver a pequena? O repouso ainda não acabou, mas não faz mal.

- Vamos, vamos vê-la - disse eu. - Mas acho que as duas irmãs são igualmente bonitas. Não tomámos o ascensor e descemos pela escada- o quarto era no andar logo abaixo.

193

- Sabes que o Vieira...

- ... e o Pinto e o Venceslau. Mas não foste ao Venceslau. Vamos por esta enfermaria. Doentes de um lado e do outro, estendidos nas camas, plasmados às camas, faces brancas, esvaziadas até aos olhos escuros e sumidos, lentos de pasmo e de lástima, pescoços magros, escorridos. Alguns encostam-se a altas almofadas. Pousam sobre as cobertas brancas as mãos vasadas até aos ossos, es-burgadas até aos ossos, movendo os dedos lentamente, distraidamente, com um movimento arrepiante, com algo de túrbido, de larvar. Corpos esmoídos de doença, um plasma viscoso dissolve-me em náusea. Fixo uns olhos que me fixam, agudos de febre. Alguém vive atrás deles, alguém, alguém. Solitário olhar. Estranho fulgor perdurando num corpo podre, num sangue apodrecido. E subitamente sinto que todos aqueles corpos ainda estão vivos, que dezenas de olhos resistem ainda com o seu poder vibrante de criação, de iluminação. Fachos de enigma, apelo devorador desde um abismo de silêncio. Acelero o passo, Emílio já me espera na grande esplanada do repouso. Em camas alinhadas ao longo da varanda, os doentes olham o horizonte. Há uma luta íntima, indizível, mas sentida, entre a esterilização do ar, das roupas alvíssimas, do requinte indistinto de laboratório, e o germe da morbidez, a cálida cultura doentia. O que há em tudo de imaculado é ainda doença. A saúde lembra-me, agora, estranhamente, na lama, no estrume... E é como se a solidão fosse maior, na purificação infinitesimal, na nitidez estéril, na memória quente e longínqua da sujidade da terra. Passo à pressa as vagas de doentes, com um pânico de

194

intruso, espero ainda por Emílio que se ficara para trás junto de uma cama. Atravessamos uma sala obscura, dividida por vidros foscos com um ar de secretaria, atravessamos um corredor e chegamos enfim ao quarto. É Emílio que abre a porta e me manda avançar. O pequeno quarto adormece num calor de estufa, numa luz de penumbra. Há uma mulher de negro sentada à cabeceira. Emílio toma o pulso à miúda, palpa-lhe a testa, sai logo a seguir:

- Nada de grandes conversas.

Mas como poderia eu conversar? Sinto-me intimidado, quase trémulo, subtilizado de súbito numa poalha luminosa que não é a do quarto nem da imagem de Clarinda nem da imagem da mãe, ali imóvel na perene figuração da piedade. Porque é outra e mais antiga e indizível a revelação que me deslumbra, me suspende, me esvazia de todo o peso do que em mim se acumulou. Pequena verdade nua, tão humilde. Breve união na amargura. Mas que sejas tu a lembrar-me, Clarinda - porquê? A que mentira me dou neste silêncio, nesta muda contemplação? Frágil vida que começa, indício breve de uma esperança de nada - tu, essa esperança, esse aviso de uma palavra decisiva, essa pureza de uma anunciação da vida. Que tu sejas apenas esta minha crença profunda que resiste, que perdura, que não morre sob o peso dos destroços acumulados - não sei. Sei apenas que estou aqui e tu aí, de olhos cerrados, e a tua mãe vigiando desde toda a eternidade... Sei só que a vida brilha e que é belo fitá-la. Doloroso aceno de mim para ti, para os homens que conheço, para os homens que ignoro, milhares, biliões na germinação da terra, tão distantes

195

uns como outros, tão próximos uns como outros. Fugitivo enleio de um olhar cego. Porquê o apelo de mais justificações, de outra e de outra, até à última que não há? Tudo sempre tão de mais... Mas só o que é de mais é que é bastante...

- Estás melhor, Clarinda?

Ela diz que sim com a cabeça, mas sem abrir os olhos. Destrançado, o cabelo cai-lhe em volta na almofada, como espuma. Ri-te um pouco, Clarinda, sorri um pouco. Tinhas uma falha de um dente, é belo ver-te sorrir. Para lá dos corredores, na vasta esplanada de doença, há um pequeno rumor - o "repouso" deve ter terminado. Mas é um rumor breve e o silêncio alastra de novo. A senhora Rosa não se move. Toda de negro, de xaile e lenço, fechada de resignação, a cabeça um pouco inclinada, olha a filha longamente. Mal deu pela minha presença. Velamos os três uma amargura antiga, ela sentada, Clarinda dormitando, eu de mãos nos bolsos, em pé ao fundo da cama. A face escura da mulher corta-se de rugas, como um destino esgotado, com cruces por cima. Cerra os olhos sobre si numa humildade absoluta. O ar enegrece à sua volta como auréola de uma velha condenação. Silêncio final vibrando subtilmente nas faces nuas dos muros, no esquadriado do quarto, na aridez sintética de tudo. De vez em quando a mulher move os lábios. Imóvel ao fundo da cama, espero que ela fale: mas ela não diz nada ou eu não ouço. De uma vez Clarinda gemeu. Baixinho. A mulher despregou os braços e eu vi-lhe a mão, mirrada e negra, deslizar vagarosa pelo ar, sobre a alvura da cama, os dedos queimados como gravetos, e vir pousar ao de leve sobre

196

a testa da filha. O silêncio voltou, a mulher retirou a mão. Os três assistimos de novo, fixos na tremulina da febre, à irrealização de tudo em vazio. Então pensei em despedir-me. Mas pareceu-me que não viera afinal para o que viera e tomei uma cadeira e ergui-a subitamente e vim pô-la com cuidado à cabeceira. Sentei-me nela, velávamos agora os dois, a mulher e eu, a presença intacta da morte.

... Não da morte - porque o escrevi? Porque o escrevo? Vejo-o, vejo-o. Repousa definitivamente e tu não choras, Aida. Quieta à cabeceira, eu sentado do outro lado, o filho dorme, já te não sei acusar. Porque te amei e a culpa era de ambos, talvez minha apenas, da condição maligna do meu sangue - ah, um destino que houvesse para lhe escarrar, um deus que houvesse para lhe escarrar. Mas não há nada, há só a condenação. Um vergão roxo corta-lhe o pescoço, tem os lábios brancos e inchados, os olhos túmidos e negros. Toda a cara estava roxa, agora empalideceu. Nada mais, nada mais - que estranho, fantástico, absurdo - nada mais. A cidade dorme, eu olho longamente - meu filho... Sonhos acumulados e gestos e problemas, e tudo - um pequeno corpo centrando-os, absorvendo-os. E tudo se justificava como a evidência aparecida. Eis pois que o centro de convergência, essa força de permeio contra a qual embatiam os nossos olhares frontais, flectindo-os, conduzindo-os a um encontro... Quanta violência multiplicando-me, desvairando-me: um pequeno ser, como um sinal, tão mais forte! Que robustez a da minha robustez? Que verdade a da

197

minha convulsão? Um pequeno ser... Jaz imóvel, a noite cresce.

- Pode-se?

Sobressalto-me todo ao impacto daquela voz. A senhora Rosa nem ergue o olhar. A voz é breve, decerto, pálida como os muros. Mas no inverosímil silêncio assenta como uma pancada. Volto-me em pânico: Garcia espreitava à meia porta. Avançou em bicos de pés, mas os sapatos rangiam.

- Então? A doente? Senhora Rosa: a doente?

A mulher ergueu os ombros num breve movimento que se reflectiu nas sobranceiras, nas rugas da testa. Mas não ergueu os olhos.

- Então, pequena - insistia Garcia, tentando sorrir, mas com dentes a mais.

Clarinda não respondeu, não moveu a cabeça.

- Deve estar a dormir - disse eu.

Garcia resignou-se, cedendo ao silêncio, quedando-se em pé junto da cama. Velávamos agora os três. Olhei Garcia, ele fez-me um sinal mudo a interrogar. E eu mudamente também signifiquei-lhe que nada de novo. Mas pouco depois ergui-me:

- Estimo as melhoras.

A mulher acenou a cabeça, decerto a dizer-me “está bem”.

Saímos à esplanada deserta, de camas já arrumadas, passámos a enfermaria onde os mesmos doentes nos olham com o seu olhar de pânico. Emílio anda em visita, está pelo menos ocupado - e partimos

198

sem lhe falar. Ao alto da escadaria Garcia respirou fundo, como se quisesse absorver o horizonte. Mas logo sucumbiu, de rosto mais cavado, a barba rala mais mole.

- Então a pequena? - perguntou olhando aos lados desconexamente, sacudidamente, tentando reagir com a sua vivacidade de louco.

E eu contei o que Emílio dissera.

- Então, safa-se, hem? Então safa-se.

- Portanto, alegre-te isso...

- Claro, claro. E sabes da Irene? Sabes da Irene?

Ah, era por isso. Não vieste então pela pequena. Não, claro, viera, hem? Viera, pois. Andámos dois passos em silêncio. Viera, pois. A tarde desfazia-se no ar, uma brisa laminada, vinda da neve e das sombras, cortava-nos de frio. Garcia puxou o cachecol às orelhas, eu ergui a gola do sobretudo.

- Mas então a Irene? - perguntei.

- Eh! Desapareceu. Julguei que soubesses.

- Desapareceu como?

- Desapareceu. Ela e a criada. A criada ou tia. Ou mãe.

- Ou mãe?

- Que me importa a mim isso? - admirou-se Garcia com os ombros. - Nunca a vi. A Irene ia ao atelier. Agora desapareceram. Fui lá a casa, desapareceram. E esta? Ela tem uma irmã ou coisa na Capital.

- Mas isso doeu-te assim?

Garcia deu de ombros outra vez, puxou a cabeça à frente como uma galinha.

- Eh!... Bom, é claro. Já vês...

Via como? Aceita a solidão como é da tua força ou do teu reclame!

199

- Mas queres tu saber? Às vezes eu pensava: ela não é cega, ela vê. Bom, não era essa visão dos cegos, que é banal. Ela chegava às vezes ao pé de mim e antes de me tocar dizia: “Porque puseste hoje gravata? A camisola de gola ficava-te melhor”. Mas não era isso, isso é banal. Ela via-me, hem? Via-me a mim com tu me estás vendo ou eu te estou vendo para lá dos olhos. E então eu via-a também. Ou só eu é que a via. De qualquer modo: que estávamos nós a fazer? E este frio, hem? Com um dia destes. Vamos lá por casa que tenho aguardente.

Soprava as mãos em concha através das lvas de lã. A neve estalava-nos sob os pés. Portanto,

- ... que estávamos nós a fazer? Eu então dizia-me “espera; ela não te vê”. E quando ela me dizia uma ternura, eu fazia-lhe caretas horrendas, insultuosas. E ela continuava a sorrir... É claro que não me via. E imagina: desapareceu.

- Talvez volte - disse eu.

- Talvez. Às vezes penso.

Ao jardim devíamos separar-nos. Garcia teimou comigo para o acompanhar, mas eu precisava de ir à livraria: se acedesse, não voltaria de casa dele antes da hora de fechar.

Então travou-me pelo braço e disse:

- Espera.

Mas nada acrescentou. Eu olhava-o aguardando, ele fitava o vazio, de barba à aragem. A tarde coalhava o jardim num bloco de gelo, erguia da neve, da brisa frígida, uma nitidez de linhas como riscos em vidros, como um rangido de dentes...

- Mas diz então - adiantei enfim.

200

- Porque tu não sabes, não imaginas. Ela era de uma tal delicadeza... Quando a gente se amava, falava sempre em voz baixa. Sabia que era esse o momento da máxima incomunicabilidade. Falava-me baixo para parecer que era a minha voz interior. Oh, é bárbaro falarem-nos então em voz alta. Porque nós estamos tão sós à nossa face. É preciso respeitar isso. Ela respeitava. Mas tu não imaginas...

Monologava para si, porque nem me olhava, para se não perder do seu alheamento. Os pés gelavam-me na neve e dei dois passos ainda. Ele veio logo atrás de mim como um cego a quem guiassem.

- Mas quem é "ela"? - perguntei. - De quem estás falando?

- Da Irene.

- Portanto, ela existe. É-te alguma coisa.

- Sim, sim.

- Conhece-la. Falas dela por dentro, do que ela é. Dizes que te via ou que a vias. Ama-la. Não queres estar sozinho.

- Sim, sim. Deves estar a querer provar qualquer coisa. Mas tenho os pés gelados, hem? Está um frio burro. E tu não queres vir...

- Tenho de ir à livraria. E ouve uma coisa: tens pintado?

Garcia vibrou-me um olhar vivo e oblíquo:

- Porque é que não me perguntas se tenho respirado? Essa macaquice de falar da arte como de uma coisa a mais. Não há em mim nada a mais. Nem a cor do cabelo.

- Também tens pouco cabelo...

- Mas então eu pinto porquê? Por comédia? Para fazer figura? Para deixar um nome? Julgas-me

201

assim um palhaço? Mas nunca ninguém me perguntou porque é que respiro.

- Também se respira mal quando se está doente.

- Mas respira-se. É a última coisa que a gente deixa de fazer.

- Hei-de um dia ir ver a tua "respiração" - disse eu.

- Está bem. Quando quiseres. Mas não me digas depois que cheiro mal da boca. Ou que tenho dentes feios na moldura.

E como se para eu os não esquecer, os dentes começaram a sair-lhe todos da boca, tortos, estragados, num riso maior do que toda a sua face. Com delicadeza, tirou a luva para eu lhe apertar a mão. Aperto-lha a essa sua mão esburgada, com uma leve viscosidade fria no meio, e rodo para a livraria.

A aragem cresce na tarde estéril, o halo da neve demora-se como um olhar vazio. Sinto a presença das coisas não na realidade de serem, mas no espaço que as irradia: os olhos vão-me até ao limite da cidade, perdem logo o suporte numa suspensão de voo... Ruas desertas e áridas de inverno. Passo ao largo da Prisão, olho a massa do edifício, a fieira das janelas gradeadas, como cotos de aleijados numa estrada de romaria sem romeiros...

A cidade afunda-se aos vestígios do que já não lembra, a cidade flutua como a graça que se espera do ar. Escuto eu também ao longe a memória que envelheceu e já não sei, ergo os olhos para a dádiva que sorri e há-de vir, mas não de para onde a olho. E foi como se, quando subia a rampa da Torre, quando depois de vaguear pelas ruas

irreais, eu passava sob os arcos estreitos da velha Torre, foi como se a promessa se realizasse, a tarde se ordenasse, enfim, na forma que lhe adivinhava. Porque inesperadamente, virginalmente, contra tudo o que na minha certeza me fosse certeza desde os pés frios, encharcados de água, desde as mãos frias, o corpo excessivo, um canto nasceu na rua de sombra, Irene cantou. Nem um instante Garcia me lembrou e a sua notícia. Paro absorto, olho ao alto, não para donde vinha o canto, mas para donde vinha a graça. Porém quando reparo, eu já não estava a ouvir a voz, mas só o que dela não se ouve... Depois enfim tudo acabou. Alguém chamou de uma janela à outra sem se mostrar. Surpreso, inquieto, procuro a porta de Irene. Sei qual é - é um grande portão cor de barro, só com um batente fechado e que dá para um átrio escuro de grandes lajes sempre húmidas, um corredor à esquerda, que deve dar para algum quintal, e uma escada à direita, de largas pranchas de madeira podre. Subo sem pensar ou com só o pensamento de ver Irene, e essoutro, que não subiu até mim, de enfim a conhecer. Subo um andar, dois andares - ela mora no segundo. A porta é baixa, pintada de ocre. Bato com força até ao fundo da casa - ouço as pancadas até lá. Ninguém. Desço de novo até ao piso inferior pela escada sombria e emperrada. No patamar em frente da porta semiaberta, palidamente iluminada por um postigo de vidros sujos, uma mulher de negro quedava-se, petrificada. O lábio superior tinha uma fenda larga até ao nariz, e pela fenda um dente reluzia. Perguntei quase em pânico:

- Estas senhoras aqui de cima não estão?

203

A mulher ouviu-me, não respondeu. Eu próprio me ouvia agora respirar. Então por fim a mulher moveu a cabeça vagarosamente a dizer que “não”.

- Mas ela cantou! Ela cantou! - clamei eu. Uma cabeça de velho espreitou pela porta. Só lhe via a cabeça calva de velho, os óculos de metal na ponta do nariz. Olhou a mulher, olhou-me depois. A mulher espreitou pela escada, como se esperasse alguém, e entrou lentamente em casa, fechando a porta logo atrás. Um cheiro a madeira húmida abafava-me de mofo. Galguei a escada, quase me estatelei, e só parei na rua, no meio da neve. Dobrava-me para o chão, as duas pernas abertas, ofegante. Então, com uma força desconhecida, ergui o rosto ao alto e urrei desde o fundo da minha alucinação:

- Ire... e... ne! Can... an... anta!

E fiquei a olhar ao longo da rua deserta. Mas num movimento contínuo, como onda que passasse, de uma a uma foram aparecendo cabeças estranhas através das fieiras das janelas. Olhavam-me com um ar sério, levemente espantado, a mim, cá em baixo, parado no meio da rua. Aguardei uma palavra, mas ninguém me falou. Via apenas, fitados sobre mim, na correnteza das fachadas, dezenas de olhos mudos.

- Ela cantou. Eu ouvia-a - disse eu ainda em voz mais baixa.

Mas os olhares continuavam pregados em mim, convergindo sobre mim desde as filas de janelas que se alongavam até ao extremo da rua. Depois, como de início, foi como se um rasoiro passasse pelas fachadas e fosse recolhendo de uma a uma todas as cabeças para dentro das casas. Fiquei só, olhando ainda, aguardando ainda: toda a rua se recolhia ao

204

silêncio da tarde. Dei dois passos, olhei ainda atrás: alguém vinha dobrando a calçada sob o túnel da Torre. E de súbito as luzes acenderam-se, a noite apoderou-se da cidade. Então, chegado ao extremo da rua, verifiquei de repente que tinha resolvido voltar atrás, ir a casa de Garcia. Caminhava depressa sem reparar nas poças de água abertas na neve,

encharcando os pés que me chocalhavam nas botas. Não sabia precisamente o que iria contar a Garcia, só sabia que precisava da sua presença, para que tudo o que me pesava fosse menos pesado. No bairro do Cabo, onde Garcia mora, o vento ecoa-me à irrealidade de mim próprio, à febre que me transcende. Bato à porta, o trinco salta sem que a janela se abra. Fui subindo pela velha escada, entrei no atelier - Garcia nem sequer ergueu os olhos. Sentava-se na cadeira de braços, as pernas magras estendidas, o queixo apoiado nas mãos entrelaçadas. Havia em frente uma grande tela no cavalete, mas Garcia olhava o chão. O cordel do trinco ficava perto, devia tê-lo puxado com o pé. Mas alheado que estivesse - estava ali; e eu não precisava de mais nada:

- Garcia! Irene está cá. Ouvi-a cantar. Tenho a certeza!

Mas ele não se moveu, pregado na sua meditação. Repeti com violência:

- Irene está cá!

Ele passou a mão em pente pelos cabelos:

- Ouviste-a, então...

- Ela cantava.

- Mas não a viste - continuou Garcia, penteando sempre com os dedos curvos a cabeleira rala.

205

- Quando a ouvi, subi pela escada acima até ao último andar. Bati à porta, mas ninguém respondeu. Só se me enganei na porta. Mas não enganei.

- Não havia ninguém...

- Não havia ninguém. Só quando descia vi uma mulher de preto, uma que tem o lábio rachado.

- A Frederica - esclareceu o pintor.

- Estava parada no patamar, ao pé do corrimão.

- Eram seis horas exactas.

- Como sabes?

- É a hora a que espera a filha. EhL. A filha nunca mais vem. Espera-a há seis anos.

Calei-me, calámo-nos. Garcia então ergueu-se, pôs-se a medir o salão a grandes pernadas esguias. Parou:

- Gostas então dela...

- De quem? Da mulher?

- Gostas então da Irene...

- Mas se nunca a vi! Quer dizer: uma vez que vim a tua casa, era de noite, é possível que fosse ela. Vi-a de costas.

- Mas já a tens ouvido. É o importante, é o importante. E gostas de ouvi-la, não é assim?

- Não sei se é de ouvi-la, se é de quando a ouço. Penalva é insuportável, Garcia, Penalva é de mais. Vou um dia sair daqui. Mas com quem? E para onde? Imagina que já me parece longe vir a tua casa. Sair da praça custa-me. Às vezes rompo em passeio, ando à deriva muitas vezes, mas é sempre uma aventura. E a cidade acaba logo, ao fim de meia dúzia de passos. Irene canta como... Não sei se é de ouvi-la, não sei...

206

Garcia voltou a sentar-se, atirou a cabeça para trás, pálido, esmagriçado, a barba mais mísera e visível, como na face de um cadáver. E murmurou longinquamente:

- Hei-de ir ouvi-la... precisava de ouvi-la...

XX

Ora na manhã seguinte, ou numa manhã que era seguinte àquilo que contei, ao entrar na livraria vi Aida sentada no seu lugar. Faustino tinha os punhos sobre o balcão, mas



Jesuína devia estar a chegar. Arruma-me a casa pela manhã, à tarde volta para me aprontar o pequeno-almoço: ao erguer-me, tenho só de esperar o leite. Deve ter caído mais neve, porque há um nevão novo no halo da minha memória.

E durante dias tento desesperadamente reconhecer Aida no meu afecto, no círculo da minha presença. Piedade? Remorso, ou humilhação? É Aida que vem à livraria - sei-o pela sua amargura solene, essa forma de triunfo na dor, triunfo que assume e desafia. Para me humilhar, não se humilha. Impessoal, fala à minha impessoalidade com um ar soberano de desprezo. Senti-o bem quando um dia, colocando-me papéis na mesa (que eu assinava agora sem mais), lhe atirei a mão bruscamente à mão dela inerte: mão morta, eu rolava-lhe uns nos outros os dedos abandonados. Então ergui os olhos a medo: quieta, estacava-me de olhar direito, perpendicular e

209

liso como um muro. A minha mão ficou morta na sua. Aida então retirou a dela. E sem me desfitar tomou os papéis.

- Aida! - disse eu, para salvar um pouco do meu desastre. - Não queres sair comigo?

Franziu a boca, olhando ao lado, vagamente, em deliberação:

- Pode ser.

Mas quando nessa mesma tarde saímos, que dizer-te? que dizer-te?, era como se tivesse todo o caminho a percorrer, mas de mais longe, desde antes do impulso inicial que eu agora não sentia. Simultaneamente porém era como se o caminho fosse mais curto, tivesse à vista os limites. Porque quando a conheci, donde vínhamos nós, Aida? vivia-nos a eternidade, o que dizíamos ressoava ao universo. Que dois amantes se reconheçam prometidos desde antes dos deuses é exacto, é verdadeiro como a própria evidência. Porque te violentaria eu a seres eu, a abrires-me a porta do muro sem portas, se o amor não estivesse para lá do muro? Mas agora não há muro nem desejo de o forçar. Tudo quieto, resolúvel, presente como as coisas. Jogo ao amá-la, tomo a sua mão na minha - mão inerte, bem nítida, fisiológica, perfeita - exacta como tudo o que é apenas perfeito. Mesmo quando, não sei quando, lha tirei da luva devagar, à espera da revelação... De uma vez porém nós percorríamos o nosso caminho de outrora - a neve apagara todas as pegadas, o mundo era virgem para todos os recomeços. E eu disse:

- Aida! É impossível que nos tivéssemos enganado.

210

Porque eu ouvira nela a voz, a que subjuga o universo e o ordena, a que não era dela nem minha, primeira e última ou não primeira nem última, porque sem princípio nem fim. A eternidade vivia nela e no estar junto dela. Diáfano ar como sinal da altura e da vertigem. Através dela existia-me o máximo até ao excesso, a dimensão que me bastasse, ainda que o bastante fosse o desastre e a ruína. O mundo dos limites era nela, se um dia o fora; como renunciar a ele, se só no máximo a vida quer dizer? Que o muro não tenha portas - sim; mas chegar até lá, não quedar-me junto de uma sem a abrir só para evitar o desastre de ver que nenhuma outra se abre... Redimir não é esquecer. Ter coragem não é fugir ao risco de se saber se se tem ou não coragem.

Então Aida sorriu-me. Pela primeira vez, desde há muito, um sorriso a iluminou, e foi como se o que era nela, represo e solidificado, extravasasse em auréola, na auréola do mistério, da fascinação. Havia uma pequena gruta perto do coreto da Mata com um banco de cimento. Para o fundo, uma fonte gotejava. Então retomei-a poderosamente - embora me ajudasse a retomá-la. Subia dela, por entre os agasalhos, o vapor quente da sua intimidade. Mas era tudo tão perto e tão sem para lá. A passagem para o mais inatingível agora fechava-se-me, porque não havia mais nada a atingir. Rolos viscosos nas mãos e na boca e em todo o corpo, dissolução pastosa. Irrupção breve, sem horizonte. Presença abrupta, indiscutível, antecipada resposta às perguntas que não faço. E por fim a vaga

náusea de uma nauseabunda piedade. O gotejar da fonte escuto-o como importuna testemunha. Aida tinha ainda os  
211

olhos fechados na profundidade do seu ser. Mas ergue-os, por fim, devagar, e um sorriso novo, longínquo, foi-lhe abrindo pela face como um halo de lua sobre a terra. Então Aida falou-me no quente da sua cumplicidade. Mas não a entendi, recordava secamente todo o seu secreto e esquemático estratagema de cintas, de presilhas... A náusea engrossou em mim como um óleo. Aida deve tê-lo percebido, porque se ergueu breve:

- Arrefecemos.

Tomei-lhe a mão ainda, como quem fala e espera. Mas foi como se em corredores subterrâneos só a minha voz falasse, multiplicada, tropeçando em si mesma, aos encontrões nos muros, até se desvanecer longe num último alarido. Meto a mão de Aida no meu bolso, ela deixa-a vir, porque não é sua. Caminhamos em silêncio pela alameda de neve. Estamos sós, não nos vemos.

- Aida! - disse eu sem pensar.

- Sim.

Tirei a mão do bolso, prendi Aida pela cintura e apertei-a, apertei-a, como quem não respira.

- Porque te iludes? Porque te iludes? Tudo morreu. E há neve nova...

- Fica comigo, Aida. Fica hoje comigo. E para sempre.

- Há neve nova. A terra é nova.

- Mas diz alguma coisa! Responde, responde. Olhava-a de cima, ela olhava-me numa súplica.

Afrouxei o abraço e ela continuou ao meu lado em silêncio, a face erguida para o horizonte invisível. Havia o amor na terra, o encontro humilde de duas misérias comuns - ela o dizia, e parava de vez em

212

quando, mas sem me fitar nunca, os olhos presos na sua solidão. Uma dor que sintamos e uma mão que se estenda e um olhar longo e mudo - que mais? O orgulho erguera a tragédia antiga de um povo antigo - porque era eu orgulhoso?

- ... porque tens tanto orgulho? Nada há mais para além de mim. Porque não aceitas como eu? Nada há mais para além de ti.

Sim, bem o sabia. Mas que fazer desta voz que cresce para além de sabê-lo? Ouço-a, vibra neste silêncio raiado que a aceita, que a prolonga. Que parte absurda de mim a está dizendo? Não posso iludir-me, não me quero iludir. O meu reino é o da terra, é o reino do homem. Todas as vozes que aí ouço são da terra e nela morrem. Mas não sou surdo nem sei fingir a surdez:

- Que um dia consintas em interrogar, e saberás que há mais e mais, que tem de haver mais.

- De resto... - disse Aida, suspendendo-se, olhando ao lado o seu cansaço.

- Diz.

Voltou-se enfim lentamente para mim e foi como se os seus olhos me embatessem na face, se derramassem por toda ela numa torrente de olhar:

- De resto, eu já não sou sequer para ti um pretexto. Como é que dizias? Um muro já sem portas. Mas a última porta já não sou eu. Sonhei que te resignasses a não querer mais portas abertas. Mas que a última fosse eu, eu ao menos...

Opus-me violentamente, fingindo convicção. Porque à convicção fingida quase ignoramos fingi-la.

Mas no dia seguinte, ao erguer-me, vi que o mundo se me reconstruía sem Aida no centro. Nada

a punha em questão, a implicava, nos móveis, nos meus gestos, a buscava como a um centro de um mundo ordenado, lhe reflectia a memória. Vagamente assim eu desejava que não estivesse na livraria, tu, quando eu em breve descesse.

E Aida não estava: sentada na secretária, alvoroçada de papéis, quem conferia facturas era Alda.

- Bom dia, Berto!

Falou-me distraída, mas com um sorriso instantâneo, atirando-o e recolhendo-o logo como se já não servisse. Senti-me atado em todo o corpo, paralisado por uma presença excessiva. Saudei-a também, entrei a custo no gabinete, ela porém travou-me ainda - Aida não pudera vir, - e como eu estava livre, vim eu. "Berto" - a intimidade já começada - porque

não disseste "Adalberto"? Estaríamos então imóveis, um diante do outro, limpos, esterilizados, como dois bilhetes de identidade. Mas a subtil desenvoltura dela. A simples presença dela despertou-me em ecos sucessivos todo um mundo esquecido. Sento-me à secretária e tremo. Tremo por dentro, nas raízes da inquietação.

Para lá da vidraça, olho fugidamente a neve quase intacta no largo da praça, nos telhados à volta. É um olhar erradio, alongado em fadiga, submerso a uma interrogação que não pergunta.

Repentinamente porém houve um arrastar de cadeira. Era um som concreto, convergente, e tudo em mim se solidificou. Alda ergue-se numa flexibilidade de vigor, vem para o meu gabinete, aérea e tensa. Um jacto de sangue reinstaura-me em carne e nervo - ela sorri-me. Por cima de tudo isso,

214

negando docemente tudo isso. Pára à beira da minha mesa, um frémito nos seios, nas coxas, uma alegria fértil no sorriso. Corro-a de alto a baixo com um olhar violento e trémulo. Mas a certa altura, ao lado do meu olhar - uma cabeça. Aponta oblíqua da aresta da porta, vejo-a crescer devagar até ao limite dos olhos. Mas só reparo nisso quando se imobiliza enfim. Então fito-a parado também - a cabeça recolhe-se vivamente. Ergo-me de salto, venho à porta. Mas Faustino, em baixo, olha em frente, petrificado, com os punhos no balcão. Volto ao gabinete, sento-me em desassossego.

- Berto! Que tem você? Você está... Pobre Berto...

Abruptamente atiro a minha mão à sua. E seguro- a vorazmente, de cabeça pendida, e espero que o seu calor me inunde e que toda Alda me seja uma invasão do sangue. De um golpe, olho-a para lhe dizer tudo, para negarmos ambos a irmã, para a assassinarmos, para sermos, enfim, um só homem e uma só mulher sobre a terra. Alda esperava-me com a sua alegria clara, a sua unção de vitória, essa sua evidência de beleza e de amanhã. Covas breves nas faces, o sorriso dos lábios distendidos e cerrados. Mas nesse instante, como em imagens sobrepostas ou como num ondeado de água, eu vi o rosto de Alda transformar-se. Lentamente, os lábios refluíram-lhe à gravidade, as faces descaíram a uma massa de abandono e o brilho dos olhos transfigurou-se. Era ainda o brilho vivo da frescura, eram ainda os mesmos olhos, exactamente os mesmos ou quase os mesmos que eu veria se os visse só a eles. Mas toda a mutação do rosto os alterara

215

e eram agora só noite e cansaço e alucinação. Estonteado

- Aida - clamei.

Devo ter de facto clamado, porque uma cabeça vagarosa espreitou de novo à porta. Desviei a minha, pondo-a em evidência, a cabeça recolheu-se abruptamente. Venho à porta do gabinete - ninguém na loja além de Faustino, que se mantém imóvel com os

punhos no balcão. Regresso ao meu lugar, aperto a fronte para a submeter. Aida, quieta, em pé a um lado, aguardava infinitamente. Então, pela primeira vez, ocorreu-me a ideia absurda de que Aida e Alda tivessem sido sempre uma única pessoa. Era evidentemente absurdo que o pensasse, porque havia pelo menos a visita a casa dos pais, quando foi do serão a que eu fora com Emílio. E, todavia, quantas vezes me assalta ainda esta ideia! No entanto, sei bem que Alda morreu no naufrágio. Lembro-me perfeitamente de ver Aida no caixão numa tarde de meio-dia de Setembro. Alda nadara para terra, atirara-se-me aos pés coalhada em água. Foi com ela que casei. Mas foi Aida que matei - ah, por favor não me acusem de mistificação - que sei eu? que sei eu?

- Aida! - murmurei enfim para o seu vulto ao meu lado - via-lhe apenas a curva vaga do ventre, sentia-lhe apenas um vago de calor.

E um silêncio longo, feito da neve ao longe, da cidade sepultada em solidão, do cerco à volta e do espaço para além, abriu-nos de um abandono final - o de quem está ao pé e já nem se olha. Ela acabou todavia por falar:

- Estás convencido agora? Sabes agora que não sou nada para ti? Sou Aida, eu! A que te deu prazer

216

e tu podias ainda amar, se eu quisesse! Mas tu, tu quem és? Quem são os outros para ti? Não há confusão nenhuma entre mim e Alda. Porque eu sou eu! Quando eu morrer, não ficará ninguém a ser por mim. Olha-me bem, sou eu que te falo. Estes braços e estas pernas são eu! Eu é que sou o meu corpo, não é a minha irmã. Não é possível amares em mim outra ou outra amar-te por mim. Sou eu! Era a mim que eu desejava que amasses. Mas sabes lá tu o que amas...

E longamente, obscuramente, falou ainda e eu ouvia-a. De olhos fechados, a cabeça apoiada nas duas mãos, para que tudo em mim se acabrunhasse em condenação, ouvia-a. Mas pouco a pouco fui-me sentindo instalado em palavras, no desejo de ter razões, quase sem a dor do que diziam, e ergui os olhos: - Aida não estava ali. Não estava ali, mas falava, eu ouvia-a ainda, eu ouvia-a sempre. E tanto que me ergui para a procurar e ela me perguntou:

- Tens a certeza de que jamais amaste alguém? E eu respondi desvairado, já para trás, para o sítio donde me perguntava:

- Acabou!

Cheguei à porta, berrei para Faustino, sempre imóvel ao balcão:

- A menina Aida? Você não a viu? Saiu quando? Saíra há um quarto de hora, se tanto. Parecia zangada. Levava o "ar" de quem partisse para sempre. Hesitei um momento, decidi, por fim, regressar ao gabinete: havia trabalho em atraso, trabalho de Aida e meu. Mas voltei-me ainda para Faustino, intimei-o categoricamente:

217

- Outra coisa: não lhe admito que espreite às portas. Tudo o que se passa aqui não precisa de se espreitar.

Então Faustino descolou os punhos do balcão, para fazer um gesto quase irado:

- Eu não espreitei nada!

XXI

Sim, Aida não voltara mais, não voltaria nunca mais. Alda não voltara também. Mas acontecia-me cruzar-me com elas, ou com uma delas, ou vê-la, ou vê-las de longe num ocasional virar de esquina. E uma solidão brutal me acontecia então por vezes, tão absoluta, tão vazia, que me é difícil mesmo agora imaginá-la. Estar só, integralmente só. O homem ilude-se tão facilmente com a sua solidão. Porque a solidão absoluta, a solidão

atrás da solidão, o vazio total, só em instantes evanescentes, em ápices infinitos nos aparece como a fragrância de uma evidência-limite. Nunca te aconteceu que...? Imagina-te morrendo numa ilha deserta. Mas como imaginá-lo? A ilusão é mais forte, a ilusão de uma presença, das amarras que nos prendem e nos justificam e nos tranquilizam. Eu próprio, aqui... Há os muros da cela, mas há, para lá dos muros, os passos de quem passa e traz às vezes o ruído familiar na fechadura, as vozes das sentinelas, o halo longínquo da vida em que subterraneamente me sinto, quase sempre, acreditar. Decerto a solidão é útil, a solidão é necessária, porque é nela que o homem ouve a linguagem de um homem; mas o ficar-se suspenso, estrangulado, de

219

olhar oco, horrivelmente separado de tudo, isso que acontece em instantes únicos como ser fulminado... Há o isolamento, há a solidão, mas há ainda uma outra solidão atrás. É dessa que eu falo. Porque ao próprio isolamento é tão fácil forçá-lo, iludi-lo, mentir-lhe. O animal defende-se, o animal tem medo. Cortadas as pontes para o lado dos homens, para o lado da vida, nós as reconstruímos nos pequenos objectos que nos prolongam os braços, nos sons que passam e nos protegem. Quantos laços insuspeitados, de segurança. O próprio cão vadio tem o seu caixote de lixo. Mas eis que subitamente, inverosimilmente, categoricamente, surge o instante do esvaziamento total. O mundo inteiro recua diante de nós, “foge-nos o chão debaixo dos pés”, ideias, esperanças, certezas adormecidas - imagina-te de súbito condenado a uma morte sem testemunhas, nem a tua - como é difícil pensá-lo, dizê-lo! Todo o compacto mundo que és, escoado pelos dedos, alarmantemente fugindo, evaporado em nada, e um medo absurdo como um terror infantil, um desejo absurdo de chorar...

E eis que o verão vem aí, as tardes demoram-se infinitamente, abrem um espaço sem fim onde os olhos se perdem. Pássaros pretos cruzam de gritos o ar, desprendem-se do alto da Sé, descem em vaga, vão para longe com o seu estridor, regressam, rasam a estátua e as casas.

Até que um dia dei de frente com Alda - eras tu? Fugitiva imagem da minha alegria perdida - era ela porque sorria. Sorriso primordial, de nada antes

220

nem depois, original sorriso da evidência da vida. Era impossível que fosse ainda um estratagema de Aida. Porque era uma forte alegria evidente, necessária, mais forte do que uma invenção ou conquista ou deliberação. Era a alegria espontânea como a da terra renovada - mesmo ali, na cidade prisioneira, a da luz líquida, do aroma que sobe da distância ignorada como um aceno para partirmos ou a da chegada indistinta do que se não sabia que se esperava desde sempre. Como era possível que fosse um estratagema?

- Precisava tanto de falar consigo, Alda. Se você tivesse tempo.

Ela olhou-me, tolerante, como a quem estivesse fora da sua festa:

- Sim...

Descemos a rua da Fonte, que acaba subitamente logo abaixo, lançada depois no vasto espaço do sol, e que alastrava ainda pelas terras nuas ao longe.

- Alda! Tenho tanta coisa a dizer-lhe... E não sei uma palavra. Nem uma só.

- Sim. Mas não será só essa palavra? Não será só uma a que você tem a dizer?

- Talvez. Só uma. Alda! Você é... Você é tão bela!

Quase ao fim da rua da Fonte voltámos à esquerda para a mata. O sol immobilizara-se um instante no céu espesso de azul, escorria por entre as árvores, formando lagos no chão, descia em torrente pela alameda de areia. Ergo a fronte para o alto, cerro os olhos, bebo sôfrego a vitalidade da terra. Firme e subtil, Alda pisa a meu lado a areia macia e-

221

granulosa, traz consigo o frémito intenso de uma virgindade que estala...

- Mas, Adalberto, a piedade é humilhante. Como o não sabe você? De resto, não sou piedosa. Teria pena de o ser, pena pelos outros. Por isso o não sou.

- E todavia não é piedade que eu quero, não é.

- Ah, sabe lá você o que quer, sabe lá. Sei tudo por Aida; não sabia que sabia?

Sim. Mas como não ser verdade esta procura? Mesmo através dos meus erros, da minha aberração? Sei que me iludo - tu mo irás dizer. Sei que não amo ninguém, que o amor dos outros é o meu amor por mim, sei tudo o que quiseses, menos acreditar e sentir que é assim. Custa estar só e é impossível por isso que um homem nasça para estar só. Sou de mais para mim. Se tu o soubesses...

- ... Se você o soubesse...

- Mas você não me é nada, Adalberto. Compreende bem? Não sou piedosa, nunca fiz parte de obras pias. E só não há piedade, talvez, quando a piedade é mútua. Mas eu não preciso da piedade de ninguém.

Chegámos à pérgula e sentámo-nos. O lago transbordava de água que escorria num regato, brilhando no silêncio. Longe, nas margens de um caminho que desce à estrada, feiras de giestas amarelas, giestas brancas, espumosas de neve. A brisa ondeia ali ao pé um campo de relva banhada de ouro. A linha de um eucalipto sobe e esfuzia até ao céu. Cercados das velhas árvores, só nós vivíamos e a nossa palpitação num universo de génese. Subitamente perguntei:

222

- Emílio?

Mas a minha entoação não perguntava onde estava ele, mas sim se estava ali entre nós. E Alda sorriu devagar, com pena da minha mentira. Porque era mentira, para ela, que eu o pensasse:

- Você sabe que não houve nada entre nós. Você sabe-o. Acaso ele voltou à livraria?

- Porquê à livraria?

- Aida já lá não está...

- Mas vocês entenderam-se, vocês conheceram-se!

- Se nos "conhecemos" como na Bíblia? Admita que sim. Conhecimento de epidermes...

Mas não é disso que você fala, pois não? Emílio nunca me foi nada, nem eu a ele. Nem nunca precisámos de o ser.

Ela olhava-me para que eu a ouvisse no olhar, onde as palavras se esclarecem. Eu olhava-a, para que ela me lesse também. Estávamos intensamente perto um do outro, como unidos em defesa contra o augúrio do silêncio. Ou eu apenas julgaria assim. Ah, a solidão absoluta é bem a última condenação do homem. Súbito arrepio de um mundo estranho e ao longe, vazio total e vê-lo, escoamento fulminante de nós próprios ao nosso olhar alucinado. Olho-te como um cão, e tu vê-me, e tu falas-me:

- Mas como se ilude você? O que você busca não é uma mulher, não é alguém ao pé de si; é alguém além de si. Sou mortal como a vida e alegre como a vida.

Tu o disseste, enfim. Mas como explicar-te que o não sinto agora assim, que o meu limite não está agora além de ti, como o muro sem portas depois

223

de todas as portas? Sei que estou triste e que há alegria em ti. E é só.

- Meu caro Adalberto... O tempo da infância acabou. Agora é o tempo dos homens. Recordar o mundo nos nossos limites e aguentar, e reinventar a alegria como um deus triunfante. Que sabe você disso? Que sabe você da resignação alegre, da ternura, da conquista terrível de não precisar de saber mais? Você construiu-se como uma máquina aparatosa, mas que não trabalha. Quer convencer-me de que só não trabalha porque lhe

falta uma peça, uma peça pequenina, um ridículo parafuso. Estou tentando convencê-lo de que o parafuso nada resolve.

- E se você pensasse que resolvia?

- Sim. Mas ainda que o supusesse. Não sou o parafuso que lhe serve. E está a arrefecer...

Olho instintivamente ao alto donde o sol, um instante equilibrado, tombava agora rapidamente. Dos troncos das árvores as sombras estendiam-se como barras ao longo da alameda, prolongavam à distância a minha indizível melancolia. Alda erguera-se, ajeitando o casaco, eu ergui-me também. E perdidos no silêncio apenas ouvíamos agora o ranger da areia sob os nossos pés, obscuramente perdidos sobre o deserto da terra...

- Alda! - disse eu, de súbito, tomando-lhe um braço. - Poderei ao menos procurá-la quando quiser? Poderei ao menos falar-lhe?

Ela hesitou, interrogando o silêncio, disse por fim:

- No meio de tudo isto lembrou-se você alguma vez de que Aida é minha irmã?

- Porque havia de lembrar-me?

- Você sabe que ela sofre?

224

- Mas a nossa vida é nossa!

Ela fitou-me, inclinando a cabeça em desafio:

- Ainda que eu fosse quem você pensa; ainda que eu fosse a egoísta que você quer: o amor é sempre puro e você está usado. Bem sei, bem sei: todos estamos usados aos vinte e cinco anos. Mas é preciso esquecê-lo. Eu não poderia.

- Mas falar-lhe, Alda. Uma vez ou outra. Como até hoje. Você dirá: é impossível; há tudo isto já entre nós. Mas deixe-me tentar.

Ela falou para alguém que eu não via:

- É absurdo, tudo isto é absurdo.

- Deixe...

- A gente encontra-se, não é preciso procurar-se. A gente encontra-se. A cidade é tão pequena...

... tão pequena. E, no entanto, tão dispersa. Como uma metrópole confusa. Dias depois o pensei. Fui a casa de Alda procurá-la e alguém me aguardava intensamente. Porque, assim que bati à porta, uma voz aguda e trémula vibrou desde longe (ou me pareceu), desde o fundo do corredor, desde a sala talvez que dava para o quintal:

- A Alda não está. Foi ao Sanatório.

Rompo para o Sanatório pela cidade deserta. Mas não estava também. Procuo Emílio, e Emílio tinha ido a casa do Jeremias: a filha pior, talvez - Clarinda tivera alta uns dias antes. Simplesmente Jeremias tinha ido a casa de Garcia, alarmado talvez com a demora do médico ou porque o médico já saíra e era necessário ainda voltar e lhe dissera ou lhe deixara entender que ia a casa do pintor. Mas

225

Garcia também não estava e teria ido à rua da Torre ver se Irene já chegara ou teria ido apenas a minha casa. Porque, quando regressei, disseram-me realmente que ele passara por lá e atravessara a praça e descera a rua Direita e fora talvez à rua do Inverno a casa de Alda-Aida. Uma voz trémula e aguda lhe teria dito instantaneamente do corredor:

- A Alda não está. Foi para o Sanatório.

E Garcia teria rompido logo para o Sanatório, mas Alda não estava lá também.

Não voltei mais a procurá-la em casa, não sei porquê. Sei só que ao perguntar-mo agora, imagino-me a subir as escadas, a bater à porta; e instantaneamente, na rua deserta, a porta abre-se num disparo de mola e no limiar, toda de preto, em pé e direita, as mãos dadas à frente, a face pálida erguida - Aida fitando-me, fitando-me. Mas revejo Alda aqui e

além, revejo-a em súbitas aparições, em pontos dispersos da cidade. E há um riso flagrante num ângulo da praça, um olhar raiado no alto do Castelo, uma pergunta, uma palavra, um gesto breve à passagem - eu cruzava a cidade de uma rede de esperas, Alda ia consentindo como se um destino nos cruzasse - e só ele. Assim eu me recuperava numa aliança da terra ou nos sinais que a anunciavam. Um vento de frescura lavava-me a face e a memória. Súbitas imagens de harmonia, cintilando de onde em onde. Uma mulher passa, ao meu olhar rendido, leva uma criança pela mão - quem é?

226

É uma mulher que passa, ao meu olhar rendido, leva uma criança pela mão. A criança olha de baixo a segurança que vem de cima. Sorri, olha depois em frente e bate os pés com mais firmeza. Ao alto da rua do Castelo, um velho banha-se em sol e um cão aos pés. Estão imóveis, o céu é azul.

- É um amigo da mãe.

- De dona Aura? Ela conhece-o?

Não conhecia o velho: conhecia o cão - Alda contava. Conhecia, aliás, todos os cães vadios, todos os cães leprosos - que estranho! O tempo aquecera, D. Aura saía pela tarde, furtiva de esquinas, como eu a vira um dia - uma noite - o seu riso estrídulo fugindo obliquamente, deixando um rasto de faúlhas... Fazia a ronda da cidade, mas nunca a encontrei. Trazia ela bocados de pão, os cães conheciam-na. De uma vez esqueceu-se do pão, mas fez a visita à mesma e toda a canzoada se lhe foi juntando, seguindo-a pelas ruas da cidade, pulando e ladrando à roda - ela ria feliz. Entrou em casa, e toda a canzoada entrou logo com ela em tropel, ladrando sempre infernalmente. O senhor Sousa fartou-se de dar pontapés, a canzoada saiu a ganir, dona Aura teve um ataque.

XXII

De modo que fui à praia também. Era longe, para lá da Capital, para lá do grande rio. Quantas vezes eu pensava, eu dizia a Alda "temos de sair da cidade" - ó Penalva, cidade aérea., aberta de espaço para todo o lado, e tão como esta prisão. Mas eu era dali, da sua imobilidade eterna, da sua condenação eterna. Decerto, não fui com eles. Emílio admitira que dona Aura podia ir, ela era de lá ou tinha lá uma irmã, que não era aquela que diziam ser mãe de Alda, mas uma outra que se dizia, aliás, também não ser filha do mesmo pai, do pai de dona Aura, mas de um certo irmão dele ou de um certo outro irmão. Eram quinze dias de férias - que ela não apanhasse sol nem humidade! Mas a praia era tão seca...

Fui oito dias depois deles. Naturalmente, ninguém sabia da minha ida, apareci de improviso numa manhã de praia, vestido ainda de província, casaco e sapatos na mão, as calças arregaçadas para molhar os pés à borda-de-água. Foi Aida quem primeiro vi, sem a reconhecer, e me viu. De maillot preto, erguia alto uma grande bola de gomos coloridos, parou

229

antes de a lançar até ter-me reconhecido, alguém de costas para mim aguardava a bola, batia as palmas, exigindo desembaraço. Aida recompôs-se, a grande bola voou sobre a praia. Mas não aceitei a sua frieza, subitamente esquecido de tudo, dela e da irmã, como se os dois nos encontrássemos numa terra estrangeira. E disse:

- Bom dia!

- Alda está a tomar banho - respondeu-me Aida, olhando ao alto, atenta à bola que vinha de novo pelo ar.

Sorri tolhido, confundido um pouco pela sua alegria ou pela alegria em volta e de que ela já tomara posse e em que eu não fora ainda investido. Fieiras de toldos arvorados em



festa, flutua no ar alto uma bandeira aberta de claridade, a alegria multiplica-se em reflexos coloridos, uma massa oleosa de corpos nus estala em sexo ao sol a prumo. Afasto-me de Aida um pouco vexado, mas tento localizar-lhe o toldo: é na terceira fila, um pouco adiante, o senhor Sousa, em mangas de camisa, entroncado numa cadeira, lê o jornal com os braços abertos. Rondo-lhes as imediações e Alda surge, enfim, tirando a touca de banho, sacudindo os cabelos enovelados:

- Você?

E ou fosse porque o mundo ali era outro e nós fôssemos outros também, ou simplesmente porque Aida aceitasse uma convivência onde com quase ninguém a tinham, ou porque de facto tudo estivesse como morto e nós pudéssemos, portanto, recomeçar em neutralidade, ou porque a festa de mar e sol fosse mais forte que nós... Aida, Alda e eu. Há uma mata de tardes mortas, a praia fica no fundo de um

230

monte, é uma vila pequena de casas brancas com as cercaduras das portas e janelas a ocre e a azul. Passeamos os três, porque nada temos a dizer. E aquilo mesmo que eu tivesse a dizer - um olhar longo, uma palavra para uma delas, um passo retardado e paralelo com uma delas - guardo-o só para mim. Reconheço, aliás, que Aida me facilita a companhia, agindo desembaraçada e de tal modo que suponho ter já ela recomposto a sua vida com alguém - como aliás o imaginei, ou quase, quando no dia seguinte ao da minha chegada veio mais um tipo connosco - estava desde há dias, fora à Capital aos negócios, voltava agora. Era um tipo escuro, quase mulato, tinha o nome imprevisível de Epaminondas. Aida exibia-mo ostensivamente, e eu não sabia se isso me desagradava. Os quatro percorremos toda a costa, desde a ermida no cerro, frente ao mar, para o lado sul, até ao farol para norte - que era um "farolim", dizia-nos o faroleiro, ali curtido de bondade, no jeito feminino de cuidar das flores em pequenos canteiros, no pasmo das longas horas para a quietude marinha. Ao alto, coroando o monte que irrompia do mar e tomava ainda balanço, numa vaga, até ascender quase a pique, ficava o castelo com a sua fiada de ameias. Era belo vê-lo de baixo, entestado ao sol, disparado ao azul como um arauto guerreiro. Em baixo o mar embatia contra as rochas, cobria algumas, espadanando em redemoinho, escorrendo depois em baba branca como nata de leite. Rumor marinho, rumor de vento e de espaço, o castelo ergue-se como um facho que se apagou. De Epaminondas não recordo absolutamente nada. Melhor: do Epaminondas recordo só um estribilho:

231

- Cozido e frito, assim e assado, coisa e tal.

Era um tipo atrapalhadiço, que se entusiasmava facilmente, recorrendo então com frequência ao estribilho da sua predilecção. E só o estribilho me lembro. O senhor Sousa não devia gostar dele. Mas não tive tempo de o saber, porque Epaminondas, certo dia, foi de novo à Capital e no dia seguinte o senhor Sousa morreu.

Tarde de sol e de brisa. Eu ficara de estar na praia às três e meia. Mas a sonolência da sesta quebrou-me. Descera ao café, que era uma espécie de taberna com esplanada, onde grupos de pescadores descalços, de boina e camisa de xadrez, bebiam e pairavam na sua linguagem rápida e em disparos como rajadas. Precisei depois de regressar ao quarto, e das janelas cerradas, da vibração do silêncio, da dormência envolvente, o cansaço que alastrava submergiu-me. E deitei-me. E adormeci.

Acordei devagar, enervado e azedo. Mas de súbito lembrei-me, olhei o relógio: cinco horas. Só então reparei que o quarto escurecera, sem a frincha do sol que na janela brilhava toda a tarde. Um rumor de vento crescia, mesmo de longe, como uma desgraça. Via-se dali uma extensão de mar e abri a janela: as ondas subiam mais altas do que havia, apesar de tudo, razão para isso no vento. Mas não se erguiam paralelas à praia,

avançando de frente para elas: atacavam-na de lado, em fileiras oblíquas. Algumas vezes mesmo as fiadas das ondas cruzavam-se umas com as outras, rebentando em torvelinho, em esguichos altos de espuma. Fizera bem em

232

dormir, afinal. E já quase me dispunha a atirar-me de novo para a cama quando da rua em baixo um tropel de gritos me sobressaltou. Abri a janela de novo - magotes de gente, batidos de desgraça, correndo em alarido para a praia. E finalmente tive a certeza. Galgo a escada estreita, atiro-me à rua, vou de roldão com o povolê. Já na praia se juntara toda a vila, frente ao mar escuro que eu quase ouvia apenas e não via, tapado por uma muralha de gente. Rompo enfim até à borda, mas nada entendo ainda. Até que, a um balanço maior, um barco ergueu-se ao longe na franja de uma onda. E surdo ao mar, aos gritos do mulhero, aos clamores da massa de gente que cresciam até ao horror, baixavam, espriavam-se, ao balanço do pequeno barco, surdo a mim, aterrado e vazio, olhava apenas, estalava de atenção. Era um velho e doente o homem do barco - eu fora sabendo aos poucos desde casa até ali. Tudo o mais eu o sabia já, antes de mo dizerem também pelo caminho. E uma força obtusa, carnívora, sanguinolenta, recusa-se a acreditar. Velha força da vida, tão clara, tão categórica: como negá-la, se só ela existe? Mordo os lábios até ao sangue, tento segurar-me em mim. À minha volta, os gritos crescem às revoadas. Quase não há vento, o mar incha independente, furioso só de si, da sua raiva animal. E, de súbito, vejo, vejo: uma onda ergueu-se, subiu ainda, avança desde longe, ou nasce ali - porque a imagino imensa? ela pareceu-me na realidade tão breve, ligeira agitação de espuma, o barco era um ponto indeciso, a onda verga-se, tomba enfim sobre ele, explode como granada. Um silêncio instantâneo coalhou em toda a praia. E logo depois, num arranco,

233

grosso de horror, um urro imenso ergueu-se de toda a mole de gente. Mas eu não grito e aguento em todo o corpo o tremor que me abala. De olhos incendiados, tento divisar entre os destroços um anúncio de vida, de alguma coisa ainda. Que um sinal dela perdure, no pai ao menos, na pobre mãe louca... Mas a um balanço maior o barco apareceu em evidência, de quilha para o ar, como um verdadeiro destroço. Reparo então que estou chorando. Quietamente numa praia estranha, chorando. Mas um alarido maior sacudiu-me: por entre as vagas, um ponto breve de uma cabeça emergia de vez em quando, abrindo um pequeno friso de espuma. Endoidecido, pus-me a correr de um lado para o outro, à borda da água, como os cães. Mas fulminado de uma ideia nova, estaquei perturbado, confuso de contradição: só Aida podia nadar assim. Tu pois voltando ainda? Tu... Terão notado a minha ligação com ela, terei erguido o braço, proclamado o seu nome. Porque a certa altura vi-me cercado de gente e de uma certa deferência pela minha dor. Agora, Aida via-se melhor, a braçadas mais lentas aproximava-se da praia. Tu ainda uma vez. Aida! Um homem aos berros, com uma bóia na mão, pedia espaço para o seu balanço. Correu uns passos até à beira de água, a argola subiu, largando um rasto de corda, pairou um instante, foi descendo enfim. Mas Aida estava longe. Dobrados, todos a ajudávamos da praia, no seu último esforço, com a nossa ansiedade. E ela atingiu, enfim, a bóia. Mas estranhamente, depois de a apanhar, largou-a e continuou. E desaparecendo na água, emergindo de novo, os braços num ritmo mais acelerado, chegou, enfim, à praia. Tentou erguer-se, titubeou.

234

Gritei-lhe, ela reconheceu-me ainda no seu olhar enevoado e escorregou por mim abaixo, alastrando como as algas pela areia:

- Ó Adalberto, você...

Erguemo-la desfalecida, uma maca levou-a ao hospital. Mas cedo se recompôs. Quando me viu à cabeceira hesitou, procurando-me em toda a face, com excitação, de lábios trémulos, qualquer coisa que de mim esquecera e tentava reconhecer. Esperei que ela falasse, mas nada disse. O queixo tremia-lhe mais e toda ela cedeu, enfim, a um acesso de choro, crispando as mãos na dobra do lençol. Pus-lhe a minha mão sobre a testa e os olhos. Ela serenou um pouco da serenidade que eu lhe dava e não tinha:

- Ó Adalberto, é tudo tão... É impossível, é impossível... Ainda de manhã Aida me disse...

- Aida?

Ela chorou de novo, fez que sim com a cabeça. Mas uma enfermeira chegava de seringa no ar, mandou-me sair. E eu saí mais perturbado que nunca. Aida. Fora então Aida...

Pela manhã o mar atirou à praia os corpos dos naufragos, só o do velho barqueiro não - ele não tinha nada que fazer na minha história. Alinhou-os na areia com intervalos regulares, precisamente no meio da praia, já em fila de cortejo. As formalidades legais cumpriram-se rapidamente e pudemos subir com os mortos ao Castelo nesse dia - ou no outro? Tenho a certeza apenas de que Aida assistiu. E de

235

que era um dia de sol marinho. Era quase meio-dia quando o cortejo se pôs em marcha. Mas o cortejo reduzia-se ao padre e às três carretas dos mortos com os funcionários da morgue. E a mim. E a Alda. A própria tia dela não viera, saíra, creio, de véspera, ou adoecera, ou não existia - nunca a vi, nunca ouvi mais falar dela desde Penalva. Toda a excitação da véspera ou antevéspera, desvanecera-se. Subimos com a estrada que irrompe aos zigzagues pelo monte, vêm para nós grupos de banhistas, carne quente cor de areia, riso claro de festa e de sangue, toalhas, roupões, a brisa entreabre-os até aos corpos espumosos, húmidos ainda da intimidade da noite, sob um arco colorido, festões de alegria, nós passamos lentamente na nossa marcha penosa, eles suspendem-se um pouco, uma criança suspende-se no seu choro, pasmada para nós, o mar cresce-nos em baixo na sua planura fina e azul. Mas a uma curva da estrada ficamos sós. Um padre vai à frente com um garoto enfraldado em vermelho. Depois as três carretas em fila. E atrás, Alda e eu. O sol treme quase a pique, a brisa ressoa à fervura do mar. Tomo o braço nu de Alda, vou-a impelindo pela encosta, o seio esquerdo oscila-lhe sob o vestido folgado, amolga-se-me contra a mão, ao balanço dos nossos passos. Veste de praia como eu, não viéramos preparados para a morte. A certa altura porém para encurtarmos caminho, metemos por uma vereda de pedras.

- Você devia ter ficado, Alda, você escusava de ter vindo.

- Vou bem...

Os caixões foram apeados das carretas, que retrocederam logo para a vila, eram agora transportados

236

a pulso. Com a irregularidade do piso e as viragens bruscas, o cortejo perdera os restos de gravidade, era um núcleo confuso de caixões, padre, gatos-pingados, e eu e Alda - arrepiante mistura de cadáveres e de alpinistas. A cada instante eu receava que um caixão fugisse às mãos dos moços funerários, se partisse contra as pedras e um cadáver aparecesse como um fruto. Que ao menos não fosses tu, Aida... Felizmente, um pouco adiante, o caminho aplainou, e nós pudemos recompor-nos em gravidade antes do cemitério. Daquela assomada, o mar abria-se subitamente lá ao fundo numa vastidão imprevista, reduzindo a vila a uma pequenez de inocência. A luz tremula no casario branco, a massa de água cintila em vagas de poalha, os olhos cerram-se de horizonte. Estupidamente, absurdamente, a minha amargura é vã: um apelo sobe como uma flor de ruínas, ali, Alda, o seu corpo, intenso e tão rendido ao meu amparo ocasional. Ou o apelo ouço-o, porque me não existe a morte neste instante. A flagrante verdade de tudo surge,

some-se, quando? porquê? A verdade da morte, do amor, da beleza. Posso morrer neste momento, estou indiferente, nada me intriga. Quantas vezes, Garcia, diante dos teus quadros... Num instante explodiam à minha face, um abalo nos ossos anunciava-me a evidência. Mas outras vezes eram estéreis, não porque os não soubesse já belos, mas porque a sua beleza era apenas indiscutível e árida como uma conta de somar. Que eu morra agora, enquanto os pés me resvalam no cascalho, nesta hora lúcida sem passado nem futuro, presente, natural, nítida como a superfície do mar. Há distância à minha volta, mas eu não vou com ela,

237

estou aqui apenas, sem alarme, sem interrogação. O senhor Sousa e dona Aura e tu mesmo talvez, Aida? corpos indiferentes, pesos mortos carregados a pulso, ontem? ontem? Não vos ouço, não vos sei, rebento de estafa nesta ascensão de penitência, o ar é leve, a luz vibra em estéril nitidez.

Mas entramos no Castelo, dispomos os caixões à porta da Capela, de muros salitrosos, uma sineta rouca no alto. Os caixões abriram-se e subitamente fico estrangido de susto, de um vago arrepio de náusea e de impossível. Olho-os com violência de um a um, Alda aguenta com firmeza quase agressiva o impacto daquela revelação. Fito-a de lado, preparando-me a uma emergência, ela tem os olhos duros como murros. Então regresso aos mortos, tão quietos, definitivos, recosidos sobre si, tão absurdamente separados de tudo - de nós, da vida que foi sua, tu sobretudo, Aida, estás mais perto de mim, vejo-te, revejo-te à vaga da memória, uma franja desce-te agora para a testa, a brisa agita-a levemente sobre a pedra da face, a face inchou um pouco em vagos tons azulados. O padre demora-se e estou cansado. O silêncio expande-se como um olhar longo e enxuto, ecoa na terra pobre com clareiras de relva, na imobilidade das flores secas dos túmulos, retratos esmaecidos, o mar brilha longe, por entre as ameias. Desce o sol como uma coluna, midi la-haut, midi sans mouvement, verdade perfeita, limite sem mais, limite da terra e depois o mar. E era como se realmente às grandes vagas da vida eu as sentisse impelindo-me até à vertigem sem mais. Cemitério marinho, esterilidade nítida, abrupto corte da vida e da terra e um eco ao longe da memória apaziguada...

238

Preciso, mecânico, com gestos escriturados, um funcionário fecha as tampas dos caixões. Eu olho, eu olho ainda, subitamente desperto e o senhor Sousa morre definitivamente, tinha uma voz de arame... Mas a voz já não era dele, era uma voz póstuma, da irrealidade que dura mais do que um homem. Depois foi a dona Aura, que sorria ingenuamente com uma doce ironia - rasto para sempre do seu riso granizado de galinha de vidro... Instintivamente atirei as duas mãos ao caixão de Aida - um momento ainda, um momento apenas, voz obscura, excessiva em mim: donde a força que me endurece e me pede um olhar? Presença antiga de mim ali também, e eu estou vivo! O sol escorre-me pelo corpo, respiro fundo à amplidão que me expande - Alda fita-me longamente e é o seu olhar que eu encontro quando retiro o meu de Aida por fim. Nada mais ali temos que fazer. Saímos do cemitério, ouvimos ainda atrás, em arrancos de azáfama, os auxiliares do coveiro, aplicados à tarefa, senhores totais enfim dos mortos que ficavam.

Está uma tarde bonita, a vila é longe - Aida!

- Aida! - disse eu, para que uma voz humana nos reinventasse a vida entre nós.

Mas ela subitamente atónita, como a uma voz irreal e longínqua, desprende-se brusca de mim, atirou-se encosta abaixo, tropeçando, rolando sobre si, parando, enfim, de ventre para o ar, a cabeça descaída sobre o ombro, um fio de sangue nos lábios, os olhos cerrados, chorando. Ergo-a devagar e em silêncio, ela aceita-me a piedade como se não viesse de mim, não viesse de ninguém, fosse uma resposta da terra à sua voz de fadiga. Sentados contra

uma rocha, olhamos em roda, vagamente, a cintilação do ar, a flecha de sol irisando o mar lá em baixo, um estranho gesto, invisível e raiado, de grandes círculos no espaço... Uma vela passa ao longe, como um vislumbre, amplia ao largo a solidão marinha. Tomo nas minhas mãos uma de Alda e aperto-a violentamente no súbito pavor de um mundo despovoado...

## XXIII

E no dia seguinte partimos. Gastei a noite a enfiar volumes, a apertar malas, entrando-lhes de joelho, traçando-as violentamente de correias. Alda tentava ajudar, consegui, enfim, estendê-la num velho canapé, cobri-la, adormeci-la. Quis que viesse para a minha pensão, mas ela negou-se, intransigente: ficava ali. Acabei a tarefa, Alda dormia serena. Eu apagara a luz da sala, abrira outra, no corredor. E, hesitante, ao lado dessa luz velada, sentei-me também numa cadeira a um canto, olhando Alda, a sua face branca, docemente indefesa, quase infantil. Silêncio longo, afogado de sombras, silêncio de mortos, velo a sua memória agressiva, vejo-os em ronda, flutuando sobre Alda, como nas alegorias dos sonhos, o mar ressoa-os de um fundo de eternidade-Escorrem-me os membros e os olhos de cansaço, adormeço também. Mas pouco tempo devo ter dormido, porque acordo ainda pelo meio da noite, surpreso da bagagem acumulada na sala, do rumor do mar - insólita imagem de um porão de navio, de uma viagem sem regresso. Ergo-me cauteloso, venho à janela, acendo um cigarro. De pólo a pólo,  
241

as estrelas brilham. Uma fieira de luzes segue a curva da praia a passos lentos, chega até à falésia emproada ao mar, lá no fundo. Lâmpadas de pescadores lucilam nas águas ao balanço das ondas, tecem uma estranha constelação.

- A "constelação da Barca", e sabes tu qual é? - Alda mo perguntou um outro ano decerto... Eu procurei-a no céu, ela sorriu...

Arrefoço à janela, sento-me de novo, adormeço de novo. Quando acordei, já Alda sentada me velava a mim.

- Se saíssemos? - propus ao acaso.

- Obrigada por tudo, Adalberto, obrigada... Mas não falava para mim, olhando pela janela, que eu já abrisse para a manhã.

- A camioneta é à tarde, você vem comigo para a pensão.

Ela ergueu-se - eu saí para a rua, fiquei esperando. Mas como se demorava, empurrei a porta que deixara encostada, vim encontrar Alda sentada de novo na sala. Olhava pela janela, não se moveu ao ouvir-me.

- É melhor sair, Alda, é melhor. Ela, então, fitou-me violentamente:

- Deixe-me estar só, preciso de estar só. Só, só! Pus-lhe a mão no ombro, saí. Caminho à deriva

pela praia deserta, plantada da estacaria nua dos toldos, a crosta da areia húmida estalando-me sob os pés. Passo além do rochedo entestado ao mar, vou até ao farolim, olho ao alto o Castelo incendiado de sol. A manhã abre em auréola, o mar é liso e unido como um mármore. Quando regresso à pensão, o sol estala já de calor. Não procuro mais Alda,  
242

e tanto que tenho a dizer-lhe ou tanto que estar ao pé dela. Por entre o desastre e a morte, por entre a solidão, a nudez total, uma voz cresce em pureza, em verdade, em renascer. Toma-me todo, sou nela, mas sinto que é de mais. Que tu a ouças e se abra em

evidência como uma força da terra. Que mais para nós? Estamos sós, um diante do outro, o mundo é vasto e deserto, eis que Deus criou enfim o primeiro homem e a primeira mulher. Não procuro mais Alda, mas à hora do almoço não me surpreendi de que já me esperasse à mesa da pensão. Porque eu esperava-a também e por isso a saudei apenas e me sentei e almoçámos em silêncio, junto de uma janela donde se via um retalho de mar. Ela trazia já um vestido preto que conseguira não sei como. Toda selada de luto, desde os punhos ao pescoço, fechado em gola estreita, grava-se da majestade de toda a dor que se assume. As mãos de cera, a face branca, tinham uma luz íntima e velada.

Pelas três horas carregámos a bagagem e partimos. Atravessámos o rio pelo fim da tarde, mas só às dez haveria comboio. Alda sentara-se na sala de espera, o busto direito, o olhar hirto e oblíquo, eu tratei dos despachos e dos bilhetes. Quando regressei, vim encontrá-la exactamente na mesma posição. Vários comboios chegaram e partiram antes do nosso. A azáfama crescia em ondas até ao alto da gare, retumbava longamente, dispersava-se ao silêncio. Os altifalantes anunciaram o nosso comboio, enfim. Tomo Alda pelo braço, mas ela ergue-se vigorosamente, adianta-se-me, firme, não parecendo assim que eu a acompanhava, mas que ela me conduzia a mim. Sentámo-nos a uma janela, um em face do

243

outro. Para sempre ficaríamos um em face do outro. O comboio levou-nos através da noite.

E eis-me de novo em Penalva. Acertei-me com tudo isto, sou daqui, sinto-me bem. É bom olhar as coisas e saber que nos esperam, certas, no seu lugar, coordenadas com o que somos. Olho do meu sétimo andar, a Sé está ali, um pouco abaixo, desenhando quase a sua cruz de renda, e a praça e o cavaleiro com a mensagem que ninguém mais sabe, e as casas negras, tolhidas de inverno, e o brado de horizontes, e o próprio prédio, absurdo e insolente, com o seu grito mecânico na estrutura de aço e cimento, nos trincos e niquelados dos ascensores. Tudo ordenado e em centro ordenador - eu. Abro as janelas do meu quarto, paio um instante relembrado, confirmando-me na harmonização do mundo. Em baixo, a livraria está funcionando, Faustino fiscaliza-lhe o funcionamento de punhos no balcão. Jesuína gira excêntrica, engendra-me o necessário quotidiano, Emílio e Garcia encontro-os à noite na pensão. Explico a todos o que se passou, eles escutam-me sem quase perguntarem mais, com deferência, ou esmagados de tragédia. Só Garcia teve um comentário:

- Portanto, tudo arranjado. Alda é tua, o destino o quer. Eh!

Mas não me irritei, porque o seu tom escarinho não era altivo, não vinha de cima: vinha de baixo, como uma espécie de escárnio sob uma bota - e porquê? Assim não admiti que Garcia triunfasse,

244

tivesse recuperado a sua facilidade de viver. E eu o confirmei algum tempo depois, amigo. Irene não voltara, Irene morrera talvez. Passo à rua da Torre, nenhuma voz sobe no ar, só a memória a recorda. Na correnteza da rua, as janelas cerram-se como pedras, o olhar percorre-as de uma a uma, fica ainda esperando. Garcia atirou-se à arte como nunca. Pintava com raiva pelas noites de inverno - o inverno viera cedo, as tardes bruscas apagavam a cidade, erguiam-na aos astros, à perenidade da sua solidão, coitado do Garcia. Mais do que nunca eu percebia agora que ele amava a Arte com um amor desesperado, que todos os seus insultos à "metafísica", à "vitória sobre o destino", "à verdade divina da arte", eram a forma do seu amor raivoso, de uma pureza que defendia contra a pobre parolice, contra a fácil emotividade. Gravado de solidão, no abandono longo do inverno, pintava sempre e sempre, defendendo-se com o insulto do que julgava um insulto, fechava-se no seu sonho como num amor desgraçado. Havia várias telas, quis

vê-las, ele não deixou. Pinta, Garcia! Que há mais na tua vida do que esse pequeno sonho, tão humilde, de sagrares a tua miséria, a solidão e a morte?

Pintava com raiva, quantas vezes eu te ia procurar, porque Alda não voltara, eu passava à sua casa, algumas vezes batia, a casa tinha quase uma inquietante presença de pessoa, tolhia-me de expectativa, a sua voz ia erguer-se, mas era uma voz de silêncio. Procurava Garcia sobretudo quando ele não ia à pensão. E a qualquer hora da noite “ncontrava iluminadas as janelas do atelier ao subir a pequena rampa que levava ao Cabo. Batia à porta, o trinco

245

saltava, subia a escada de madeira nova, entrava na sala de grandes pranchas roídas. Mas Garcia nem me olhava, empurrava-me a garrafa e o cálice. Havia uma braseira com os restos de cinza e era bom revolvê-los como quem viaja desde a infância ou de mais longe. Noite perfeita, o céu é grande, o espaço é limpo como um reflexo de gelo. No silêncio fixo, Garcia pinta ainda, pinta sempre, fechado no seu ódio, no seu amor. Vejo-o, revejo-o estranhamente multiplicado em lampejos de lâminas, esquecido de mim, rebrilham-me os seus gestos num entrecruzado de gumes, de aços polidos - fumo e medito, olho, eu só, Garcia longe, a noite dura imóvel e prismática.

- “- Porque pintas?

Mas não o perguntei. Solidão sufocante, alguma coisa mais, um máximo, atingi-lo, segurá-lo raivosamente. Flor instantânea, trémula nas mãos podres - os teus dentes feios, enrodilhados cá fora, e a tua face tísica, e a noite deserta, e a cidade prisional: uma tela e a fulguração de uma cor... Possivelmente porém Irene reagrupava-se ao teu destino, ao teu sonho: olhar de pedra, só a sua voz era ela, auréola do silêncio e da morte.

- Porque pintas?

Falei alto, porque tudo se transfigurou à minha volta. Garcia ria para o quadro e era com ele a imagem perfeita da beleza e da degradação.

- Senta-te.

Ele sentou-se depois de virar o quadro para mim.

- Belo, não é? - disse-me ou o disse eu a mim mesmo.

No entanto, como saber que a beleza estava lá? A beleza era do nosso encontro connosco, com

246

uma verdade profunda e comovedora, anunciada ali apenas.

- Há um combate brutal entre mim e outra coisa. Quando venço, estou contente. Mas a luta recomeça sempre, hem? Recomeça sempre. Pinto por desporto, por alpinismo, eh!

- Salvar-nos da solidão. De qualquer medo...

- Não salvo nada, não há nada a salvar! A vida é profundamente estúpida. Não tenho ilusões. Mas vê tu: tomo o pincel e ponho aqui um azul. Bom, então penso depois: fui eu quem fez isto e o azul é verdade. Nada mais, nada mais. Um azul é verdade como é verdade um cão, como é verdade a trampa. É mais verdade ainda.

- Mas podes fazer o que disseste agora e não és feliz.

- Não a posso fazer: já está feita. Como eu já estou feito. E os cães. E as pedras. Mas este azul fi-lo eu. Ele é mesmo mais verdade do que toda a verdade, porque nunca existiu. A verdade maior é a do que não existe. É por isso que Irene me lembra.

- Lembra-la? Lembra-la?

- Sim. Agora ela é como nunca foi. E tudo quanto estamos dizendo é perfeitamente imbecil. Deixa-me antes beber.

- Um dia olharão o teu azul. Um dia, muito tarde. E dirão: é belo. Foi ele que o inventou.

- Quem “ele”? Se tu soubesses como tenho vontade de te cuspir na cara... Não trabalho para mortos, e depois de eu morrer todos sois mortos. Pinto para ver o sol e saber que há

sol. Se tu soubesses como é criminoso ressuscitar um morto.

247

E cretino. É o que mais me dói. Imagina que um dia alguém diz realmente: “foi ele que o pintou”. Saber agora que tentarão um dia não me deixar dormir em paz... Que sabeis vós, ó palhaços, ó píffios, ó miseráveis, do que se passou aqui? Calai-vos, quero dormir.

Ao Emílio porém via-o menos. Comia agora com frequência no Sanatório e a casa poucas vezes ia procurá-lo, porque raro o encontrava, mesmo à noite. Depois do Sanatório dava consultas (o consultório era na própria casa), à noite tinha com frequência chamadas, e a vida não lhe dava satisfações, se lhas pedia. “Tens medo de te sentires só” - eu lho dissera quando? e ele respondera-me, muito antes de eu lho dizer, que uma simples criança e um bêbedo numa noite de Natal... Mas agora nem isso acontecia e ele tinha um desejo fundo de que acontecesse. Não que mo dissesse, mas tinha. E então pôs-se a amar, como nunca, os seus doentes.

Revejo-o. Pequeno, insignificante. Tinha o bigode retinto (“Porque não rapas tu isso?” “Fico sempre a sangrar”, o cabelo crespo e arrepiado, com duas entradas de calvície. Quando se excitava, a voz entaramelava-se-lhe e cerrava os olhos como um mentiroso que procurava convencer-nos.

Ora um dia encontrei-o, três dias seguidos não fora à pensão, estava no consultório. Um largo portão abre para um átrio de pedra miúda, geometrizada em desenhos, a preto e branco. As sombras coalham em humidade, uma larga escadaria de granito sobe

248

em rampa a um dos lados. Estava só, fumando, aéreo, eu fizera-me anunciar pela empregada.

- Não há doentes, vamos para aqui.

Mas um doente surgia afinal, dentro em breve, Emílio nem se sentou. Fico olhando pela janela, fumando também. Dá a casa para o largo da Misericórdia. É alta, ao pé da torre. O sol embate contra as torres da Igreja, caiada de branco, com guarnições de granito, treme no ar como um deslumbramento. Uma vaga de melancolia vem dos confins da cidade, do vazio em volta, leva um ou outro transeunte pelo largo solitário, eu vou com eles e fico. Arrefeço à janela, a empregada entra: traz ordem de acender o radiador. E claramente pergunto-me.- que venho fazer? Porque não venho bem apenas para saber de Emílio - reconheço-o agora. Mas foi preciso abrir caminho até à minha razão de estar ali e perguntar a Emílio porque não tinha aparecido (“muito serviço”) e se Clarinda estava definitivamente salva (“como sabê-lo?”) e se... Afastava-me de mim e estivera perto - Clarinda e o Sanatório eram uma oportunidade. Desesperado, ataco de frente:

- Tens visto Alda?

Emílio instalara-se num sofá ao lado do meu, ambos diante de uma secretária com um juiz ausente. Suspende-se, interrogando o ar, como se procurasse lembrar-se. Mas não: concluí-o quando vi a separação entre ele e a sua naturalidade, como quem olha para um sítio e finge estar a olhar para lá. Só não pude entender esse descolamento de si. Disse-me:

- Não. Nunca mais a vi. E tu não a viste?

249

Atacava-me, mudava de posição comigo. Naturalmente eu não a vira mais: para que perguntaria eu, se já a tivesse visto?

- Pois... - concordou ele. - Creio que deve perder o lugar no Sanatório. A licença acabou há tempo, devia dar uma justificação.

Então perguntei a Emílio se ele não trabalhava de mais. Ele riu para me neutralizar. Cerrou os olhos, gaguejou:



- Ouve. Trabalho o mesmo.  
- Comes no Sanatório. Ninguém te vê.  
- Não. Trabalho o mesmo. É claro, nesta época há sempre mais que fazer. Chamam-me para fora da cidade. Já vês, os pobres, coitados, não podem adoecer quando lhes apetece. Nesta época têm algum dinheiro.  
... mas não era isso. E tu sabia-lo e sabias que eu o sabia. Fraternidade quente de um homem entre os homens - alguma coisa que o finja, o lembre num olhar doente, banhado de reconhecimento.  
- Acreditas na piedade? - perguntei. - Ela nasce só do orgulho ou do desespero.  
- Não, não há piedade nenhuma. Porque é que vendes livros? Por piedade dos ignorantes?  
- Não há nada de ti comprometido?  
- Comprometido como?  
- Nisso, de tratares os doentes?  
- Bem, bem. Ouve: estamos sempre comprometidos. Mesmo aqui assim a falarmos. Mas é tão difícil reconhecermo-nos nisso. Penalva é triste e é longe como o longe. E acontece às vezes que a nossa medida é essa, porque o homem não tem medida. Então é horrível pensarmos que

250

estamos sós. Porque realmente estamos sós, por mais que me possas demonstrar que não. E é nesse instante que é duro ver morrer aos nossos olhos um prodígio sem préstimo, que realmente temos a evidência de... Alguém ao nosso lado a que demos a notícia, que a receba e a transmita...

- É-me perfeitamente desinteressante saber isso que dizes, o meu prodígio, etc. Por mais que queira, não vejo nada. Há doentes e eu posso tratá-los. E é só isso agora. Que eu pensasse que ele buscava aí um conforto contra a solidão, Emílio não o aceitava porque: a que vinham os meus problemas e ambições e explicações, se a entreatura era a verdade humana, tão humilde e perfeita, de um homem em face de outro? Conhecia a aliança, a fraternidade, não por ter medo de si, não por saber a sua "grandeza", mas sim por saber a miséria do mundo. Essa miséria era dele também: dar era receber - ou não bem isso: dar e receber era um todo, uma maneira de se estar em companhia. Contra que terror absurdo? Mas contra nenhum terror absurdo: contra só o que pode ser contra. Não era "piedoso" por orgulho ou desespero, porque não era "piedoso": apenas um homem com outros.

- Um doente, está bem, pode sentir-se reconhecido. Bom; mas eu também me sinto reconhecido. Não lhes posso explicar, mas estou. Dormir em paz é agradável. A gente pensa: "tudo está certo". E podem então vir os astros e a morte e a minha "grandeza inútil" e todo o "absurdo" que quiseres: dá-se o balanço e está certo e não há nada que altere essa certeza. Ou não se dá balanço nenhum...

251

Não se dava balanço nenhum, porque a certeza de se estar certo vinha de uma alegria de nada, de um modo de se estar tranquilo, de se olharem as casas, as gentes, os cães, e verificar-se que se não tem medo de nada, que o nosso lugar é bem nosso, que se pode respirar fundo e reconhecer calmamente que a terra existe e nós existimos e que somos verdadeiros como a terra é verdade.

- Tens a certeza disso? (E como te invejo, e como te admiro!)

Porque, como era possível que o que me ofuscava a mim, nítido, fulgurante, fosse para ele tão fácil, tão vulgar, tão sem importância excepcional? Mas a minha vida é minha, nada a poderá redimir fora da redenção que ela for...

- Tens a certeza disso? - insisti.

Emílio encolheu os ombros: tinha uma visita a fazer, eram horas de “alçar”. Ergui-me, perguntei ainda:

- Mas não tens procurado Alda?
- Bom. Calhou passar-lhe à porta e bati, claro. Mas ninguém me respondeu.
- Porque é que bateste?
- Porque é que bati... Devia bater, era natural que batesse, que perguntasse por ela.
- Mas nunca a amaste, não é verdade?
- Bom, bom.

## XXIV

Mas no dia seguinte eu próprio lhe bati à porta outra vez. Desci a rampa que vai da rua do Comércio, passei à oficina de bicicletas: porta aberta, a oficina trabalhava. Cheguei ao alto da dupla escadaria com florões de granito, olhei ao longe até saber se ia realmente procurar Alda. Dei dois passos hesitantes sem nada ter concluído, mas ao passar junto da casa, rodei subitamente, galguei os degraus até à porta, bati. E fulminantemente a porta abriu-se num ápice, como se se evaporasse - e Alda apareceu, séria, no limiar:

- Entre.

Olhei-a aturdido, paralisado. Ela olhava além de mim e sorria. Sorriso breve, espuma aérea. Vestia de luto, saia fortemente justa, camisolão de lã de gola alta como um cálice, corpo intenso, todo presente, compacto de volumes. Só a face era longe dali, face branca, olhar de horizontes.

- Entre - disse-me ainda, mas afastando-se só agora para me dar passagem.

A sala obscura de entrada era muito mais antiga do que quando a vira pela última vez. Havia agora

253

de permeio Aida e o seu ar grave de amargura, e o senhor Sousa com o aparelho na garganta, e o riso estrídulo de dona Aura - a distância infinita da morte, do nunca mais, que subitamente alongava tudo a uma irrealidade espectral, radiada e fixa no silêncio imóvel da mesa, das cadeiras, dos muros. Na parede ao lado suspendem-se ainda o grande rosário de bagas grossas e os três guiadores de bicicleta. Alda tomou-me a dianteira, conduzindo-me pelo corredor. Na saleta que dava para o quintal, uma braseira aquecia um ar de intimidade, um feixe de sol entrava oblíquo pela janela, aninhava-se a um canto como num sossego de sesta.

- Sente-se.

- Alda! - disse eu, sentando-me enfim - porque não apareceu mais?

Ela acendeu um cigarro, plantou o cotovelo sobre um livro aberto na mesa e que decerto lia. Fumava a sós consigo, embora eu acendesse um cigarro também.

- Há mil coisas a arrumar, não é verdade? Estou só, há a oficina.

- Mas eu bati-lhe à porta. E o Emílio. Você nunca respondeu.

- Precisava de arrumar a vida sozinha. Tenho agora tudo em ordem.

- Tudo o quê, Alda? Tudo o quê?

- Oh! Que é que isso lhe importa... Importava-me muito, era evidente, mas não tinha decerto direito a isso. Houve porém uma pergunta instantânea, anterior à minha boca e ao meu pensar:

- Mas fica em Penalva?

254

Ela rodou os olhos sobre mim, considerando-me longamente, como para ver até que ponto eu assumia a minha inconveniência. Depois voltou a fitar a parede em frente, disse devagar:

- Não, não fico em Penalva.

Então atirei a minha mão à sua, abandonada sobre a mesa. Mas como ficava mais longe do que eu supunha, tive de me soerguer, e o meu gesto quebrou-se. Ela porém não me vexou. E eu pude aproximar a cadeira e segurar-lhe a mão longo tempo. No entanto, com a mão livre, ela continuava a fumar, levando o cigarro à boca, batendo-lhe a cinza. Abandonei-lhe a mão, cerrei os olhos. E centrado em mim, na minha solidão, pedi ardentemente:

- Fique, Alda! Não se vá!

Quando abri os olhos ela esmagava a ponta do cigarro no cinzeiro. O sol erguera-se do chão, a tarde evaporava-se. E no ar deserto, sem uma fímbria de rumor, e que eu sentia, para lá da janela, no quintal humilde, apagado em sombra, no muro em ruínas das traseiras de uma casa, uma réstia de azul mais ao longe, parecia-me que a solidão era bem de nós dois, que irremediavelmente estávamos em face um do outro sobre o abandono da terra e para sempre. Por isso nada em mim eu julgava inconveniente, nada do que me viesse à superfície desde o receio, desde o meu mundo secreto. E disse:

- Alda!

Falei baixo, quase clandestinamente. Mas era como se a chamasse de horizonte a horizonte. Ela assim decerto o sentiu, porque me olhou com olhos sem fim. De súbito, cruzou os braços na mesa, escondeu neles a cabeça. Estremeciam-lhe os ombros.

255

A tarde escurecia. Aproximei-me então dela e tentei soerguê-la. Mas ela estava colada à mesa, endurecida - e lutava. Fiquei ali algum tempo, tentei de novo: Alda veio enfim subindo nas minhas mãos, os olhos cerrados, a face molhada de um choro bom. Então ao impulso da minha piedade ou do meu medo... Ela tinha os olhos cerrados, a boca semiaberta.

XXV

O inverno voltou, a cidade envelheceu. Revejo-a um instante, no ar branco e azul, polido como um cristal. Repentina imagem de uma vaga sombra desaparecendo a uma esquina, de um raio frio de sol, de uma brisa filtrada em gelo - ao alto, um olhar escuro de pedra e de memória. Pelas manhãs, as braseiras fumegam ao longo das ruas, um terror antigo perdura ainda no ar, nas ruas negras de augúrio, nas furnas escuras das casas, entrevistas num ocasional abrir de portas, nas gentes oblíquas em bruscas aparições.

Mas o inverno para mim quase não existe. Sinto- o apenas como decoração à minha volta, ou não bem isso: como um mundo de desastre contra o qual venci. Afirmo a minha vitória todas as tardes, todas as horas, Alda espera-me na sua casa deserta onde estamos mais unidos pela própria solidão.

- A vida o quer - disse-lhe eu ao fim de tudo, quando da primeira vez.

Havia à minha volta os despojos de tudo quanto nos separava e eu vejo ainda agora: alvura íntima, cálida, humidade aí, mais fundo, centro sem fim,

257

inacessível, achado, o mais secreto, o mais único e fechado - as barreiras à volta destruídas, folhos brancos e negros em dádiva aberta, olhar cerrado de angústia, ondeada aos corredores, à casa nua, à sagração da noite. Nós sós e o nosso olhar silencioso, de resignação, de piedade mútua.

Todas as tardes, todas as horas. Pela manhã lembrava-a, lembrava-a pela noite no espaço vago dos meus braços, num vazio do ventre, no vazio da casa.

- Arrumar tudo, arrumar tudo depressa. Vem... Mas ela, com uma frieza estranha ou que me

parecia, tinha ainda quanta coisa a resolver. Porque não voltara à livraria? A livraria era nossa, eu tinha de me acertar com a vida. Mas Alda nem sequer saía de casa. Assim a procurava todas as tardes, ficava às vezes até noite alta. Até que um dia ela apareceu na livraria pela manhã. Quando desci e entrei na loja, Faustino não estava ao balcão, de punhos imóveis no tampo. Emílio apareceu também nessa tarde. Quando entrei, ele estava na parte de cima da loja, com uma revista aberta que lhe tapava a cara. Até que um dia Alda me disse:

- Podemos casar quando quiseres. Casámos logo, era em Outubro. Mas nem ela nem eu apeteçamos sair a núpcias. E um e outro desejámos fechar-nos em casa. Alda não queria porém viver lá, viemos para o meu sétimo andar.

- Porque ter medo dos mortos? - disse eu. - Acredito na vida como nunca.

No entanto, não se podia fechar a casa: havia os móveis, havia sobretudo talvez o meu apelo profundo, quase ignorado agora, de uma verdade

258

humana, de uma verdade de tempo, esterilizada ali na frieza do meu prédio.

E imediatamente recomeçou o meu desassossego. Nós estávamos realmente sós e é isto que eu clamo a toda a força, para que enfim me compreendam. Breves testemunhas, um Garcia, um Emílio - que me eram os outros seres, avulsos, entrevistados em sombra do alto do meu prédio, num ocasional encontro na rua? Mas que fossem e tivessem um olhar onde nos encontrássemos: mesmo Garcia e Emílio eram da minha facilidade, não da minha violência, eram dos meus gestos e palavras, não do meu acto e minha voz. Ah, tudo isto é absurdo, tudo isto é de mais, mas só o que é de mais é que é bastante...

Foi isto que eu disse tempos depois ao juiz e ele encolheu os ombros:

- ... alguma coisa a alegar em sua defesa?

Porque tudo o que me disse sobre o meu crime era tão estúpido! Não, não detestei Aida por ela ser amante de Emílio - como o sabeis? quem vo-lo disse? ou por ter tido um encontro com ele ou por eu me convencer de que tivera. Precisamente eu queria que ela fosse amante, porque a detestava. Mas não me agradava nada que o fosse, pois quem é que pode gostar disso? E uma vez explicado o problema, o advogado exigia atenuantes para o meu crime, dado que eu estava doido.

259

Mas eu não estou doido! - clamei aos berros. Conheço a vossa lógica e podeis experimentar-me aí. Estou lúcido. E foi o que o juiz acabou por concluir, porque o juiz era um homem sensato. E mesmo a hipótese de uma síncope, pôs-me às costas também:

- Tivesse ou não morrido do coração, o senhor era igualmente criminoso. Mas vejamos então: o senhor reconhece pelo menos que se cansou de sua mulher.

- Não me "cansel": ela é que se gastou. Eu estava só. Mas quem é que quer estar só? Ninguém quer. Tenta-se sempre mais e mais. Até ao fim.

E contei tudo outra vez desde o princípio. Havia decerto uma falha na minha história e o juiz queria entender - e deixou-me contar outra vez. Eu dizia:

- O homem está só. Mas como há-de ele estar só? Isto é um absurdo e a vida não pode ser absurda. Toda a minha história começa aqui. O resto entende-se bem.

Tarde obscura, chovendo. Na sala do tribunal quase ninguém. A chuva vem de longe, balançada em grandes vagas, embate contra as vidraças, escorre largamente. Ouço-a. O espaço de cinza suspende a sala, os funcionários da justiça, a minha presença, dissolve-os e dispersa-os numa poalha aérea de irrisão.

... Porque eu dizia: isto é uma pedra, isto é um livro. E isso era logo evidente, Alda reconhecia que estava ali um livro, uma pedra. Havia portanto no universo um lugar do nosso encontro. Havia um lugar de encontro para todos os homens. Ponho a minha mão sobre uma pedra do Castelo. É áspera,

rugosa. Os seus grânulos enterram-se-me na pele e sei que a pedra existe. Depois puseste a tua mão. Eu dissera:

- Põe a tua mão.

Pousaste-a, apenas, mas eu carreguei sobre ela para ela existir bem, até a mão te ficar como um crivo de bexigas. Sorrimos. Uma pedra existia. Estava ali entre nós e nós sabíamos-lo. Mas nesse momento onde estávamos nós? Porque nós então não existíamos, apedra é que existia por nós. Ora eu pensava: é isto a vida? um monte de pedras? Ciência, ideias, “o quadrado da hipotenusa...”, “como está você hoje?”, “dois e dois são quatro”, “boletim meteorológico”. Quando fala de pedras, está bem, um homem pode entender-se com outro homem. Mas a vida não é uma pedreira. Onde existimos nós? De que estava eu falando?

Sim, o meu arranque para Alda era para o impossível. Ah, com que fúria as minhas mãos te desnudavam! O desespero trabalhava-me, tudo em mim se comprometia ao assalto, os ossos, as unhas, toda a minha raiva se fixava na garganta, nos dentes pregados, nos olhos enterrados por mim adentro. Mas depois estava-se bem. Tomavas a minha mão e havia um assomo de paz como uma brisa de verão, pela tarde. Devagar, porém, outra vez, como uma onda que cresce:

- Quem és tu? Que fazemos nós aqui? Quem está à nossa espera?

Ela então falava-me de si e da vida, como se me adormecesse. Tinha sonhos, acreditava no amor. Contava-me do seu modo de ser, eu ajudava-a, porque era fácil; o seu modo de ser existia para mim,

261

porque para os outros é que temos rótulos e classificações. Assim me queria provar que estávamos realmente um dentro do outro. Mas isto era infantil. Que eu diga “tu és calma, tens um jeito de sorrir com duas covas instantâneas na face, amas, odeias, pensas, distrais-te, andas, vives” - não estou falando de ti, estou falando de um ficheiro.

Mas eis que te levantas - tu! Eis que há alguém dentro de ti e que és tu, alguém que é isso que tu és, a pessoa a quem falo, que vem à frente de ti, quando te anuncias, que enche de vibração o espaço à tua volta, que vem até ao olhar, aos gestos, à voz, que é isso apenas e tão diferente disso como o que sobrou de Aida depois do corpo na areia, no cemitério marinho, e me revive ainda em alucinação. Gaguez da minha voz entaramelada de pedras, de hábitos endurecidos, de destroços. Mas às vezes um raio iluminava-te e eu via-te. Via-a e a princípio ela estranhava-me:

- Porque me olhas assim? Que é que tens? Eu estremecia, como apanhado no delito de uma profanação.

- Mas que têm os meus olhos? - perguntava.

- Abertos. Pareces louco.

- Estava só a ver-te...

Entretanto, obsessivamente, eu fazia todos os esforços para me transpor a Alda. Não bem esforços, às vezes: parecia-me fácil como um jogo. À noite, depois do jantar, eu sentava-me na sala à braseira, ouvia Alda na cozinha. Nos primeiros dias, eu pensava sobretudo: “ela é minha mulher”. Que sensação estranha pensar ou dizer: “queres tu saber, Emílio? Hoje, conversava eu com minha mulher...”. Emílio

262

não voltou à livraria - já o devo ter dito. O todo que eu era e o mundo, é fantástico como um nada o alterava. Dizer que Alda era “minha mulher”, transmigrava-a a mim de um modo flagrante e novo. A sua carne, a sua intimidade, a sua voz, eram eu, de certa maneira. Mas algum tempo depois, dizer “minha mulher” não me revelava nada. Não

porque a não amasse - suponho que não - mas porque não havia união aí ou essa me não bastava. A paz que me sagrara morria. Seria ela apenas um engano, uma ilusão de tréguas? Sei só que a certa altura...

Na sala, à braseira, ouço Alda na cozinha. A obsessão voltava, a obsessão de outrora. "Imagina-te nela" - era um jogo e verdadeiramente algumas vezes parecia-me fácil. "Imagina-te sendo ela a sentir, que sentirá ela nessa conformação de ser o corpo que é? Imagina-te lavando a louça, tu aqui à braseira, sendo lá dentro a sensação dos pratos e tachos nas suas mãos, e os olhos sem face que não vês, e o pensar - mas sobretudo o ser!" Parecia-me fácil as vezes. Mas na realidade eu esquecia que quem estava pensando, sentindo, sendo, era ainda eu, esquecia que estava só, que ninguém podia ser por ti, nem um deus. Tu só, irredutível, princípio e fim, fechada, única e para sempre. Que alucinante! Mas assim mesmo, como era fascinante imaginar-me em ti, na tua fulguração. Porque uma vez, abruptamente, entrei na cozinha e disse:

- Alda! Estás pensando em Irene e em Garcia. Ela sorriu-me:

- Como o soubeste?

Fiquei pálido decerto porque ela perguntou-me:

263

- Que tens?

Não era apenas surpresa, não era decerto alegria, era quase terror - porquê? Mas foi só uma vez. Porque, precisamente no dia seguinte, quando pela manhã entrei na livraria e disse a Alda, que já estava ao balcão

- Estavas pensando no sol e eras feliz, Alda, ela respondeu-me, séria,

- Devias descansar. Porque não vieste mais tarde?

- Ó Alda, eu estou bem, bem...

Ela olhou-me com uma fúria excessiva:

- Não estás! E porque hás-de estar sempre a dizer "Alda"?

- Se é o teu nome...

Apertou-me a mão longamente, mas como se fosse de um outro, ou antes, de alguém em mim, mas que não estava ali:

- Sim, sim. Mas não estava a pensar no sol, não estava a pensar em nada.

À ameaça porém de uma desarmonia, eu esquecia tudo. Porque a harmonia da nossa vida corrente era da vida corrente, e a obsessão era do milagre - o que é banal é que é mais forte.

- Podes conversar comigo calmamente?

Na sala de jantar. Chovia. O vento clamava em volta do prédio, o prédio era alto, um pouco mais alto do que a Sé. Agora não ia à pensão, mal via o Garcia e Emílio, o meu mundo apertava-se à minha volta - quatro muros subterrâneos, "sentinela alerta", "alerta está" - até ao limite presente do meu destino. Trago um livro do escritório, que é onde minha mãe morreu. Alda prefere costurar. Um calor

264

de refúgio contra o pavor da tempestade torna-nos cúmplices num acto que ignoramos, estabelece- nos numa união profunda. Alda ao menos o pensa, porque fala confiada.

- Sim, podemos conversar - disse eu.

A noite é longa, as nossas vozes vêm de mais longe que o vento:

- Porque te afundas em absurdo? E vê tu: se o que pretendes se realizasse, nunca nos poderíamos amar.

- Como não podíamos, Alda?

- Não digas o meu nome.

Mal a ouvi e insisti ainda: como não podíamos? Mas Alda sabia as razões, sabia a voz da pobreza:

- Amar é conhecer e consentir. Mas só se conhece e se consente o que tem limites, o que é humano. Tu queres a desumanidade e o excesso.

- Nunca os quiseste tu?

nunca te chamou a voz de todas as vozes, o limite para lá de todos os limites? nunca sentiste os olhos estalarem-te, a garganta sufocar-te no esforço tenso de atingires a luz, a luz pequeníssima que brilha quase invisível e tão intensa e queres tocar, ver, para que nada mais haja a atingir? nunca te deslumbrou a vertigem até ficares cega?

Ela olhava-me, tentava entender, ficou longo tempo em silêncio - que responder-me? Sabia talvez de outras vozes que poderiam chamá-la e inventar-lhe a sedução do impossível. Mas justamente para quê o impossível? - ela abstinha-se de o lembrar. Não era cobardia, não era sequer talvez renúncia, era apenas o reconhecimento de que a humildade existe.

265

- Tu dizes: “que fazer? A pergunta está aí e eu não posso iludi-la”. Mas precisamente é isso um sofisma,

porque, quando se formulava uma pergunta não estava já lá a resposta? De algum modo, pelo menos - e não era o que eu dizia? Quando se faz uma pergunta dissemos já que nos interessamos por uma determinada questão, limitamos já o campo da resposta. Que eu te pergunte, disseste-me tu, “está frio?”, e nada se poderá dizer senão referente ao frio. Não se poderá responder por exemplo que a arte é bela ou que a Terra é redonda. É por isso que é suspeito para um ateu que se pergunte se Deus existe; como seria ofensivo perguntar-se a alguém se a mulher o atraiçoa... Mesmo que a resposta dissesse “não”, a pergunta, só por si, já de algum modo tinha dito “sim”.

- E é evidentemente isso que esqueces - continuou - falaste disso, mas agora esquece-lo. Não é a pergunta que é irresistível: é a resposta, a qualidade dela. Lembras-me esses tipos que fazem aquelas anedotas em que se pretendem interpretar certas iniciais. “Certos sujeitos encontraram um jazigo que tinha as iniciais eft. Que significariam? É simples, diz um deles: estou fazendo tijolo”... Extraordinária piada. Mas é o que tu fazes. Não inventas a frase a partir das iniciais, mas ao contrário. Ora eu sei o que é a vida e é dela que parto para a ler. Não escrevo lá nada para ler depois. Sabes tu o que é a morte súbita dos pais e de uma irmã? Eu sei.

Sabia-o. Os espectros dessas presenças povoavam-lhe a casa, inchavam como um olhar pelas sombras dos recantos. Mas a morte era uma verdade intacta, nítida, sem margens. Morte apenas, verdade

266

natural, sem problemas, que se reconhece e aceita. Alda sabia-o e forçara todo o seu sangue a aprendê-lo também. Os direitos de um homem, frente à sua condição, são os da sua condição. Somente essa condição...

- ... essa condição não é apenas uma condição de miséria. A vida é tão extraordinária!

Havia o sol, havia árvores e pedras e bichos. E havia uns olhos. E mãos. E um homem e uma mulher:

- Não preciso de mais nada, a vida basta-me como é.

Onde o ouvira eu já? Alda cantava a vida na sua voz grave, e era belo ouvi-la desde o fundo da minha aflição:

- A alegria existe, a harmonia existe. Que nos é tudo o mais quando a paz nos visita?

A solidão irreduzível não existe. Decerto havia um “eu” e um “tu”. Se os não houvesse, como dizer “eu vejo”, “eu ouço”? Mas...

- ... mas que eu diga “estou aqui” e tu respondas “sei”, e a perfeição existirá sobre a Terra. De resto - acrescentou ainda - é exactamente porque não há solidão que dizes que há solidão. Imagina que eras o único homem no universo. Imagina que nascias de uma

árvore, ou antes, porque eu quero pôr a hipótese de que não há árvores, nem astros, nem nada com que te confrontes: supõe que o universo é só o vazio e que tu nascias no meio desse vazio, sem nada para te confrontares. Como dizeres “eu estou sozinho”? Para pensares em “eu” e em “sozinho” tinhas de pensar em “tu” e em “companhia”. Só há solidão porque vivemos com os outros...

XXVI

E no entanto, em momentos raros, porque só repetidos, sobretudo, nas circunstâncias que eram as razões plausíveis deles (como quando nos amávamos, sobretudo a princípio, e ficávamos cansados, banhados de plenitude e eu sorria em silêncio e sabia que tu sorrias também e sabia que a minha alegria era exactamente igual à tua e eu podia perfeitamente pensar que eras tu quem a estava sentindo em ti, no teu cansaço feliz, na renúncia total a um mais que houvesse e não havia, ou como quando antes de eu te desejar olhávamos a paz nocturna ou ouvíamos não sei que música - porque, como recordá-la? ela era a expressão de uma abundância interior - e ouvíamos não sei que música e havia em nós não sei se paz, se desistência de duvidar dela, e eu me esquecia de dizer “eu”, como se o universo me invadissem e tu com ele e a multidão dos homens com ele e eu não me interrogasse sobre a minha individualidade, não bem por esquecimento medíocre, mas por um esquecer de saturação) e, no entanto, em momentos raros eu sentia, agora que os evoco, tocar infinitamente e

269

subtilmente, e angustiadamente, como num espasmo, o milagre da minha transfusão a ti. Mas nem sempre eu me abandonava à inundação da plenitude. E então, nos limites do meu máximo, na violência da iluminação, quando tudo em mim era abundância, quando me olhava em Alda e ela sorria e nada mais havia para além da nossa evidência mútua, algumas vezes acontecia que por um ardil sacrílego, eu me dobrava sobre mim, eu olhava para além de Alda e era como se nos visse no alto de um precipício e uma súbita vertigem me coalhasse de pavor: quem me abre a porta de ti, para eu ser tu sendo eu? Que eu saiba o que pensas e sentes - mas como ser tu a pensar e sentir? E ainda que separados nos reconheçamos intensamente, quem sabe do nosso excesso, perante quem somos os dois?

Pois de que serviria isso? Um acto que eu realize é para alguém, para alguma coisa. Leio para saber, falo para que alguém me ouça. Ser, pois, com alguém é sê-lo perante outro e outro e outro, até a um limite que resista. Vejo Alda, Alda vê-me: quem nos vê? Em instantes infinitos eu transmitia-lhe tudo e ela a mim - mas quem guardaria a verdade espantosa deste encontro? Quem nos vivia depois de nos vivermos? Que testemunha imóvel nos recolhia o que tão miraculosamente tínhamos criado? Quem era o lugar do nosso entendimento?

Certa noite, porém, foi em Dezembro? o vento rondava-nos de augúrio, apertava-nos contra a nossa solidão, Alda lia, de busto direito, um livro que já não sei. De vez em quando, porém, pousava-o aberto e de costas, sobre a mesa, para acender um cigarro e esquecia-se de ler mais.

270

Até que, em dada altura, sem me olhar e falando para longe, para o rumor do vento e da noite, Alda sufocou-me com uma extraordinária notícia:

- Vou ter um filho.

Fico paralisado, o coração bate-me na garganta. Atiro as duas mãos aos ombros de Alda, volto-a bruscamente para mim. Mas ela mal estremece para além das minhas mãos e entesta ao meu olhar frenético o seu olhar grave e cansado. Porque eu inquiria ainda na



sua face, de olhos trémulos e ardentes, a verdade do que dissera. Nada em mim se esclarecia em razões, em palavras, sobre a minha perturbação, e tudo era apenas um abalo profundo, desde o osso da coluna, desde o sangue: que me era um filho? Nada sabia dizer, nada significava nada. Uma onda quente de ternura afoga-me a exaltação. Tomo Alda nos meus braços e sinto num instante, profundamente, confusamente, que a noite e o vento ressoam longe, que um homem e uma mulher se erguem sobre a terra, unidos à verdade do universo, gravados de triunfo, invioláveis, desde a secreta destruição do seu corpo de cinza...

Desprendo-me de Alda e olho-a quase com terror. Emissão da terra e dos deuses, uma força absurda vivia nela, integrava-a nessa corrente impetuosa das pedras, das trizes, inundava-a de iluminação. E era como se a sua gravidade antiga se transfundisse a uma majestade nova, do alto da qual eu apenas fosse, em baixo, uma submissão ajoelhada. Mas embora Alda quase me não falasse e eu entendesse aí o seu orgulho justo, quando nos deitámos e apagámos a luz, toquei com os meus dedos o seu corpo e desde a minha humildade soube que

271

eu estava lá... Tarde adormeci, já quase pela manhã. Quando acordei, Alda tinha-se erguido. Corri os estores da janela e deitei-me ainda, perdido na manhã azul. Então, embora Alda se tivesse erguido, sentindo-a ali presente nas covas do seu calor, no halo íntimo como um aroma intenso, todo eu aberto à manhã perfeita, unido em alegria à plenitude em redor, senti de novo que inchava em mim esse acesso do limite, essa violência que me atirava de porta em porta, essa tensão iluminada em que as minhas mãos se apertavam a outras mãos e era como se nesse elo que me ligava, nessa evidência mútua de um mútuo reconhecimento, frente a um sol que se levantava e esclarecia o mundo e o justificava e o cantava estridulamente e mo impunha flagrantemente na sua brutal glória, era como se eu caminhasse por um corredor sem fim, por uma estrada sem fim ou subisse por uma montanha colossal e o último muro surgisse e o vértice da montanha surgisse e eu parasse frente ao muro depois do último arranque ou vencesse o último passo no limite da escalada e de súbito me deflagrasse o terror de outras horas e a pergunta me estalasse, a pergunta de sempre “quem para isto? a quem isto? onde o mais para o meu excesso?” e por um milagre absurdo o muro se arruinasse ou eu pusesse a pegada final na minha ascensão e respirasse fundo e o universo e a minha vida se ordenassem em verdade e em perfeição: meu filho...

Numa madrugada de fins de Junho nasceu. Fora o Dr. Miguel que tratara Alda na gravidez. Sujeito

272

baixo, traçado na vertical, gestos correctos, mãos de uma alvura de hóstia. Creio que era do curso de Emílio, davam-se pelo menos, tinham aproximadamente a mesma idade. Mas o Dr. Miguel, suspeito de “reação”, pai de seis meninos, circulava noutro mundo. Era, porém, hábil, Emílio recomendara-mo. No entanto, à hora grave não estava: os seis meninos e a mulher refrescavam numa praia, um deles creio que adoeceu, o Dr. Miguel fora vê-los e sem receio por Alda que “tinha ainda, pelo menos, para oito dias”. E foi assim que, de urgência, teve Emílio de assistir ao grande acontecimento. Todavia, obscuramente, isso alegrou-me, com a revelação de uma misteriosa justiça: se bem que Emílio jamais voltasse a entrar na nossa vida, havia, o enredo com Alda, de outrora, e a criança surgida ali na presença dos três, era como se trouxesse o poder oculto de uma ordenação nova e final.

- Mas não podes repetir a facécia - disse-me Emílio mais tarde, confirmando, aliás, o Dr. Miguel. - De resto, o coração também não esteve muito de acordo. Ela nunca se queixou? E explicou-se em termos técnicos sobre a fisiologia de minha mulher - para quê? que

significava isso para mim? agora? E do coração, não, nunca ela se queixara do coração (nem nunca, aliás, se viria a queixar).

A princípio, a presença brusca de alguém mais à nossa face mal me perturbou. Confusão larvar de um bocado de carne que se revolve, massa enxundiosa e estranha que se anuncia apenas num terrível

273

alarme quando grita. Mas algum tempo depois, um mês talvez, dois meses, ao debruçar-me sobre o berço, aquela coisa pequena, avulsa, fragmentária, paralisou-me de terror: esse bicho flácido e esfolado, esse bocado de carne olhava-me... Fascinado, ali fiquei longo tempo, fitando-o, fitando-o: quem és tu? Que vem dentro de ti? Como me apareces aqui, inesperado, tu, à minha face? Baixo o meu rosto, os olhos do pequeno ser vibram nos meus, perscrutam-me. Soergo-me, palpo-me, fui eu que te fiz, eu e uma mulher - eu como? Que és tu comigo e eu contigo? Angustio-me até à vertigem, até ao suor: tu, alguém vivo em ti, ser estranho, fulgor estranho, tanto, donde vens? Quem és? Quem te pôs aqui? Uma mão alheia lhe metera dentro, sem eu dar conta, aquilo que lhe reluzia agora no olhar fixo, arrepiante. Alguém estava ali a mais com que eu não contava. Alguém, uma pessoa - quem? Que trazes tu contigo, pequeno verme? Quê? Vejo-te - eu! Inquieto, humilde, apavorado, eu! Quem tu? mensageiro de que nova? tu - olhar mudo e terrível. Mas fui eu que te fiz, eu, um corpo de estrume, e uma mulher, uma bolsa de plasma, de sucos, de água - ah, sei-o bem. Sei-o com a fulminante evidência de um deslumbramento. Acolho-me ao meu pavor e olho apenas, olho. Frágil novelo de carne mole, tão só nada, tão sem importância. Uma mão assassina que te abafasse... Tão fácil - quem és tu? Mas esse olhar secreto, vivo, inquietante! Eis que te sento na palma da minha mão e te ergo à minha face, à face do universo. Sorris... "Sim, tu verás: oh, isto é bem divertido. Ri-te, homem novo, ri!". Olho-o ainda, olho-o sempre. Na praça deserta, a luz vibra como um

274

zumbido de abelhas. Terra, astros, gente. Alguém entrou em minha casa, como um intruso, se ergue agora diante de mim. Não veio de parte alguma, surgiu ali, bruscamente. Um deus nasceu da minha carne, eu o fiz. Agora aterro-me à força excessiva que irrompe dele e me queima de fulgor. Assassino, triunfador, escarro de miséria, esperança dos homens, imagem da sua degradação - interrogo-me naquele misterioso olhar. Céus! Há sol na cidade, destinos cruzados, sonhos e veneno: um deus chegou agora para recriar o mundo... Minhas mãos de miséria, minhas tripas de miséria: eu o fiz. O que custa não é aceitar que a força da vida seja grande como o meu terror: o que custa é o terror. Que a minha surpresa se reabsorva nas minhas veias, que eu veja, que eu veja e a paz não cesse. Ah, tu sorris... Verás como isto é divertido. Um alarme de espera, este com que te cubro. Ele te visitará diante do teu filho e ao filho do teu filho diante do seu. Interrogação perene, de vaga em vaga, interrogação inútil e invencível. Tu sorris, eu penso...

Mas Alda corta a minha fascinação. Desaperta a blusa e tira um seio apoiado que aponta à boca do pequeno. Ele defende-o poisando nele a sua mão pequena de brinquedo, mama com gula, revirando para mim um olho desconfiado e ciumento. Depois, absorto na tarefa, cerra os olhos de gozo. E por fim, enfartado, adormece, um fio de leite escorrendo-lhe ainda da boca entreaberta. Estamos no nosso quarto, que dá para a praça, o filho dorme ali ao pé de nós. Desço as persianas sobre o incêndio da tarde, um calor de penumbra afoga-se no quarto como uma massa de goma. Sento-me num

275

sofá, assisto à manobra de Alda para deitar a criança. Vejo-a de costas, em pé, junto do berço, o lineamento da perna lançado desde o bico dos saltos, aflorando a curva da anca

volúvel, ondeando pelo busto, pelos gestos aéreos, pelas volutas dos cabelos apanhados desde a nuca - flexuosa linha de graça e de fogo... Olho-a e vibro, ardido de um espasmo fino, como de um desejo anterior ao desejo, num ápice de encantamento e de adstringência de vísceras. Jovem mamã... Tudo passou por ela da violência da Natureza em que há esgares e sucos e desprendimentos enxundiosos e distensões celulares e deformidades grossas - a destruição de si, para que o milagre se consinta; mas a pureza voltou e ela é virgem como nunca, iluminada de divindade, igualada à graça do filho, assumindo e não temendo a sua beleza e o seu mistério de mulher. Tudo o que nela outrora eu pudesse acometer e massacrar, ergue-se agora vitorioso sobre mim, é frágil e submete-se a um encantamento rendido. Vou para Alda, enlaço-lhe a cintura, ambos nos debruçamos em silêncio sobre o berço. O filho dorme, segurando nas mãos o vazio da vida... E a ternura bate em mim como uma onda de torpor. Uma música antiga passa no ar como um fumo. Onde? Quem? Fugidio embalo na invenção do sonho, algures, na cidade espectral, ontem, há cem anos, há mil anos, sob um olhar de piedade entre a miséria e a noite para uma criança que ainda ignora...

Então, devagar e violentamente, aperto Alda contra mim pela cintura. O seu corpo flecte ligeiramente, comprime contra o meu o seu calor. Uma alegria calma, humilde, e todavia excessiva, invade-me

276

como um sangue, eleva-me sobre mim, sobre a minha angústia, transfere-me a uma evidência dominadora que eu respirasse como um ar de altura. Tomo na minha mão direita a mão abandonada de Alda, e aperto-a e sinto que uma vida estranha, não inventada ainda, original como um início, um halo de aparição, nos trespassa a ambos, nos plasma infinitamente no instante eterno em que nos debruçamos e olhamos. E ao prodígio único de sentir-me e saber-me, à interrogação brutal que sobe do nada, à fulgurante união com que me penso na mão de Alda segurando a minha e na minha prendendo a dela, à cintilação absurda fervilhando no universo, miraculoso e nulo, à convulsão de miséria e beleza que exprime a vida, e se instalou nela, e a é, e se oferece inexorável e presente, à voz longínqua para os subterrâneos longos, para a infinitude, à exigência carnívora de alguém à minha face, à face de nós ambos, de uma resposta breve, fugidia ilusão nublada de um aceno, de um olhar para lá do grande muro - eis que um pequeno ser indefeso, dormindo abandonado, numa cidade morta, responde obscuramente e invencivelmente e é neste frágil momento a reinvenção total da vida tão nova e tão velha, tão absurdamente verdade por sobre todo o seu desastre e toda a sua ruína. Que sei para amanhã? Sim, em cada hora, um deus recria o mundo ao nosso olhar. Mas agora sou apenas a plenitude que me banha, a harmonia que me vive. Alguém me fita, me vê apodrecer e me retém em suas mãos e me fala a voz das raízes. Que à ilusão eu a reconheça um dia - agora não. Nesta tarde ofegante, transfundido a uma mulher accidental e única,

277

os meus olhos e o meu sangue sabem a continuidade da terra.

Saio do quarto e estou presente lá dentro. Estranha revelação, estranha ubiquidade. Como numa hemorragia, mas sendo o sangue que me trasvaso. Possivelmente, nada mais sou do que eu - ainda, ainda. Mas o vago apelo da protecção, o quente da solicitude investem-me de um mais do que eu, de um conhecer-me sendo solícito, de um caminhar ao lado nos passos futuros do filho que dorme, numa obscura revalidação da força que me vive e sei, à evidência, que o universo condenou. Decerto tu o ignoras, tu nunca o saberás: nenhum filho tem pais, mas todo o pai tem um filho... E depois, o que tenho a transmitir-te é tão pobre. Sonhos, interrogações, a aflicção e a raiva, o apelo do impossível, a alegria breve, a sagração da morte. Mas é a herança de um homem... Eis que ergues a

tua frágil mão para a receberes. E eu ta dou, escorrido de suor, com uma paz desconhecida, irmã da angústia e da resignação...

## XXVII

Até que finalmente se deu o jantar a Emílio. Alda . lembrou que se convidasse também o Dr. Miguel. Ele fora, com efeito, o cuidadoso assistente da sua gravidez. Mas não podia ir: teria ido à praia? Já me não lembro. Convidei, pois, o Garcia - e jantámos os quatro. Pôs-se a mesa no terraço, tínhamos agora uma criada e Jesuína ajudou. Era uma tarde de fins de Agosto, talvez, com um céu de zinco, gritos de pássaros no ar quente. Pôs-se a mesa ao centro do terraço, junto de uma lâmpada que acenderíamos depois. Jesuína regou a placa de cimento para refrescarmos até chegar a brisa da noite e dispôs em duas mesas ao lado quase todo o jantar, para não retardar o serviço. E ali estávamos todos, com o pretexto de agradecermos a Emílio e de saudarmos um homem novo. Garcia o disse, assim que se sentou:

- À saúde do novo hóspede, esse tolo! E de que é a sopa?

Alda disse-lhe de que era, e ele cerrou os olhos para a saborear também no que Alda dissera. "O novo hóspede, esse tolo" - todos o meditávamos, de-  
279

certo, sem o sabermos, porque Emílio e Alda se atropelaram com a mesma pergunta:

- Porquê?

Mas Garcia tinha uma solução para todos os problemas da vida: a abolição total da descendência, o maltusianismo absoluto, a secagem radical. Emílio riu de gosto, Alda sorriu, a tarde escurecia em silêncio. Garcia aliás corrigiu:

- Dirão vocês que o homem faz falta, que enfeita isto. Acabou-se. Mas nesse caso, fazer filhos, sim, mas com conta e medida. Queixam-se de que somos pobres, que o país não aguenta. Mas a população cresce sempre. Eu tinha um processo simples: todo o tipo que tivesse mais de dois filhos era fuzilado. E para os casos especiais, está bem que se não fuzilasse; mas utilizava-se a tesoura de podar.

Emílio riu de novo, Garcia entusiasmava-se: naturalmente no caso do "novo hóspede" não havia "tolice" nenhuma, havia um crime de quem abusara dele, o fabricara, lhe abria as portas da vida. A eugenia era já um facto nos povos nobres. Muito bem. Entre nós, as pessoas sensatas já a praticavam também. Mas a eugenia era imbecil que a ambicionássemos só para o corpo. Que pensar, por exemplo, de um tipo que faz um filho e acha o mundo uma estopada? Se tivesse sífilis, abstinha-se talvez. Mas não tem sífilis. Logo não se abstém, ainda que tenha "angústias". Estúpido, não era? Perfeitamente estúpido. Era um problema antigo, tão antigo como o homem talvez; eu próprio, Adalberto, o "criminoso" maior, tinha uma resposta para ele. Mas que resposta jamais respondeu? No entanto, admitia eu: porque não havia o meu filho de ser feliz? A terra é  
280

inesgotável, o homem é misterioso, a alegria podia ser a sua verdade.

- A paz existe, deve existir - disse eu ainda. - Bebe em sossego, alguém um dia a achará. Uma brisa chegou do horizonte longínquo. E todos respirámos fundo, como se a paz viesse nela... Alda acendeu a luz e tudo nos ficou mais perto e revelado. Só para Garcia talvez não houvesse surpresa alguma. Olho-o no triângulo dos gestos, no esquematismo ósseo, no jeito enviezado de comer, de conversar, de estar ali, e que me sugere uma sebe de arame farpado. Se é artificial, assimilou o artifício, é assim. Jesuína continua-o, rodando em torno da mesa no seu giro excêntrico à volta da perna coxa. Garcia retoma a minha frase: ele não falava por si, a paz existia algures, era evidente, estava ali ele por exemplo, que era um homem pacífico, o mais pacífico dos quatro: falava. era por mim.

- Porque tu - dizia-me - trazes a inquietação na tripa, queres um Deus que te julgue, mas não queres um Deus que te julgue, sabes que a morte existe, mas não sabes que a morte existe. Eu assentei nisto: o homem é um cagarola. Não sei quem foi que disse que para um tipo saber como se aguenta nas pernas devia imaginar-se a morrer numa ilha deserta. Bom; não fui para uma ilha, mas é quase. Palavra de honra, acho muito mais honesto... Ah, mas vocês não sabem: o tipo arreou uma destas sovas à mulher...

- Quem?

- O Jeremias. Mas que arraial. Tu não foste ver-lhe os ossos, Emílio?

281

Mas eu, que acreditava tudo de Garcia, não lhe sentia a verdade. Talvez um dia - chegarei a velho? - quando a solidão renascer e o meu sangue for outro. Agora a verdade é a força da vida que me visitou inesperadamente, me sagrou cúmplice da terra.

Inesperadamente porém Garcia rompeu com uma hipótese estúpida:

- Imagine você, Alda, que o Berto lhe arreava.

- Como? - ripostou Emílio prontamente. - O Berto bater em Aida?

Olhámo-los todos inquietos, empedrados, quase com terror, a ele que nos fitava de um a um, como em desafio. Alda interrompeu o longo silêncio:

- Jesuína! Peça vinho do frigorífico, que este já não está fresco.

Olhei minha mulher no seu busto solene, e pareceu-me que ela se erguia sobre mim, alta como um triunfo, gravada de majestade, com o vago sorriso de quem olha e esquece.

- Não discutam, por favor,

... Que já a lua, a sentinela, rende Na esplanada do céu...

Quem falou? Todos nos voltámos, a lua ia de facto aparecer. Víamos-lhe já uma curva ampla, crescendo ainda devagar como o gesto imemorial da sagração. Penalva estava às escuras, alguém apagou a luz do terraço, uma voz falava sobre o silêncio da terra. Eu a ouço ainda e sempre desde a aflição do sangue, criadora dos deuses e do impossível, espírito informe da ilusão sucessiva, invenção da glória e da humilhação. Um atropelo de ideias

282

multiplica-se-me no cérebro, agora esqueço - agora não. Erguemo-nos da mesa, que Jesuína queria arrumar, vamos para o parapeito do terraço fumar sobre a cidade. Alda trouxe cadeiras, mas ninguém se sentou. Em silêncio olhávamos ainda, até que o mistério se reabsorvesse em verdade avulsa e nós pudéssemos, enfim, regressar a nós. A lua caía agora sobre a Sé, sobre a estátua, escorria largamente pela praça, evaporava a cidade. Longe, na vaga do vale, um halo de névoa crescia à roda do monte, esvaziando-nos o olhar. Alda, então, desencostou-se do parapeito, atravessou o terraço e todos a seguimos com os olhos. Tinha vasos de flores e ergueu um e veio pô-lo, voltado para a lua, sobre o pequeno fortim donde se sai para o terraço. Garcia desencostou-se também, pôs-se a andar para um lado e para o outro, acabando o charuto. Depois veio de novo ao parapeito, armou os dedos para um disparo de mola e atirou a ponta acesa, que voou, flutuou no ar um instante, se precipitou, enfim, lá em baixo, numa pequena explosão de faúlhas.

- Temos portanto que chegue - disse em voz alta, tombando para a cadeira de verga. - Pode acender a luz, Alda. E dê-me a garrafa do conhaque.

Mas nesse momento exacto alguém cantou na noite. Imóveis, escutávamos. Alda não acendeu a luz. A brisa crescia em ondas, trazia a voz, levava-a para longe. Todos nos sentámos para ouvi-la. Mas Garcia, de um pulo saltou do seu lugar, começou a andar para trás e para diante, a todo o correr das cadeiras. Resmoneava em voz baixa, falava mais alto "tudo uma mistificação, sou forte, nasci para ser forte", tornava a falar baixo, agitando-se sempre

de um lado para outro. Subitamente parou e pôs-se a clamar sobre nós, nós voltámo-nos para trás, ele falava contra a lua, a barba reles no ar:

- Porque a questão é só esta: ou se é um homem ou se é um palhaço.

Mas a certa altura reparámos que, enquanto falava, ia recuando. Erguia os braços compridos, a lua escoava-lhe a face:

- E escusais de me acusar, porque eu estou limpo! Não faço jogo sujo. Estou limpo!

Mergulhava já na escada estreita que levava ao meu andar, espreitou ainda da portinha baixa:

- Só há uma verdade: saber e ter vergonha. Ouvimo-lo ainda pela escada abaixo, mas já nada entendemos. Alda foi buscar a garrafa, deitou- nos conhaque nos copos bojudos, pousados no parapeito. A voz cantava ainda. Nós ouvíamo-la.

## XXVIII

Nunca te aconteceu que depois de ouvires uma palavra inesperada... O homem leva tanto tempo a fazer... Mas um dia subitamente descobre-se a verdade do que é, flagrante, impositiva. E nem sempre houve qualquer coisa a mais que a esclarecesse. Um dia dizemos: "é". Ou dizemos: "não é". O nosso corpo soube-o e a verdade é ele. Assim, a palavra inesperada de Emílio ficara em mim, a germinar. Simplesmente, no momento exacto em que tudo em mim se ia decidir, no momento em que a evidência deflagrou no meu corpo, tive medo e recusei. O absolutamente impossível fulgurou em realidade. Mas fiquei cego.

Nós íamos de vez em quando à velha casa. E eu lembrava de vez em quando o esbanjamento das duas rendas. Alda concordava e prometia uma solução, mas essa solução implicava, parece, com a venda da loja de bicicletas. Porque um dos empregados desejava ficar com ela, com a condição de ficar também na casa. Somente queria-a com a renda actual, o que não estava na nossa mão. Era possível porém que tudo fosse um jogo de Alda - eu não

285

tinha que me meter nas suas coisas. E por tudo quanto depois aconteceu, admito hoje que ela quisesse ficar com uma segurança, precisamente a casa e o negócio: se um dia nos separássemos e Alda ficasse em Penalva, teria para onde voltar.

Ora certa noite eu disse:

- Já que ficamos no prédio, temos de mandar pintar isto.

Era uma velha questão que eu arrastava com minha mãe. O prédio era obra de um labrego, irritava-me sobretudo a cor das portas, de um verde de escarro. Minha mãe sorria da minha extravagância, mostrara-me o seu preço em contas rápidas e claras. Mas minha mãe morrera, o meu filho viera. De resto as paredes estavam sujas, as portas descascavam. Repintá-las, mas a gosto. Setembro ia quente e Outubro tem sempre sol. Mas começadas as obras, meu filho reagiu mal. Tossia ao cheiro das tintas, teve uma irritação de pele, ocasional decerto, sem ligação com o caso. E fomos para a rua do Inverno.

E eis que na primeira noite, toda a vida antiga nos reviveu nos ossos, nas lembranças que vinham até ao limite das palavras. Até ao limite só. Era o volume de uma presença, quase tocada, quase corpórea. Dona Aura ri pelo corredor, o senhor Sousa grasna de aparelho na garganta, Aida brilha nos seus olhos sérios. Mais presentes do que se tivessem saído para a rua e voltassem em breve. Porque quem sai imaginamo-lo algures, tem um corpo a fixar-lhe o seu todo. Mas destruído o corpo, ergue-se o espectro do impossível, da pura interrogação. Toma ali a forma de uma almofada que alguém moldou ao sentar-se,

de uma cadeira que espera, dos objectos avulsos que o calor humano sagrou. Mas isto que em mim era a forma de uma velha inquietação, assumiu logo em Alda uma força de terror. No entanto, logo após o desastre, não receara ficar ali - e sozinha. Era eu portanto que te atormentava? Girava o dia inteiro silenciosa, trémula. Não registáramos ainda o filho - há meses que tinha nascido. Alda descobria sempre maneira de adiar a questão: "a multa é tão pequena". E agora estava doente. "Se a criança não precisava de ir" - dizia eu. "Espera, espera". Ouvi-a às vezes falar consigo, nesse estranho desdobramento em que saltamos de nós, nos transbordamos, sem darmos conta.

- Que dizes tu?

- Hã? Eu?

Certa noite, porém, já depois de nos deitarmos e apagarmos a luz:

- Ele é meu filho! Meu! meu!

Abri a luz de novo, Alda sentara-se na cama, esgazeada de raiva e de loucura. Aguardei atento que ela dissesse mais, me fitasse, desse conta de que eu estava ali. E ela olhou-me realmente, mas surpreendida. O filho dormia ao pé de nós, não acordou. Admiti que tivesse sido um pesadelo, porque houve em Alda um toque breve de quem quebra e se recompõe. Deitou-se-me sobre o peito, apertou-me furiosamente a mão, como a uma segurança reencontrada.

Mas na manhã seguinte eu quis saber:

- Querida! Que te aconteceu?

A chuva viera de noite, Alda erguera-se cedo.

287

- Podes abrir as portadas - disse eu.

O quarto fronteiro à saleta dava também para o quintal. Agradava-me ouvir a chuva, vê-la correr na vidraça, ver o pequeno quintal batido de desolação. Alda levou o filho para a saleta, onde o lume já ardia. Naturalmente um pesadelo. Mas porquê?

- Que te aconteceu?

- Oh, nada, nada!

- Senta-te.

- Tenho imenso que fazer.

- Sim. Mas senta-te.

E ela sentou-se, olhando a janela. Minha mulher... Tomei-lhe a mão, adiantei a medo:

- Desde que vieste para aqui... Eu sei: há tanto fantasma.

Mas ela virou-se brusca, arrebatando a mão, tornando-se-me independente:

- Que fantasmas? Não há fantasma nenhum, não tenho medo de infantilidades.

- Mas tu...

- Que sabes tu de mim? Que sabes tu das outras pessoas?

- Alda!

- Não digas sempre "Alda"!

- Mas se é o teu nome... Ela então pôs-se de pé:

- Estou farta, farta!

Falava em voz surda para me julgar desde um tempo muito antigo:

- Estou farta desta comédia. Tive eu a culpa? Tive eu a culpa... Mas que importa? O meu filho é meu! Não é da outra! É meu! Fui eu que o pari. Dói-te? Pari-o eu! As palavras são para se usarem. Pari-o.

288

Ficou um momento ofegante, fulminando-me de rancor, eu estalava de silêncio. Tinha-me soerguido na cama, encostei-me, cerrei os olhos. A chuva crescia no quintal.

- Pensei sempre: “ele pode ainda descobrir-me, ele pode”...  
Vinha a voz de mais longe, do fundo da cama, arrastando-se com as ondas do aguaceiro.  
- ... Porque ele dizia:  
“Ele” era eu, distante, neutro. Eu dizia - ela contava - que um dia sonhara com um harém.  
Cem mulheres iguais, exactamente iguais - mas havia uma! Seria possível que eu a não distinguisse, que não soubesse que ela era ela? Seria possível que Aida única o não fosse?  
- Porque me enganaste? - perguntei.  
- Como te enganei? Quantas vezes me disseste que... Sabes tu que Emílio me conhece? Porque te iludes tu? Que é realmente para ti um outro? Ah, “o homem, um ser único, irreduzível”... Único tu! Não os outros! Mas eles são tão únicos como a tua pobre pessoa. Conheço-te a ti entre milhões de homens. Se te amo, se te amei...  
- Mas dissesses logo, dissesses...  
- Mas há um limite, oh, há um limite. Debruçava-se para mim, desde o fundo da cama:  
- Nunca te disseram que uma mãe fica a conhecer o filho logo que nasce? Um ser informe, um pequeno “bicho esfolado”, como dizes... Mas nunca o esquece! Não é possível confundir-lo! Mas como entenderes tu isto? Tu nunca amaste ninguém.  
- Sim. E no entanto preferi-te um dia a ti. E, no entanto, preferi um dia a tua irmã.

289

- Preferiste só os pretextos para a tua aberração, para a tua estupidez, essa coisa desumana e sem sentido, essa coisa imbecil, esse absurdo que tu mesmo não entendes. Mas um dia eu deixei de servir. A verdade é amor, disseste tu uma vez. Mas então amar é reconhecer. Um pobre pastor conhece as suas ovelhas. E vê tu, nada se parece mais com uma ovelha do que outra ovelha... A própria ovelha conhece a sua cria, a cria conhece a mãe, não há engano algum, porque o animal é puro. Mas tu estás sujo, como tudo o que a vida nega. Tens a certeza de que reconheces o teu filho? Mas eu reconheço-o! Ninguém mo rouba! É meu!

Tudo aquilo era absurdo e no entanto talvez exacto. Como é possível que Emílio te reconheça - se te não denunciaste? Em que parte de ti lhe és tu diferente - tu que eu procurei onde és única e eterna? Que verdade humana existe à tua pele e te define iniludível a um simples olhar humano? Decerto, eu confundi-te. Mas, desfeita a confusão, o todo que tu eras era um todo verdadeiro - onde, não sei: no mistério adivinhado, na unicidade presente, flagrante, e que eu te não sei dizer... Tu!

E, enovelado de tudo, só podia repetir:

- Mas porque me enganaste? Quando foi do naufrágio, tu...  
Não me enganara - dizia agora só para si, conversando com o espectro de si própria. Quando chegara à praia dissera o meu nome impessoal: que éramos nós então um para o outro senão impessoalidade? Mas vira o meu engano e acentuara-o, esperando. E custava-lhe tanto perder-me. Além de que eu podia descobri-la enfim. E se eu a não descobrisse,

290

poderia ela revelar-se no seu nome, num ajustamento de sons, na alteração de uma letra, quando a vida nos unisse, quando eu me reconhecesse no que Aida era. Esperança vã: eu amava-a, não a ela, mas a quê? Nasceu o filho depois. Mas era meu e da outra. Eu não amava Alda, mas Aida, porque Aida é que era a minha mulher, era o seu corpo que eu conhecia, era com ela que eu falava, era dela o seu olhar. Podia mesmo o seu nome não ser Aida, mas Alda. Alda, aliás, estava morta, e era pois como se não tivesse nascido. Mas tinha vivido, tinha sido, um modo único de ser a habitara, a fora. E era esse ser que eu atingia na minha ilusão. Assim era irreduzível como um “eu” em cada “nós”. Mas se à esperança de que eu a reencontrasse, de que à dupla pessoa dela e da irmã eu



a unificasse como a uma imagem desfocada, se a essa esperança ela a podia alongar até ao nunca do sonho, a sua união com o filho não a podia adiar. Porque o filho era seu, como ela própria era ela. Supondo-o eu da outra, supunha-a a ela de fora. Mas quem estava unida ao filho era ela, ela única, irreduzível, com um nome que era seu, tão seu como o seu corpo, sinal visível que a anunciava aos outros, como “pedra” quer dizer “pedra” e “sol” quer dizer “sol”. Que eu me enganasse com Aida, Aida é que não podia enganar-se consigo.

Isto o disse ela, sentada ao fundo da cama, o pequeno quintal, para lá da vidraça, batido de água e de vento. Embrutecido, eu não sabia pensar. Obscuramente sentia-me vexado. Era como se tivesse querido ocultar de Aida, julgada morta, todo o impudor da minha intimidade com a irmã e de súbito descobrisse Aida a observar-nos pela fechadura... Ou  
291

como se houvesse um crime na minha vida, cometido sem testemunhas, e eu desse de caras com uma testemunha. Eu cometera uma espécie de infidelidade a minha mulher e a minha mulher apanhara-me em flagrante e eu sentia crescer em mim um ódio contra a importuna. Aida, pois, estava ali. Testemunha muda do meu pecado. E então, vagamente, tudo quanto de mim se relacionava com Aida vinha de novo ao de cima. Mas inesperadamente ela disse:

- Registamos hoje o nosso filho. Não percebi. Ela insistiu:

- Registamo-lo hoje.

Uma objecção fresca chegou-me à boca: como podia Aida emendar o seu nome? Mas ela tinha previsto tudo:

- Direi que o erro não foi meu, mas do funcionário. Todos os erros foram dele. Todas as trocas foram dele. E há só uma letra a emendar...

E depois, incrivelmente suave:

- Só uma letra. Vê tu. Custa-te assim tanto a emendá-la? Oh, eu sei, eu sei: porque a não emendo eu? Mas se tudo em mim esteve certo para ti desde que nos conhecemos pela segunda vez... Será absurdo? Será absurdo? O meu corpo é o mesmo, e a voz, e tudo. Mas eu não sei o que estou a dizer...

Registámos o filho no dia seguinte. Já lhe tínhamos posto um nome. Chamava-se naturalmente Adalberto.

## XXIX

Mas uma letra não se mudava assim. Decerto . Aida era a mesma que fora Alda, enquanto eu a julgava Alda. Decerto a verdade das coisas, é a verdade das coisas, e uma pedra é uma pedra, ainda que a julguemos madeira. E, todavia, uma pedra não é uma pedra se a julgarmos madeira. Pois em que é que realmente uma pedra me é pedra, se eu a não julgo assim? A verdade são os teus olhos, o calor das tuas mãos. Por mais que eu o tentasse, quem dormia agora a meu lado não conseguia que fosse a pessoa que eu amava, que eu tentara harmonizar com a minha vida, com quem eu coordenara a minha velha interrogação. Quem dormia comigo era alguém que eu aborrecera, que se me gastara. Perguntas, respostas, instantes do passado - tudo se me erguia de outrora, coberto de pó e de morte. Frases que brilharam na boca de Aida foram depois asco e irritação; frases que se reinstauraram em beleza na boca de Alda, emergiam de novo com o seu ar lastimoso de ridículo. Quantas vezes me perguntei porque se me gastava a beleza. - a de um quadro, de uma música, de um corpo. Porque todas as razões dessa  
293

beleza eram ainda razões sem falha. Quantas vezes me perguntei porque se me gastara a verdade do que me foi verdadeiro, já que essa verdade era ainda a de um raciocínio

perfeito. Aida estava ali a meu lado, destruída de ruína e de miséria. Ela, a que eu sei que ela é. Tento orientar-me na confusão do que sinto, esclarecer-me de razões, como quem põe tudo no seu lugar para dormir descansado. Não é fácil: o que me submerge é uma náusea injustificável, um cansaço, uma irritação, um asco que é só asco e se não esclarece em mais do que isso.

Mas quando acordei na manhã seguinte (seguinte a quê? Nós voltáramos para o prédio) o meu filho chorava ao pé. Havia um elo mais forte do que tudo o que o corroesse. Meu filho...

Até que um dia - quanto tempo depois? - era verão outra vez ou ainda quase verão, porque a memória me sufoca e me escorre de suor. Eu estava na livraria, tinha imenso que fazer. Aida ocupava-se com o filho, com a casa, com o gosto de a dirigir. Pensei seriamente em arranjar uma empregada, Aida opôs-se. Um dia estava eu na loja - espera: há um facto antes e tu ias esquecê-lo. Se o esquecesses, decerto, ele não existia. Só existe o que se vê, o que se pensa. E não é fácil pensar, isto é, dar vida. As paredes desta cela, quantas vezes? são apenas um pesadume fundo, informe, como estar triste só por estar, ou como criar o tempo ouvindo a respiração.

294

Comprei uma pistola. É preta, de um negro baço, é fina, para mãos limpas. Brinca-se com ela, porque é um objecto delicado, mete-se subtilmente num bolso do colete e fica-se forte e elegante. Comprei-a porquê, não sei. Sempre gostei de ter uma. Talvez porque tê-la é ser corajoso, de uma coragem acessível, porque nunca somos nós a usá-la. Tem-se nas mãos uma força, uma ameaça que é perigosa por isso. Mas a responsabilidade não é nossa: é dela, de um objecto que nos é exterior, a que não colamos o corpo todo (não o tornando pois cúmplice), como, por exemplo, a um punhal.

Numa tarde - estava quente, o filho dormia a sesta no nosso quarto, Aida e eu estávamos na sala, eu tinha a pistola na mesa-de-cabeceira. E brutalmente, no silêncio pesado... Um vazio súbito e nós esperando que uma ideia enfim o ocupasse. Então rompemos para o quarto, atirando com as portas. Mas antes de lá chegarmos o nosso filho chorou... No entanto,

porquê a morte como a estrela da perfeição? Às vezes penso: imagina que o teu filho chegava a homem e tu o vias ser homem do fundo da tua velhice. Que perduraria nele de signo e de evidência, de repouso aos teus olhos? Em que medida ele não consumiria o teu sangue, o expulsaria - e tu o saberias na tua solidão? "Morre jovem o que os deuses amam". Sagração do início que nada contaminou. Que o teu filho morra e ficará belo tudo o que de belo não foi. Penso, sonho, projecto-me, raio ao excesso e à perfeição: a morte guarda o reino do meu sonho para que a vida o não use...

295

Assim o confirmei tempos depois, dias depois. Apressa-te, apressa-te. Tudo está no fim - pois que mais? que mais? Tive tudo o que era possível, porque vi a esperança, em iluminação a vi. O mistério nem sempre cresce no desconhecido, porque o desconhecido é muitas vezes só isso: pode crescer no conhecido, quando é o seu terrível espanto. O impossível nem sempre nasce do que se não tem, porque o milagre do futuro se acredita: o impossível quase sempre nasce do que se tem, porque se tem e se espera ainda... Meu filho ali, tão nítido, explicado nos livros - quem és? E é porque és meu filho que te não tenho: vives no meu futuro, na minha sufocação. A morte fixou-mo na esperança - na esperança sem mais, no absurdo da perfeição...

Contar tudo, recordar tudo, como? como? O tiro foi o anúncio e eu ouvi-o no silêncio do meu corpo, do meu ser. Era um aviso que me crescia no sangue. Agora era só esperar. A princípio não queria ouvir. Ideia má que se expulsa, que volta, se expulsa ainda, regressa de novo, se acomoda, enfim, e se põe a viver connosco. Jaz imóvel, a noite cresce. Era

uma noite de verão, ampla, funda. E, no entanto, apesar de esperar tudo, foi tudo tão brusco! Como uma doença que se nos desenvolve no sangue e nos surpreende quando o médico no-la declara. Eu estava na livraria, havia muito que fazer. Pensei um dia numa outra empregada - “para quê?” perguntara Aida “um dia volto para lá, daqui a uns meses”. E de súbito, Aida irrompe pela porta, louca, a boca encravada num grito, como as crianças antes do primeiro berro quando quase sufocam. Cai sobre mim e só então grita, grita. Saímos num jacto, Aida

296

fica para trás. Vou devagar, horrivelmente devagar, no ascensor. A porta de casa ficara aberta, rompo pelo corredor. No quarto a criança está ainda suspensa, numa posição absurda. Metera a cabeça entre as varas de ferro da cabeceira do leito, tombara de lado, tinha a língua de fora. Fico imóvel, extraordinariamente lúcido. Os meus gestos separam-se de mim, as minhas mãos vão à frente desprender a criança. Aida chega depois, aos gritos. Parece-me imoral o seu choro, irrita-me. Friamente tiro a criança com dificuldade. Como pôde ela meter ali a cabeça? Talvez tivesse agora inchado. Um acesso de raiva cresce em mim contra quê? Com uma manobra perita em que faço girar todo o corpo do filho, retiro-o, enfim, deito-o na cama. Rosto pálido e roxo, um vinco no pescoço tenro. Alago-me de suor com um esforço imenso, uma praga na boca. Sento-me finalmente, olho. Jaz imóvel, a tarde morre, a noite incha na cidade. Não falo, se falasse teria medo. Sinto-me desdobrado e a outra pessoa de mim aterra-me. Há um muro de gelo a separá-las, há uma muralha de fogo. Ardem-me os olhos e a boca. Até que num ataque absurdo, autónomo, brutal, a minha boca, sozinha, largou um urro horroroso, os meus olhos nublaram-se de um choro quente. Estou agora ao pé de mim, junto de mim. Quase sou feliz. Veio gente - quem? - deixem-me só, deixem-me só, por favor. Aida está de um lado, eu do outro. Entre os dois uma criança dorme. A noite vela-a com um carinho mais quente do que o nosso. Há uma melodia antiga no ar “dorme, dorme”. Para a criança ou para mim? “Dorme”. Quase bela, a morte. Todos os limites da beleza, do sonho, do impossível, toda a perfeição

297

que está para lá de tudo o que foi perfeito - ali, imobilizado, no milagre de um ser, de um espírito anunciado, de um homem que chegara havia pouco. Há o riso, e o teu olhar, e os braços estendidos e a tua vida tão sem razão... Relembro-os. Estão sobre a minha vida como um ramo de flores colhidas no campo. Dorme. Tanta coisa que não soubeste. Um dia havia de dizer-te. Os teus ouvidos começavam a escutar. Um dia havia de dizer-te que tinha em mim um segredo terrível para ti. Guardá-lo-ias quando eu morresse. Eu morreria e tu ficavas com o segredo. Como uma carta fechada que só então abrisses. Às vezes perguntava-me: “Que irá ele pensar?” Poderias rir, poderias recolher-te ao quarto escuro de ti e ficar aterrado. Herança pobre, era a herança de um homem. Dirias talvez como eu: “para quê? quem? onde?”. E sofrerias e serias grande pelo sofrimento. Ou talvez apenas risses e fosses feliz, esquecendo. Eu não tinha nada com isso: cumpria o meu dever, o resto era contigo. Também podia acontecer que eu te não dissesse nada e que quando fosses homem eu percebesse repentinamente que era inútil dizer-te, que tudo quanto soubera em mim era para mim apenas e que tu o não entendias. Podia acontecer que eu me sentisse só e que esta ilusão de quando nasceste fora só ilusão. Mas não sei como, agora não sei: ilusão? Se tu soubesses como fiquei em paz! Vieste incrivelmente inesperado. E quando te vi olhar pensei: “é meu, fui eu que o fiz, dividi com ele o meu sangue”. E isto foi uma verdade tão nova. Dorme. Foi uma verdade tão nova que me perguntei: “porquê? porque se me transfigurou a vida?” Um dia tua mãe

298

contou-me: ter um filho e o elo me prenderia à terra. Era um faz-de-conta infantil, como acreditar? Mas tu vieste e não havia faz-de-conta. Talvez mais tarde, quando crescesses. Seria possível que eu então ainda estivesse em ti? Dorme. Está uma noite quente. Abro a janela a uma brisa que venha. Sinto-a na face, inspiro profundamente. Um sofrimento calmo banha-me como um afago de piedade. É um sofrimento bom, encostar-me a ele como quem descansa. Acho que tenho enfim direito, um pouco ao menos, de sofrer. Choro devagar, fechado em mim, com um egoísmo terno. O universo é grande, um homem chora a uma janela. Está só.

XXX

E só então, definitivamente, olho minha mulher com estranheza: “que fazes tu aqui? Presença obscura atrás de uma outra, pajem de uma outra - a outra foi-se, tu ficaste, porquê?” Centrava-se-me o mundo no filho, agora estou verdadeiramente só. Mas é como se a sua morte devesse acontecer, como se a sua vida real fosse uma imperfeição e a sua morte necessária para que a beleza não morra. Vive-me o filho como a memória de uma luz breve que iluminasse o meu cerco, a minha condenação. Que ele sobrevivesse e eu a sentiria a mais, talvez. A mais no empobrecimento da chama, no endurecimento dele, da sua presença real, na conquista diária dos seus limites. E os seus olhos entorpecidos, a vibração entorpecida - a vibração que é a verdade da vida, a luz súbita e vivíssima que me deslumbrou... Assim tudo me ficará no aparecer.

Mas Aida está ali - que faz ali? Não é já o envelhecimento de tudo o que ela foi, não é já só o cansaço de tudo o que dela veio. É a presença intrusa de quem não foi convidado e fica ainda e se não vai. Tenho ideias íntimas, a revelação de

301

mim, a efervescência submersa de emoções, fraquezas, amarguras, tenho a pureza do meu mundo único, estreito, circular; mas ela está ali e vê-me e pensa-me e devassa-me. Olhar estranho, presença abusiva.

Creio que um dia lhe disse, porque é necessário que eu lho tivesse dito: - Vai-te!

Se ela saísse de Penalva - havia outrora um desejo de fugir. Mas agora não: toda a velha cidade, tudo o que era eu, dizia, lhe fizera a matéria do sangue. E redobrava de atenção comigo, espiava de longe e humilde, fora da altivez antiga, todos os momentos em que lhe parecia que havia em mim, e para ela, um lugar desocupado. Mas no cerco de um deserto todos os lugares estão ocupados, porque há só um lugar e vazio. Que poderia eu fazer? Sacudir- te, oh, por favor. Não é que eu sinta... O que sinto é que não é com ela que posso pôr o problema de resolver a minha vida. O que vejo é que ela não me é sequer uma possibilidade. E por baixo de tudo um prazer maligno me assalta, o prazer de me aceitar assim, com uma renúncia feliz, ou um ressentimento feliz, como um calor de piedade. Há uma pureza nova na minha dor descoberta, algo de profundo e irremediável, algo de meu, que desejo preservar. Há um mistério de totalização, de limite, que um ligeiro bafo embacia. E não me perguntei porque não fugi, como Garcia me perguntou: - Porque não alças tu? Difícil, difícil explicar. Eu detestava Aida até ao asco, eu defendia raivosamente a minha solidão e, todavia, fugir... Sim, havia o signo da cidade morta,

302

que me marcara. Mas quantas vezes eu reconhecia que não era só isso? Teria pena de Aida? Teria pena... Se fosse ela a abandonar-me, mas para longe! E, no entanto, não era só uma questão de distância. Se eu a abandonasse e ela saísse por fim da cidade e eu regressasse a Penalva, haveria ainda o seu olhar longínquo, a ameaça da sua presença. Mas isto mesmo não o entendo. Porque muitas vezes eu pensava que o prazer da minha solidão dependia precisamente de Aida estar ao pé de mim. Sentia-me bem na casa

deserta, sentia um grande prazer quando Aida se demorava fora, mas com a certeza implícita de que ela voltaria, de que seria nauseante ela voltar e todavia bom, talvez, para que depois o prazer fosse maior, o prazer de estar só. Uma cumplicidade obscura se estabelecia entre nós dentro do próprio asco, mais forte do que ele, ou uma necessidade dessa náusea me dominava, para que fosse algo em mim o sabor do desastre.

- Mata-a - disse Garcia, quando me expliquei. Não entendi, perguntei de novo.

- Mata-a - declarou ainda.

Visitava-o agora com frequência na sua casa ao extremo da cidade. Irene voltara talvez. Mas nunca mais a ouvi cantar - teria partido de novo? De uma vez que o perguntei a Garcia, encolheu os ombros, não sabia.

- Mas viste-a naquela noite?

Não a vira. Batera-lhe à porta, já a voz se calara, ninguém respondeu. E nunca mais a procurara, certo de que, se voltara, ela o iria procurar, dado que o desejasse. Estava mais magro, Garcia. E tossia muito. Sei que Emílio, a quem nunca mais vi, o quisera

303

examinar. Mas em vão. Pintava dia e noite, bebia. Mas poucos quadros completava. '

- Julgo às vezes que estão bem. Mas só o delírio mos vê assim.

No entanto, não se lamentava por isso. Havia o gesto de criar, o acto puro de fazer, o acesso à iluminação: que importava o mais? O impossível da sua arte estava no ser artista por sê-lo, na necessidade do diálogo e no desejo de o anular, no cifrar-se rigorosamente a um acto solitário e na certeza de que esse acto visava outrem. Assim fazia e desfazia, falava e estava mudo. O limite da sua arte era criar só para si, mas como se o não fosse, porque o não era. O ideal seria pintar para os outros (porque para os outros falava), mas com a paradoxal certeza de que os outros não existiam; desejar que os outros o ouvissem, mas com a certeza de que não falava para ninguém. Saber por exemplo que a sua obra amanhã seria anónima era um pequeno ludíbrio: ele sabia que a obra era sua; enquanto vivo, agora, ele imaginava-se invencivelmente um ouvido à escuta para depois da morte. De resto, muitos quadros seus eram já conhecidos - precisava de dinheiro e não se é anónimo numa época de vigilância em que para o próprio pensamento se sonha uma rede que o aprisione.

- Mas porquê matá-la? - perguntei aterrado.

- Oh, não mo perguntes, Bertinho, não mo perguntes. Gesto do limite, gesto de um máximo. Pergunta-te bem, interroga-te bem: reconheces o teu destino bem na cara? Nasce aí bem uma flor? Cultiva a flor, põe-lhe estrume em volta.

- Não - disse eu. - Nunca!

304

Era uma palavra enorme como um sino: "nunca". Garcia sentou-se, bebeu um cálice - bebia cálices como quem reza:

- Só há uma tragédia para o nosso tempo, para este tempo mole e viscoso: é a de o não assumirmos todo, não o esgotarmos. Só dando um murro nesta parede, esta parede existe, esta parede é fértil. Só partindo a cabeça contra um muro é que existe um muro e existe uma cabeça. Se não, como saber que um muro existe e que tenho cabeça? Não deixamos que o mundo nasça, porque não deixamos que o mundo morra. Pomos-lhe pachos de água quente, fechamos-lhe as portas, por causa das correntes de ar. De resto não te estou aconselhando que a mates: estou apenas a ler-te em voz alta.

- Porque te não matas tu?

- Bom. Não é talvez necessário, hem? E podes chamar-me cobarde, que te não tiro a aguardente. Mas não chames, porque é um pouco estúpido. Sei lá mesmo se sou cobarde ou corajoso. Sei lá bem o que é que isso quer dizer.

- Sabe-se. Por um ressaibo na boca. Ao fim, ao fim...

Mas daí em diante - que tentação! Um pequeno estampido e uma extraordinária surpresa. Tocar a pistola era já quase usá-la. E um pequeno orgulho... Um crime era pois um acto, uma superação, um triunfo? Um triunfo tocar a pistola com esse pensamento.

305

Imaginava-me às vezes a entrar no atelier e a dizer "matei".

Mas esqueço-te, Aida, esqueço-te - pobre de ti. Porque quando o filho morreu ela era maior que tudo o que tivéssemos a dizer, a nossa discórdia, a nossa estranheza. Divina, como a dor que te magnifica, face nua, a palidez coa-lhe o corpo como uma purificação. Noites longas e a estátua imóvel, uma cadeira no quarto, a fronte erguida ao destino, a terra girando no espaço, eu fumando de costas. Passam as horas como água pelos muros, escorrem pela cidade que envelhece. Encontramo-nos, Aida e eu, num máximo de... Estamos perto, estamos longe - que temos a dizer? Não é nossa a hora, mas de um além de nós. Aí nos vemos, nos olhamos apenas: quem somos do que fomos?

O tempo porém retorna-nos ao tempo. Comuns, verificáveis, recíprocos. As palavras nascem, os gestos multiplicavam-se, um lugar espera onde se unifiquem - onde? E era a fadiga, a irritação. Dias e dias. Tudo me irritava. Quer Aida fosse amável, atenta a prevenir qualquer desastre, quer fosse violenta, quando se cansava também. No entanto, quando ela se enfurecia, eu embarçava-me com a minha irritação, como se me atirasse uma brasa e eu a passasse de uma mão para a outra: azedava-me com Aida, comigo, com o próprio azedume. Mas acontecia que, por vezes, eu tinha piedade dela. E era quando mais me apetecia matá-la.

Baralham-se-me os planos neste jogo da memória. Há uma tarde de Maio na minha casa da aldeia - nós fôramos à aldeia. Os pássaros vibram, o ar cheira, o céu é azul. Tinha resolvido vender

306

a casa. Alugara-a em tempos, o inquilino saíra, um outro pretendia-a agora, preferia, no entanto, comprá-la - e vim à aldeia para arrumar a questão.

Estava uma tarde quente, eu sentara-me no jardim - pensamentos breves, cintilações esparsas, desvanecidas no ar calmo, minha mãe passa como uma vergasta, o cabaz na mão, uma voz sobe do lado de lá da ponte, se meu filho ali, fugindo entre as roseiras, céu plácido, uma ave canta no aroma dos lilases - e de repente... Nunca te assaltou uma ideia absurda, gratuita, um impulso criminoso e sem crime atrás? Estás à beira do comboio e o desejo fácil de pores a cabeça debaixo, ou uma faca na mão - ali, espetá-la ali, na tua mão, no pescoço branco de, ou de alguém na tua frente e a testa, a testa, um pequeno orifício súbito, uma gota de sangue, ou... De repente Aida entrou. Uma pequena cancela dá para a rua, para uma escadinha de pedra. Estou sentado no extremo oposto, há uma pequena vereda ao longo do jardim, e a pistola, breve, chata, de um negro suave, a tarde é calma como uns olhos que se fecham. Imagina que - é fácil, é fácil - ela vem ao longo da vereda, vergôntes pendem dos canteiros, o seu corpo aparta-as como um barco singrando, o sol brilha-lhe na testa. E que tu achasses depois também - breve, breve, um estampido, um ponto final -o aroma cresce como um vapor, o céu é liso e azul...

- O homem vem daqui a pouco - disse-me Aida. - Perguntou-me se estavas.

307

Mas desde há muito que uma estratégia fria me sondava. Emílio vinha agora pela livraria com frequência. O ambiente mudara, uma legalidade implícita dirige os gestos de todos sem desvios. Faustino gira menos e menos afogueado, tem poucas perguntas a fazer a Aida quando ela se instala à secretária. Mas Emílio aparece quase todas as tardes, antes das consultas. No entanto, como fala abertamente, entra no meu gabinete, não se encosta à secretária de Aida com uma revista diante, eu penso: conhece a legalidade e

confessa-a.

Um dia porém ao entrar na livraria - eu atrasara-me, sentado num maple, após o almoço, o jornal, a vaga sonolência escorrendo do calor - ao alto das escadinhas, a revista nos olhos: ele outra vez. E pormenores avulsos, esparsos pela minha história, começaram a fazer-se sinais.

- Olá, Emílio.

- Olá, Berto. Já viste esta notícia? Inclinei-me por deferência. Mas o que li foi: quando foi do serão, tu e Aida, eu com Aida, os teus olhos assistindo à conversa; e quando disseste que distinguias Aida e que ela era mais bonita; e quando, no jantar do terraço, o Garcia pôs a hipótese de que eu batesse na minha mulher e tu soubeste que a minha mulher era outra. Então pergunto-me, recolhido ao gabinete, se a amas realmente, se eu nunca a amei a ela nem a ninguém, se não amo senão a mim (oh, Aida disse-mo quantas vezes: “só te amas a ti”), se toda a minha vida a errei desde o princípio ou

308

me nasceu errada e eu não tenho culpa, se a solidão que eu conheço me é um anátema, e só a mim, desde os cromossomas como a cor dos meus cabelos. Talvez que se eu pusesse um outro título a esta história. Por exemplo “O Traidor”. Ou “O Criminoso”. Duas palavras breves negando e moralizando os milhares de palavras em que me comprazi. Chamo-lhe apenas “Estrela Polar”, porque sou mais corajoso ou o desejo parecer. Luz breve, que existas, onde? fugidio indício que me anuncie o meu lugar na vida...

Setembro voltou e as noites já frias. E um dia pensei: se Aida se apaixonasse por Emílio. Era simples: ela abandonava-me, eu abandonava-a sem custo. A minha solidão regressava-me, para que eu a assumisse até ao fim. Nada de perdido, um destino que se cumpre. E em certa tarde em que Emílio foi à livraria

- Aida - disse eu. - Ele ama-te.

- Quem?

- Porque o não amas tu?

li em tempos uma história - de quem? - em que um marido teima com a sua fiel mulher para que ela fale, conviva, com um homem que a persegue. Queria pô-la à prova. E a fiel mulher caiu...

- Como sabes que o não amas? Já te tentou? E resististe?

Como é possível mudar-se tanto? Aida está tão diferente! Cansada, envelhecida, a altivez quebrada muitas vezes até aos olhos pasmados, a atenção longínqua, pulverizada pelo quarto, como se a chamassem de vários pontos ao mesmo tempo. Mas fica, vagamente desencorajada de todas as soluções possíveis. Tenho pena e irrita-me.

309

No entanto, deliberadamente, insisto na minha suspeita. Emílio, evidentemente, não viria à livraria, a não ser que. Não teria, quando foi do serão - e eu bem vi - se não. Como podia eu acreditar em Aida? Jogo um pouco à suspeita e estranhamente a suspeita empolga-me, transforma o jogo em realidade.

O inverno voltou, e um dia eu disse-lhe:

- Aida! Tu és infeliz, e eu sou infeliz. Mas nada a fazer: temos de nos suportar. Sei-o por mim, adivinho-o por ti. Porquê isso, não mo perguntes: não é só o amor que une, une também tanta coisa má. No entanto, no entanto, ainda que o amor nos não unisse, eu precisava da preliminar certeza de que nos “respeitávamos”. De resto, quem podia afiançar o futuro? Não nos amávamos, podíamos amar-nos ainda ou inventar-se-nos uma forma de estarmos bem um com o outro. Mas tornava-se-me claro agora que Emílio... Desejava eu, pois, que Aida o procurasse.

- Pode parecer-te absurdo, demoníaco, mas só assim, só assim. Que o procurasses. Que o tentasses a ele, tu mesma. Que cedesses, se fosse o teu desejo. Que tu própria

verificasses o que representa ele para ti. Porque tu não sabes. “Ninguém diga desta água não beberei”, ninguém sabe o que é, antes de se experimentar. Pode parecer-te absurdo. Mas se tentasses, se quisesses entender...

Aida não respondeu. Ergueu-se, saiu da sala onde conversávamos de luzes apagadas, voltou pouco depois, disse da porta:

- Até logo.

E imediatamente uma dor profunda, anterior a tudo o que dissera e sentira, ergueu-se sobre mim,

310

derramou-se sobre mim. Não era bem amargura ou raiva, sequer vexame: era uma indizível mágoa de uma felicidade perdida, subitamente real e perdida, absurdamente descoberta onde era inimaginável e fulminantemente longe e bruscamente divisada da distância da minha pena, de uma brusca sensação de desamparo, de pavor quase infantil. É-me Aida pois tão precisa? Que há nela de ignorado, de não sabido ainda há pouco, tão carne do que não sei em mim? Não sofro - estou triste. A dor revolta e eu estou quedo, encolhido nos meus ossos, um afago doce na garganta, um desejo humilhante de me sentir bem em tristeza.

Mas inesperadamente um impulso alheio põe-me em pé, leva-me para o terraço: quanto mais tempo ainda? Fumo cigarros amargos, bato passos adiante e atrás, cingido aos estreitos limites que me invento, suco e tenho frio. A um canto do terraço há uma feira de flores, Aida trouxera-as do quintal da outra casa. Gosta de virá-las para a lua e hoje há lua, de horizonte a horizonte, como um mar. Ergo os olhos para ela, desde aqui da prisão, e é como se tocasse uma altura de majestade onde a minha miséria se transcendesse. Na realidade, só uma vez Aida voltou um vaso para a lua: foi quando... Mas que não venha: chamá-la-ei:

- Aida! Está uma lua extraordinária. Vem!

Penalva dorme, não há uma janela acesa, as ruas perdem-se na aguada do luar. Aida então subirá. Depois, é só um pequeno toque. Olho esse breve impulso do cimo do parapeito até lá ao fundo, na praça - e o vazio de cima a baixo, um grito esvaindo-se na queda como uma sirene desarvorada pelas ruas fora. Um vago de angústia no ventre...

Até que um rumor de carro veio crescendo da rua do Comércio. Aida vinha aí, talvez Emílio a trouxesse, sem dúvida Emílio. Salto, brusco, ao parapeito, aguardo que o carro trave junto à porta do prédio. Mas o carro não pára: perde-se pela rua do Castelo acima. O silêncio voltou, a cidade recompôs-se. Bato ainda passos sobre o terraço de cimento.

Subitamente porém um novo rumor cresce pela noite. Vou ao parapeito, o rumor incha enormemente pela noite, Aida vai romper, enfim. Mas o carro que aparece vem da rua do Castelo, decerto o mesmo de há pouco e muito mais pequeno do que o seu ruído. Não, o rumor não é só dele, há outro, vem da rua do Comércio, os travões ganindo e um violento impacte de ferragens - silêncio. Aida! Corro para o ascensor, deslizo lentamente, atravesso a praça, os dois carros torcem-se um no outro.

- Aida!

Ela gemia submissamente. Os dois motoristas ladravam, eu abato-os com um berro:

- Para o hospital!

O carro que a trouxera podia andar, o homem dá uma volta, escarra ainda insultos para o outro. Vou com Aida, sento-me ao pé dela. Tento compor-me a cabeça no encosto e tomo-me as mãos porquê? porquê? Tem sangue na face à luz que acendo no interior do carro. Não era esta Aida que eu buscava, a esta nada tenho a dizer. Piedade sinto-a, ou quê? rua do Comércio, largo da Misericórdia e, à direita, no topo de uma rampa, a velha torre. Mas a certa altura já perto do hospital:

312



- Tentaste? Tentaste?
- Por favor...
- Portanto, tudo se consumou.
- Não, não...

Aperto-lhe a mão com violência:

- Não mintas. Peço-te.
- cale-se!

O motorista olhou atrás.

- Nada - disse eu.

Ergue-se de novo sobre si, mais forte, magnífica outra vez, maior, maior. Calo-me humilhado, enternecido. Batemos à porta do hospital, um grande portão range na noite. Contornamos um pátio com arcarias de claustro e uma cisterna no meio. Veio um médico que não conheço, longo tempo depois. Fica a tratá-la, eu saio e espero, fumando sob uma arcada. Por fim, o médico aparece.

- Alguma esperança, senhor doutor?
- Agora é aguardar.

Dias depois Aida recompunha-se. E com a alegria de a ver restabelecida... Porque se trata um condenado à morte que adoece, se depois é executado? Entendo-o agora - ou não? O que havia a decidir era entre mim e Aida, não entre mim e a vítima de um desastre. O que havia a decidir era entre mim e alguém que assumisse a inteira responsabilidade de si.

Mas a razão que eu esperava dela para nos separarmos - a sua infidelidade - tinha-a ali, se a quisesse, e todavia rejeitava-a. Tento entender, agora que tudo acabou, para pôr ordem na vida. Mas não é fácil. O homem é um animal tão estranho. Mas se não fosse estranho, não valia a pena ser homem,

313

bastava ser animal. Aida gastara-se-me, agora tinha- lhe asco. Eu precisava de estar só, mas para ter esse prazer, ela tinha de estar ali... Se ela me atraísse, eu era obrigado a repeli-la e haveria, enfim, lógica na vida. Afinal, tentara-o, decerto, mas não o conseguira. E aqui se me introduz uma mecânica de raciocínios que não entendo. Porque eu acreditava na sua palavra, eu acreditava que ela me não atraísse. Mas houve um instante em que admiti que se eu acreditava, é porque queria que tudo se tivesse passado assim, era portanto porque de facto se não tinha passado assim. Mas se nada se tinha passado assim, se Aida me atraísse, eu devia estar contente. Mas como podia eu estar contente, se ela me atraísse? Como podia eu admitir que ela me insultasse? E foi então que o gesto me saltou como quem liquida uma discussão. Saltou-me breve entre a rede de raciocínios que não tive. Agora é que estou a pensar. Agora é que são raciocínios. Mas com certeza os pensaria se os tivesse pensado.

De qualquer modo, mal lhe toquei - sei-o, juro-o. Sinto ainda nas mãos o plasma viscoso do seu pescoço, as cartilagens por baixo. Mas no instante supremo...

- Não tens razão, Berto!

Não me chames "Berto" - não fales, porque falaste? Uma fúria triste abala-me todo. Fúria sem razão, talvez - como sabê-lo? E vou para ti, as mãos saltaram-me e tu abriste uns olhos de terror. E a tua língua... E estavas morta. Estavas feia. Mas lembro-me muito bem de que no último instante. Porque era estúpido, animal, que eu... Tenho a certeza

314

ir de que o pensei. Antes ou depois? Porque é extraordinariamente fácil esquecê-lo e então o mundo é outro e tudo é outro. O que levou uma vida a conquistar-se pode perder-se num... Quantas vezes - não foi contigo? - a minha velha interrogação: acaso sabes bem o que morre quando alguém morre? E era tão covarde que eu o fizesse, tão de

miserável que não aguenta, era tão vil... Lembro-me perfeitamente de que o pensei - tão vivo o relebro. Como um grito. Mas era absolutamente evidente que me traíras com Emílio. Fico cego de raiva contra ti, contra a humilhação que me vem de ti e vem de mim por me sentir humilhado. Mas mal te toquei. Nesse mesmo instante, porém, a enfermeira entrou. Foi assim.

Vou à deriva pela noite, ergo a face para a lua. Como os cães. A janela de Garcia brilha ainda na proa do cerro. Bato à porta, o trinco salta.

- Mataste-a, hem? Então olha-me este quadro.

XXXI

Possivelmente a vida rejeitou-me como o mar a um cadáver. Oh, não me digas “muito bem” tu, cadáver já e vivendo ainda. Não falo contigo - como podias ouvir-me? Falo ao outro que de ti renascerá, se renascer. Possivelmente, a vida. Mas aquela que está nela, que virá dela e eu não sei. Condenado a vinte anos. “Tivesse ou não morrido do coração, o senhor era um criminoso”. Mas eles acabaram por provar que não foi do coração - e antes assim, se se enganaram, para que eu não tenha desculpas, para que nada em mim tenha desculpas e o meu destino se execute, todo ele, até ao fim. Ah, é pois sagrado o mistério que nos vive - não o tocar, não o violar nunca. Era uma tarde de chuva, lembro-a. Aqui estou. Olho há dez anos, ao alto das grades, o pedaço de céu que me coube. Conheço as estrelas que me passam diante, reconstruo a vida pelo rumor da vida ao longe. Eis que tudo de mim de novo a mim regressa, como um braço que se recolhe, suspenso a meio de uma saudação. Trespassei a livraria ao Faustino, e que é feito de ti, Clarinda? Garcia, Emílio, Jeremias, Irene?

317

Clarinda estará só, Jeremias, meu irmão, terá assassinado a mulher, para a amar, para a ter enfim ao seu lado na comunhão indestrutível. Emílio, o justo, envelhece entre as vagas da doença e da morte, sonha a sua redenção como um cipreste velando. Garcia pinta com a raiva de sempre, pinta - Irene onde? Ouço-a. Vem no rumor do vento e da noite, fala ao êxtase dos meus olhos, como um país longínquo. Estou bem.

Só. Decerto a vida expulsou-me. Mas eu também sou da vida! Eu. Guardarei a minha voz nestes limites de pedra. Depois, quando nada me relembre ao que me lembra ainda talvez, quando tudo se reduzir à perfeição do meu nada, quando, ao verem-me, eu for realmente uma pedra, exacto, avulso, nítido, e o universo me perguntar “quem, tu?”, quando todas as vozes embatendo nas paredes desistirem de embater nas paredes, abrir-me-ão as portas de novo, partirei então para Penalva. É uma cidade fechada, no alto de um monte. A dez passos há o vazio. Então, provavelmente, encontrarei Aida. Ela tem uma irmã parecida com ela, até no nome. E amarei Aida e direi: “tu, ó única”. Tudo quanto em mim é de mais o sonharei então nela e o sentirei então nela e tudo em mim será ainda um excesso e perguntarei ainda: quem? onde? para quê? Depois confundirei Aida com Alda e direi a Aida, que é Alda: “ó única”. Então Aida dir-me-á: “não sou quem julgas, mas que admira? Tu nunca amaste ninguém”. Haverá um filho entre os dois e já morto. E eu matá-la-ei ou dirão que a matei, porque a morte é o signo do meu excesso - e serei condenado a vinte anos. Abrir-me-ão as portas depois, se viver ainda.

318

E voltarei para Penalva. Então encontrarei decerto Aida que tem uma irmã extraordinariamente parecida com ela.

Lisboa, 7 de Junho de 1961.